

ARTE EM REPRODUÇÃO ELETRÔNICA

EDIÇÃO ESPECIAL MELHORES DO ANO 2018



TCL

SEMP TCL

SEMP TCL.COM.BR/TCL

NEYMAR JR. É TCL

QLED X6 | P6 4K UHD TV | C2 4K UHD TV



4K
ULTRA HD
55Q6200 55Q6200A

HDR

RGB

**ULTRA
SLIM**

**METALLIC
FRAME**

GLOBOPLAY

NETFLIX

YouTube



ÍNDICE



22

E EDITORIAL 4

Vida longa ao vinil!



28

HI-END PELO MUNDO 16

Novidades

MELHORES DO ANO 2018

21

Como utilizar a edição Melhores do Ano

22

Fone de ouvido

26

Amplificador de fone de ouvido

28

Cabos

48

Rack



62



148

MELHORES DO ANO 2018

50

Cápsula

53

Toca-discos

60

Pré de phono

62

Áudio

148

Vídeo

ESPAÇO ABERTO 160

A evolução de um sistema ao longo dos anos

VENDAS E TROCAS 162

Excelentes oportunidades de negócios



X Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

FÉRIAS FORÇADAS

No último sábado de novembro, depois de uma chuva torrencial, lá fui eu cuidar dos meus dois cachorros e esqueci de trocar o Crocs pela bota de galocha, que utilizo para evitar acidentes. E com a mão esquerda segurando um balde com água para levar ao bebedouro canino, tomei um daqueles tombos dignos de filme pastelão, levantando os dois pés para o alto! Em um gesto instintivo de preservar as três hérnias de disco lombares e a cabeça, virei o quanto deu o corpo para a direita (já que ainda segurava o balde com a mão esquerda), e só ouvi o 'clack' de algum osso no braço direito rompido com o peso do corpo. Ao tentar me levantar, senti a dor lancinante que irradiava do pulso com o fino osso, batizado de Rádio, já rompido (e não fosse trágico poderia fazer uma piada a respeito do editor de uma revista de áudio e vídeo que quebrou o rádio, rs). Minha esposa e meu filho me acudiram e me levaram ao pronto socorro mais próximo - e de lá, constatada a fratura, fui de ambulância para o hospital em Cotia. Já tive algumas crises de pedra nos rins, crises com as três hérnias de disco, ambas muito dolorosas e incômodas - porém, nada se comparou a onda de choque e dor que foi se ampliando no percurso de casa até o pronto socorro (foram os doze quilômetros mais longínquos que experimentei). O prognóstico inicial era de seis a oito semanas engessado, no entanto com três semanas houveram complicações, que levaram a quebra do Rádio novamente (estava calcificando com desvio acima do ideal para a idade) e uma nova projeção de outras seis semanas de gesso. Nova radiografia e exames, nesta primeira semana de janeiro, e a conclusão é que será necessária uma intervenção cirúrgica. Como estamos no início de ano, o médico especialista que irá realizar a cirurgia se encontra de

férias, e continuo engessado e por mais alguns dias completamente impedido de escrever e fazer coisas comuns como fechar um cinto, abotoar uma camisa ou amarrar um cadarço. O editorial da edição de dezembro e o desta edição foram todos escritos 'catando milho'! Espero que essa via crucis termine na próxima semana, pois após a cirurgia serão mais dois meses de fisioterapia. Amigos próximos indicaram ouvir muita música para passar o tempo - CD ainda é possível, já LP é impossível! Tirar o disco da capa e colocar o disco no prato é correr o risco de ver o LP cair no chão!

Contei todo o ocorrido para que os leitores que acompanham a Edição de Melhores do Ano não estranhem não ter nenhum teste nesta. Fato que nunca ocorreu em nenhuma edição anterior, desde que iniciamos a publicação desta super edição em 1999! Sabemos da importância desta edição para o mercado e principalmente para os nossos leitores, que ansiosamente a aguardam para programar futuros upgrades. Ao montar a edição, alguns fatos chamaram a atenção: a começar pela multiplicidade de ofertas para todos os gastos e bolsos, o crescimento de produtos Estado da Arte com preços muito mais acessíveis, a nova realidade mundial e o crescimento e solidificação do mercado de cabos nacionais, que hoje disputam em pé de igualdade com os importados. E, por fim, o avanço e a disputa cada vez mais acirrada entre quatro fabricantes de televisores: Samsung, LG, Sony e TCL, que certamente serão, nos próximos anos, os protagonistas em qualidade, inovação tecnológica, preço e custo-benefício. Espero que você aprecie mais uma edição de Melhores do Ano e encontre o produto ideal para o seu tão sonhado upgrade neste ano que se inicia.

SAMSUNG

QLED TV

Chegou a TV que uniu a qualidade de imagem ao design.
Nova Samsung QLED TV 2018.



Chell



Pontos Quânticos



Imagens com mais brilho e cores reais.

Resolução 4K HDR



Cenas reais com todos os detalhes.

Contraste Perfeito



Iluminação por zona.

Saiba mais em
samsung.com.br/qled

See nothing else



Imagem referência. Consulte o site ou vá até uma loja para verificar o produto antes de realizar a compra. Todos os produtos UHD 4K da Samsung são certificados pela CEA (Consumer Electronics Association) e DE (Digital Europe). A disponibilidade de conteúdo 4K depende dos conteúdos e materiais disponibilizados pelo desenvolvedor do aplicativo. HDR: 1500 nits são uma referência aproximada medida no pico máximo de brilho de uma imagem. Mais informações em www.samsung.com.br/qled.



SAMSUNG ANUNCIA AS NOVAS TVs "THE FRAME 2019" E "SERIF TV" QUE SERÃO EXIBIDAS NA CES 2019



Modelos combinam design premiado com a qualidade de imagem das QLED TVs e recursos inteligentes aprimorados.

Samsung Electronics Co., Ltd. anunciou que suas novas TVs The Frame e Serif TV 2019 estarão em exposição na CES 2019, a maior feira de eletrônicos para consumidores do mundo, em Las Vegas (EUA). Ambos os modelos são voltados ao estilo de vida dos consumidores, combinando um design premiado, que enaltece à decoração de qualquer casa, com uma excelente qualidade de imagem fruto da tecnologia de pontos quânticos, característica da categoria QLED TV da Samsung.

A The Frame e a Serif TV, as principais linhas Globais de lifestyle da Samsung do segmento televisivo, vão além do conceito tradicional de TV e funcionam como peças de decoração e arte que sofisticam o design de um espaço. Na CES 2019, os modelos estarão expostos na grande área de exibição no estande da Samsung, para que todos possam ver seu design inovador, seu desempenho e como elas se integram perfeitamente ao estilo de vida dos consumidores mais exigentes e antenados ao mundo artístico.

"Os produtos tradicionais eram produzidos com um pensamento focado somente nos recursos técnicos, como qualidade de imagem e desempenho. Agora, as TVs também são uma plataforma de lifestyle totalmente integradas ao dia a dia dos consumidores", diz Jong Suk Choo, vice-presidente executivo da Divisão de Apresentação Visual da Samsung Electronics. "Os modelos de 2019 da The Frame e da

SERIF TV são produtos aprimorados que oferecem uma experiência sem precedentes", explica Choo.

The Frame 2019

Quando não está sendo utilizada para o telespectador assistir a programas de TV ou filmes, a The Frame pode ser usada no Modo Arte e exibir milhares de obras de arte digitais, incluindo pinturas de museus renomados e fotografias, tanto de gabaritados profissionais do ramo ou mesmo suas próprias fotos, e muito mais. Tudo para transformar qualquer espaço de convivência em uma galeria de arte. A aquisição de conteúdos é feita através do The Frame Store, onde o consumidor poderá "comprar" peças individuais de seu agrado, ou assinar pelo serviço mensalmente, tendo ao dispor um gigante pacote de oferta de conteúdos, assim como a flexibilidade de mudar conforme seu agrado. Recentemente, a Art Store recebeu obras-primas da Galeria dos Ofícios (Itália), do Museu Van Gogh (Holanda) e do Te Papa (Nova Zelândia). A Samsung continuará a expandir sua parceria com museus no futuro, para fortalecer o ecossistema de distribuição de arte.

Além de conteúdo, a The Frame 2019 foi constituída para se parecer, de fato, com um quadro. Ela tem molduras imantadas e personalizáveis para serem implementadas junto à TV. Além disso, o Sensor de Luminosidade da The Frame ajusta brilho e cores da tela da TV, correspondendo-as ao brilho do ambiente, garantindo as configurações ideais para a exibição de arte na tela. Pra fechar, a The Frame ainda disfruta do conceito "Única Conexão" no qual apenas um cabo fino e

transparente conecta a TV à uma central de conexões externa - o One Connect - ligando simultaneamente a TV à energia e aos demais aparelhos. Já o Suporte de Parede No-Gap permite uma instalação rápida e fácil, praticamente sem espaço entre a TV e a parede. Tudo para que o design desta TV seja realmente parecido com um quadro.

O modelo da The Frame 2019 apresenta também a qualidade de imagem perfeita do ponto quântico, oferecendo 100% de volume de cor e garantias contra o efeito burn-in.



SERIF TV

A Serif TV foi projetada com foco na estética, em colaboração com os irmãos Ronan & Erwan Bouroullec, dois dos designers industriais mais famosos do mundo, especializados em móveis e oriundos de Paris.

O modelo recebeu o prestigiado prêmio iF Design Award 2016, o Wallpaper* Design Award (Reino Unido) e o Good Design Award 2016 (Japão) – sendo a primeira TV da Samsung a conquistar estas importantes premiações.

A Serif TV 2019 também vem com tecnologia de pontos quânticos para oferecer uma qualidade de imagem aprimorada. O Modo Ambiente, recurso premiado da linha QLED da Samsung que fornece informações como as últimas notícias e a previsão do tempo, tem a capacidade de exibir imagens e se misturar a qualquer espaço da casa quando a TV está desligada, solução adicionada para aprimorar a funcionalidade da Serif TV.

Anteriormente, a Serif TV era vendida quase exclusivamente em lojas de móveis e lojas de departamentos, devido ao seu foco na decoração de interiores, mas, em 2019, ela estará disponível para compra também nas lojas de eletroeletrônicos com o objetivo de alcançar uma base mais ampla de consumidores. ■

Para mais informações:
Samsung
www.samsung.com.br



Faça um upgrade seguro no seu sistema: Escute-o corretamente!



O novo painel acústico Pererí oferece funcionalidade, eficiência e requinte.

Também desenvolvemos ressonadores, difusores customizados, absorvedores, portas acústicas, racks, pedestais, entre outras peças e dispositivos para salas de audição, estúdios e home theaters.



hi-fi eXperience
www.hifiexperience.com.br

DESCUBRA COMO CONFIGURAR FACILMENTE O MODO AMBIENTE DE SUA TV QLED SAMSUNG



Com as novas QLED TVs, a Samsung redefine o conceito de ambiente integrado, já que os modelos de 2018 contam com o inovador Modo Ambiente¹, uma solução que elimina a tela preta da TV e oferece ao usuário a possibilidade de usar o display como um requintado e moderno item de decoração.

Para configurar, é preciso pressionar duas vezes seguidas o botão Modo Ambiente no Controle Remoto Único². Navegando até o ícone de pincel, texturas pré-definidas serão apresentadas e estarão prontas para uso imediato, mas caso prefira, o cliente pode personalizar o fundo para ficar ainda mais similar a parede em que a TV está instalada usando o aplicativo SmartThings para smartphones.

Após fazer o login no app SmartThings³, o usuário precisará adicionar a TV desejada ao aplicativo, que precisa estar conectada à mesma rede Wi-Fi do celular. Então os usuários devem digitar o PIN que aparecerá na TV no smartphone, para liberar o acesso e finalizar o cadastro.

Para começar a criar uma textura personalizada é preciso selecionar “Plano de Fundo” no menu do topo direito do app. Então é possível tirar uma foto da parede de dois modos. O primeiro deles, “Básico”, é indicado para paredes com texturas mais detalhadas, e o segundo, o “Automático”, para paredes com texturas mais simples. Com os dois modos o app ajuda a tirar uma foto da TV já na parede e então oferecerá duas opções para que se escolha a melhor. Após escolher a foto, você ainda pode ajustar o brilho e tonalidade para que fique o mais parecido possível com o seu ambiente.

Depois de recriar a textura da parede os consumidores poderão personalizar o Modo ambiente escolhendo que tipo de decoração ou conteúdo querem colocar por cima da textura.

Uma das categorias disponíveis de decoração é a Deco. Nela, o usuário encontra diversas opções para que ele possa escolher a que mais lhe agrade e assim customizar seu ambiente de acordo com seu gosto, integrando mais ainda a TV com a sua decoração e deixando o ambiente mais sofisticado e moderno.

Outra categoria disponível é a de Foto, na qual o usuário pode configurar a TV para que ela mostre imagens quando a QLED não estiver em uso. Além de já vir com imagens espetaculares de paisagens e lugares famosos, o Modo Ambiente permite também que a pessoa utilize fotos pessoais que estejam armazenadas no seu próprio smartphone, tudo por meio do aplicativo SmartThings.

As novas QLEDs TVs também oferecem a categoria Informações, que usa a tela da TV para fornecer dados como previsão do tempo, notícias e muito mais.

Para mais informações:
Samsung
www.samsung.com.br



Where Swiss Precision Meets Exquisite Refinement

CH Precision C1 Reference Digital to Analog Controller



A Ferrari Technologies orgulhosamente apresenta a mais nova referência mundial em eletrônica Hi-end. A Suíça **CH Precision**, mais uma marca *State of the Art* representada no Brasil.

“O C1 é, de longe, o melhor DAC ou componente que eu já experimentei no meu sistema. Não tem absolutamente “voz”. Um de seus atributos mais impressionantes é o ruído de fundo extremamente baixo. Em excelentes gravações, os instrumentos surgem ao vivo sem silvos ou anomalias. É absolutamente silencioso! O C1 “pega” qualquer coisa que você jogue nele. Eu ouvia música horas e horas e gostava de cada segundo. Isso me permitiu penetrar mais fundo nas nuances. É tão silencioso que a textura instrumental se tornou uma delícia. O C1 também se destaca em todos os outros parâmetros que você pode imaginar: separação de canais, dinâmica, recuperação de detalhes e apresentação geral.”

Ran Perry


FERRARI
TECHNOLOGIES
Áudio, Vídeo e Acústica

www.ferraritechnologies.com.br
Telefone: 11 5102-2902 • info@ferraritechnologies.com.br



NOVAS TVs DA LG OFERECEM IMAGEM E SOM OTIMIZADOS E 8K DE RESOLUÇÃO GRAÇAS A CAPACIDADES DE DEEP LEARNING



A LG Electronics (LG) está levando a experiência de entretenimento em casa a novos patamares com a introdução de suas novas e emblemáticas TVs com ThinQ AI na CES 2019. Equipadas com a segunda geração do processador inteligente da LG, α (Alpha) 9, e um algoritmo de deep learning (aprendizagem profunda), os novos modelos utilizam inteligência artificial para oferecer uma imagem e experiência de som superiores.

Utilizando a plataforma inteligente aberta da marca, as TVs 2019 da LG dão acesso a uma série de serviços populares de inteligência artificial para diferentes plataformas, como os assistentes virtuais Alexa, da Amazon, implementado recentemente, e o Google Assistant. Além disso, os usuários contam ainda com a praticidade do reconhecimento de voz conversacional em português e do Home Dashboard, um painel intuitivo que possibilita o controle de uma grande variedade de dispositivos de smart home direto da TV.

O processador α 9 2^a geração utilizado nas famílias Z9, W9, E9 e C9 de TVs OLED da LG aumentam a qualidade da imagem e do som por meio de um algoritmo de deep learning e da análise de uma base de dados com mais de um milhão de dados visuais, possibilitando

o correto reconhecimento de conteúdo e otimizando a imagem exibida. Com tela de 8K de resolução e 88 polegadas, a TV OLED Z9 tem capacidades de processamento mais poderosas para entregar imagens ainda mais realistas, mostradas de forma nítida, vívida e detalhada graças à conversão para 8K e à melhora na redução de ruídos.

Além de detectar a fonte de conteúdo, o novo processador ajusta com precisão a curva de mapeamento de tom segundo as condições do ambiente para oferecer um nível de brilho otimizado, capitalizando sua capacidade de entender como o olho humano percebe imagens em diferentes condições de iluminação. O processador usa o sensor de luz ambiente da TV para medir os níveis de luz, ajustando automaticamente o brilho para fazer as compensações necessárias. O processador α 9 2^a geração AI consegue apurar ainda mais os conteúdos HDR, ajustando o brilho para transformar até as cenas mais escuras em imagens com um nível incrível de contraste, detalhe e profundidade de cor, mesmo nos ambientes mais iluminados. E, aproveitando a mais recente inovação de imagem da Dolby, a LG oferece uma experiência Dolby Vision AI cativante.



A qualidade do som é aumentada por um algoritmo inteligente capaz de mixar áudio de dois canais para oferecer um som surround 5.1 virtual bastante convincente. O α9 2ª geração otimiza os resultados com base no tipo de conteúdo, tornando as vozes mais claras em filmes, dramas e noticiários, por exemplo. Os usuários podem ajustar as configurações de som às condições do local ou deixar que a TV LG defina os níveis perfeitos levando em conta seu posicionamento. Além disso, as TVs flagship da LG vêm novamente com a tecnologia Dolby Atmos, que cria um som incrivelmente realista para um entretenimento mais imersivo.

O Google Assistant marca presença na linha deste ano, oferecendo uma experiência simplificada. Com ele, os usuários podem gerenciar tarefas do dia a dia, encontrar respostas ou controlar dispositivos de smart home compatíveis. Por exemplo, não será preciso pegar o telefone para pedir uma pizza - os usuários podem usar a TV e continuar acompanhando o que está acontecendo na tela.

Este ano, a LG está expandindo suas parcerias de IA (mudar para AI) (inteligência artificial) para incluir o assistente virtual Alexa, da Amazon, nas TVs com ThinQ AI da linha 2019 e oferecer mais flexibilidade aos clientes em termos de serviços de voz. Apertando o botão Amazon Prime Video no controle remoto LG Smart Magic, os usuários podem gerenciar dispositivos de smart home, fazer perguntas, acessar dezenas de habilidades e até mesmo configurar uma Rotina Alexa só sua, com despertador, informações de trânsito e os canais de TV favoritos para acessá-los usando a função de voz. As TVs com ThinQ AI 2019 da LG também oferecem experiências visualmente ricas com o Alexa enquanto o usuário escuta música, confere a previsão do tempo ou acessa várias habilidades visualmente aprimoradas - como a Food Network - para encontrar receitas e inspiração para suas refeições. Além disso, ficou muito fácil manter a família organizada, acompanhar os pedidos na Amazon ou fazer aquela tão sonhada viagem à Austrália dizendo, "Kayak, reserve um hotel em Gold Coast".

O novo recurso de reconhecimento de voz conversacional, em português, usado nas TVs com o ThinQ AI 2019 facilitou como nunca a obtenção de respostas exatas. Ao entenderem o contexto, as TVs conseguem atender a solicitações mais complexas, o que significa que os usuários não precisam repetir os comandos várias vezes para conseguirem o que querem. O serviço estará disponível nas TVs LG com a tecnologia ThinQ AI em mais de 140 países.

O processador α9 2ª geração também está presente no modelo flagship de TV LCD de 75 polegadas 8K da linha 2019 da LG (SM99). A coleção 2019 de TVs LCD de altíssimo padrão da LG (famílias SM9X e SM8X) será lançada com um novo nome: NanoCell TV, para dar mais destaque ao aprimoramento de imagem proporcionado pela tecnologia NanoCell (NanoColor), à precisão de cores mesmo em ângulos de visualização amplos (NanoAccuracy) e ao design elegante da moldura fina e incrivelmente estreita (NanoBezel) da TV. As TVs NanoCell da LG também oferecem imagem e som aprimorados por IA (mudar para AI) inteligência artificial, graças a um algoritmo de deep learning, além da moderna experiência oferecida pelo ThinQ.

Com a inclusão de portas HDMI 2.1, todas as TVs LG OLED e alguns modelos selecionados de TVs NanoCell com o ThinQ AI da linha 2019 suportarão o formato HFR (alta taxa de quadros). O resultado são movimentos mais fluidos e claros a uma velocidade de 120 quadros por segundo para melhor renderização de conteúdos com movimentos rápidos, como esportes e filmes de ação. O suporte para o canal de retorno de áudio aprimorado (eARC) permite que os fãs de home theater usem a conectividade HDMI sem contratemplos e curtam áudios nos formatos da mais alta qualidade disponíveis, com detalhes e profundidade incríveis. Excelentes para os gamers, as novas TVs são compatíveis com as tecnologias VRR (taxa de atualização variável) e ALLM (modo automático de baixa latência) que ajudam a proporcionar uma imagem limpa, sem cortes ou "repetições".

Para mais informações:
LG
www.lg.com/br

LG OFERECE EXPERIÊNCIA SONORA EMOCIONANTE COM A POTENTE FAMÍLIA XBOOM NA CES 2019



2019 LG XBOOM MODEL : OL 100



2019 LG XBOOM MODEL : CL 98

A LG Electronics (LG) está apresentando os novos membros da família XBOOM na CES 2019. A inovação, a superioridade do som, os exclusivos recursos e a excepcional conveniência desses produtos têm tudo para encantar.

O nome XBOOM se tornou sinônimo de potência e qualidade, ajudando a marca LG a alcançar sua posição de destaque nas categorias de Mini System e Mini System Torre (all-in-one). Os novos produtos XBOOM continuam fiéis à identidade da marca, oferecendo som potente, qualidade inigualável e facilidade de uso. A família XBOOM é composta por mini systems e mini system torre, caixa de som Bluetooth Xboom GO e caixas de som inteligentes Xboom ThinQ AI. Perfeitos para eventos sociais de todos os portes, como uma festa ao ar livre, receber os mais íntimos em casa ou fazer uma festa de arromba, os produtos LG XBOOM mantêm a festa rolando com sons de alta qualidade e recursos especiais para festas.

No DNA da marca LG XBOOM está a forte determinação da LG em oferecer equipamentos de áudio de altíssima qualidade para maximizar o prazer de quem ouve. O novo e emblemático mini system da família XBOOM (modelo CL98) entrega um som de alta qualidade por conta do Compression Horn, que são dutos de som para deixar os graves com extrema potência e mais detalhados.

O modelo top de linha da família de Mini System Torre XBOOM (modelo OL100) utiliza um duto de ar dentro do aparelho, desenvolvido para criar pressão acústica, para deixar os sons graves mais potentes. Esse duto se chama Blast Horn e é uma exclusividade da LG, sendo usado para melhorar a reprodução de alta frequência e os graves, criando sons que usuários podem sentir e ouvir. Além disso, o OL100 conta com a configuração Meridian Mode, desenvolvida em parceria com os especialistas da Meridian Audio, a renomada empresa britânica. Essa configuração de som exclusiva resulta em vozes claras e graves extremos, perfeitos para quem gosta de ouvir música enquanto relaxa em casa.

Outra novidade da família XBOOM é que agora suporta o codec HD aptX™ para streaming de áudio de alta resolução sem perdas, via Bluetooth, reproduzindo sons de altíssima fidelidade que satisfazem os audiófilos mais exigentes. Além disso, a nova versão do Wireless Party Link possibilita a conexão de vários alto-falantes para uma experiência auditiva ainda mais impressionante.

Os produtos LG XBOOM estão bem variados, permitindo que os consumidores escolham a solução de som mais adequada às suas necessidades. O sofisticado modelo de Mini System Torre (OL100) tem alça e rodinhas para máxima portabilidade. As caixas acústicas

da família XBOOM (modelos RK7 e RL4) podem ser usados na vertical ou na horizontal e têm alça X-grip para facilitar o transporte.



Os usuários podem deixar fluir seu lado DJ e adicionar seu toque criativo em músicas conhecidas, usando os incríveis recursos de DJ da LG. Com as funções de DJ da LG, é possível fazer a troca suave entre as músicas com o efeito Cross Fader, criar uma playlist e fazer efeitos como o "Scratch", o consumidor será o DJ profissional.

Com o efeito turbo anime a festa com 3 modos diferentes de efeitos, basta empurra a alavanca para simular um avião, um carro de corrida ou uma moto. Esse recurso e as luzes multicoloridas, não deixarão que ninguém fique sentado sem dançar. Com o aplicativo LG Music Flow Bluetooth você pode ter acesso a todos os efeitos DJ pelo seu celular (disponível para IOS e Android).



Disponível nos produtos XBOOM 2019 da LG, o modo Karaokê é uma nova função que divertirá toda a família. Com esse recurso é possível suprimir os vocais de praticamente qualquer música, deixando o palco livre para que as pessoas mostrem seus talentos musicais. Os 18 efeitos vocais exclusivos combinam perfeitamente com o novo recurso luzes Multicoloridas, que traz uma série de opções de iluminação predefinidas, entre as quais, a capacidade de sincronizar as luzes com a música que está tocando, acentuando a batida e deixando o ambiente mais envolvente.

Compactas e leves, as caixas de som Bluetooth LG Xboom GO produzem um som excelente, de alta fidelidade graças a parceria entre LG e a Meridian. Esses modelos suportam o codec HD aptX™ para reproduzir áudio de 24 bits sem perdas, a partir dos modelos mais recentes de smartphone, como o LG G7. Os produtos PK geram áudio de alta qualidade e agradarão até mesmo aos ouvintes mais exigentes, produzindo um som incrivelmente preciso via Bluetooth e dando aos produtos PK uma vantagem sólida na categoria de caixas de som Bluetooth.

As caixas de som inteligentes da família XBOOM foram elogiados por seu excelente som e conectividade inteligente com ThinQ AI. O som do XBOOM ThinQ AI da empresa foi considerado um dos melhores em sua categoria por uma série de respeitadas publicações on-line especializadas em tecnologia de consumo, e avaliações de produtos de áudio. Os consumidores que visitarem o estande da LG (Centro de Convenções de Las Vegas, Central Hall # 11100) durante a CES poderão conhecer as impressionantes capacidades inteligentes dos alto-falantes XBOOM ThinQ AI, com Google Assistant e tecnologia Meridian.

"A LG continuará expandindo sua família de produtos XBOOM para fornecer um som potente e ajudar os usuários a criar uma atmosfera agradável, não importa a ocasião", disse Kim Dae-chul, diretor da divisão de áudio e vídeo da LG Home Entertainment Company. "Estamos entusiasmados com o presente e o futuro da marca LG XBOOM e continuaremos fortalecendo nossas ofertas e posição no mercado de áudio para festas".



Para mais informações:
LG
www.lg.com/br

SOM MAIOR AINUNCIA NOVOS PRODUTOS DA LINHA DELTA 3 DA CLASSE



A Classe, que desde 1980 vem sendo uma referência mundial na produção de equipamentos de áudio high-end de elevadíssimo desempenho para aplicação em sistemas estéreo e de home theater, acabada de lançar três novos produtos dentro da sua linha Delta - a mais elevada da empresa: o Delta 3 Pré e os amplificadores Delta 3 MONO e Delta 3 Stereo. Além de melhorias na performance, os dois novos amplificadores e pré-amplificador apresentam também interessantes modificações no seu design. Dois exemplos disso são uma grande entrada de ar e medidores VU no painel frontal dos amplificadores.

O pré-amplificador Delta 3, com conversor DAC integrado, foi desenvolvido para ser o módulo central de um sistema estéreo hi-fi do mais alto nível de desempenho para acomodar uma ampla variedade de fontes analógicas e digitais, proporcionando a cada uma delas um caminho de sinal otimizado e não comprometido pelos demais. Para isso a Classe desenvolveu uma arquitetura consolidada de pré / processador que isola, encurta e simplifica todos os caminhos de sinal, obtendo vantagens em desempenho para todas as fontes, em comparação com a alternativa de vários chassis separados e interconexões pra todas as funções.

Para obter o melhor desempenho possível em qualquer ambiente de audição, seu gerenciamento de graves permite que os subwoofers utilizados no sistema uniformizem a resposta de graves

de uma forma que não poderia ser conseguida com equalização ou com métodos de "correção de ambientes". E para controlar as ondas estacionárias de baixa frequência é disponível um equalizador para métrico de 9 faixas para todas as fontes. Para as gravações com algum tipo de deficiência para menos ou para mais, um flexível controle de tom/indicação proporciona a correção desejada. Todos esses recursos atuam no âmbito digital, de modo que os caminhos de sinais são curtos e não ficam comprometidos. Além disso, para extrair de forma eficiente a energia da tomada para entregar a energia limpa e estável exigida pelos circuitos eletrônicos de elevado desempenho, o pré Delta 3 utiliza fontes híbridas lineares e chaveadas com Fator de Correção de Potência e o recurso de standby automático, para proporcionar economia de energia e, com isso, um consumo bem abaixo de 0,5 W no modo standby. Através do uso de fontes de energia separadas para os blocos de controle analógicos e digitais é conseguida uma ampla separação entre dois tipos de sinais. Justamente com um modo de by-pass digital para os sinais analógicos, isso permite que ambos possam coexistir pacificamente, uma vez que ficam mutuamente isolados. Essas características, mais o uso de super amostragem de 384 kHz, novos duplos DAC's diferenciais de 384/768 kHz / 32 bits, um novo e preciso controle de volume de rede resistiva em escada com passos de 0,25 dB e melhores buffers de saída, funcionam em conjunto para proporcionar uma emocionante experiência musical.

**Não é mágica,
é Ciência!**



O pré Delta 3 utiliza um completo controle por tela touchscreen que permite um alto grau de customização, permanecendo ao mesmo tempo simples e intuitivo no uso diário. Aplicativos de controle para dispositivos iOS e Android e controle por IP proporcionam uma operação fácil e flexível. Quanto às opções em matérias de conexões, o pré Delta 3 oferece entradas USB tipos A e B, Ethernet, AES/EBU, digitais coaxiais e ópticas, analógicas balanceadas e RCA, mais a de fono. Um módulo de chaveamento HDMI 4X1 opcional está disponível para acomodar sistemas com fontes A/V. Conectores de qualidade e o roteamento do caminho de sinal garantem o desempenho ideal de todas as fontes.

Por outro lado, o Delta 3 MONO e o Delta 3 STEREO são novos amplificadores que representam um real upgrade em relação aos já espetaculares modelos CA-M600 e Delta 2, produtos amplamente testados e aprovados nos círculos audiófilos e profissionais. Com 300 W de potência com carga de 8 Ohms e 600 Ohms com 4 Ohms, um par de Delta 3 MONO é capaz de preencher com um som poderoso, limpo e realista até os maiores ambientes de audição seja em instalações estéreo hi-fi ou de home theater. O mesmo pode ser afirmado em relação ao Delta 3 STEREO, com seus 250 W de potência por canal. Em relação à geração anterior, ambos tiveram a capacidade de sua nova fonte linear aumentada de 115.000 para 234.000 microfarads e receberam capacitores Mundorf de quatro pólos. Além disso, passaram a ter novo transformador toroidal separado para os estágios de entrada e de pré-driver, para garantir que o estágio de saída não seja afetado por eles. A operação em Classe A do Delta 3 MONO e do Delta 3 STEREO foi ampliada, ficando agora com maior potência para um modo de operação mais linear. Com seu menor nível de distorção nas altas frequências, elas se tornaram limpas e mais suaves, o que se pode observar imediatamente na sua reprodução de címbalos, por exemplo. Para completar, seus novos Mosfets laterais com faixa passante muito ampla resultam em uma incrível limpidez e elevada dinâmica. Outra área em que ambos os amplificadores foram melhorados em relação à geração anterior foi na sua capacidade de sustentar elevadas potências com cargas abaixo de 4 Ohms, como acontece, por exemplo com as caixas acústicas 800 D3 e 802 D3 Diamond da Bowers & Wilkins.

Para mais informações:
Som Maior
www.sommaior.com.br



Peça uma demonstração dos produtos da Magis Audio, e descubra o salto que o seu sistema de áudio e vídeo pode dar.



MAGIS AUDIO
Magis Audio, just listen

Telefone: (11) 98105.8930
duvidas@magisaudio.com
www.magisaudio.com



PRÉ-AMPLIFICADOR ENIGMA DA TOWNSHEND AUDIO

A empresa inglesa Townshend Audio, fabricante de cabos e plataformas de isolamento contra vibrações, acaba de lançar seu pré-amplificador de linha modelo Enigma, que traz baixíssima distorção e ruído, quatro entradas RCA e duas XLR, além de saídas tanto RCA quanto XLR, e uma saída para fones de ouvido com sua própria seção de amplificação classe A. O Enigma vem com sua fonte de alimentação externa, e seu gabinete é amortecido contra vibrações, tanto internamente quanto nos pés especialmente desenvolvidos. O preço do pré Enigma ainda não foi divulgado.

www.townshendaudio.com

PRÉ-AMPLIFICADOR SARAJIDA 4 DA SOUND FORUM

A empresa coreana Sound Forum acaba de desenvolver seu pré-amplificador de linha modelo Sarajida 4, que traz circuitos totalmente balanceados de alta velocidade e resolução, com entradas XLR de 100 kOhms de impedância e RCA de 50 kOhms, módulo de volume R-2R com 100 steps, distorção harmônica inferior à 0.001%, capacitor de acoplamento Supreme SilverGold Oil, e display de 7 polegadas com 16bit de cor e resolução de 800 x 480. O preço estimado do pré Sarajida 4 é de US\$ 25.000.

www.soundforum.co.kr



AMPLIFICADOR INTEGRADO COPLAND CTA 408

A célebre empresa dinamarquesa Copland, com sua linha de amplificação e DACs, acaba de lançar um amplificador integrado topo de linha. O CTA-408 é design valvulado com saída KT150 com circuito de drivers por MOSFET que promete performance digna de pré-amplificador e power separados em um único gabinete de amplificador integrado, com entradas phono MM e MC separadas (círculo de pré de phono J-FET) e saída para fones de ouvido com amplificação classe A dedicada. O preço do CTA 408 é de €6.890, na Europa.

www.copland.dk

PRÉ-AMPLIFICADOR PARASOUND NEWCLASSIC 200 PRE

A mais recente adição à linha NewClassic do desenvolvedor americano Parasound é o modelo de pré-amplificador de linha 200 Pre, que traz uma série de entradas e saídas, como as phono MM e MC, saída para fones de ouvido, entrada by-pass, saída para subwoofer com corte regulável, entradas de linha RCA e entradas digitais ótica, coaxial e USB baseadas no mesmo DAC interno Burr-Brown 24-bit/192 kHz que equipa o pré Halo P 5 da marca. O preço do pré-amplificador Parasound NewClassic 200 Pre é de US\$ 850, nos EUA.

www.parasound.com

TOCA-DISCOS IMPRESSO EM 3D LENCO-MD

A célebre fabricante de toca-discos suíça Lenco, em colaboração com a empresa de impressão 3D RepRap Universe, está lançando o primeiro toca-discos que você pode imprimir em 3D na sua própria casa e montar você mesmo, ou comprar o kit já impresso, junto com algumas peças básicas necessárias. A ideia permite que o cliente faça extensas customizações à seu gosto, como o uso de pré interno e transmissor Bluetooth, além de alterações físicas. Com o projeto ainda no Kickstarter (em sistema crowdfunding), os preços variam desde €99 pelos arquivos para impressão 3D acondicionados em um pendrive, até €99 pelo aparelho básico já montado - ambos sem qualquer upgrade, que ficam por conta da criatividade e gosto do cliente.

www.lenco.com



CÁPSULA MOVING COIL AIR TIGHT PC-1 CODA

O mais recente lançamento do desenvolvedor japonês Air Tight é sua mais avançada cápsula Moving Coil, modelo PC-1 coda, que usa a liga de alumínio A7075 em sua estrutura com uma camada de níquel e outra de cromo para adicionar, segundo o fabricante, uma resolução sonora mais profunda. Como comemoração, as primeiras 40 peças virão em uma caixa especial de madeira com uma placa decorada usando a técnica de cloisonné de esmalte sobre metal, feitas pelo artista japonês Hidenori Manabe. O preço da PC-1 coda ainda não foi divulgado.

www.airtight-anm.com





Yamaha Turntable MusicCast VINYL 500



Ouça seus discos de vinil em qualquer lugar de sua casa através do Yamaha Turntable MusicCast VINYL 500. Distribua por todos os cômodos as músicas de sua coleção de discos, compartilhando com um ambiente diferente – externo, com seus amigos, ou na cozinha.

MusicCast VINYL 500 é uma nova maneira de desfrutar discos de vinil. Através de sua rede Wi-Fi conecte todos os equipamentos Yamaha compatíveis com MusicCast à partir de um simples aplicativo, com a mais alta qualidade sonora, aliando tecnologia e estilo.

Há ainda o modelo TT-S303, turntable com conexão analógica das caixas e toda qualidade sonora possível.

MusicCast
Wireless Music System

 **Bluetooth**®



Espere o inesperado com o MusicCast 50.

Som que preenche o ambiente elevado a novos patamares quando utilizados em par nos modos estéreo ou caixas traseiras surrounds. Tudo de forma facilitada através do aplicativo MusicCast.

Com os receivers AV ou sound bar Yamaha, você ficará completamente envolvido em cenas de filmes ou shows, eliminando os fios das caixas traseiras. Em conjunto com o MusicCast VINYL 500, desfrute seus discos preferidos da mesma forma, através da conexão Wi-Fi, com qualidade máxima e potência de 70W.



EDIÇÃO ESPECIAL
MELHORES
DO ANO
2018

CONHEÇA OS 50 PRODUTOS QUE
SE DESTACARAM EM 2018



METODOLOGIA

COMO UTILIZAR A EDIÇÃO MELHORES DO ANO

Para facilitar sua consulta, amigo leitor, dividimos os produtos em acessórios, áudio e vídeo e os apresentamos de acordo com o selo recebido em ordem crescente. Esta sequência, que vai do Prata Recomendado ao Estado da Arte, é explicada mais abaixo.

Na parte superior de cada página desta seção você encontrará um ícone representando o tipo de produto testado e, logo abaixo dele, o modelo do equipamento e o artíclista que realizou o teste. Ao final do texto você poderá ver o selo dado pela revista para este produto (indicando a sua categoria), o nome e o contato do importador ou distribuidor, o valor pelo qual ele é vendido e a edição da Áudio Vídeo Magazine na qual o teste foi publicado.

Este ano 18 produtos ganharam o selo Produto do Ano Editor, sendo que 8 destes ganharam também o selo de Referência. Estes equipamentos, além de excepcional desempenho, ainda apresentam uma atrativa relação de custo-performance dentro da categoria a que pertencem.

Depois de escolher os produtos que mais lhe interessam consultando esta seção, localize a revista que teve o teste publicado para poder ler a análise completa e ter dicas quanto à compatibilidade e melhor utilização do equipamento.

Sempre que possível procure ouvi-lo em seu sistema, respeitando as recomendações fornecidas, antes de decidir pela compra. Caso não seja possível ter acesso ao equipamento, envie-nos um e-mail para o endereço revista@clubedoaudio.com.br para informar as características de sua sala, sua configuração atual e suas preferências musicais. Você terá uma consultoria gratuita sobre o equipamento desejado. Este serviço já ajudou milhares de leitores a ajustar seus sistemas e obter um resultado melhor sem desperdiçar tempo ou dinheiro.

Lembre-se que o resultado final também dependerá da qualidade da instalação elétrica da sua sala e da acústica. Acreditamos que a informação de qualidade será sua melhor ferramenta nessa gratificante jornada. Boa sorte!

SELOS UTILIZADOS EM NOSSA METODOLOGIA



PRATA RECOMENDADO / PRATA REFERÊNCIA

Um produto Prata já possui um sólido compromisso com a qualidade de reprodução de áudio e vídeo e muitos se enquadram na categoria Hi-Fi (alta fidelidade).



OURO RECOMENDADO / OURO REFERÊNCIA

Produtos desta categoria demonstram ótimo desempenho em um ou mais quesitos da metodologia e, a partir da categoria Ouro Referência, já são considerados Hi-End.



DIAMANTE RECOMENDADO / DIAMANTE REFERÊNCIA

Para pertencer à categoria Diamante, o produto deverá ter excelente desempenho em todos os quesitos da metodologia, sendo capaz de reproduzir adequadamente qualquer estilo musical. Produtos Diamante Referência são aqueles que melhor representam os ideais Hi-End.



ESTADO DA ARTE

Esta é uma categoria à parte e que não possui subdivisões. Produtos Estado da Arte disponibilizam o melhor que a tecnologia atual é capaz de oferecer ditando os parâmetros que serão buscados pelos demais fabricantes. Ela representa o ponto mais alto da reprodução eletrônica.



PRODUTO DO ANO EDITOR

Este selo, criado em 2002, tem por objetivo premiar os produtos que se destacaram dentro de suas respectivas categorias. O critério de escolha baseia-se no conjunto de inúmeras qualidades, como: avanço tecnológico, performance, custo-benefício e sinergia.



SELO DE REFERÊNCIA AVMAG

Esse selo, criado em 2016, apresenta nossa opinião em relação a dois produtos concorrentes com a mesma pontuação, confirmado que o produto com o Selo de Referência da revista é o produto a ser 'batido' no próximo ano.

FONE DE OUVIDO

FONE DE OUVIDO SENNHEISER HE 1

Fernando Andrette



Existem situações que só conseguimos entender aonde irão nos levar muito tempo depois de fechado um ciclo. Três anos atrás, fomos procurados pelo distribuidor da Sennheiser no Brasil, para realizar uma pesquisa de campo e fazer uma radiografia do mercado de fones hi-end. Além de um levantamento dos fones concorrentes, o representante nos solicitou uma projeção de venda de fones para cinco anos.

Fizemos o trabalho, mas como vivíamos o ápice da crise institucional (que ainda não acabou), deixa claro em meu relatório final, que o momento de tão conturbado, oferecia riscos e distorções, sendo conveniente um extremo realismo e 'pé no chão' com os investimentos futuros.

Depois de entregue o trabalho, não tivemos mais nenhum contato com o representante da Sennheiser no Brasil. Até que, dois meses, atrás recebo uma ligação do diretor Daniel Reis, pedindo uma reunião

para apresentação da Sennheiser, agora já estruturada e pronta para atuar no país de forma coordenada e com uma infra-estrutura digna do tamanho e histórico da empresa no mundo.

Só que essa não era a única surpresa: no convite para conhecer as novas instalações da Sennheiser em São Paulo, havia o pedido para que testássemos o tão cobiçado e aclamado fone HE 1, considerado (por unanimidade), como o melhor fone já construído e comercializado no mundo! Privilégio ao qual pouquíssimos articulistas tiveram acesso!

E lá fui eu conhecer o escritório da Sennheiser no bairro de Vila Madalena em São Paulo e trazer para nossa sala de teste por duas semanas o tão desejado HE 1, para ouvir sem atropelos e em uma constelação de DACs como nunca antes reunidos ao mesmo tempo: CH Precision C1, Hegel HD30 (leia Teste 2 na edição 240) e dCS Scarlatti. ▶

O Sennheiser HE 1 é o único headphone eletrostático com um amplificador de alta voltagem Cool Class Mosfet, integrado na própria carcaça do fone de ouvido. Com este procedimento, o fabricante afirma ter conseguido uma fidelidade e eficiência superior a qualquer outro fone de referência já fabricado (minhas impressões eu deixarei para mais adiante).

Os diafragmas são de 2,4 micrometros de espessura, vaporizados com platina para total rigidez e leveza. As performances elétrica e acústica são asseguradas por transdutores de cerâmica banhados a ouro. No gabinete, que pode ser personalizado pelo cliente, com mármore de Carrara, encontra-se o DAC e o pré-amplificador valvulado. O cabo OFC leva o sinal do pré-amplificador para o Power (Classe A) instalado dentro do fone.

Todo o circuito foi patenteado pelo fabricante. As oito válvulas de pré-amplificação, que ficam em recipientes também fechados a vácuo, estão conectadas a molas de amortecimento imersas dentro do gabinete.

O HE 1 permite que o usuário utilize um DAC externo ou, se desejar, pode utilizar o DAC seu próprio DAC interno, que recebe sinal PCM e DSD no chip Sabre ES 9018, com quatro canais em paralelo para cada lado estéreo, melhorando sensivelmente a inteligibilidade e diminuindo as distorções e o nível de ruído como nenhum fone de ouvido de referência consegue!

Mas, a primazia e os cuidados não se resumem ao aqui já descrito. O HE 1 possui, no total, quase 6000 componentes escolhidos aos pares com tolerância de apenas 1%. Todas as características de todos os componentes são avaliadas elétrica e sonicamente.

O cabo que liga o pré-amplificador ao Power utiliza oito fios feitos de cobre livre de oxigênio (OFC) e revestidos com uma camada de prata. Os oito fios são todos revestidos por uma camada isolante que possui uma mistura de materiais de estrutura diferente, para total eliminação de RF.

Mesmo os audiófilos mais experientes costumam se assustar quando descobrem que o HE 1 custa 55 mil euros! E não conseguem imaginar uma razão para um fone hi-end custar tanto! Eu também achei estranho quando soube o preço do HE 1. E faço uma crítica ao departamento de marketing da Sennheiser, por não ter posicionado o HE 1 como um sistema de referência de áudio hi-end com fone de ouvido. Porque na verdade é isso que ele é! Um pré-amplificador, um DAC e um fone de ouvido de referência Estado da Arte, de nível superlativo!

Tanto que o produto recebeu nota como pré-amplificador - pois o testamos ligado aos powers Hegel H30 e CH Precision M1 - e também comparamos seu DAC interno com nossos DACs de referência dCS Scarlatti, CH Precision C1 e Hegel HD30. E, claro, como fone de ouvido com a nossa referência HD 800, também da Sennheiser.

O consumidor que escolher o HE 1 como sua fonte de referência, não estará levando apenas o melhor fone já feito na história do hi-end, estará comprando um pacote pronto para ser utilizado em qualquer sistema hi-end Estado da Arte.

Ele possui três entradas digitais, entrada para um segundo fone de ouvido, duas entradas analógicas (RCA e XLR), além de duas saídas analógicas (RCA e XLR). Para o leitor ter uma ideia exata de sua beleza, sugiro que, muito mais que minha descrição do impacto de ligar e ver o HE 1 entrar em funcionamento pela primeira vez, que ele assista o vídeo que colocamos à disposição de vocês.

Tudo é feito com uma suavidade e beleza absoluta: você aciona em suas costas o botão ao lado do cabo de força IEC e depois com um leve toque no botão maior de volume, ele ascende um pequeno LED, e quatro botões no painel frontal deslizam lentamente para fora, seguidos das oito válvulas e a tampa onde está alojado o fone de ouvido. Todo o processo leva apenas 40 segundos, e caso tenha-se optado por usar apenas o HE-1 como pré-amplificador, a tampa aonde encontra-se o fone de ouvido, volta a fechar.

Todos os comandos são precisos e os movimentos muito suaves, propiciando aos olhos uma coreografia de gestos suaves e convidando ao usuário a ir relaxando e se preparando para o impacto que será escutar suas obras preferidas no HE 1.

Só posso traduzir todas as audições realizadas neste fone com um adjetivo: Assombroso!

A imersão é tão intensa que, ao contrário de todos os outros melhores fones, a sensação é que a música te abraça, mas com um grau de realismo, suavidade, integridade e naturalidade que tudo parece estar sendo ouvido pela primeira vez! Não há rupturas nem tempo para pensar enquanto estamos imersos dentro de nossas composições favoritas. Avaliar a qualidade do que estamos escutando é impossível, pois tudo parece ser absolutamente fora do que esperamos escutar em um excelente fone de ouvido.

Jamais, em tempo algum, nenhum fone de referência conseguiu proporcionar uma reprodução de graves tão precisa e correta, com tamanha sustentação e decaimento. A transparência é notória, porém não se separa de todo o conteúdo. Com essa virtude, a organização do acontecimento musical não se faz dentro da cabeça, mas em volta. Como se os músicos estivessem nos circundando, a uma distância que as variações dinâmicas jamais nos pegam de surpresa. Distante, mas ainda assim sedutoras e fidedignas!

Os agudos jamais soam duros ou metalizados, principalmente pratos e instrumentos de sopro. Reportou-me, principalmente às gravações de música clássica, a mesma percepção que tenho guardado em minha memória auditiva das gravações da OSESP na Sala São Paulo, que tive a honra de acompanhar diversas vezes aonde, sozinho, pude escolher as melhores posições para usufruir da bela acústica da sala. ➤

FONE DE OUVIDO

Falando em acústica, a reprodução de ambiência do HE 1 é extraordinária. Fiz audições espetaculares de órgãos de tubo, em diversas igrejas, e foi possível observar o tempo de reverberação de cada uma, seu decaimento e rebatimentos dos agudos e da região médio-alta nas paredes das catedrais.

Seu equilíbrio tonal é preciso e de uma naturalidade que faz nosso cérebro se esquecer que estamos ouvindo música reproduzida eletronicamente em questões de segundos. E sua apresentação de texturas e transientes nos faz 'hesitar' se precisamos ter um par de caixas hi-end em nossa sala de audição.

Nossos leitores mais antigos conhecem minha resistência a longas horas de audição com fones de ouvido. Tanto por questões de segurança, como pela fadiga auditiva imposta a volumes consideráveis. O HE 1, ainda que seja muito confortável, possui um peso considerável e, mesmo assim, consegui fazer audições com mais de 4 horas sem nenhuma interrupção. Motivo: você não necessita ouvir em alto volume. Pelo contrário, como seus graves são de um outro nível inexistente até seu surgimento, os volumes para se ter a mesma pressão sonora que utilizo no HD 800 são bem inferiores.

Usando o HE 1 como pré-amplificador de linha, nos surpreendeu a qualidade dele ligado aos powers H30 e M1. Usamos, em ambos, o cabo Transparent Opus G5 XLR, e compararamos diretamente com o pré de linha do HD30 da Hegel. Seu som é muito quente e natural, e remete imediatamente aos prés de linha valvulados da Luxman e da Air Tight. Som cheio, com uma apresentação da região média que nos cativa principalmente na reprodução de vozes e instrumentos acústicos. Os extremos têm muito boa extensão e decaimento, e uma apresentação sempre precisa, detalhada e relaxada, podendo ser usado perfeitamente com muito boa sinergia com amplificadores Estado da Arte!



Seu DAC foi uma surpresa muito grande! Ombrou com o HD30 em muitos dos quesitos de nossa metodologia, como: Equilíbrio Tonal, Textura, Transientes e Micro-dinâmica.

E, como fone de ouvido, sua superioridade em relação a qualquer outro fone considerado referência é tão grande que o honesto seria colocá-lo em uma classe à parte. Não sei se é possível replicar o HE 1 em modelos inferiores da própria marca, pois este projeto teve como objetivo quebrar paradigmas e dar um salto qualitativo sem precedentes. Por isso mesmo a ousadia e a expertise da Sennheiser têm que ser reconhecidas, elogiadas e divulgadas.

Ter a experiência de ouvir, ainda que por apenas por duas semanas, um produto desta magnitude e performance, muda nossa percepção do potencial de fones de ouvido hi-end para sempre!

Foi uma experiência auditiva emocional espetacular e, acredite amigo leitor, inesquecível!



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=OU5ROEBITZ4](https://www.youtube.com/watch?v=OU5ROEBITZ4)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=CKPTY8ICUCS](https://www.youtube.com/watch?v=CKPTY8ICUCS)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=RQJC9YDWQEC](https://www.youtube.com/watch?v=RQJC9YDWQEC)

COMO PRÉ-AMPLIFICADOR DE LINHA

NOTA: 87,0

COMO DAC

NOTA: 92,0

COMO FONE DE OUVIDO

NOTA: 95,0

AVMAG #240

Sennheiser

(11) 3136.0171

US\$ 94.000



ESTADO DA ARTE



Motive SX2

Os alto-falantes da Neat Acoustics são concebidos para permitir que os amantes da música experimentem toda a emoção e o propósito da música gravada. Isto é conseguido ao eliminar o artifício inerente à cadeia de gravação / reprodução e revelar a essência da mensagem musical. Os designers da Neat trabalham do ponto de vista de um ouvinte, tocando muitos tipos diferentes de música. O design é gradualmente moldado por um processo interativo, ajustando e afinando, e julgando os resultados em uma base puramente musical.

Grande cuidado é tomado com a escolha e desenvolvimento de todos os componentes usados em alto-falantes Neat. Quando apropriado, peças OEM são usadas, às vezes de forma modificada. Outras peças são fabricadas pela própria Neat ou por empresas especializadas, que produzem de acordo com nossas especificações.

Ultimatum XL6



neat
acoustics

Agora no Brasil

DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

german
Audio
www.germanaudio.com.br

AMPLIFICADOR DE FONE DE OUVIDO

AMPLIFICADOR DE FONES DE OUVIDO SENNHEISER HDV 820

Fernando Andrette


PRODUTO DO ANO
EDITOR

Testamos nos últimos cinco anos alguns bons amplificadores de fones de ouvido. Alguns realmente nos agradaram, não só pela sua qualidade de áudio, como também pela sua versatilidade e preço. É um mercado extremamente competitivo e com uma centena de excelentes produtos para todo tipo de bolso e gosto.

Dos modelos mais top, testados por nós, certamente os leitores irão lembrar do Luxman P-1u, que ganhou o prêmio de melhor amplificador de fone hi-end já avaliado por nós. Agora recebemos um outro peso-pesado, o HDV 820 que, além de um amplificador de fones de ouvidos também inclui um excelente DAC e também pode ser utilizado como pré de linha.

A Sennheiser, ao desenvolver este novo modelo pensou naquele usuário que possui uma coleção de fones de ouvidos e por isso disponibilizou entradas XLR3, XLR4, 6,3 mm e um soquete Pentacom de 4,4 mm. O gabinete é em alumínio anodizado preto com um botão de liga/desliga com luzes LED brancas, além de um seletor de fontes e o botão de volume. Nas suas costas temos: entradas e saídas平衡adas analógicas, além de entradas digitais coaxiais, ópticas e USB. Além de um knob de ganho rotativo para quem desejar fazer algum ajuste fino.

O produto cabe em qualquer prateleira e pesa apenas 2,25 kg. O DAC tem resolução DSD256 e 32-bit/384 kHz para arquivos PCM. Para o teste utilizamos dois fones da própria Sennheiser: o HD 600 na entrada XLR3 e o HD 800S na entrada XLR4. O próprio fabricante indica que a melhor performance será usar a entrada XLR4, de quatro pinos. Então seguimos à risca a indicação, deixando a entrada XLR3 para ouvirmos o HD 600.

Para o teste do DAC utilizamos a entrada coaxial e apenas o nosso transporte dCS Scarlatti. Os cabos de força foram o original enviado pelo fabricante e o Transparent PowerLink MM2. Como pré de linha

ligamos o HDV 820 nos powers Hegel H30 e Audio Research Ref 75 SE (leia teste 1 na edição 244), pela saída XLR do Sennheiser.

Como conheço muito bem o fone HD 800S, já que é a minha referência em fones de ouvido, e a primeira impressão foi altamente positiva, pois se tem algo que imediatamente se sobressai no fone de ouvido HD 800S, que é a qualidade de resposta, peso e corpo dos graves.

As pessoas que nunca tiveram acesso a um fone deste gabarito, não acreditam que um fone de ouvido que não seja intra-auricular possa ter uma resposta tão correta e precisa nas baixas frequências. E o HDV 820, pela entrada XLR4 evidencia ainda mais esta virtude. Mas, as surpresas não param por aí, pois o silêncio de fundo deste amplificador de fone é admirável, permite o acompanhamento do mais sutil detalhe, ainda que ele esteja quase que encoberto pelo hiss da fita master analógica, em gravações dos anos sessenta e setenta. Esse silêncio também possibilita a reprodução de forma muito convincente e satisfatória das ambiências, com seus rebatimentos e decaimentos suaves em grandes salas de concerto.

Os médios são bem transparentes, mas bastante equilibrados tonalmente, e mesmo gravações mais agressivas que sofreram o uso de muita compressão ou equalização, em volumes cuidadosos são prazerosas de ouvir.

Os agudos são excelentes, tanto em termo de extensão quanto de velocidade. Porém achei o corpo um pouco menor que no Luxman P-1u, nossa referência até o momento. Mas nada que incomode ou nos faça perder o interesse nas audições. É uma questão de assinatura sônica, não um defeito.

Digo isso pelo fato de que, no outro extremo, a qualidade, peso e corpo nos graves, são muito superiores ao Luxman P-1u. Então é tudo uma questão de gosto, estilo musical e setup.

Fiquei embasbacado com a apresentação de texturas, tanto de vozes quanto de instrumentos acústicos, pois o calor e a naturalidade proporcionam um conforto auditivo viciante. Escutei dezenas de cantoras e pequenos grupos orquestrais, por muito mais horas do que estou acostumado a ouvir com fones de ouvido. Há uma proposta de imersão total e um convite para você 'dissecar' suas obras preferidas como você nunca fez antes.

Os transientes são maravilhosos, principalmente em obras com grandes variações de andamento, dando-nos a nítida impressão que os músicos estavam absolutamente concentrados e imersos no acontecimento musical.

É preciso ser cuidadoso com este HDV 820, pois se você se empolgar, você se pegará ouvindo em volumes superiores ao que você geralmente escuta. Eu tive que me penitenciar, pois cometi este delito inúmeras vezes, empolgado com a folga e o conforto auditivo proporcionado pelo conjunto HDV 820 e HD 800S na entrada XLR4.

A macro-dinâmica também se mostrou impressionante, provando que o HDV 820 possui uma folga muito incomum na maioria dos amplificadores de fone (mesmo os mais top).

Como DAC, outra grande surpresa: me lembrou muito do DAC Hegel HD12. Musical, ótimo silêncio de fundo e extremos, ainda que mais 'contidos', muito corretos. Pode perfeitamente ser superior a muitos DACs de entrada ou CD-Players mais antigos.

E para aqueles que só escutam música de seus computadores, o DAC existente no HDV 820 é um 'plus a mais' que pode sim ser o conversor definitivo para quem tem um sistema Diamante intermediário.

Como pré de linha, ainda que modesto, suas qualidades são evidentes, já que fica explícito que o objetivo dos engenheiros da Sennheiser foi o de oferecer uma solução barata e honesta, visando atender ao usuário que possui um power e um par de caixas e deseja um pré de linha para ouvir música fora do fone de ouvido. Sua qualidade sonora se equipara facilmente a um pré de linha Ouro com um pé na categoria Diamante de entrada.

Voltando ao HDV 820 como amplificador de fone, ao mudar do fone HD 800S para o HD 600, na entrada XLR3, pudemos ouvir esse fone como nunca o escutamos antes (nem mesmo quando o testamos há alguns anos). Fiquei muito surpreso com o quanto o HD 600 se beneficia de estar ligado ao HDV 820. Graves mais bem estendidos e com maior resolução em termos de peso, foco e recorte. E um agudo mais suave e correto. Foi como se o HD 600 tivesse recebido um upgrade!

CONCLUSÃO

Com os espaços cada vez menores nas grandes metrópoles, e o aumento insuportável da poluição sonora, ter um local em que podemos nos esconder de todos os problemas e ficar a sós com nossa música é um convite irresistível.

E ainda que estejamos falando de um conjunto caro (HDV 820 e HD 800S), perto dos custos de um sistema hi-end esse pacote é apenas uma fração do preço. Se você sonha em recuperar seu espaço para ouvir algumas horas diárias de música, sem a preocupação com acústica, vizinhos ou incomodar a família, meu amigo, acredite: não há solução melhor do que investir neste pacote.

Você estará comprando um dos melhores amplificadores de fone do mercado, com um enorme diferencial: um conforto auditivo impressionante! Na minha opinião este é o maior diferencial deste Sennheiser para com inúmeros outros concorrentes.

Você deve estar se perguntando: será que ele tem essa mesma performance com fones de ouvidos de outros fabricantes? Eu, infelizmente, não posso lhe dar esta resposta, pois tentei conseguir fones de outras marcas para testar, mas sem sucesso. Mas minha experiência diz que sim, que o HDV 820 possui a mesma performance como outros fones hi-end do mercado. E digo isso baseado tanto na assinatura sônica do seu DAC, como ele sendo utilizado como pré de linha. Esse conforto auditivo é parte do seu DNA. A diferença é que no fone é ainda mais evidente!

Estará certamente entre os Produtos do Ano e é sério candidato a levar o Selo do Editor. Como melhor amplificador de fone por nós já testado (abaixo do HE 1 da própria Sennheiser, que é um ponto fora da curva) no quesito de custo/performance, ele já ganhou! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=IZCUNFE7YCE](https://www.youtube.com/watch?v=izcunfe7yce)

AVMAG #244
Sennheiser
(11) 3136.0171
R\$ 15.840

NOTA: 86,0



ESTADO DA ARTE

CABOS

CABO MAGIS AUDIO FORCE ONE

Fernando Andrette



A Magis Audio vêm ampliando seu portfólio de produtos para o mercado hi-end, com diversos lançamentos em 2018, como: produtos para acústica, rack, clamp e, agora, para fechar o ano, apresenta seu primeiro cabo de força. Batizado de Force One, a Magis depois de diversos estudos definiu que o cabo sempre será comercializado com o tamanho mínimo de 2,00 m, pois segundo o fabricante protótipos de menor comprimento não tiveram a mesma performance nos testes auditivos.

Construído em geometria simétrica de alta precisão e constância ao longo de todo o cabo, em 3 vias de 6 mm de bitola para cada condutor, o cabo possui excelente construção e acabamento. Utiliza fios de cobre de alta pureza livre de oxigênio no processo de trenelado (OFC). Ainda segundo o fabricante, possui damping mecânico de dupla ação, possibilitando o escoamento de vibrações mecânicas internas indesejadas.

Ele vem com plugues Furutech Gold, possui duplo revestimento de proteção e um elegante sextavado em alumínio. A Magis fornece o produto 'semi amaciado' realizando um burn-in de 5 dias em 'cable cooker'. Ainda assim o fabricante indica um amaciamento de mais 50 horas para seu melhor desempenho.

Começando a realizar mentalmente uma retrospectiva Hi-End 2018 no Brasil, certamente este ano será lembrado pelo boom de lançamento de cabos nacionais de diversos fabricantes. Isso é muito positivo, pois permite a você leitor ampliar suas escolhas no momento de um upgrade de cabos. O que posso afirmar é que este segmento, nos próximos anos, será muito competitivo, e os cabos nacionais abocanharão uma significativa parcela de mercado. Esperamos que esta tendência também se espalhe para outros nichos, tanto de acessórios quanto de eletrônicos.

Recebi o Force One já com o pré amaciamento e fiz exatamente o que o fabricante sugere: 50 horas de queima, sem ficar mexendo fisicamente no cabo. Como já escrevi acima, o cabo impressiona pela sua robusta construção, acabamento e, apesar de sua bitola, pelo seu fácil manuseio, sem o consumidor ter que fazer malabarismos em locais apertados, ou ganhar uma dor nas costas.

Quanto à metragem mínima, também não houve nenhuma novidade, já que meus cabos de referência da Transparent também não são comercializados em metragem de 1 metro. Mas, ao contrário do Transparent, com seu enorme network, que sofre em locais de pouco espaço físico, o Magis não padece deste mal.

Para o burn-in de 50 horas, achei prudente ligá-lo inicialmente na fonte do pré de phono Tom Evans, já que esta fonte fica permanentemente ligada. E, como estávamos também no amaciamento da cápsula Sumile, ambos sofreram o amaciamento em conjunto.

O Force One, de cara, chama a atenção pelo seu grau de energia e pelo equilíbrio tonal. Mesmo antes do total burn-in, ele já mostra todas as suas qualidades (será mérito dos 5 dias de amaciamento feito pelo fabricante, antes da entrega?). As melhorias após a queima de 50 horas serão pontuais como: melhora do palco sonoro, tanto em largura como profundidade, ampliando a sensação de tridimensionalidade e definição do foco e recorte.

Tirando essas alterações, o Force One já de imediato possui excelente resposta de transientes, autoridade e controle na variação dinâmica (tanto na micro, como na macro), mesmo em passagens de muita complexidade, e ótimo corpo harmônico em qualquer faixa de frequência do espectro audível.

Com a estabilização do cabo, após as 50 horas, passeamos com o Force One em uma dezena de equipamentos, como: amplificadores integrados (válvula e solid state, powers, CD-Players, DACs, prés de linha e até no receptor da TV Sky). O nível de performance dos cabos hi-end é notório, os avanços com o uso de novas técnicas de construção e a nanotecnologia abriram os horizontes, então o que cabe ao consumidor na hora da escolha de um novo cabo é observar como este acessório se comporta em seu setup, se ele está dentro de seu orçamento e, claro, o essencial: o grau de compatibilidade com o sistema. Tenho discutido essa questão internamente na redação, e estamos seriamente propensos a ter este quesito no futuro em nossa metodologia, para a avaliação de cabos.

Pois esse, talvez, seja hoje o quesito de maior importância para o consumidor decidir a compra deste acessório. Pois ele precisa (devido ao seu custo) levar em conta se aquele acessório terá um tempo de vida útil compatível com futuros upgrades. E, como ficamos meses com todos os cabos enviados para teste, e eles são testados em diferentes produtos, essa informação me parece relevante para todos os

nossos leitores. Provavelmente esse quesito já esteja sendo utilizado nos futuros cabos que nos forem enviados no próximo ano.

Voltando ao Force One, o fabricante tem toda a razão ao afirmar que seu produto pode ser utilizado em diversos eletrônicos, sejam esses de baixo consumo (como CD-Players ou DACs) ou potentes amplificadores! Ele se saiu muito bem e com alto grau de compatibilidade em todos os produtos utilizados. Na sua faixa de preço, a concorrência é muito acirrada e existem fabricantes com enorme credibilidade atuando há muitos anos no mercado. Então, o fato de ter alta compatibilidade certamente levará o consumidor a colocá-lo como uma opção a ser avaliada em seu sistema.

Mas suas qualidades não se restringem à compatibilidade, pois em todos os quesitos de nossa metodologia ele se mostrou muito equilibrado e correto.

CONCLUSÃO

O mercado ganha muito com o aumento de ofertas de cabos hi-end com excelente custo e performance. Você, consumidor, ganha mais ainda. Se o seu objetivo é galgar degraus até alcançar o patamar de um setup Estado da Arte, e quando faz as contas percebe que seu orçamento esbarra justamente na definição dos acessórios como os cabos, por exemplo, aqui está mais uma boa opção a ser levada em consideração.

O Force One possui todos os atributos necessários para ser colocado na sua mira de cabos que valem a pena uma audição em seu sistema!

AVMAG #246
Magis Audio
(11) 98105.8930
R\$ 3.950

NOTA: 90,0



ESTADO DA ARTE

CABOS

CABO DE FORÇA TIMELESS MAGGINI

Fernando Andrette



A Timeless Audio continua apresentando uma série de novos produtos e, pelo visto, o consumidor nos próximos meses terá muitas novidades, como cabos digitais, de caixa e de força. O Giovanni já trouxe para nossa avaliação alguns desses novos produtos, uns ainda em fase de desenvolvimento e outros já prontos para serem lançados.

O que noto de maneira muito clara é que a Timeless 'achou' sua identidade e assinatura sônica em toda a sua linha. Do cabo de entrada ao topo, o que ouvimos são cabos que primam pelo melhor conforto auditivo possível! O que me surpreende é que, independente da matéria-prima e da composição do material, a sonoridade sempre caminha na mesma direção.

O Power Cable Maggini é o primeiro cabo de força da Timeless Audio e que, assim como o de interconexão já testado por nós, possui a mesma assinatura sônica (sugiro a leitura do teste publicado na edição 242). Segundo o fabricante, o Power Cable Maggini é uma usina de energia, com uma bitola de 24 mm², que permite uma capacidade instantânea de corrente extrema acima de 100 ampéres! Na prática, o que se almejou foi uma ausência de limitação dinâmica tanto para aplicação de alta potência (powers) como baixa potência (CD-Players, pré de linha, pré de fone e de phono).

O cabo utiliza cobre OFC de alta pureza, revestido com camada amorfada de estanho. Cada condutor é individualmente blindado por fitas de cobre OFC em geometria não restritiva (com o objetivo de produzir maior silêncio de fundo). Os condutores são, então,

envoltos em um revestimento de amortecimento de algodão impregnado pelo processo proprietário TFC (Timeless Foton Conversion). Este processo consiste na aplicação controlada de verniz proprietário na camada do amortecimento, e este verniz contém uma formulação de nano partículas diamagnéticas e nano cristais piezo / piroelétrico. O revestimento age no controle do campo magnético, corrigindo distorções eletromagnéticas ocasionadas pela própria condução elétrica.

Devido à extrema bitola dos condutores utilizados, poucos são os conectores que acomodariam sem dano a espessura do fio. Os conectores escolhidos no mercado foram da marca Wattgate, pela suas características de fixação que permitem acomodar maiores bitolas e uma melhor transferência de corrente/energia.

O acabamento do Power Cable Maggini é excelente. É pode-se notar visualmente o esmero de construção nos mínimos detalhes.

Para o teste, tivemos o cabo por cinco meses. E todos os produtos que chegaram para teste neste período foram ligados ao Maggini. Portanto, a fila é extensa e vou me resumir aos produtos em que o Maggini foi utilizado com maior frequência. Pelo nosso setup de referência, o Maggini esteve em todas as peças do dCS Scarlatti, no pré de phono Tom Evans, no pré de linha Dan D'Agostino e no power Hegel. Também o utilizamos em todos os produtos da CH Precision, no DAC Hegel HD30 e no integrado da Roksan.

A primeira constatação é seu alto índice de compatibilidade com diversos produtos e seu grau de neutralidade (algo raro entre cabos) ▶

de força, pois geralmente eles impõem determinadas características). Para aqueles que buscam dar uma 'turbinada' no sistema: esqueçam. Já para os que querem extrair de sua eletrônica o melhor, ele pode ser uma excelente opção de cabo de força pelo seu custo/performance.

Como ele é um cabo que suporta mais de 100 amperes, já no final do teste resolvi ouvi-lo em minha régua, em que todo o sistema está ligado. Mais do que ouvir alguma diferença em relação ao cabo que uso na régua (um Transparent PowerLink MM2), queria ver se essa folga descrita pelo fabricante poderia ser notada auditivamente. E o resultado foi realmente interessante, pois além de um excelente silêncio de fundo, as variações ou degraus do pianíssimo para o fortíssimo se tornaram muito mais precisas e audíveis. Como se uma folga ainda maior estivesse a beneficiar essa variação dinâmica.

Trata-se de um cabo extremamente equilibrado tonalmente, com excelente velocidade e uma inteligibilidade muito marcante. Mas, como todo cabo da Timeless, a transparência nunca é superior ao calor, musicalidade e conforto auditivo.

Em nosso sistema de referência, ele caiu como uma luva no Tom Evans, permitindo na audição dos LPs com menor qualidade técnica e 'malhados' pelo longo tempo de uso - audições muito mais prazerosas!

A imagem holográfica entre as caixas possui maior largura que profundidade, porém o Maggini compensa essa 'diferença' com um foco e recorte cirúrgico (graças ao seu silêncio de fundo). As texturas, como já brinquei com o Giovanni, são 'padrão' Timeless: absolutamente palpáveis e naturais. Admirável como as apresentações deste quesito são realçadas neste cabo, tanto em termos de paleta de cores, como na intencionalidade da execução. Alie-se este quesito ao de organizade (materialização do acontecimento musical) e teremos a capacidade de 'ver' o que estamos a escutar!

Esse é um dos fenômenos que mais impressionam o leigo, quando escuta pela primeira vez um sistema Estado da Arte. Lembro-me que nos primeiros Cursos de Percepção Auditiva, ministrados na virada do século, as pessoas se impressionavam com o Palco Sonoro. Admiravam poder observar o posicionamento dos músicos no momento da gravação, se o cantor estava sentado ou em pé. E se o solista da big band levantou ou se manteve sentado para realizar seu solo. Hoje esse efeito 3D sonoro está presente em qualquer sistema de entrada sinérgico e bem ajustado. Porém, ver o que escutamos é de um impacto que irá mudar a percepção auditiva e a memória auditiva para sempre! O Power Cable Maggini nos proporcionou este deleite em alguns dos componentes em que ele foi utilizado.

Uma pergunta que um amigo me fez ao descrever o cabo para ele foi: "com essa bitola, ele não se torna um cabo pesado e menos flexível?". Por incrível que pareça, não. Ele é rígido, mas não inflexível.

Claro que, se ele tiver que fazer curvas bruscas, não será possível, mas com espaço ele se adequa perfeitamente.

Gostei muito do seu plug, pois tem um encaixe perfeito nas tomadas nas duas pontas, não ficando 'pendurado' com o tempo (tenho esse problema, pois todo instante, tenho que mudar a posição dos cabos, para comparação ou substituição), então tenho que toda a semana estar supervisionando para ver se não tem algum cabo frouxo ou mal encaixado na régua e nos equipamentos.

Sua queima foi demorada. Cerca de 150 horas até estabilizar e abrir em ambos os extremos. Seus agudos são muito corretos e com boa extensão e corpo. A região média é excelente, com um equilíbrio que aprecio muito entre transparência e musicalidade. E os graves são muito precisos, com excelente corpo e energia. Mas essas qualidades (talvez pela bitola do cabo) necessitam de uma longa queima. Com 200 horas o cabo se estabilizou integralmente. Daí em diante, o único stress que o cabo teve foi na troca de equipamentos, sendo necessárias pelo menos 4 horas até ele novamente estabilizar por completo.

Este não é seu caso certamente, amigo leitor. Provavelmente os testes aonde ele melhor se encaixa no seu sistema será feito logo depois da queima do cabo, então não será um problema. Mas, para aqueles que adoram ficar fazendo testes no sistema nos finais de semana, essa dica é importante. Ao movimentar o Maggini, e caso haja torção no cabo, será preciso esperar pelo menos 4 horas para sua sonoridade voltar ao normal. Ele é muito sensível a stress mecânico.

CONCLUSÃO

Confesso que minhas expectativas em relação ao cabo de força da Timeless eram altas. E ao ouvir o Maggini e os dois protótipos que estão para sair do 'forno', fiquei ainda mais animado! Pois será uma linha tão consistente quanto a de interconexão.

Para quem deseja um cabo de força neutro, que possa 'potencializar' o sistema sem impor uma assinatura sônica ou corrigir defeitos da sala, elétrica ou setup, o Maggini é uma excelente opção, tanto pelo seu preço, como por sua compatibilidade e principalmente pela sua performance.

Um cabo que certamente estará entre os Melhores do Ano e candidato a Selo do Editor!

AVMAG #245

Timeless Audio
(11) 98211.9869
1,6 m - R\$ 3.540
(R\$ 520 / 0,5 m adicionais)

NOTA: 91,0



ESTADO DA ARTE

CABOS

CABO DE INTERCONEXÃO SUNRISE LAB
REFERENCE MAGICSCOPE

Fernando Andrette



Como estamos publicando na seqüência os testes dos cabos da linha Reference MagicScope, não colocarei a explicação dada pelo fabricante em relação à Topologia MagicScope, já detalhada no teste do cabo de caixa (3 na edição 236).

O cabo digital enviado com terminal RCA da Furutech é um cabo flexível coaxial com diâmetro de 7 mm. O condutor central possui 0,4 mm² de cobre OFC multifilar. A blindagem é quádrupla: duas camadas de cobre não trançado helicoidal, borracha condutiva e manta de blindagem eletromagnética. Acabamento em termo retrátil e capa de nylon cinza claro. Capacitância por metro: 105 pF. Indutância por metro: 1,8 nH. Aceita terminação RCA ou BNC. Sintonia do MagicScope: 32 MHz.

Foi fundamental termos recebido simultaneamente para o teste o cabo de caixa, interconexão (XLR e RCA) e o digital, pois assim pudemos ouvir o set completo e constatar que a assinatura sônica é a mesma, e que as principais virtudes (energia, silêncio de fundo, velocidade, precisão e dinâmica) estão presentes em toda a série.

O Digital Reference MagicScope foi utilizado entre o transporte da dCS Scarlatti e o DAC também da dCS. E entre o transporte Scarlatti e o DAC dos amplificadores da Hegel H360 e Röst. O Digital foi o cabo que exigiu maior queima: no total foram 350 horas. E dos três cabos testados é o que sofre maiores transformações à medida que vai amaciando. O usuário deverá ter paciência, pois ele realmente precisa dessa longa queima para mostrar seu enorme potencial. Não que ele saia tocando torto ou feio. Não se trata disso. É que suas maiores virtudes vão desabrochando sucessivamente.

Nas primeiras 50 horas nota-se um ajuste no equilíbrio tonal, nos dois extremos. Primeiro são os graves que encorpam e ganham maior peso na fundação da primeira oitava. Ficou nítido esse detalhe já que o disco que usamos para o amaciamento das primeiras 100 horas foi uma gravação solo de órgão de tubo. Com quase 70 horas os agudos também estabilizam, com uma abertura e arejamento na última oitava superior. Com 100 horas os médios se encaixam com um util recuo, permitindo que os planos sejam notados de maneira cirúrgica. ▶

Gravações de obras sinfônicas ganham respiro, profundidade, e um recorte e foco primorosos.

Começa a segunda etapa de queima, com o aprofundamento do silêncio de fundo, que nos permite notar a beleza e refinamento na apresentação da micro-dinâmica. O ouvinte atento e familiarizado com suas obras preferidas, nota que inúmeras informações não tão bem detalhadas (ou difusas) ganham luz e uma materialidade quase que palpável.

Outra mudança significativa e impactante ocorre no médio-grave com a apresentação de um corpo harmônico exuberante. A música passa a pulsar com uma maior intensidade, sendo perceptível fisicamente a energia e o deslocamento do ar. Quando esse momento da queima ocorreu estávamos escutando várias gravações do Ben Harper e a presença da cozinha (bateria, baixo elétrico e percussão) se tornou tão mais evidente e precisa, que a sensação é que tivéssemos aumentado o volume.

Com 300 horas, o round final: o ganho de uma folga adicional para aquelas gravações que sempre 'emperram' na macro-dinâmica. Aquele 'up' adicional que você sempre desejou ter naquela passagem que você vive ouvindo e se decepcionando com o resultado! Nos Cursos de Percepção Auditiva apresento esses exemplos em sistemas de categorias diferentes e peço para os participantes notarem a diferença de folga entre os sistemas. E no Nível 2, que é o curso referente a cabos, demonstro como o cabo errado pode comprometer todo um setup Estado da Arte. Geralmente nesse exemplo as pessoas compreendem na prática a questão do 'elo fraco', e passam a redobrar os cuidados na escolha de seus cabos a cada upgrade realizado em seus sistemas.

O Reference MagicScope Digital é um cabo que possui uma 'folga incomum' para o seu preço. Ter um desempenho de um cabo Estado da Arte e custar 3 mil reais é um fato inédito nas duas décadas de vida dessa publicação. Posso garantir que os cabos evoluíram muito, e felizmente os preços estão caindo satisfatoriamente. Porém, nessa nova geração de cabos com preços mais condizentes, a performance nos quesitos utilizados em nossa avaliação não são tão homogêneos assim. Sempre um quesito ou outro ainda destoa um pouco, e conseguir uma coerência em todos os quesitos com um preço mais acessível, ai sim é um mérito e tanto! Os cabos digitais Estado da Arte que temos hoje são caros e, quanto maior a performance e refinamento, mais caros ainda! Alguns chegam a custar o preço de um CD-Player top! O que, convenhamos, inviabiliza e muito esse upgrade. Quando o Ulisses me disse que estava desenvolvendo uma nova geração de cabos para substituir toda a sua linha atual, minha primeira pergunta foi: virá um cabo digital no mesmo patamar de qualidade? Pois cabos digitais serão, nos próximos anos, os cabos com maior demanda de

mercado, então os fabricantes que se prepararem para esse momento certamente terão um enorme retorno financeiro.

O que mais encanta nessa nova versão da linha Reference, como já escrevi nas conclusões do cabo de caixa, é a relação de custo e performance do produto. O que possibilitará centenas de leitores que buscam um upgrade em seus cabos realizar esse sonho.

A Sunrise Lab sempre primou por desenvolver produtos que atendam a uma faixa do mercado que deseja um produto hi end que caiba no seu orçamento. Em tempos tão bicudos como o que vivemos, ter propostas que vão de encontro aos nossos desejos de aprimorar nossos sistemas, soa realmente como música aos nossos ouvidos.

CONCLUSÃO

A linha Reference MagicScope é capaz de atender desde o consumidor que possui um bom sistema Diamante bem ajustado até um Estado da Arte que necessita justamente, para o melhor de sua performance, cabos condizentes.

Porém, quando se colocava na ponta do lápis o investimento necessário para esse salto, o principal obstáculo era o custo. Agora esse obstáculo não existe mais! Se você deseja realizar esse upgrade em seu sistema, ouça a nova linha Reference MagicScope! Ela possui um grau de compatibilidade e performance realmente muito interessante. E quem imaginaria ser possível, tempos atrás, um cabo digital Estado da Arte por menos de 1000 dólares? Agora é possível! ■

AVMAG #237

Sunrise Lab

(11) 5594.8172

Até 1,5 metro com

terminação padrão: R\$ 3.000

Cada 0,5 metro adicional: R\$ 700

NOTA: 94,0



ESTADO DA ARTE

CABOS

CABO DE INTERCONEXÃO ORTOFON REFERENCE BLACK

Fernando Andrette



Ainda que a Ortofon tenha sua sede na Dinamarca, sua linha de cabos é toda desenvolvida e fabricada no Japão. A linha Reference é composta de quatro modelos que receberam o mesmo nome de batismo das cápsulas da empresa, e à princípio foram feitos para trabalhar com as respectivas cápsulas, já que sua assinatura sônica é similar às mesmas. São eles: Reference Red, Reference Blue, Reference Bronze e Reference Black.

Testamos no ano passado o Reference Blue, e foi uma grata surpresa sua performance e seu custo, possibilitando a muitos leitores realizarem um upgrade em sistemas Diamante e Estado da Arte de entrada. Com o excelente desempenho do Reference Blue, pedimos à Alpha Áudio & Vídeo que nos enviasse assim que possível o modelo top de linha, o Black, pois inúmeros leitores nos solicitaram uma avaliação.

O fabricante especifica em seu site que o Reference Black é um cabo de referência com um som equilibrado, neutro e preciso. Os condutores de sinal são feitos de PCUHD (Pure Copper Ultra High Durability) em combinação com cobre 6N High Purity e HiFC (Cobre Puro OFC de alta performance). Dois feixes, cada um com 4 tipos diferentes de condutores, correm em paralelo e são orientados de tal maneira que sua estrutura interna é mantida assimétrica em relação uma à outra.

Veja a ilustração mais a frente e observe o primor e o cuidado na fabricação e montagem:

O material de amortecimento é fibra de algodão, e a blindagem utiliza fio trançado 4N OFC de 0,12 mm x 8 x 24. Isolamento de elastômero de alta resiliência livre de halogênio. O diâmetro do cabo é de 10mm e a capa é de polietileno. Os terminais, tanto no RCA como no XLR, são feitos por encomenda, sendo todos usinados em uma única peça, de excelente construção, pegada e acabamento.

Para o teste, que durou cinco meses, recebemos o Reference Black de 1m, RCA. Utilizamos o cabo em dezenas de equipamentos. E para o fechamento da nota ele esteve ligado hora entre o pré de phono Tom Evans e hora nos prés de linha Audio Research REF6 e Dan D'Agostino.

Tempo de amaciamento longo, de pelo menos 300 horas. Antes deste período, o cabo mostra inúmeras virtudes, porém seu equilíbrio tonal nas altas parece engessado até aproximadamente 250 horas.

É um cabo realmente de enorme precisão e neutralidade. Uma neutralidade muito rara nesta faixa de preço. Ideal para sistemas Estado da Arte que não precisam de nenhum tipo de 'equalização' ou turbinada. Sua correção tonal, depois de integralmente amaciado, é exemplar! Agudos extensos com um decaimento fantástico, velocidade e ➤

corpo excelentes nas altas frequências, médios muito naturais e ótimo equilíbrio entre transparência e musicalidade.

A região médio-grave precisa de pelo menos 280 horas para encorpar, mas depois que se estabiliza é um encanto, pois permite audições em baixos volumes na calada da noite, com peso e precisão. Os graves também possuem excelente corpo e deslocamento de ar. Senti apenas falta de mais um 'dedo' de energia e sustentação na última oitava na base do grave, mas seria querer demais em um cabo de menos de 5.000 reais!

Sua velocidade e resposta de transientes são impressionantes, e sua variação dinâmica tem folga e precisão idem. Como um genuíno 'camaleão', o Reference Black se molda ao que recebe e entrega o sinal da forma mais neutra possível. Ficou notória esta qualidade ao compararmos como ele se comportou ligado ao pré valvulado da Audio Research e ao pré de linha de estado sólido Dan D'Agostino.

Muitos leitores nos questionam se os cabos não devem ter um 'molho', para realçar a reprodução. E nos nossos Cursos de Percepção do Nível 2, referente a cabos, eu demonstro que este 'realce' sempre compromete algo no equilíbrio tonal. Então deve ser usado com enorme consciência das perdas e ganhos.

Pessoalmente, prefiro um cabo mais neutro e deixo esse 'realce' na assinatura sônica para a caixa acústica. Pois na caixa você pode escolher a assinatura sônica que mais lhe agrada. Cabos, dizia meu pai, são como pontes: precisam ser corretas para apenas levar o sinal de um ponto ao outro. E tentar corrigir defeitos de outros componentes ou da acústica e elétrica da sala, só irá criar novos problemas, principalmente quando se avança em upgrades com novos patamares de performance.

Em um cabo neutro, você pode perfeitamente realizar upgrades sem perda ou obsolescência do cabo. Já um cabo que foi escolhido para 'tapar um problema' do sistema, dificilmente se manterá em um novo upgrade, gerando mais custo e insegurança.

Gostei muito dos planos, profundidade do palco, largura e altura. Seu silêncio de fundo é muito bom, possibilitando um recorte e foco exemplares. Interessante como ligado ao pré de linha REF6 as texturas foram sempre mais 'molhadas' e com um aveludamento muito confortável, tanto em vozes como em instrumentos acústicos.

Já no Dan D'Agostino, as texturas se apresentaram menos 'molhadas', mas o grau de intencionalidade se mostrou muito mais fiel. Isso é uma virtude nos cabos neutros, essa flexibilização e compatibilidade.

O corpo harmônico de cima até o médio-grave é referencial, mostrando-se ligeiramente menor nas últimas duas oitavas do grave em relação às nossas referências, que custam até dez vezes o seu preço (Transparent Opus G5).

A materialização física do acontecimento musical (organicidade), foi excelente nas gravações tecnicamente boas, nos permitindo escutar por longas horas o sistema sem fadiga auditiva alguma.

CONCLUSÃO

O Reference Blue já havia nos seduzido pela sua performance e excelente custo benefício. O Reference Black, porém, é de outro escalão. Seu patamar e equilíbrio, em todos os quesitos de nossa metodologia, foi surpreendente, provando o que escrevo há mais de três anos: "O mercado de produtos e acessórios Estado da Arte vem conseguindo baixar seus custos e oferecer produtos que seriam inacessíveis para uma imensa legião de leitores no mundo todo, cinco anos atrás". Isso é altamente positivo, pois esta tendência é cada vez mais consistente, e o leque de opções cada vez maior.

Quem ganha com isso é o consumidor melômano e audiófilo, que sonha em ter um sistema definitivo Estado da Arte sem vender a alma ao diabo!

Aos nossos leitores mais antigos, pergunto: você imaginou que seria possível montar um sistema Estado da Arte gastando dez mil em um integrado, dez mil em uma caixa tipo coluna, sete mil em um DAC e cinco mil em um cabo de interconexão? Ou seja, ter um sistema definitivo de altíssimo nível por menos de 40 mil reais? Isso, meu amigo leitor, era impossível cinco ou seis anos atrás! Hoje é uma realidade em todo o mundo!

Para os que estão na caça de um cabo com excelente custo e performance, Estado da Arte, por menos de 5 mil reais, ouça o Reference Black, pois ele pode perfeitamente ser o cabo que você tanto quer para o seu sistema!

AVMAG #246
Alpha Áudio e Vídeo
(11) 3255.2849
R\$ 4.339

NOTA: 94,0



ESTADO DA ARTE

CABOS

CABO INTERCONNECT MAGGINI DA TIMELESS

Fernando Andrette



O mercado nacional de cabos está bastante ativo, mostrando uma vitalidade nunca antes apresentada. Da Timeless já testamos o seu cabo de entrada, o Amati (na edição 232) e agora nos foi enviado seu segundo cabo, que segundo o fabricante foi trabalhado por cerca de dois anos antes de seu lançamento oficial.

Com o sucesso do Amati, o objetivo foi aprimorar as qualidades oferecidas nele, privilegiando riqueza harmônica, maior transparência, velocidade e silêncio de fundo. Segundo o fabricante, antes da aprovação final do produto, foram produzidos aproximadamente 50 protótipos, onde foram avaliados diversos quesitos, ponto a ponto em configurações distintas com a ajuda de um time de colaboradores.

Estudando a condução elétrica, procurou-se equilibrar a condução do sinal tanto no domínio elétrico, quanto no domínio magnético. Uma vez que existe uma correlação entre essas grandezas físicas, e quando se trabalha com uma a outra é afetada automaticamente. Desta maneira a Timeless abordou essa questão do processo do sinal no domínio magnético de forma abrangente e desenvolveu a topologia TMC (Timeless Magnetic Collimation) que está sendo requerida patente por ser integralmente inovador.

No cabo RCA enviado para teste, o conceito continua sendo de baixa massa, com os condutores de cobre. O retorno do sinal é feito através de um condutor minimalista e por um único ponto de contato, o que minimiza as correntes parasitas (eddy currents), eliminando reflexões no sinal e preservando a micro-dinâmica.

Para o corpo dos conectores existem duas versões disponíveis: madeira e polímero. O fabricante recomenda sempre o plug de madeira, entretanto devido ao seu maior diâmetro, muitas vezes a distância entre os plugs não permite seu uso. A madeira para o plug é de jacarandá, obtida de origem controlada e venerada por luthiers por suas excelentes características sonoras.

O dielétrico é de algodão, impregnado com ceras naturais. Nos condutores são utilizados dois de cobre de alta pureza. O cobre é tratado termicamente (de modo a eliminar tensões no processo de conformação) e depois de pronto é recoberto por uma fina camada de estanho com estrutura amorfa. Os condutores paralelos são espaçados com distância calibrada, que permite manter a capacidade do cabo em valores extremamente baixos. A geometria paralela também permitiu um ajuste perfeito da impedância, evitando micro-reflexões (segundo o fabricante).

O acabamento é de algodão orgânico azul escuro, o que dá ao cabo (na minha opinião) uma apresentação muito bonita, se destacando naquele amontoado de cabos atrás dos equipamentos.

O Maggini versão RCA de um metro já veio semi-amaciado com quase 50 horas de queima. Ele foi utilizado em uma dezena de equipamentos entre pré de phono e pré de linha. Entre o pré e power da Emotiva, entre o dCS Scarlatti e o pré DanD'Agostino. No teste de todos os CH Precision e também no DAC da Hegel HD30. Já escrevi, quando testamos o Amati o cabo de entrada, que a leveza e os cuidados (que beiram o perfeccionismo) me agradam muito, fazendo com que os cabos da Timeless se 'destaquem na multidão'.

O azul marinho do Maggini foi uma escolha muito acertada em relação ao branco do Amati.

Comparado ao Amati, o Maggini de imediato se mostrou, em todos os quesitos de nossa metodologia, superior. Um silêncio de fundo impressionante, maior velocidade, melhor apresentação de micro-dinâmica, mais extensão na região alta e texturas ainda mais sedutoras.

Sua assinatura sônica é a mesma do Amati, porém mais refinada e melhor resolvida.

Sendo uma opção segura para sistemas Estado da Arte, também mais refinados e bem ajustados.

A Timeless, na minha opinião, está buscando seu nicho de mercado justamente no perfil do consumidor que é uma simbiose entre o melômano e o audiófilo (no qual me incluo), que deseja sim um cabo com todos os avanços possíveis na condução do sinal, como maior fidelidade, porém não abre mão de ter um conforto auditivo absoluto! Para esse consumidor, a transparência, macro-dinâmica, velocidade, não pode ser maior do que o conforto auditivo. Principalmente nas audições de gravações tecnicamente limitadas. Neste quesito os cabos da Timeless me parecem ter acertado 'na mosca'.

O Maggini possui um grau de inteligibilidade estupendo sem, no entanto, perder o equilíbrio entre inteligibilidade e conforto auditivo. Sua apresentação é sempre segura, equilibrada, consistente, sem jamais jogar luz ou pontualizar algum detalhe.

Outra qualidade que chamou muito a nossa atenção foi o alto grau de compatibilidade com todos os equipamentos que utilizamos para o teste. O amante da música, que deseja simplesmente esquecer de seus embates estafantes diários, irá amar este cabo. Pois ele possui a 'magia' de nos ajudar a relaxar e deixar o mundo dos negócios do lado de fora de nossa sala de audição. E quem não necessita desses momentos de isolamento para recarregar suas baterias e a fé na capacidade de enfrentar o dia a dia?

Conseguir o equilíbrio entre conforto e precisão é para poucos. E o Maggini ousou em ir nesta direção e se deu muito bem. Seu equilíbrio

tonal é muito bom, com extremos muito bem delineados, muito bom decaimento, velocidade e corpo. Sua região média possui calor, naturalidade e um silêncio de fundo em torno dos solistas que é cativante. O soundstage, em termos de foco e recorte, é cirúrgico, e os planos, tanto em largura como, altura e profundidade, são exemplares para a sua faixa de preço. Os transientes são excelentes tanto na apresentação de tempo, quanto de ritmo. E as texturas são literalmente 'palpáveis'! O ouvinte passará semanas apreciando detalhes de texturas em seus discos preferidos.

A micro-dinâmica é exemplar, graças ao seu silêncio de fundo e à macro-dinâmica está lá, quando a música assim o exige. Para os amantes de pirotecnia, esqueçam o Maggini, pois ele não trilha essa estrada. Porém, aos que reconhecem as limitações do estágio atual da reprodução eletrônica nesse quesito, certamente se darão por satisfeitos com a apresentação da macro-dinâmica do Maggini.

Como diria o meu pai: "Do que adianta um susto, em uma passagem dinâmica, se você perde a concentração em ouvir o todo?". Assim como a textura, a organicidade (materialização do acontecimento musical) é muito impactante no Maggini. Não se trata de nenhum efeito 'fantasmagórico', longe disso, mas sim de uma apresentação (nas gravações de alto nível técnico) de nos colocar junto com os músicos na sala de gravação!

Para os leitores que participaram do nosso Curso de Percepção Auditiva, certamente se lembrarão quando, ao apresentar o último quesito de nossa metodologia, eu chamava a atenção de todos para mostrar que a musicalidade é a soma equilibrada dos sete quesitos anteriores. E que assim, ainda que seja o único quesito de ordem subjetiva (pois leva em conta o gosto e expectativas pessoais), ele se apresentaria sempre em maior escala em relação à qualidade dos outros sete quesitos. A Musicalidade na nossa metodologia é a soma de todos os outros quesitos. Ainda que muitos sequer se dêem conta desta questão, todos conseguem, ao ouvir um setup muito bem ajustado e sinérgico, perceber o quanto o prazer em ouvir seus discos é ampliado. E ainda que tentem resumir aquela sensação de bem estar ao grau de musicalidade do sistema, o que está por de trás deste 'efeito' é o equilíbrio do todo. E neste quesito, musicalidade, o Maggini se destaca não pelo seu conforto auditivo, equilíbrio tonal, texturas sedutoras, etc, mas sim pelo todo! Possibilitando, como escrevi na apresentação do produto, ser um cabo de interconexão que conseguiu aliar um equilíbrio perfeito entre transparência e conforto auditivo.

CONCLUSÃO

Sempre destaco em meus testes, textos e palestras que como tudo na vida, existem fases que todos nós temos que vivenciar, aprender para então prosseguirmos em nossa jornada pela vida. Alguns fazem isso de forma prazerosa, outros com muita resistência e todo tipo de

CABOS

sentimento negativo. O audiófilo não está imune a todos esses obstáculos. Ele passará pela fase que chamo de deslumbramento (quando ele descobre as qualidades de um equipamento hi-end), a fase de busca do primeiro sistema que lhe dê prazer em 'redescobrir' todos os seus discos. A fase de se enturmar com outros audiófilos e, em algum momento de sua longa jornada rumo ao Santo Graal sonoro, realizará essa jornada por conta própria, assumindo inteira responsabilidade nas suas escolhas e sem se preocupar com a opinião dos outros.

Essa fase meu pai dizia se tratar da Peregrinação Final (e que geralmente só ocorre quando o audiófilo já se encontra em uma idade mais avançada e tem muito mais tempo para desfrutar de seu hobby). Ele já passou por todos os produtos 'da moda', todas as topologias possíveis e seu único desejo é ouvir seus discos sem ter que ficar discutindo com os amigos os erros e acertos de seu sistema. Para ele, tudo que mais importa é poder colocar suas gravações, sejam elas boas ou ruins tecnicamente, e ouvir ambas com o mesmo prazer.

Para esse perfil de audiofilos, o Maggini é um cabo que pode perfeitamente ser a 'cereja do bolo'! Não é o tipo de cabo com o qual os audiófilos ligarão para os amigos convidando-os para ouvir algo espetacular e inovador! Pelo contrário, irá selecionar entre os amigos, aqueles que conseguem sentar e ouvir silenciosamente uma obra, pela importância da obra e não do equipamento. Para esses, após a audição, os comentários serão em relação à performance dos músicos e a vontade de estender aquele momento por mais algumas horas, somente! Ninguém perguntará que cabo estava tocando, porém todos sairão satisfeitos com o prazer que aquela audição proporcionou. ■

AVMAG #242

Timeless Audio
(11) 98211.9869
RCA (1m) - R\$ 4.640
XLR (1m) - R\$ 5.520

NOTA: 95,0



ESTADO DA ARTE

CABO DE INTERCONEXÃO GUARNERI DA TIMELESS

Fernando Andrette

Estou bastante impressionado com o dinamismo com que os fabricantes de produtos hi-end nacionais estão empenhados na busca de uma maior participação de mercado. Inúmeros projetos estão sendo desengavetados e começam a ser produzidos. São equipamentos eletrônicos, cabos, caixas acústicas e até um toca-disco que já se encontra em fase inicial de teste.

Isso demonstra mais uma vez aquela máxima que nos lembra que após toda tempestade vem a bonança. Assim espero que ocorra, e que o próximo presidente - seja quem for - entenda que precisamos voltar a crescer e, para tanto, precisamos de reformas estruturais urgentes!

O Guarneri é o terceiro cabo da linha da Timeless, e seguindo o mesmo conceito dos cabos Amatti e Maggini (ambos já testados), o Guarneri é um cabo para aqueles que desejam o maior conforto auditivo e um grau de imersão musical que permitam escutar todos os estilos e mesmo gravações tecnicamente mais limitadas.

O que mais me agrada é, quando eu consigo através dos produtos entender o 'objetivo' que estava por de trás da ideia do projetista. E quando percebemos que o 'objetivo' conseguiu vencer a barreira do idealismo para o concreto, aí é de uma enorme satisfação comunicar aos nossos leitores que, de fato, tudo que o projetista imaginava e

almejava, ocorreu! Esse é um momento glorioso para o projetista, ver que seu produto atendeu a clientes que esperavam justamente por aquele produto.

O Guarneri não é apenas mais do mesmo, em relação aos outros dois produtos já lançados. Pelo contrário, ele rompe com as duas séries anteriores ao dar um salto de qualidade significativo. Já escrevi por diversas vezes que, em nossa metodologia, quando um produto em relação a um anterior avança quatro pontos, ele deu na verdade um salto de qualificação, desenvolvimento e performance. E foi isso exatamente o que ocorreu com o Guarneri.

Neste novo cabo, os condutores escolhidos foram a Prata e o Carbono, aplicados de maneira exemplar, na minha opinião, pois mantiveram a assinatura sonica e as principais qualidades dos produtos já em linha, porém com muito maior refinamento e naturalidade em relação aos dois modelos anteriores.

O fio de prata escolhido é fabricado sob rígida especificação, com um alto grau de pureza de 5N (99,999% pura) bem como características específicas de estrutura cristalina (recristalização de grãos longos), para tirar ênfase do brilho excessivo que, muitas vezes, a prata apresenta. O metal é recoberto com uma malha de seda orgânica e é tratado pelo processo TMC. ▶

Já o condutor de carbono é composto por 3 mil fios de carbono puro, com espessura de 6 mícrons (10 vezes mais fino que um fio de cabelo). O carbono é então impregnado por um processo proprietário e inovador denominado Timeless Meta State, e então revestido por uma delicada malha de algodão, também tratado pelo processo TMC.

O processo TMC (até aonde conseguimos saber, já que está em processo de patente), consiste na impregnação do condutor com nano partículas diamagnéticas, para controlar e colimar o campo magnético ao redor do fio, equalizando os giros de fase e tempo inerentes ao fenômeno de condução do sinal musical.

Já a tecnologia TMS, consiste em impregnar os condutores também com partículas em escala nanométrica, somente na superfície do condutor, para melhorar a condução do sinal. Os plugues do cabo enviado para teste foram RCA de baixa massa, de cobre, com o pino central oco, com o objetivo de minimizar o efeito pele (Skin Effect). O retorno do sinal é feito através de um condutor minimalista e por um único ponto de contato, para minimizar as correntes parasitas (Eddy Currents), eliminando assim reflexões do sinal e preservando a micro-dinâmica.

Para o corpo dos conectores recebemos a versão top com corpo de madeira. Assim como nos outros dois produtos deste fabricante, a madeira escolhida foi o Jacarandá, obtido com origem controlada, com excelente acabamento, pegada e uma sonoridade muito natural e precisa.

Já a versão XLR utiliza o plugue Switchcraft, com o corpo modificado ou, se o cliente desejar, pode também ser produzido com outros plugues, escolhidos pelo cliente.

O acabamento é feito com algodão orgânico no tom azul escuro. A geometria escolhida para o Guarneri foi de fios paralelos espaçados (com distância calibrada) que permitiu manter a capacidade do cabo em valores extremamente baixos, possibilitando uma maior compatibilidade entre os equipamentos.

Antes de chegar ao Guarneri, o Giovanni me apresentou pelo menos uns dez protótipos deste produto. E, ainda que nos protótipos era audível a superioridade em relação aos modelos já comercializados, a sensação é que tínhamos apenas mais do mesmo. Então, foi uma enorme surpresa quando o Giovanni me trouxe o produto já finalizado e me pediu para escutar.

Foi uma audição memorável! Pois tanto ele, o pai da criança, como eu, tivemos a absoluta certeza que neste cabo o salto tinha sido realmente significativo. Ouvimos por horas, com inúmeros discos da metodologia e saímos desta audição convencidos que tínhamos um produto que quebraria a barreira dos 95 pontos. Esse é um número que separa os excelentes cabos hi-end dos grandes, e de um seletíssimo grupo de cabos Estado da Arte!

Voltando ao começo, tudo que o Amatti e o Maggini fazem de melhor, que é o melhor conforto auditivo possível, o Guarneri vai bem mais adiante. Nele, o silêncio é absurdamente mais estendido, os extremos



CABOS

possuem melhor e maior decaimento, corpo, velocidade e naturalidade. A apresentação dos planos é correta na largura, altura e profundidade, mas nos dá com total precisão se o cantor estava sentado ou em pé no momento da gravação. E o silêncio entre os instrumentos possui aquele refinamento que nos dá uma ideia 'quase visual', em 3D, de cada solista!

Ouvindo uma obra para violino e piano, foi possível observar o movimento do violinista, com o microfone colocado acima do instrumento, fazendo com que o foco e recorte ampliasse e diminuisse com o movimento do músico, fazendo nosso cérebro acompanhar o solo como se estivéssemos vendo o que ouvíamos!

Não é a primeira vez que ouço com esse 'requinte' essa obra, mas conto nos dedos das mãos as vezes que cabos me apresentaram este grau de refinamento na qualidade do soundstage e na materialização física do acontecimento musical (organicidade).

Seu equilíbrio tonal é simplesmente magnífico, pois não coloca luz aonde não existe, e nem tão pouco busca imprimir conforto auditivo, eliminando algum tipo de aresta ou excesso em gravações tecnicamente limitadas. Não, sua proposta é outra: possibilitar que o ouvinte 'negocie' o volume correto dessas gravações mais limitadas e, ainda assim, tenha a oportunidade de apreciar a obra sem sobressaltos ou deceções.

Adoro, para a 'prova dos nove', ouvir as gravações de Tutu e Amandla, de Miles Davis, no CD versão prensada pela Microservice. Cara, é preciso coragem para não pular da janela nas notas mais agudas de Miles com surdina em seu trompete. Parece uma broca furando seu tímpano! Eu sempre mostro, no Curso de Percepção Auditiva Nível 3, a diferença entre o CD nacional e o LP também prensagem nacional, desses dois discos. Quando toco os LPs, a sala em uníssono só exclama: OHHHHHH! É realmente ir do inferno para o céu, em um segundo!

Pois bem, o Guarneri não faz o 'milagre' de transformar água em vinho, mas com o volume correto torna essas passagens muito mais palatáveis, e não pense que ele utiliza algum truque sujo, como capar as altas, por exemplo - ele simplesmente combate essa equalização excessiva que foi utilizada na prensagem nacional com o seu excepcional equilíbrio tonal. Essa é a fórmula utilizada por todos os fabricantes de cabos Estado da Arte top. Maior folga, melhor equilíbrio tonal, consequentemente uma textura muito mais precisa e natural e, portanto, este pacote será traduzido em maior musicalidade, que nosso cérebro traduz como: maior conforto auditivo. Não é o contrário, como muitos pensam.

A resposta para esse enorme problema chamado 'digital', é ampliar a folga para o cérebro 'intuir' como melhora em todos os quesitos audíveis.

Estamos preparando uma nova série de cursos, que serão ministrados na nossa própria sala de testes. Grupos menores (com apenas seis leitores em cada seção), em que mostraremos, na prática, exatamente o que estou tentando explicar em palavras aqui. Se conseguir reduzir meu volume de consultorias, iniciaremos as primeiras novas turmas já na primavera. Temos já uma lista de espera com mais de 40 leitores, pré-incritos.

Voltando ao que interessa, o Guarneri, com sua folga, silêncio de fundo, organicidade, equilíbrio tonal e soundstage, que construa o alicerce para os quesitos textura, transientes, dinâmica e corpo, também serem excepcionais, permitindo que o quesito que é a consequência dos setes quesitos anteriores - a musicalidade - receba uma pontuação muito alta.

O que nos leva ao conceito e objetivo centrais deste fabricante: ausência de fadiga auditiva e imersão no acontecimento musical. Falando assim, de maneira objetiva, parece fácil de se atingir. E aí se encontra exatamente a fronteira entre os que desejam e os que fizeram. A Timeless, com esse terceiro produto, não só atravessou essa fronteira como nos dá uma enorme 'esperança' que seu produto top de linha, quando for apresentado, possa realmente atingir um nível superlativo em termos de performance. Só o tempo nos dirá.

Para todos que clamam por um cabo Estado da Arte, que dê a seus sistema aquele toque final que traduzimos como 'encaixe perfeito', capaz de nos fazer revisitar toda nossa discoteca com orgulho e a sensação de dever cumprido, a audição do Guarneri é obrigatória!

O Guarneri chegou no fim da estação de outono, e veio como um pedido (talvez inconsciente) de aquecer as frias noites de inverno aqui na montanha, com boa música, uma taça de vinho e a família em volta.

Já avisei o Giovanni: agora o Guarneri faz parte da nossa linha de cabos de referência. Veio para ficar, e para nos ajudar a mostrar o que um cabo deste nível pode fazer por um sistema bem ajustado quando iniciarmos a nova safra de Cursos de Percepção Auditiva.

AVMAG #243

Timeless Audio
(11) 98211.9869
RCA (1m) - R\$ 5.560
(R\$ 780 / 0,3 m adicionais)
XLR (1m) - R\$ 6.540
(R\$ 890 / 0,3 m adicionais)

NOTA: 99,0



ESTADO DA ARTE



8 Murasaki

Musique Analogue

Cápsula MC Sumile
“Um conforto exuberante”



TD 203



3XL

ESTADO
DA ARTE 



VA-ONE

THORENS®

**DeVORE
FIDELITY**

QUAD
the closest approach to the original sound

STRESSFREE CABLE CATALOG
ACROLINK

FLUX
HIFI

JELCO
MADE IN TOKYO



DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

fernando@kwhifi.com.br - (48) 3236.3385
(48) 98418.2801 - (11) 95442.0855

www.kwhifi.com.br



CABOS

CABO DE CAIXA SUNRISE LAB QUINTESSENCE MAGIC SCOPE

Fernando Andrette



PRODUTO DO ANO
EDITOR



Foi uma grande surpresa testar os novos cabos da Sunrise Lab, o Reference Magic Scope, e publicar nossas impressões na edição 237. De memória acredito que tenhamos avaliado pelo menos uns dez cabos desse fabricante nacional, que até então primava em oferecer ao mercado cabos com boa performance, porém mais de entrada, para equipamentos categoria Ouro e Diamante.

Foi com o desenvolvimento do novo integrado V8 MkIV que a Sunrise começou a mirar no mercado mais acima, com a mesma filosofia desde sua fundação: fidelizar a marca aos seus consumidores. Assim, cada produto Sunrise Lab adquirido sempre pode sofrer upgrade e receber os novos avanços tecnológicos. O consumidor que comprou o V8 primeira versão pode, tranquilamente (pagando praticamente menos da metade do modelo novo), migrar para a versão mais atual, sempre.

Agora, na versão MkIV, o V8 continua sendo um sucesso de vendas e muitos dos que possuem as versões anteriores estão atualizando seus integrados. Tornando-se de longe o integrado hi-end nacional mais vendido pós reserva de mercado.

Essa estratégia de marketing levou o engenheiro Ulisses a pensar minuciosamente em cada novo lançamento, para que além de avanços tecnológicos comprovados, cada novo produto tenha a capacidade de gerar novas 'séries', que permitam a troca com grande economia de custo para o seu cliente.

Esse é o caso da topologia de cabos Magic Scope, desenvolvida à princípio para a linha Reference, que se mostrou promissora, e que acaba de também ser aplicada à linha mais premium já desenvolvida por este fabricante: a série Quintessence.

Nesta edição apresentaremos o cabo de caixa que já está em teste há quase cinco meses e nas próximas edições publicaremos as avaliações do cabo de interconexão e digital.

O cabo de caixa Quintessence é um cabo flexível, composto por dois condutores (positivo e negativo), agregados em armadura magneto restritiva, em arranjo reverso, minimizando temporalmente os efeitos capacitivos, indutivos e resistivos de cada condutor. O cabo utiliza cobre OFC de alta pureza, acabamento em termo-retrátil e capa de nylon, elemento para bifurcação dos pólos do cabo em ABS.

O sistema Magic Scope se mostrou ainda mais revolucionário nessa nova série Quintessence. Para quem não leu os testes dos cabos Reference, faço um breve apanhado da tecnologia Magic Scope.

Trata-se de um sistema desenvolvido pela Sunrise Lab que tem, como objetivo central, a redução e controle de ondas estacionárias que trafegam no cabo sempre que conduzem correntes elétricas. Essas ondas estacionárias impedem que o sinal seja transmitido com perfeita integridade pelos cabos (independente do material utilizado e da geometria escolhida na construção). Com a topologia Magic Scope esses obstáculos não existem! ▶

Na linha Quintessence, esta implementação da topologia Magic Scope pelo uso de materiais mais sofisticados que os da linha Reference, resultou em uma performance ainda mais impressionante. Para chegar a esta conclusão, utilizei durante os testes, no nosso sistema de referência, tanto a série Reference Magic Scope, quanto um setup completo da série Quintessence Magic Scope.

Sempre que tenho a oportunidade em nossos Cursos de Percepção Auditiva, respondo a uma das perguntas mais recorrentes dos leitores: "quantos pontos na Metodologia da Cavi define-se a troca de categoria?". Com uma demonstração prática, mostro que em geral uma diferença de quatro pontos na nossa Metodologia já permite que mesmo o leigo observe mudanças no equilíbrio tonal, macro-dinâmica, transientes e corpo harmônico. Em mudanças superiores a cinco pontos, o ouvinte observa alterações também na apresentação geral do soundstage e, principalmente, na materialização física do acontecimento musical (organicidade). Ou seja, em cinco pontos a distância é bastante significativa, pois teremos uma apresentação praticamente melhor em todos os quesitos da Metodologia, o que em termos gerais resulta em maior inteligibilidade de todo o acontecimento musical e menor fadiga auditiva.

E quando saltamos da categoria Diamante para a Estado da Arte top? Aí, meu amigo, temos que acrescentar dois elementos novos à nossa percepção auditiva: maior folga nas passagens dinâmicas e uma apresentação capaz de enganar nosso cérebro de que o que estamos ouvindo já não é mais reprodução musical eletrônica.

E agora eu coloco uma outra questão para vocês pensarem: em um sistema Estado da Arte sinérgico, com acústica e elétrica dedicadas, com cinco pontos entre dois sistemas Estado da Arte qual é a diferença audível? Não será tão simples se notar as melhorias em cada quesito, como quando saltamos de Diamante para Estado da Arte, porém o que ocorre é que tudo que já está correto ganha uma lapidação e refinamento que traduzimos como uma melhora total!

Nosso cérebro traduz em palavras esse fenômeno auditivo como um crescimento do todo em favor de uma melhor inteligibilidade (principalmente na apresentação da micro-dinâmica) e um conforto auditivo pleno (que muitos traduzem como: o sistema fica mais musical, quente, molhado, etc).

O leitor mais interessado apenas nas nossas avaliações deve estar se perguntando: "por que diabos esse cara enveredou por este caminho?". Para tentar explicar as diferenças entre o cabo de caixa Reference Magic Scope, que alguns leitores já colocaram em seus sistemas e estão maravilhados com as melhorias conquistadas, e o que ocorrerá (em sistemas que estejam próximos dos 100 a 102 pontos) com a troca para o Quintessence Magic Scope.

Pois eu perguntei exatamente isso ao Ulisses, quando ele me mandou o Quintessence para teste: "espere um pouco até as pessoas entenderem o avanço que essa topologia oferece, homem!". E ele me explicou que ao ouvir e comparar ambos eu entenderia sua estratégia. Confesso que o fiz com certo desdenho, achando que ouviria apenas o mesmo apresentado de outra maneira, como se fossem versões musicais de uma obra que você acredita ser irretocável no original!

Errei feio! Foi um choque observar que na verdade sua topologia Magic Scope está apenas em seu nascedouro e que provavelmente continuara por muitos e muitos anos nos brindando com cabos cada vez mais excepcionais e revolucionários! Isso não é uma profecia e sim uma constatação!

Aqueles que já compartilharam conosco suas impressões do Reference em seus sistemas relatam: uma folga tão grande que conseguem escutar discos tecnicamente ruins como jamais ouviram. Outros falam da energia e deslocamento de ar que os colocam na sala de gravação no meio dos músicos. E todos chamam a atenção para o grau de silêncio de fundo do cabo que permite uma inteligibilidade absurda!

Pois bem, tudo isso eu ouvi ao testar toda a linha Reference, e parti-lhei essas observações com todos vocês. E ainda que o cabo de caixa Reference tenha tido uma nota excelente (95 pontos) e atenda perfeitamente a 95% dos audiofilos que possuem um sistema Estado da Arte, o Quintessence foi muito além! E, dependendo do terminal escolhido pelo comprador, a diferença do Quintessence para o Reference pode chegar a seis pontos!

Uma diferença estúpida em termos de silêncio de fundo, inteligibilidade, folga, conforto auditivo, e essencial para finalmente escutarmos gravações tecnicamente sofríveis com um prazer jamais possível em sistemas hi-end!

Para o teste utilizamos os seguintes equipamentos: Amplificadores Hegel H30 e CH Precision M1, e integrado Hegel H190. Caixas acústicas: Dynaudio Contour 60 (leia Teste 3 na edição 240), Devore 88x e Kharma Exquisite Midi. Pré-amplificadores: Sennheiser HE 1 (leia Teste 1 na edição 240, como pré-amplificador de linha), Dan D'Agostino e CH Precision L1. Fontes digitais: sistema dCS Scarlatti e CH Precision C1. Cabos de interconexão: Sax Soul Ágata (XLR e RCA), Sunrise Lab Quintessence Magic Scope (XLR e RCA) e Transparent Opus G5 (XLR).

O cabo veio com quase 20 horas de amaciamento, e o Reference utilizado no teste já estava com mais de 300 horas! Assim que retirei o Reference Magic Scope totalmente amaciado e coloquei o Quintessence ainda em processo de amaciamento, lembrei-me do aviso do Ulisses: "ouça e você irá entender a razão de lançar, simultaneamente ao Reference, essa nova linha". Pois o bicho estava coberto de razão: o salto foi muito grande para segurar tamanho avanço tecnológico!

CABOS

A música ganha uma energia controlada com um grau de precisão em tempo, ritmo e espacialidade tridimensional, que é preciso alguns minutos para assimilar aquelas informações tão precisas à sua frente.

A segunda questão que foi imediatamente escancarada é seu equilíbrio tonal, que nos coloca em um conforto auditivo que só experimento com o Opus G5 e com o Absolute Dream da Crystal Cables (ambos cabos de 105 pontos na nossa metodologia).

Estava sendo testemunha auditiva, naquele exato momento, de um acontecimento histórico para a indústria nacional: a quebra do patamar de 100 pontos na construção de cabos produzidos aqui. Isso sem ainda escutar o setup completo Quintessence, mas apenas o cabo de caixa.

Extasiado com o resultado em nosso sistema de referência, e com uma viagem marcada ao Rio de Janeiro para uma visita a um querido amigo, possuidor de um sistema com 104 pontos em nossa metodologia, não tive dúvida: coloquei o cabo na mala e lá fui eu escutar o Quintessence em um sistema ainda superior ao nosso!

Tive o prazer de ouvir então na Wilson Audio Alexandria XLF. E tanto eu como o querido amigo dono de tão espetacular sistema, ficamos encantados como a Alexandria tocou, principalmente gravações tecnicamente limitadas!

Resultado: meu amigo comprou o Quintessence para seu sistema, pois também reconheceu a beleza e naturalidade do cabo para escutar gravações com menor qualidade técnica.

Voltei da viagem ainda mais seguro de que o Quintessence e a topologia

Magic Scope irão fazer história na audiofilia mundial.

Até o momento tive a oportunidade de escutar os dois modelos de cabo de caixa com essa topologia Magic Scope em mais de uma dezena de caixas, e todas se beneficiaram em todos os sentidos. Assim como os amplificadores. Ambos, caixa e amplificador, parecem trabalhar com maior folga e controle em toda a faixa do espectro audível!

Mas o Quintessence vai alguns passos além do Reference ao oferecer ao ouvinte a oportunidade de realmente colocar à prova se o seu sistema suporta escutar as gravações próximas do volume em que foram gravadas e mixadas. Toda gravação possui um volume correto e, se você passa do ponto, imediatamente certas freqüências endurecem ou pulam para frente, trazendo desconforto auditivo imediato!

O Reference avançou significativamente esse limite, porém o Quintessence jogou essa possibilidade em outra dimensão. Mas, o incrível é que graças ao seu silêncio e equilíbrio tonal absurdo, o contrário (ouvir em volumes mais baixos que o correto), também é excepcional! Você se sentirá recompensado quando, na calada da noite, em respeito à sua família, você precisa baixar o volume e muito do peso e

corpo (principalmente no médio-grave) desaparecem. No Quintessence esse efeito de perda de inteligibilidade não ocorre. Simplesmente o prazer é o mesmo, seja no volume próximo do ideal ou com volume reduzido.

Sua apresentação espacial nos três planos (largura, altura e profundidade) é literalmente 3D. Em música clássica gravada em excelentes salas com uma captação correta, a apresentação dos planos é um dos pontos fortes do seu soundstage. Percussão e naipe de metais ficam metros atrás dos naipes de cordas, e nunca amontoados uns por cima dos outros.

No Quintessence o grau de materialização física só irá variar pela qualidade técnica da gravação. Mas graças à sua folga e energia, temos sempre a oportunidade de apreciar com a devida atenção e prazer todos os nossos discos sem nenhuma exceção.

E em termos de compatibilidade com caixas e amplificadores, sua integração foi absoluta, tornando o cabo de caixa de maior compatibilidade por nós já testado.

CONCLUSÃO

Eu nem me refiz da surpresa de conhecer o Reference Magic Scope e a Sunrise Lab nos presenteia com uma nova safra ainda acima da já impressionante série Reference!

Com este salto, a Sunrise se credencia a um lugar de destaque não só no mercado nacional. Assim como a Audiopax, do saudoso e querido amigo Eduardo de Lima, que nos colocou no mapa mundial do mercado hi-end, a Sunrise Lab está pronta para galgar o mesmo caminho e objetivar o mesmo sucesso!

Espero estar vivo para ver isso ocorrer!



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=INKKGEJXXI8](https://www.youtube.com/watch?v=INKKGEJXXI8)

AVMAG #240

Sunrise Lab

(11) 5594.8172

Até 2 metros / par com:

- terminação padrão: R\$ 12.000
- terminação Furutech: R\$ 14.000

Cada 0.5 metro/par adicional: R\$ 2.000

NOTA: 102,0



ESTADO DA ARTE

CABO DE INTERLIGAÇÃO SUNRISE LAB QUINTESSENCE

Fernando Andrette

**PRODUTO DO ANO
EDITOR**

Foi literalmente um parto a publicação deste teste, afinal eles estão comigo há nove meses e cada vez que achava que poderia publicar minhas avaliações, lá vinha o Ulisses me pedindo mais um tempo, pois ele queria avaliar um novo upgrade, hora no Magic Scope, hora nos plugues do cabo.

E assim o tempo foi passando e eu escutando pelo menos uma dúzia de variações - sutis, é verdade - mas que, como um diamante bruto na mão de um especialista, foi ganhando lapidações até se tornar literalmente uma jóia rara.

Quando percebi que o potencial dessa topologia Magic Scope era muito fora da curva, e que com cabos ainda melhores que o da série Reference, tornou-se uma questão difícil avaliar o limite que esses Quintessence poderiam atingir. Então relaxei e liberei o teste e sua publicação somente para quando o Ulisses se desse inteiramente por satisfeito (quem o conhece, sabe que mesmo depois de lançado o produto, ele continua arquitetando futuros upgrades e já me confessou que novos materiais serão utilizados em uma futura geração). Mas, pelo menos os Quintessence de interconexão estão prontos e já começaram a ser comercializados.

Para quem não leu o teste do Quintessence de caixa acústica, eu sugiro a leitura, pois ali o leitor terá uma ideia exata do salto e do que representa essa topologia Magic Scope neste segmento. Com o teste, o Quintessence de caixa substituiu meu cabo de referência por

longos anos, o Transparent Reference XL MM2. E não pensem que foi uma decisão difícil, pois ficou claro desde o inicio dos testes que o Quintessence era em tudo superior ao meu Reference XL MM2. E o melhor de tudo: custando um terço do valor do meu cabo! E nos dias de hoje, com o dólar nas alturas, isso literalmente faz muito bem ao bolso!

Para o teste o Ulisses nos mandou dois sets RCA de 1 metro (para usarmos tanto no digital, como no setup analógico) e dois pares XLR para ligarmos todo o sistema com Quintessence. É maravilhoso quando os importadores e fabricantes de cabos nos mandam um setup completo, pois isso facilita demais nossa vida.

Segundo o fabricante, a linha Quintessence possui, além da topologia Magic Scope, alguns cuidados essenciais para sua performance como: boa parte do dielétrico (35 %) é ar, fazendo o cabo ser extremamente leve e flexível. O material do condutor é cobre OFC de alta pureza, com seção total do condutor de 0,14mm². A blindagem é dupla, formada por alumínio laminado e cordoalha de cobre OFC, também de alta pureza. Diâmetro total do cabo RCA é de 7 mm, e do XLR é de 13 mm. Acabamento: Malha de nylon cor cinza e termo retrátil. Terminação Furutech com banho de ródio. Topologia Magic Scope: duplo transverso.

Falei no teste do cabo de caixa Quintessence como a topologia Magic Scope se comporta sonicamente - é como se o sinal escoasse ➤

CABOS

sempre sem nenhum tipo de obstáculo. Soando sempre com mais energia, maior folga, silêncio de fundo e uma holografia 3D muito superior a outros cabos. Essas características também estão presentes nos cabos de interligação, com uma qualidade a mais: não precisam estar com o set completo de Quintessence para mostrarem suas virtudes. Como eu sei? Ouvindo por todos esses meses os Quintessences misturados com Transparent Opus G5, Sax Soul Ágata, Guarneri da Timeless, Crystal Cable Absolute Dream, etc.

Outra enorme qualidade: seu alto grau de compatibilidade com qualquer eletrônica, seja valvulado ou transistor! O primeiro impacto ao colocar no sistema o Quintessence é de que o sistema 'ascendeu', mudou de patamar, como me disse um amigo pianista. Tudo se torna mais presente, palpável e viciante!

Mas, a magia está em conseguir um equilíbrio entre presença e conforto auditivo. Ele não subtrai de forma nenhuma o conforto auditivo, ele só coloca o ouvinte em uma outra 'perspectiva'. Como se jogasse o ouvinte para mais perto do acontecimento musical! E antes que alguém pergunte se ele soa mais frontal, já respondo: não!

Sua outra 'magia' está na apresentação holográfica 3D! Palco com uma profundidade, altura e largura excepcional e um foco, recorte e silêncio entre os instrumentos magistral! É preciso ouvir para crer em toda essa descrição que estou passando a vocês. Mas, não pensem que é necessário um sistema vultoso de alguns milhões de dólares, para o Quintessence mostrar todas essas suas virtudes. O Ulisses tem feito essas demonstrações em sua sala com sistemas bem modestos em termos de valores. Quem tiver o interesse de ouvir para crer, marque uma audição! Muitos leitores já experimentaram o 'efeito Magic Scope', e alguns estão postando suas impressões nos fóruns. A sensação depois do sistema todo com Quintessence, é que a amplitude do sinal é extremamente mais orgânica e muito mais natural, seja em termos de timbre, resposta de transientes, texturas e principalmente dinâmica!

Tanto que eu brinco com o Ulisses que essa série Quintessence deveria vir com uma advertência ao usuário: "Cuidado, pois depois de instalado e amaciado haverá uma forte tendência de querer abusar do volume". Pois a sua folga eu só escutei até hoje em outros dois produtos: Absolute Dream da Crystal Cable, e o Opus geração 5 da Transparent Audio. Nenhum outro cabo permite essa folga, que nos leva a sempre querer testar o limite das gravações. Sejam elas tecnicamente primorosas ou não.

Outro 'fenômeno sonoro' desses cabos é a capacidade e o prazer que temos em escutar discos com compressão ou excesso de equalização. Aqueles que, há muito tempo, jogamos no fundo da gaveta e só não descartamos por gostar muito da obra (e sempre termos a esperança que em algum momento, poderemos resgatá-los). Pois com o Quintessence, será este o momento!

O que eu desenterrei de discos que não ouvia há anos foi um absurdo. Passei finais de semana só aumentando a pilha de discos 'inaudíveis' e me deliciando em recuperar obras que aprecio artisticamente. Até aqueles CDs que você ganha de final de ano de amigo secreto, tipo *The Best Of*, da Sade, eu escutei rs!

O impressionante desta topologia Magic Scope é que ficou patente que, à medida em que se utiliza cabos mais sofisticados (com maior pureza), a performance também só cresce. Em alguns momentos do teste fiquei tão 'desorientado' para chegar às minhas conclusões e fechar a nota do cabo, que pedi ao Ulisses que me emprestasse novamente um set de Reference Magic Scope, pois em minhas anotações a diferença entre esta série e a Quintessence era maior que cinco pontos (o que na nossa metodologia representa um outro patamar de classificação). Esperei por algumas semanas antes dele me enviar os References já totalmente amaciados, e minha impressão estava certa! O Quintessence não é apenas superior em todos os quesitos da metodologia, é muito superior!

O nível de folga, energia, organicidade, silêncio de fundo, conforto auditivo e naturalidade jogam a performance do Quintessence para um outro degrau muito, mas muito, mais acima do Reference!

Satisfeito com o resultado, só podíamos comparar o Quintessence com os nossos melhores cabos de referência: Opus G5 e Absolute Dream (sim meu amigo, é isso mesmo, estamos falando de cabos que receberam 105 pontos em nossa metodologia). Foram dois meses de testes exaustivos, pois não tínhamos um set completo nem de Opus G5 ou do Absolute Dream para fazer um A X B direto. Isso demandou paciência e estratégia para buscarmos saber a pontuação final do Quintessence.

Essa necessidade também exigiu que mantivesse o Reference XL MM2 de caixa no sistema para oportunamente ouvir o Opus G5 com um cabo com a mesma assinatura sônica. Conseguí também, por uma semana emprestado, o Absolute Dream de caixa, o que me permitiu também escutar o Absolute Dream com seu par.

Resultado: o Opus G5 e o Absolute Dream continuam com sua hegemonia sonora intactas.

Não foram ameaçados pelo Quintessence, mas nunca um cabo nacional chegou tão próximo de ameaçar este trono. Tanto que, juntos, os três no nosso sistema de referência elevaram a resolução para um novo patamar. O casamento foi fantástico! A ponto de inúmeros colaboradores, amigos e importadores que ouviram o sistema com os três tocando juntos, admirarem o nível de performance que o sistema atingiu.

Outra enorme ajuda foi ter a disposição os produtos da CH Precision (que estão acima do nosso sistema de referência) e ouvir como este setup de cabos se comportou.

CONCLUSÃO

O Quintessence vira literalmente a página da história de cabos produzidos no Brasil e se coloca no mesmo patamar dos cabos Estado da Arte de nível superlativo existentes hoje no mercado. E com uma vantagem que trará muito desconforto e dificuldades para os cabos Estado da Arte importados: o preço! Ele custa literalmente uma fração do valor desses cabos top importados.

E consegue não só ombrear com os melhores, sendo que em alguns tópicos até os supera. Se você sempre desejou fazer um ajuste no seu sistema em que consiga aliar conforto auditivo, organicidade e holografia 3D, sem perder a naturalidade, fidelidade e musicalidade, você tem que ouvir o Quintessence, pois eles entregam tudo que prometem!



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=E6T3XYQYAVQ](https://www.youtube.com/watch?v=E6T3XYQYAVQ)

AVMAG #244

Sunrise Lab

(11) 5594.8172

RCA (1 metro/par): R\$ 9.900

Cada 0.5 metro/par adicional + R\$ 1.300

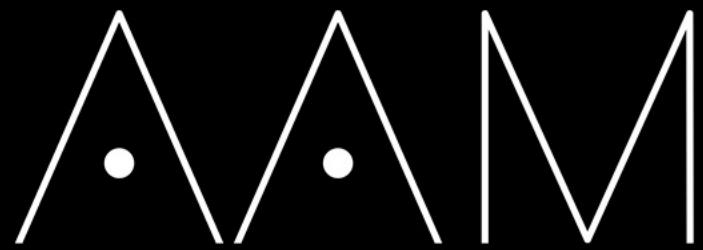
XLR (1 metro/par): R\$ 11.900

Cada 0.5 metro/par adicional + R\$ 1.600

NOTA: 102,0



ESTADO DA ARTE



Para quem deseja extrair o melhor do seu sistema analógico.

A AAM presta consultorias em áudio e é especializada em instalação e ajustes de equipamentos analógicos - toca-discos e gravadores open reel.

andre@maltese.com.br - (11) 99611.2257

RACK

RACK DE 3 PRATELEIRAS MAGIS AUDIO

Fernando Andrette



O Brasil ainda é tímido na fabricação de racks de qualidade hi-end. Tivemos, por alguns anos, a soberania absoluta dos racks da Airon, depois surgiram os da Audio Concept, e mais recentemente o rack Timeless Unlimited do Giovanni (na edição 230). E agora a Magis Audio também apresenta seu primeiro rack, de três prateleiras.

Sempre elogiei a Magis pelo padrão de acabamento e as soluções criativas dadas aos seus produtos e acessórios. Mas, ao receber para a teste o rack deste fabricante, devo dizer que eles se superaram em termos de design, tamanho e performance.

Todo o processo de desenvolvimento do rack de três prateleiras partiu de filosofias estruturais voltadas ao mundo de áudio hi-end. Além da preocupação extrema com o design moderno e limpo, foi fabricado usando um desenho estrutural visando um escoamento e dissipação de energias e vibrações para o piso e para dentro da própria estrutura, não exigindo que complexos ou exóticos materiais ou procedimentos fossem utilizados. Assim começa o descriptivo do projeto enviado pela Magis com o produto (creio que esse texto de apresentação também esteja no site da empresa).

A estrutura é toda de perfis de alumínio extrudado de alta resistência e baixíssima ressonância, em uma geometria adequada que permite o tráfego de vibrações para o piso através dos spikes e pucks especiais. A estrutura central do rack é confeccionada em perfis quadrados de

60 mm, e os entraves internos com perfis de 40 mm. São fabricados em liga de alumínio de altíssima resistência, com acabamento acetinado, anodizados na cor prata.

As três prateleiras são em vidro temperado de 10 mm de espessura, de cor fumê, e apoiadas na estrutura do rack em botões de borracha nitrílica. Segundo o fabricante essa composição do vidro temperado nas prateleiras com o alumínio extrudado foi a melhor solução, com os melhores resultados, dissipando as frequências mais altas e não permitindo que ressonâncias espúrias circulem e se repercutam dentro da estrutura do rack, ou vibrem os equipamentos assentados nas prateleiras do mesmo.

O fabricante indica que a prateleira de cima seja utilizada para toca-discos e CD-Players, e as duas outras prateleiras para amplificadores, tanto de estado sólido como valvulados. Ainda segundo o fabricante, cada prateleira suporta cargas de até 60 kg. Sob consulta, a Magis também fornece prateleiras em vidro temperado em maiores espessuras, ou também o rack em outras dimensões pode ser confeccionado sob encomenda.

O rack enviado para teste possui as seguintes dimensões: largura externa de 58 cm, profundidade total de 55 cm e altura total do rack (já com os spikes) 66 cm. Seu peso, ainda que não tenha sido fornecido, deve ser por volta de 30 kg!

Sempre que testei acessórios anti-vibração ou racks com prateleiras distintas, sempre alertei aos nossos leitores que o resultado depende de tantos fatores que é preciso que o consumidor teste em seu setup o rack ou o acessório que irá comprar. Para esta avaliação, utilizei um arsenal de equipamentos desde os mais simples, como um mini sistema da Yamaha, até amplificadores integrados, pré-amplificadores, powers, DACs, CD-Players e toca-disco de vinil. Pesos diversos, gabinetes com materiais exóticos ou minimalistas ao extremo, e direto no chão de madeira, ou com o rack em cima de um espesso tapete de lã. Foram quase três meses de avaliação.

O primeiro produto a ser avaliado no rack foi o sistema hi-end HE 1 da Sennheiser (na edição 240), que tem um gabinete construído em mármore Carrara pesando quase 40 Kg. Instalamos primeiro o HE 1 no rack da Audio Concept, depois no rack Finite-Elemente Pagode (nossa referência absoluta) e, finalmente, no rack Magis. Observamos que o HE 1 se mostrou muito compatível com os três racks, com sutis diferenças (principalmente quando o HE 1 foi utilizado como pré amplificador). No Audio Concept, os médios ficaram com menor corpo, porém com um recorte e foco absurdos. No Magis, o corpo foi mais correto, sem um foco e recorte tão cirúrgicos. No rack Pagode (nossa referência há anos) tanto o corpo como o foco e recorte foram corretos e precisos.

Os amplificadores integrados (Hegel H190, Roksan K3 e Marantz 6006), tiveram um comportamento muito similar, sendo que o Marantz - o mais leve dos três - foi o que mais se beneficiou em termos de soundstage (palco, foco, recorte e ambiência). O equilíbrio tonal dos integrados também foi correto.

Com os pré-amplificadores DanD'Agostino, Sennheiser HE 1, Hegel HD30, e CH Precision L1 e C1, as conclusões já não foram uma unanimidade, já que no Dan D'Agostino e nos CH Precision houve um secamento do invólucro harmônico que mudou o equilíbrio tonal desses equipamentos (será pela construção e uso dos materiais destes equipamentos, ou o peso e os spikes que eles utilizam?). O HE 1 e o HD30 não tiveram esse comportamento de secar o invólucro harmônico, deixando o médio-grave e o grave com menor corpo. O único toca disco utilizado foi um RP3 da Rega, com cápsula Ortofon Bronze, do amigo e músico Aurélio. Ele estava com uma dúvida em relação ao ajuste do peso da agulha e acabamos por instalar o RP3 no rack Magis e, depois, comparamos no Audio Concept. Gostamos mais da apresentação no Magis, pois o equilíbrio tonal foi superior, assim como o foco, o recorte e inteligibilidade na região média, com um descongestionamento nos planos e na apresentação da micro-dinâmica.

O único power que coube no rack da Magis foi o Air Tight ATM-1S, valvulado, pois todos os outros não entram nesta versão enviado para teste (nem em altura e nem em profundidade). O Air Tight se beneficiou bastante com a prateleira de vidro do rack Magis, novamente com um recorte, foco e equilíbrio tonal de alto nível.

CONCLUSÃO

Os equipamentos hi-end, devido à sua construção, material utilizado em seus gabinetes, spikes, amortecimentos internos (como no caso dos CH Precision), possuem comportamentos muito distintos em diferentes racks e prateleiras.

O índice de compatibilidade do rack Magis nos pareceu bom, principalmente para os produtos de menor peso ou com construções mais 'convencionais'. Seus benefícios nesses equipamentos foi audível em termos de melhor inteligibilidade, equilíbrio tonal correto e, principalmente, na possibilidade de apresentar um foco e recorte dos instrumentos de maneira impecável!

Seu design, tamanho (ideal para salas menores), e qualidade de construção o colocam em uma posição privilegiada em relação à concorrência dos importados, bem mais caros. E seu preço nos pareceu muito justo.

Espero que a Magis consiga (quando tiver) disponibilizar um com maior altura, largura e profundidade, para testarmos com nosso toca-discos de referência, assim como com o sistema digital dCS Scarlatti e o power Hegel H30, pois poderíamos ampliar nossa avaliação e performance com mais produtos.

Se você procura um rack de fino acabamento e com possibilidades de ajuste fino de seu sistema, ouça-o. Pode ser que você encontre a solução definitiva para acomodar seu setup de áudio, e ganhará com certeza o apoio de sua cara metade.



AVMAG #241

Magis Audio
(11) 98105.8930 / (15) 99693.1001
edgar@magisaudio.com
R\$ 4.500

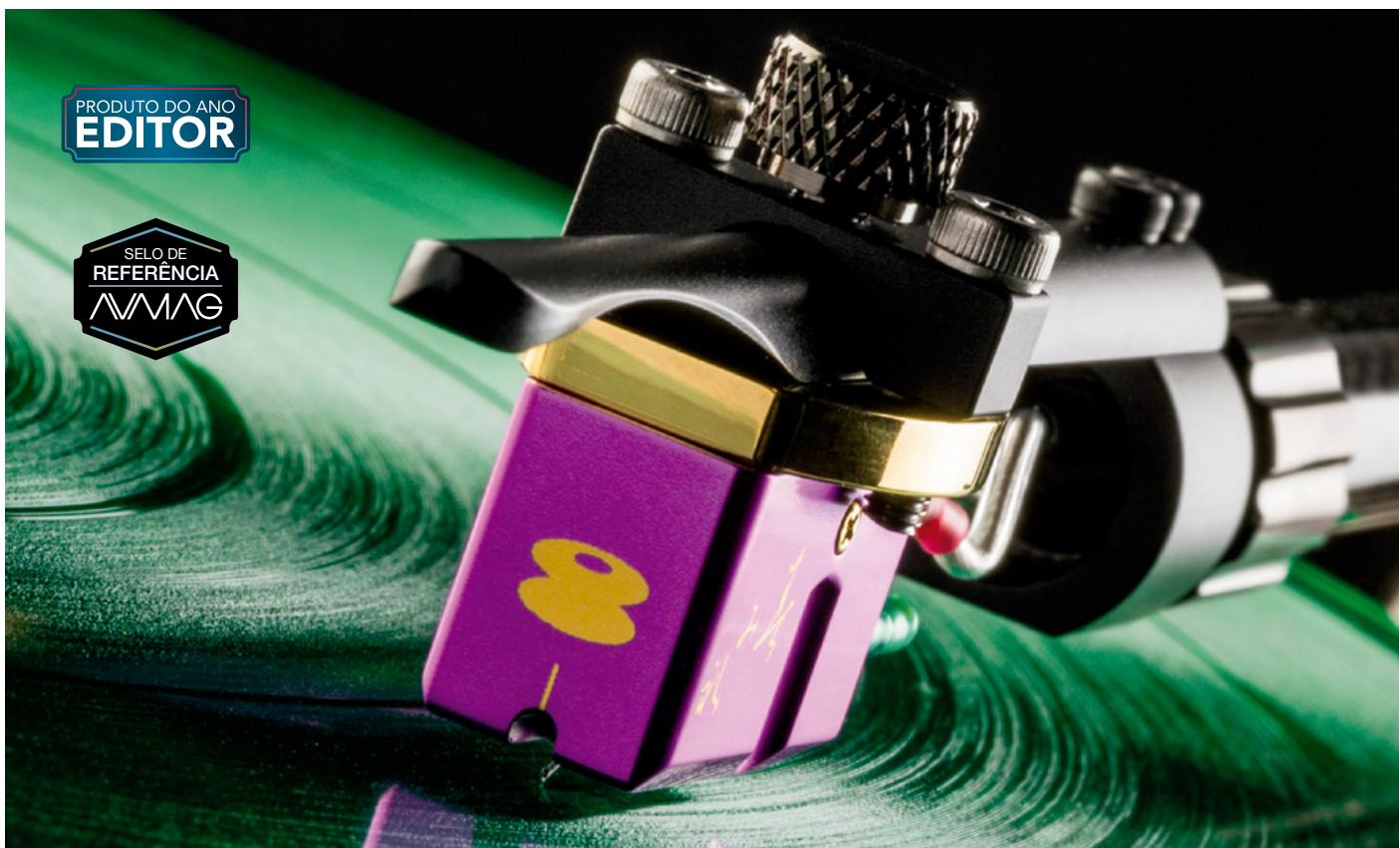


ESTADO DA ARTE

CÁPSULA

CÁPSULA MC MURASAKINO SUMILE

Fernando Andrette



Cápsulas sempre foram uma das minhas paixões. Talvez esse amor venha da minha mais tenra infância, quando meu pai me levava em seus clientes para a instalação de toca discos. Essa era sua especialidade e sua extensa carteira de clientes comprovava o respeito do mercado, pelo seu conhecimento, paixão e profissionalismo. Seus ajustes de toca-discos eram cercados de um verdadeiro ritual e de perfeccionismo. Sua caixa de ferramentas e sua pasta de couro eram suas credenciais. Gostava de trabalhar em silêncio absoluto, sem ser importunado ou apressado.

Queria ver meu pai contrariado era ele chegar no cliente e ver um bando de audiófilos reunidos esperando para fazer a primeira audição. Isso o incomodava profundamente e fazia com que muitas vezes a instalação não ficasse como ele gostaria. Desde muito cedo, naquelas visitas que eram quase que semanais, percebi a importância do conjunto braço e cápsula para uma melhor performance do sistema.

Separo aquele período em antes da reserva de mercado e pós reserva de mercado. No período anterior, a diversidade de modelos e as opções de preços eram enormes, tanto em cápsulas como de toca-discos. Pós reserva de mercado, as opções foram ficando cada vez

mais escassas, até as opções se resumirem às cápsulas Shure, uma ou outra cápsula Denon, as Audio-Technica e as famigeradas Leson.

Escutei tantas cápsulas nesses sessenta anos que, se não recorrer às minhas anotações pessoais, irei esquecer de muitas cápsulas importantes. Felizmente as opções hoje são enormes. E o apaixonado por analógico pode optar por boas cápsulas a partir de 200 dólares, até cápsulas Estado da Arte de 15.000 dólares!

E, ao contrário do digital - em que para cada subida de degrau na performance é preciso gastar uma quantia razoável - quando as cápsulas são bem casadas com o braço, o custo de seguros upgrades de cápsulas é muito menor! O que certamente explica o motivo de ser um mercado tão competitivo e com tantas opções dentro da mesma faixa de preço.

Outra característica relevante em termos de cápsula: não necessariamente a mais cara possui uma performance muito superior a uma outra vinte ou trinta por cento mais barata. Então, no analógico, a primeira dica é pesquisar, pois muitas vezes encontramos cápsulas de nível superlativo com uma relação custo/performance excepcional.

Este é o caso da cápsula Sumile da Murasakino! ▶

Nunca tinha ouvido falar desta marca até o Fernando Kawabe me ligar para dizer que tinha pego a representação para distribuição no Brasil. Nesta ligação, ele me contou um pouco da história deste fabricante, e minha curiosidade 'ascendeu' quando ele me disse que o projetista havia trabalhado, antes de fundar sua empresa, na Air Tight, justamente sendo o responsável pela produção das cápsulas deste fabricante. E, como sou usuário da Air Tight PC-1 Supreme há três anos, achei que seria muito interessante que ouvíssemos a Sumile.

Sumile, em japonês, significa violeta (talvez o nome tenha inspirado a cor do cartucho, ou vice-versa... vai saber). O jovem Murasakino, depois de vários anos na Air Tight, resolveu desenvolver sua própria cápsula. Um cartucho MC de baixa impedância (apenas $1,2\ \Omega$). Para se produzir uma cápsula de baixa impedância é preciso apenas reduzir o número de voltas na bobina. Porém, menos voltas na bobina reduz a tensão de saída, invariavelmente trazendo maior ruído de fundo no sinal.

Cada fabricante tenta compensar esses 'problemas' de inúmeras maneiras. Murasakino optou por assegurar a tensão de saída suficiente para que a cápsula possa ser utilizada com a maioria dos prés de phono disponíveis no mercado (em relação à minha PC-1 Supreme a Sumile dá 1,6 dB a menos). Isso fez com que, após instalada e amaciada, tivesse que realizar um novo ajuste no pré de phono Tom Evans, aumentando o ganho em 2 dB).

Outra escolha de Murasakino foi do uso de aço inoxidável na base do cartucho. O aço inoxidável é conhecido (segundo o fabricante) por sua qualidade de som estável, por isso sendo muito utilizado também em braços. Comparado com o alumínio, o aço inoxidável é mais rígido, porém sendo muito mais difícil de processar. Mas, segundo Murasakino, o resultado foi plenamente recompensado.

Mas o senhor Murasakino foi além, ao chapear a base da cápsula com ouro, para fazer com que o amortecimento fosse o mais pleno possível. Esse cuidado resultou (pudemos observar auditivamente durante os testes), em uma melhora significativa no silêncio de fundo do sinal, desde a primeira audição feita após a instalação.

Outra função do chapeamento de ouro no aço inoxidável (segundo o fabricante) é que o revestimento de ouro protege o aço das intempéries do uso e da exposição ao tempo.

Minhas vistas já não são tão confiáveis como há quinze anos. E todos que possuem toca-discos sabem que vistas precisas e mãos seguras são fundamentais para a instalação de cápsulas e ajuste fino. Por longos oito anos esse trabalho de 'relojoeiro' foi entregue ao querido colaborador Christian Prucks - escrevi até em sua homenagem, há algum tempo, um Espaço Aberto falando de sua expertise e paixão em ajuste de toca-discos. Como ele atualmente não mora mais em São Paulo, recorri a outro amigo e leitor da revista, o André Maltese,

que também possui o dom de ajuste de toca-discos e de gravadores de rolo.

E ele, em menos de dois meses, veio ajudar-me. Primeiro instalando uma cápsula Transfiguration Proteus para eu escutar em meu sistema e, posteriormente, a Sumile. Tenho que dar meu testemunho que ambas as instalações e ajustes ficaram primorosos! Mostrando a qualidade do serviço do André Maltese. Indico a todos que desejem uma instalação precisa e de alto nível que entrem em contato com ele.

Para o teste utilizamos nosso setup de referência: pré de phono Tom Evans Groove+, braço SME Series V, cabos Sunrise Quintessence e Sax Soul Ágata (e no final do teste o cabo Ortofon Reference Black, teste que sairá na próxima edição).

O fabricante fala em no mínimo 100 horas de amaciamento. Eu estenderia esse período para no mínimo 180 horas. A boa notícia é que o nível de performance é tão alto que você já pode sentar e ter o prazer de ouvir desde o primeiro instante, pois duas características são inatas: silêncio de fundo e equilíbrio tonal.

Claro que algumas gravações com qualidade técnica inferior podem soar um pouco 'ardidas' ou 'brilhantes', mas ainda assim não serão descartadas. O som, nas primeiras 50 horas, é um pouco magro, principalmente no médio-grave. E esse 'emagrecimento' causa a sensação que a região média-alta se apresenta mais frontalizada. Mas, não se perturbe, pois com o crescimento do corpo nesta região, tudo se encaixa.

Os planos, a partir de 60 horas, ganham uma profundidade impressionante, como se a cápsula Sumile passasse para um outro patamar de performance. A partir deste ponto, o corpo na região médio-grave também já encaixou, fazendo com que possamos 'revisitar' aqueles discos que estavam com a região média-alta mais ardida e escutá-los com muito mais prazer.

O silêncio de fundo desta cápsula é tão impressionante que o ouvinte perceberá de imediato que a quantidade de informação que esta cápsula extraí de todas as gravações é infinitamente maior do que ele está acostumado a escutar. E quanto maior a complexidade do sinal e a variação dinâmica, mais impressionante se torna sua performance.

E a Sumile possui uma folga dinâmica estratosférica!

Discos em que você acha que já está no limite do volume que a gravação permite, você poderá tranquilamente (se as caixas suportarem sem distorcer e o amplificador sem clipar) ainda aumentar de 1 a 1,5 dB. O que, para determinados gêneros musicais, pode fazer uma diferença e tanto no prazer auditivo!

Com 100 horas os extremos finalmente ganham total extensão e um decaimento de uma naturalidade cativante. Poucas vezes em minha vida de articulista ouvi pratos tão exuberantes e realistas como com ➤

CÁPSULA

esta cápsula. Como meu filho muitas vezes coloca a bateria na sala de teste, para realizar suas gravações, tenho a oportunidade de comparar os decaimentos dos pratos de sua bateria com algumas excelentes gravações e a Sumile realmente é encantadora pelo grau de realismo e precisão.

No outro extremo, ouvimos inúmeras gravações com órgão de tubo, com Hammond, bateria, etc. E novamente recorri ao bumbo de 22 polegadas do meu filho para comparar os transientes, corpo, decaimento e velocidade. Comparado à PC-1 Supreme, diria que a Sumile tem menos energia ou deslocamento de ar. Mas, em termos de precisão e velocidade é muito emparelhada (e custa 2 mil dólares a menos).

Suas texturas são as mais impressionantes que escutei até o momento. São palpáveis, naturais e de um conforto auditivo pleno e arrepiante! Peguei-me inúmeras vezes ao reproduzir meus quartetos de cordas com os pelos dos braços arrepiados e pasmo por tão bela apresentação!

Outra característica que chamou muito nossa atenção é sua compatibilidade com prensagens de discos de 90 gramas até 180 gramas, com uma trilhagem perfeita e um equilíbrio estéreo espetacular (será mérito do André Maltese ou dos dois?).

Todos temos discos mais bem conservados e outros muito judiados pelo tempo. E sabemos que não são todas as cápsulas que são condescendentes com todos os nossos discos. Minha PC-1 Supreme até tenta, mas em algumas gravações o ruído de fundo é bastante evidente e dedura a idade do disco. A Sumile, com sua trilhagem, tem a capacidade de nos permitir escutar esses discos com melhor conforto. E quando escolhemos aqueles discos que ainda estão bem conservados, meu amigo, o deleite e o impacto é instantâneo! Digno de, ainda que sozinhos, expressar um sonoro UAU!

Todos temos nosso gosto pessoal. Buscamos imprimir no sistema de nossos sonhos tudo aquilo que imaginamos ser o ideal em uma reprodução de alto nível. E quando temos a possibilidade de conhecer um produto que nos possibilita ampliar nosso leque de exigências, fica difícil voltar atrás. Todos nós já passamos por isso, seja em uma audição na casa de um amigo, ou no empréstimo por um final de semana de um produto que joga nosso sistema para um degrau acima.

Queria, para o teste da Sumile, estar com dois braços idênticos no toca-discos Air Tight para poder fazer um AxB imediato. Infelizmente não foi possível realizar este comparativo. Então tive que recorrer à memória auditiva e aos três anos de convivência com minha cápsula de referência. Ainda que sejam cápsulas com inúmeras características similares (ruído de fundo muito baixo, excelente equilíbrio tonal, enorme naturalidade, velocidade, precisão e materialização física do acontecimento musical), elas são bem distintas na forma de se apresentar.

A PC-1 Supreme é muito mais exigente com o conjunto, desde os cabos até toda a eletrônica. Não permite nenhum elo fraco aparente. Possui, quando bem ajustada e sinérgica com o resto do sistema, um grau de precisão e energia espantosos!

A Sumile parece mais ‘condescendente’ com gravações, prensagens, discos mais gastos, porém também muito exigente com seus pares, mas um pouco mais flexível e democrática. Permite composições com cabos e qualidade técnica de gravação que a Air Tight não aceita. Com essa maleabilidade, a Sumile me parece uma cápsula mais flexível, o que certamente lhe dá uma boa vantagem para aqueles que precisarão realizar upgrades de longa duração.

CONCLUSÃO

A Sumile é uma cápsula fabulosa que permite uma gama de possibilidades de setup muito grande. Auditivamente possui um alto nível de performance que prima por estabelecer um patamar de fidelidade só presente em cápsulas de custo superior.

Encontrar uma cápsula com todos esses atributos superlativos a menos de 12 mil dólares faz da Sumile uma escolha quase obrigatória. Para quem deseja a melhor relação possível entre custo e performance Estado da Arte!



AVMAG #245
KW HI-FI
(48) 3236.3385
US\$ 10.000

NOTA: 103,0



ESTADO DA ARTE

TOCA-DISCOS DE VINIL RELOOP TURN2

Juan Lourenço



A importadora Alpha Áudio & Vídeo nos cedeu para testes o toca-discos de vinil Reloop modelo TURN2, o primeiro toca-discos da série TURN, composta por mais dois modelos: TURN3 e TURN5, respectivamente.

A Reloop atua fortemente na cena musical alemã há mais de duas décadas, desenvolvendo equipamentos pro audio para DJs e profissionais de estúdio. A quantidade de produtos é bastante extensa, indo de mixers para DJs à fones de ouvido, caixas de som, interfaces de áudio e toca discos de vinil: um dos primeiros produtos fabricados pela Reloop, e carro-chefe da empresa.

O TURN2 veio para brigar com toca-discos que são de entrada, mas que estão um degrau mais alto, tanto em design quanto em qualidade de materiais, como é o caso das linhas de entrada da Rega e da Pro-Ject, para o melômano e o audiófilo mais rodados, não sejam mais seduzido por perfumarias como saídas USB ou luzes estroboscópicas. Um toca-discos limpo, sóbrio e de muito bom gosto, com boa qualidade de reprodução, durável e que também agrade aos olhos, fugindo um pouco daquela estética 'Audio Technica', brigando diretamente com o Rega Planar 1 e Pro-Ject Primary E. Ambos em tese, mais caros que o Reloop.

Embora sua fabricação esteja baseada na China - como quase todos os fabricantes do planeta - a Reloop mantém um olhar apurado no quesito controle de qualidade. Os pequenos erros, coisas ignoradas por algumas empresas que também possuem toca-discos

vindos de lá, não estão presentes no TURN2. Da qualidade da pintura, ao pino da polia em latão, passando pelo braço reto de metal sem rebarbas no acabamento nem no engate do headshell, sem falar no prato em alumínio e borda polida, e da base em MDF, que neste modelo do teste é em preto texturizado, além de mais duas opções de acabamento: laca vermelha e laca branca. O lift manual é de metal, tem acionamento suave e progressivo, evitando assim trancos no cantilever da cápsula.

Por falar em cápsula, o TURN2 vem equipado com uma Ortofon OM10, já instalada no headshell, tornando a operação mais fácil para o novo proprietário deste toca-discos. Para mim, a OM10 não fica devendo para a Ortofon 2M Red, portanto, caso o proprietário queira melhorar a qualidade do seu toca-discos, sugiro ir direto para a 2M Blue ou Bronze e, esteja certo de que se surpreenderá com os resultados, pois este braço equipado no TURN2 tem refinamento para mostrar as qualidades destas cápsulas, sem precisar mexer com ajustes complexos como VTA.

As soluções encontradas para os botões de acionamento do prato e das velocidades 33/45 RPM são geniais! Cada botão ocupando uma pequena parte central de cada lateral do chassi trouxe equilíbrio e suavidade ao design do aparelho. Sua tampa em acrílico fumê de verdade, sem aquele tom esverdeado dos anos oitenta, faz deste conjunto uma peça de decoração que merece ficar exposto em uma sala de estar ou sala de audição dedicada, fazendo parte do ambiente.

COMO TOCA

Para o teste foram utilizados os equipamentos: amplificador integrado Sunrise Lab V8 MkIV, amplificador integrado Anthem STR (com pré de phono embutido). Pré de Phono: Sunrise Lab The PhonoStage II SE. Caixas acústicas: Dynaudio Emit M30, Q Acoustics 3020i. Cabos de força: Sunrise Lab Premier, Emotiva IEC X-Series. Interconexão: Sunrise Lab Premier RCA, Sunrise Lab Reference Magic Scope RCA, Sax Soul Zafira III XLR. Cabo de caixa: Sunrise Lab Reference e Quintessense Magic Scope.

O Reloop TURN2 chegou lacrado em sua embalagem robusta, branca e estilosa. Dentro dela, o TURN2 vem acomodado em isopor injetado, separando prato, tampa acrílica e gabinete. A cápsula também vem desacoplada do braço, mas já instalada e ajustada no headshell. É só conectar ao braço e pronto. O único trabalho, mesmo, fica por conta do ajuste do contrapeso. Este não tem escapatório: é preciso ter uma balança para cápsulas, seja digital ou aquela de plástico da Ortofon.

O ajuste inicial ficou em 1,6 g, para acelerar o amaciamento do elástómero. Após 15 horas baixei para 1,5 g e, com 30 horas, o melhor ajuste se deu entre as duas marcas de 1,4 e 1,5 g, com antiskating na posição entre 4 e 5.

O toca-discos vem acompanhado de um cabo RCA com fio terra acoplado. Eu preferi utilizar apenas o terra deste cabo e começar as audições com o Sunrise Premium ligado ao Anthem SRT. De cara eu não gostei, achei que era coisa de amaciamento, mas como tinha ouvido a primeira hora com o pré da Sunrise, achei estranha aquela sonoridade dura e analítica, mesmo em fase de amaciamento. Foi então que descobri que o Anthem vem configurado para fazer up-sample para 24-bit/192 kHz o que, juntamente com o amaciamento, estava tirando toda a naturalidade da cápsula. Mexi nas configurações e deixei em modo direto e, agora sim, tinha um som relaxado e característico do vinil. E o disco escolhido foi do grupo LA4, álbum Zaca, selo Concord, faixas 1, 2 e 4. Logo nos primeiros acordes do violão é possível notar toda a intencionalidade do artista sem fazer esforço para entender sua digitação e os harmônicos que produz. A flauta soa clara e limpa, seu som não metaliza nem soa estridente em momento algum! O timbre e corpo da flauta nas altas têm ótimo tamanho, não emagrece nas passagens mais complexas da música.

O violão de Laurindo de Almeida não é dos mais fáceis de ser reproduzido eletronicamente. Ainda assim, dentro do possível, o conjunto Reloop traz luz na medida certa para a digitação do violão, segurando as pontas até nas passagens dedilhadas à unha!

Trocando de disco, agora com Ron Carter, álbum *Etudes*, selo Elektra Musician, nacional. Na segunda faixa, a integração entre os músicos é maravilhosa - eles interagem entre si com ótima inteligibilidade, assim a música não cai na pegadinha de soar desinteressante aos ouvidos. Ao contrário, acompanhamos cada parte feita por cada integrante com bastante entusiasmo.

Música clássica é muito bem-vinda no Reloop TURN2, pois se sai muito bem com este gênero musical. E aqui preciso dizer que fui ousado. Explico: já tive contato com toca-discos "primos" de segundo grau deste modelo, e alguns deles tinham um motor tão limitado quanto à carga que podiam tracionar que não dava para usar qualquer tipo de clamp, mesmo os de pressão faziam a velocidade variar. Já no TURN2, é diferente. Sua maior vantagem é justamente poder tracionar e manter a rotação estável com vários tipos de clamps. O mais pesado que utilizei foi o Magis Áudio, com peso de 440 g, além do Trumpet de travamento por rosca e pressão, feito em madeira. A melhora no foco e recorte e inteligibilidade foram enormes, acompanhados por um palco profundo, porém ainda estreito - não dá para ter tudo nesta vida. Por causa do foco e recorte mais precisos, a massa orquestral não soava tão embolada como se esperaria desta cápsula. Era possível perceber ar entre os instrumentos, e a distância entre eles sem esforço algum. Tudo brotava dos sulcos do disco com ótimos transientes e variações de dinâmica e um silêncio de fundo maravilhoso!

Precisava colocar algo mais pop para saber como o TURN2 se comportaria fora da sua zona de conforto. É até curioso um toca-discos Reloop, marca que nasceu nos bastidores da cena eletrônica alemã, soar como um perfeito cavalheiro inglês. Sem excessos, sem gordurinhas aqui e acolá e com ótima extensão nos dois extremos. Queria saber se ele espirraria notas com gravações mais comprimidas. E o escolhido para "espancar" o TURN2 foi Skrillex, *Triple Vinyl Box Set*, disco 1. O que ouvi foi muito bom. Descontando as compressões e abusos, o TURN2 mostrou competência para executar toda a complexidade deste disco. Assim como ele separou e não embolava muito com música clássica, ele também não decepcionou com este disco.

CONCLUSÃO

O casamento braço e cápsula é um dos melhores que já ouvi para este conjunto, e graças ao prato de alumínio e a base em MDF, todas as melhorias se somaram para formar um toca-discos de ótima qualidade. Este é, sem dúvida, um aparelho que faz frente aos concorrentes brigando ombro a ombro com as marcas já consagradas deste segmento de entrada. Com isto ganhamos mais uma excelente opção que com certeza vale a pena ouvir e conferir e, quem sabe, se apaixonar pelo seu som.



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=IJ65Q98GAU](https://www.youtube.com/watch?v=IJ65Q98GAU)

AVMAG #244
 Alpha Áudio e Vídeo
 (11) 3255.2849
 R\$ 2.360

NOTA: 62,5



OURO RECOMENDADO

TOCA-DISCOS DE VINIL RELOOP TURN5

Juan Lourenço



Na edição 244, de setembro de 2018, fizemos o teste do toca-discos de vinil Reloop TURN2, cedido pela Alpha Áudio& Vídeo, um toca-discos capaz de brigar ombro a ombro com marcas consagradas que dominam o nicho de entrada do hi-end.

Foi com muito entusiasmo que recebi da Alpha o modelo TURN 5, que eu estava bastante curioso para ouvir, já que o TURN2 superou todas as nossas expectativas com seu estilo atual e desempenho surpreendente.

Eu considero a linha TURN uma tentativa bem sucedida por parte da Reloop, de certo modo quebrando com a tradição de mais de 20 anos desenvolvendo produtos exclusivamente para o público da cena eletrônica (DJs e afins). À sua maneira, claro, encaixaram um estilo próprio e um acabamento realmente Premium, sem contar a qualidade sonora do aparelho. Mesmo sendo fabricado na China - como quase tudo nesta vida - não é preciso fazer nenhum esforço para perceber que é uma linha diferenciada e não um toca-discos que saiu do catálogo pronto da Hanpin Electron.

O TURN5 volta às origens da marca, inspirando-se no icônico Technics SL-1200 - o que considero uma pena, pois adoraria que a Reloop sustentasse o design inicial da linha TURN e, assim, cativasse dois públicos distintos: os que adoram o visual DJ das pickups e os que buscam design atual aliado à soluções técnicas mais com a cara do hi-end moderno, como no TURN2 e 3.

O TURN5 é o toca-discos direct-drive topo de linha da série TURN. Ele não vem equipado com saída USB ou mecanismos de levantar o braço ao final do disco, não senhor. Sem perfumarias, ele é um toca-discos de respeito, sério e muito bem construído, comprometido com o audiófilo em todos os sentidos. Vem equipado com cápsula Ortofon 2M Red montada em um headshell de alumínio que possui mecanismo de travamento universal (padrão SME). O braço em S, também em alumínio, vem com contrapeso regulável, ajuste do anti-skating e ajuste de altura da base do braço (VTA), para acomodar cápsulas maiores. Coube facilmente uma Quintet Black e caberia uma Cadenza sem problemas.

O prato é feito de alumínio fundido e pesa 1.8 kg, com acabamento preto com cavidades em dourado. Vem acompanhado de tapete de borracha de cinco milímetros de espessura. Embaixo do prato fica o ímã do rotor e um potente motor CC de acionamento direto controlado por quartzo e sem escovas, responsável por dar torque e manter a tração do prato com altíssima precisão em 33-1/3, 45 ou 78 RPM. É incrível como ele não varia um nada, mesmo com pesos de mais de 500 g, jamais ocorreu qualquer variação em seu funcionamento. Ele literalmente anda nos trilhos!

A base do TURN5 é bastante robusta. Não dá para saber ao certo o que tem dentro da carapaça rígida, mas com certeza absorve bem as vibrações. Ao bater com o nó dos dedos, quase nada da vibração do ➤

TOCA-DISCOS

impacto se propaga pela base, o que é muito bom! Seus pés fazem um ótimo desacoplamento da base com o rack ou prateleira. A tampa em acrílico fumê tem uma bolha saliente na parte de trás, onde fica a base do braço. Uma solução bacana para quando precisar aumentar a altura do braço. Particularmente achei melhor assim que conviver com uma tampa mais alta que, para o meu gosto, afeta o visual de todo o conjunto.

COMO TOCA

Para o teste utilizamos os seguintes produtos e acessórios. Fontes: toca-discos de vinil Reloop TURN5 com cápsula 2M Red, 2M Bronze e Quintet Black, com pré de phono The Phonostage II SE e pré de phono interno do amplificador Anthem STR. Amplificação: Sunrise Lab V8 MkIV, integrado Anthem STR. Cabos de força: Transparent MM2, Kubala Sosna Elation, Sunrise Lab Reference Magic Scope e Nanotec com tomadas Oyaide. Cabos de interconexão: Sunrise Lab Reference Magic Scope RCA, Sunrise Lab Quintessence RCA, Sax Soul Cables Zafira III XLR. Cabos de caixa: Transparent Reference XL, Sunrise Lab The Illusion e Sunrise Lab Quintessence Magic Scope. Caixas acústicas: Neat Ultimatum XL6, Dynaudio Emit M30, Q Acoustics 3050i.

Amaciar toca-discos é uma moleza, 30 horas e tudo estará no lugar, ou muito perto disto. Todos os Reloop vêm com a cápsula montada e regulada, e o trabalho é apenas o de encaixar o headshell no braço, ajustar o peso ideal especificado tanto no manual do reloop quanto no site da Ortofon - que no caso da 2M Red é de 1,8 gramas. O anti-skating ficou na posição 1,6.

O primeiro disco foi do Sting, álbum *Nothing Like The Sun*, faixa 1 do lado B1. Logo nos primeiros acordes fica claro que o TURN5 não está para brincadeira: ele mostra um baixo bem recortado e os pratos de bateria com bastante resolução. Eu falo do toca-discos porque conheço bem a cápsula, e sei que em toca-discos leves ou mal resolvidos jamais soaria assim, no mínimo perderia uma boa fatia das altas e os harmônicos que definem o contrabaixo perderia um bocado da beleza.

Uma coisa que chamou atenção foi que, como não utilizei o cabo RCA fornecido pela Reloop, já que é bastante simples, acabei por não ligar o cabo do terra da cápsula para o pré de phono, eu só fui me dar conta quando fui trocar de cabos! Em nenhum momento a cápsula roncou ou deu sinais de que precisava do cabo terra. Coloquei o benito cabo e o ganho se deu em silêncio de fundo e micro-dinâmica.

Após ouvir uma dúzia de discos, resolvi trocar de cápsula. Estava na cara que a 2M Red não estava nem perto do limite do toca-discos. Próxima parada: 2M Bronze. Agora sim o TURN 5 acordou de verdade. O detalhamento subiu muito e o melhor: sem perder calor nem naturalidade dos timbres, muito pelo contrário, os timbres ficaram de arrepiar! O corpo harmônico ganhou tamanho correto, a profundidade

e lateralidade do palco sonoro mais que dobrou. Os agudos ganharam peso e decaimentos na medida. No disco da Patricia Barber, álbum *Companion*, faixa 2 do primeiro lado, foi qualquer coisa de espetacular! A velocidade na digitação do contrabaixista, as "tracejadas" da corda no espelho do contrabaixo e o timbre se comparava à toca-discos muito mais caros. Foi então que me veio à mente a seguinte pergunta: Por que não extrapolar? Já que se deu tão bem com a 2M Bronze, por que não uma Ortofon Quintet Black? Foi exatamente o que fiz. O ajuste milimétrico e muito intuitivo do VTA permitiu acomodar de forma muito fácil a cápsula. Ainda sobrou um choro que com certeza caberia uma Ortofon Cadenza ali.

Ouvir novamente o disco da Patrícia Barber no Reloop TURN5 com a Ortofon Quintet Black foi simplesmente maravilhoso. Tanto que liguei o Luxman para ouvir CD, não para comparar beleza entre digital vs analógico, mas sim extensão e corpo das altas. Mesmo com todos os encantos da Quintet, eu diria que a cápsula ideal para o TURN 5 seria a 2M Bronze ou MC equivalente, talvez uma Quintet Red. Tudo isto levando em consideração o valor do toca-discos e do investimento em cápsula, claro.

CONCLUSÃO

Assim como o TURN2 nos surpreendeu positivamente, o TURN5 fez a mesma coisa, só que numa escala muito maior. Pode muito bem ser o aparelho definitivo de muitos melômanos e o upgrade certeiro de quem deseja subir mais alguns metros em direção ao topo do pinheiro.

Ah! Sobre quem ganhou o embate de gostosura, adivinha...? ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=A2HSAE3JLH0](https://www.youtube.com/watch?v=A2HSAE3JLH0)

COM CÁPSULA ORIGINAL
ORTOFON 2M RED

NOTA: 68,0



OURO RECOMENDADO

COM CÁPSULA ORTOFON
2M BRONZE

NOTA: 73,0



DIAMANTE REFERÊNCIA

AVMAG #247
Alpha Áudio e Vídeo
(11) 3255-2849
R\$ 6.590

TOCA-DISCOS ACOUSTIC SOLID 111

Fernando Andrette



O toca-discos Acoustic Solid 111 chamou minha atenção assim que bati os olhos na vitrine da Alpha Áudio & Vídeo. Ainda que de uma construção simples, sua robustez e cuidado com os detalhes disseram-me para solicitar um para teste.

Feitos na Alemanha, os toca-discos deste fabricante possuem enorme reputação, justamente pelos detalhes que citei acima, e também pela sua relação custo-performance, que os torna muito competitivos em um mercado que não para de crescer, ano após ano.

O 111 é um modelo de entrada, que pode ser encontrado com duas bases bem distintas (madeira e acrílico). O modelo disponível para o teste foi com a base de acrílico (ainda que pessoalmente gosto mais da de madeira). Ele já vem com uma cápsula Nagaoka MP110 (tipo MM) e um braço Rega RB100. Possui um prato de metal, um excelente motor e, além do ajuste para 33 ou 45 RPM, o processador permite o ajuste fino de velocidade (algo impensável em produtos concorrentes de entrada). Outro detalhe importante é que ele possui uma luz indicadora de torque para informar que a velocidade foi estabilizada.

Mas os detalhes não acabam aí. O kit de acessórios é composto de uma balança digital para o ajuste do peso da agulha, correia de silicone e luvas para você manusear as peças de metal sem marcá-las. Sua instalação foi muito fácil e rápida.

Os prés de phono utilizados foram o Tom Evans Groove+ e o Reference da Sunrise. Os cabos de interconexão entre o pré de phono e o pré de linha foram: Reference Magic Scope, Ágata e Maggini.

O Acoustic Solid não havia tocado sequer dez horas, então fizemos uma primeira audição com apenas cinco discos, anotamos e deixamos a cápsula amaciando por 50 horas. Amaciar cápsula é uma das tarefas mais inglórias, pois como cada lado tem em média 20 minutos, é preciso ficar atento a cada final de lado, o que nos deixa por dias preso a essa atividade.

Ou a outra possibilidade é esquecer essa tortura e ouvir, mesmo com todas as limitações, todos os discos que admiramos. A cápsula Nagaoka MP-110, tem uma vantagem: ainda que seus extremos estejam apagados nas primeiras 50 horas, sua região média é correta o suficiente para permitir audições em volumes bem controlados. Não chega a ser um prazer ouvir discos nas primeiras 50 horas, mas também não é nenhuma tortura.

A cápsula estabiliza seu equilíbrio tonal completamente depois de 50 horas, e daí em diante as únicas alterações que notamos foi no acréscimo de corpo na região grave e médio-grave (por volta de 70 horas).

Assim que passamos a usá-lo diariamente, duas coisas nos chamaram atenção: sua confiabilidade em termos de precisão de velocidade

TOCA-DISCOS

e sua praticidade de manuseio depois de corretamente ajustado. Não tivemos que refazer nenhum ajuste, pós-amaciamento, e o Acoustic Solid toca muito bem discos de 90 gramas a 180 gramas. Sejam discos mais bem conservados ou aqueles judiados pelo tempo.

À medida que ouvimos o toca-discos, outra questão ficou bastante evidente: ele pode e merece um upgrade futuro, com a troca do braço e da cápsula. Se o usuário não quiser trocar o braço, o RB100 aceita capsulas de maior 'envergadura', como por exemplo a Ortofon MM Bronze, o que seria um salto e tanto na performance!

Agora, se o Acoustic Solid for o toca-discos definitivo, eu realmente investiria em um braço superior da própria, e em uma capsula mais refinada. A Nagaoka não é uma cápsula ruim de modo algum, mas é bastante limitada em termos de extensão, transparência e soundstage. Parece que a proposta desta cápsula é fazer tudo corretamente sem maiores compromissos ou maior refinamento. Tudo soa correto, desde transientes, micro e macro dinâmica, textura, equilíbrio tonal, etc. Porém seu compromisso termina aí. Nada para seduzir o ouvinte ou acrescentar na reprodução algo que ainda não havíamos percebido. Sua maior vantagem é seu comportamento na trilhagem do disco: preciso e com baixo ruído de fundo. Para uma capsula MM de entrada, trata-se de um enorme mérito.

O braço Rega, também por ser o mais simples da linha, cumpre com seu papel de preservar o disco e fazer uma leitura correta.

Para os que possuem uma discoteca limitada (200 a 300 LPs) e que possui um gênero musical específico, acredito que se darão por satisfeitos com a dupla braço/cápsula. Mas aqueles que possuem uma discoteca maior e com vários gêneros musicais, o Acoustic Solid 111 realmente merece um conjunto braço/capsula de um nível superior. O pacote é muito promissor em termos de construção e detalhe para ficar limitado a um braço/cápsula de entrada. Bem equilibrado, ele consegue facilmente com toca-discos como RP3 e RP5 da própria Rega e outros toca-discos de bom nível.

CONCLUSÃO

O número de leitores interessados em montar um setup analógico cresce a olhos nus! Recebemos semanalmente de duas a cinco consultas nos solicitando ajuda para escolha de toca-discos, upgrade em cápsulas e braços. O leque de opções que o mercado atualmente oferece é gigantesco. Vão dos toca-discos de plástico vendidos a menos de 1.000 reais a toca-discos decentes a partir de 2.000 reais. Neste mar de opções, certamente que o menos informado se sentirá perdido.

Então, separando o joio do trigo, nossa função é primeiro entender a necessidade e expectativa do leitor que nos consulta. Saber a quantidade de discos que ele possui, em que estado se encontram esses LPs (pois muitas vezes eles foram herdados de um tio, amigo,

pai), qual gênero musical e setup em que este novo componente será ligado. Com esses dados em mãos direcionamos o leitor.

O Acoustic Solid 111, ainda que seja um produto de entrada deste fabricante alemão, encontra-se em um nível intermediário, pois atende ao audiófilo que deseja o upgrade definitivo ao melômano que passou a vida comprando LPs e decidiu que irá comprar um toca-disco à altura de seus discos.

Se você se encaixa neste perfil, você precisa ouvir este toca-discos, pois ele é um pacote de fábrica muito honesto e correto, e tem uma grande vantagem em relação à forte concorrência: pode (e deve na minha opinião) sofrer upgrades, para subir ainda mais alguns degraus.

Para o melômano eu sugeriria apenas a troca da cápsula e, para o audiófilo o conjunto cápsula/braço. Com esses cuidados ele pode tranquilamente se tornar o toca-discos definitivo. Pois sua robustez e acabamento o credenciam. ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=DOUMH8DO5FA](https://www.youtube.com/watch?v=DOUMH8DO5FA)

AVMAG #242
 Alpha Áudio & Vídeo
 (11) 3255.2849
 R\$ 15.300

NOTA: 73,0



DIAMANTE RECOMENDADO



Quantas empresas no mercado hi-end chegam aos 90 anos, com tanta vitalidade e reconhecimento? Em 2014, a Luxman completou 90 anos de vida! Seu maior desafio em um mercado tão competitivo e dinâmico foi manter-se como um dos principais pilares de referência no desenvolvimento de produto com design, tecnologia e performance excepcionais. Para uma data tão significativa, seus engenheiros desenvolveram o pré-amplificador C-900U e o power amplificador M-900U.

INPUT SELECTOR



M-900U
Stereo Amplifier



Agende um horário e venha conhecer os produtos Estado da Arte da Luxman, em nosso showroom.

Rua Barão de Itapetininga, 37 - Loja 56 - Centro - São Paulo / SP

www.alphaav.com.br

11 3255-9353 / 3255-2849



PRÉ DE PHONO

DAC ROKSAN K3

Juan Lourenço



A Roksan Audio é uma fabricante inglesa conhecida por produzir equipamentos de áudio de excelente qualidade. Seu primeiro produto foi um toca-discos chamado Xerxes, que rapidamente atingiu enorme sucesso de venda e crítica, colocando a empresa entre as grandes marcas de áudio no mundo.

A Roksan foi adquirida pela Monitor Audio que, à época, explicou que as duas empresas possuíam incrível sinergia entre seus produtos. Sendo as duas empresas inglesas, a maneira de trabalhar também é muito parecida, cabendo à Monitor Audio trazer a Roksan para o século XXI, o que está acontecendo com linha K3, composta por um amplificador integrado, CD-Player e um DAC (conversor de digital para analógico), todos construídos com extremo bom gosto, cuidado artesanal e boa dose de qualidade audiófila.

O DAC Roksan K3 é montado em um chassis feito em aço com frente de alumínio texturizado que exala requinte e sofisticação. Internamente tudo gira em torno do seu chip DAC DSD1794A, 24/192 e DSD, que o faz brigar com equipamentos mais caros que ele. Seu clock interno é muito preciso, o que lhe confere a característica de conduzir a música com extrema firmeza.

A fatura de entradas digitais e saídas analógicas, que este DAC possui, não costuma ser vista em equipamentos que custam menos de 15 mil reais. Certamente este é um grande atrativo para quem procura variedade de conexões.

Os atrativos começam pelas duas portas USB, uma no painel traseiro e outra no painel dianteiro, uma XLR AES3 192 kHz, uma entrada

ótica 192 kHz, e uma entrada RCA coaxial digital 192 kHz. Com distorção harmônica total de <0,003% (em 1 kHz - 20 dBFs), <0,008% (em 20 Hz - 3 dBFs, ou <0,003% (em 20 kHz - 20 dBFs).

Há também dois conjuntos de saídas analógicas RCA, que nos tempos de hoje são mais que bem-vindos - por diversas vezes tive de passar o dia tirando e colocando cabo entre dois aparelhos diferentes que não tinham entrada balanceada - e uma saída balanceada. Um dongle USB vem junto com o DAC para conexão sem fio entre PC, notebook ou tablet e o K3, através da tecnologia K-Link. O apetrecho não é difícil de manusear, pois na terceira tentativa consegui parear o notebook, e a qualidade do sinal é bastante satisfatória: não engasgou em nenhum momento.

O controle remoto é completo, prático e cabe perfeitamente na mão. Tem muitos botões para um DAC, mas comodidade nunca foi de mais, não é mesmo? O software controlador da entrada USB e do dispositivo K-Link têm atuação discreta, basta escolher o programa ou dispositivo a ser executado ou pareado, e por para tocar.

No manual não fala nada sobre a fonte de amplificação, mas visualmente, por entre as aberturas de ventilação, é possível ver um transformador toroidal que me pareceu bem dimensionado para o DAC.

Para os testes selecionamos os seguintes equipamentos e acessórios: amplificador integrado Sunrise Lab V8 MkIV, amplificador integrado Hegel H90, Emotiva Pré-Amplificador/DAC/Tuner BasX PT-100 e amplificador estéreo Flex BasX A-100. Caixas acústicas: Dynaudio Focus 260, Pioneer SP-FS52 by Andrew Jones, e ➤

Monitor Audio Silver 500. Fontes: CD-Player Luxman D-06, Emotiva ERC-3, e Notebook Samsung com JRiver versão 22. Cabos de força: Transparent MM2. Cabos de interconexão: Sunrise Lab Premium MagicScope RCA, Sunrise Lab Reference Magic Scope RCA, Sax Soul Zafira III XLR, Wireworld Eclipse 6. Cabos USB: Wireworld Platinum Starlight USB, Emotiva MUSB 2.0-2 LengthUSB, Curious USB. Cabos de caixa: Transparent Reference XL MM2.

O Roksan K3 chegou lacrado, e seu amaciamento requer paciência, pois suas entradas digitais utilizam relês seletores que acionam a entrada assim que o sinal passa por ela. Amaciá-las demandou pelo menos 150 horas para cada entrada, e 250 horas para o DAC todo.

Após o período de amaciamento, finalmente o colocamos para teste. Começamos com Bozzio Levin Stevens, disco Black Light Syndrome terceira faixa; ouvimos esta mesma faixa também via USB, e o que chama atenção neste DAC é o nível de qualidade entre todas as entradas digitais do aparelho. A porta USB costuma ser a menos privilegiada, no K3 ela está em pé de igualdade com as demais. Tanto via Coaxial ou USB, o K3 dá uma leve “arredondada” no extremo agudo, trazendo um conforto auditivo a mais, só que junto com o conforto auditivo vem menos extensão do que gostaria para esta gravação.

Se comparado com o Luxman D-06, o Roksan K3 tem um palco mais à frente, e a largura de palco, foco e recorte também deixam a desejar. Foi aí que percebemos que ele não se deu bem com o Transparent MM2 de força, ficou aberto e os agudos endureceram a ponto de incomodar. Então utilizamos outro cabo de força, que suavizou bastante a aspereza nas altas, mas o palco continuava à frente. Tomei a liberdade de trocar o fusível interno, apenas para desencargo de consciência. Bingo! O palco recuou, vieram velocidade, transientes e detalhes de micro-dinâmica que brotavam de uma holografia que, com o fusível original era bastante tímida. Ambiência e largura de palco chegaram mais perto da referência, trazendo a reboque texturas muito bonitas e ainda mais próximas do conjunto principal. Com este pequeno teste, concluo que a escolha do cabo de força e do fusível é quase obrigatória - a escolha do mesmo é extremamente importante, pois o nível do DAC sobe consideravelmente.

A empolgação tomou conta, então colocamos uma gravação antiga com um bom tanto de compressão: Magic Bus, do The Who - e o DAC K3 entregava musicalidade e conforto auditivo com uma precisão rítmica enorme!

Mudamos para Dee Dee Bridgewater, faixa 2 do disco Live at Yoshi's: o silêncio de fundo deste DAC faz com que os sussurros da cantora ganhem uma apresentação bastante convincente. Graças à sua precisão e condução ferrenha, o pandeiro tem ataques muito bons e novamente o silêncio de fundo mostra em detalhes o chacoalhar dos metais e a batida seca na pele do pandeiro com uma disposição digna de roda de capoeira.

CONCLUSÃO

Precisão e autoridade são as palavras de ordem para este DAC. Sua assinatura relaxada, regada a muita precisão rítmica, impressionante, confere a ele um trunfo diante de seus concorrentes, pois uma grande parte de suas limitações vem do fusível interno que se encontra acoplado à porta IEC, super fácil e seguro de trocar, sem que para isto precise abrir o aparelho.

Aos interessados, sugiro uma audição deste valente DAC, pois as surpresas serão muitas não só pela sonoridade, mas também pelo leque de opções que ele possui.



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=I-TUYVOPKIQ](https://www.youtube.com/watch?v=I-TUYVOPKIQ)

AVMAG #239
Mediagear
(16) 3621.7699
R\$ 11.113

NOTA: 81,0



DIAMANTE REFERÊNCIA

ÁUDIO

PS AUDIO STELLAR GAIN CELL DAC

Juan Lourenço



A German Audio trouxe para o Brasil uma excelente novidade, tanto para os amantes do áudio digital quanto do analógico. Trata-se do Stellar Gain Cell DAC, da PS AUDIO.

Quando li no site da PS Audio a descrição do novo DAC da linha Stellar confesso, amigo leitor, que fiquei confuso, procurando por onde começar o texto, pois se tratava de um aparelho realmente fora da curva por muitas razões. Após divagar por um tempo sobre qual seria a melhor definição para ele, me veio à mente a icônica frase dos quadrinhos do Superman: “É um pássaro? É um avião? Não. É o PS Audio Stellar Gain Cell DAC!”

Seria este um DAC (conversor de áudio digital para analógico) com superpoderes de pré-amplificador? Ou um pré-amplificador com superpoderes de DAC? Um pré-amplificador e DAC com superpoderes de amplificador de fone de ouvido? Ou um amplificador para fone de ouvido com superpoderes de pré-amplificador e DAC? Eu ainda não sei, mas parece-me que estas divagações também permearam as cabeças da turma de marketing da PS Audio, pois no site o aparelho se encontra na sessão de DACs, mas na descrição na foto do site é chamado de pré-amplificador, ou seja, jogaram a peteca para nós consumidores decidirmos o que queremos que ele seja. Mas não se desespere, a PS Audio adicionou em seu site a seguinte frase, como pista para os confusos de plantão, como eu (risos): “Pense no Stellar Gain Cell DAC como um centro de controle analógico completo, com um DAC excepcional em seu coração.” Fica a dica...

Eu fiquei com a frase do Superman na cabeça, porque não dá para se ter uma definição clara do que ele realmente é. São três aparelhos em um, e todos desempenham suas funções com extrema competência. Tanto que, chamá-lo simplesmente de DAC chega a ser um crime com o cuidado que a PS Audio teve em cada parte deste belo sistema, abordando cada desafio inerente a cada uma das três facetas do aparelho, como se fosse um só! Por exemplo, se quisermos começar pelo DAC, veremos ótimas soluções na parte digital, a

começar pelas entradas de áudio digitais: uma entrada USB para PCM (384 kHz), DSD64 (DoP) e DSD128 (DoP), uma entrada ótica PCM (96 kHz), uma entrada dupla coaxial digital PCM (192 kHz), e uma entrada I2S padrão HDMI 1 PCM (384 kHz), DSD64 e DSD128 compatível com o DirectStream Transport SACD para reprodução de DSD nativo sem qualquer tipo de alteração no sinal.

O DAC Stellar utiliza o chip FPGA Lattice, da Digital Lens, que basicamente analisa a integridade do sinal, diminui o jitter e passa o sinal digital para o chip ES9010K2M SABRE, que faz a conversão de digital para analógico.

Na parte analógica, as coisas ficam ainda mais interessantes. Temos três entradas RCA e uma balanceada XLR que são suficientes para ligar qualquer transporte como toca-discos através de um pré de phono externo, CD-Player ou ligar o sistema multicanal. Uma saída RCA, uma balanceada XLR e, no painel frontal, próximo ao mostrador, um conector para headphone de 1/4. O controle de volume da sessão de pré-amplificação é totalmente analógico, utiliza uma tecnologia proprietária desenvolvida pelo próprio Paul McGowan, fundador e CEO da PS Audio nos anos 2000. O nível de saída do pré é totalmente balanceado, controlado por duas células de ganho (uma para cada canal), ligadas diretamente ao botão de volume - estas células são responsáveis por fornecer os níveis de ganho do sinal, fazendo com que qualquer movimento no botão resulte em um ganho de sinal mais estável e limpo na saída.

O gabinete do Stellar GCD é produzido inteiramente na fábrica da PS Audio, e é construído com uma espessura de alumínio que impressiona! Tudo em nome da contenção das vibrações que tanto nos atormentam. Suas medidas são generosas para acomodar a fartura de entradas e saídas: seu tamanho (43 x 34 centímetros) é condizente com a sua proposta de ser um três-em-um robusto, feito para audiófilos.

A tampa superior se encontra com a inferior na parte frontal do gabinete, formando uma linha escura e profunda que percorre toda a

frente, expandindo apenas para acomodar o mostrador OLED azul. Ao lado da tela, um discreto botão de seleção e, no outro, o knob de volume.

O acabamento do gabinete é texturizado com duas opções de cores: a cor tradicional prata e o preto. O controle remoto é bastante completo e funcional, ergonômico e leve. O que não gostei é que os botões de entradas e saídas estão identificados por números, que também estão identificados assim no painel traseiro do aparelho. Por exemplo, o número oito representa o coaxial. É um jeito novo de fazer, que talvez seja melhor, mas eu não achei.

COMO TOCA

Para o teste utilizamos os seguintes produtos e acessórios. Fontes: toca-discos de vinil Reloop TURN5 com cápsula 2M Red, 2M Bronze e Quintet Black + Pré de phono The Phonostage II SE, Notebook HP i7 “modado” (+ SSD, Windows 7, Roon Server + HQ Player), CD-Player Luxman D-06, DAC Hegel HD30. Amplificação: Hegel H300, Sunrise Lab V8 MkIV, integrado Anthem STR. Cabos de força: Transparent MM 2, Kubala Sosna Elation, Sunrise Reference Magic Scope. Cabos de interconexão: Crystal Cable Absolute Dream XLR, Sunrise Lab Reference Magic Scope RCA e Coaxial digital, Sunrise Lab Quintessence RCA e Coaxial digital, Sax Soul Cables Zafira III XLR, TotalDAC d1 USB, Sax Soul Zafira III USB. Cabos de caixa: Argento Flow, Transparent Reference XL e Sunrise Lab Quintessence Magic Scope. Caixas acústicas: Dynaudio Confidence C4 Signature, Neat Ultimatum XL6, Dynaudio Emit M30. Fone de ouvido: Sennheiser HD-700.

O Stellar Gain Cell DAC é muito gostoso de ouvir. Por causa da sua topologia totalmente balanceada e sua parte analógica muito bem resolvida, ele não dá trabalho com acerto. Todas as fontes, e cabos que foram adicionados a ele, tocaram muito bem, mostrando assinaturas próprias dos respectivos produtos, demonstrando que se tratava de um aparelho neutro com ótimo refinamento.

Começamos os trabalhos com Bozzio Levin Stevens, disco Black Light Syndrome, faixa 3. Uma música pauleira para qualquer sistema, e para este pré com poderes de DAC ainda mais pois seu calvário seria dobrado! Devo dizer que fiquei duplamente surpreendido, pois a combinação do digital com o pré analógico ficou muito boa, o tempero entre musicalidade e pegada do pré classe A com a clareza nas altas do DAC digital, fica muito bom!

O violão ficou rápido e bastante musical, e a bateria então, nem se fala... os timbres são muito bons. Como DAC, soava levemente aberto para o meu gosto pessoal, mas com certeza existe uma legião de audiófilos que irão adorar esta característica.

No disco da Patricia Barber, Companion, faixas 1 e 2, percebe-se uma excelente formação de palco, com bastante holografia, o contrabaixo tem ótima extensão, tudo é muito agradável, mas fiquei com

aquele sensação de que o som puxava para o lado digital quando pelo DAC. Via pré-amp não, soava lindamente! Palmas da platéia, órgão eletrônico e a percussão soavam muito próximo do ideal, mas ainda não tanto quanto achava que poderia. Foi então que decidi trocar o Transparent de força pelo Sunrise Reference Magic Scope. Melhorou muito! É comum de acontecer do Transparent não encaixar muito bem com digitais fora da sua faixa de pontuação - ele é mais crítico no casamento com alguns equipamentos, não são todos que ele abraça e acolhe. Já com o Rerefence Magic Scope o casamento foi muito bom, as altas ganharam corpo e os graves, extensão e ótimo decaimento. O mesmo aconteceu utilizando o Kubala Elation de força. Ele deu uma “adocicada” no som, ganhou nuances e calor na medida certa para o DAC.

Já com cabos de interconexão, o Stellar GCD mostrou enorme compatibilidade com todos os cabos utilizados, mostrando as características sônicas de cada cabo com muita sinergia, atestando o seu alto grau de refinamento e neutralidade. Outra boa surpresa foi perceber o quanto ele casa bem com amplificadores de características tão diferentes. Tirando a minha rabugice com o integrado Anthem por ter uma sonoridade complexa, a compatibilidade com Hege H300, Sunrise Lab V8 e Anthem foi muito boa. Tanto que o Anthem, que tem fortes semelhanças sônicas com o Stellar GCD, se beneficiou enormemente do seu pré e do DAC. Suas semelhanças não se amontoaram nem mexeram na balança do equilíbrio tonal. Isto foi uma surpresa para mim, pois estava receoso desta combinação. Ele trouxe, por exemplo, macro-dinâmica melhor e maior extensão nos extremos, palco mais largo e mais profundo, ao Anthem.

Agora, a maior surpresa mesmo foi ouvi-lo como amplificador de fone de ouvido. Para os amantes do headphone, sugiro fortemente que escutem o Stellar Gain Cell DAC. Se ele é bom como DAC e como pré-amplificador, empurrando fones de ouvido ele é simplesmente maravilhoso! Tenho certeza que, se colocar este DAC com seu headphone, as chances de aposentar o amplificador dedicado para fone de ouvido é muito grande. Mesmo porque poucos amplificadores de fone de ouvido chegam nesta pontuação por este preço, que ainda leva de brinde toda a conveniência do pré e DAC.

Ele comandou o Sennheiser HD 700 com maestria, controlando cada excursão do fone, grandes massas sonoras como as contidas em muitas músicas eruditas e big bands. Ele demonstrou ser autoritário, e ao mesmo tempo bastante condescendente com gravações difíceis, trazendo um enorme conforto auditivo, diminuindo a fadiga pelo uso do fone.

Não tinha gênero musical que ele não tocasse com muita desenvoltura e fidelidade. Claro que as músicas pedreiras como Joe Zawinul Brown Street, disco 2 faixa 1, e Rachelle Ferrell Live in Montreaux faixa 10, e outros, ele suava para entregar as passagens difíceis, mas ➤

ÁUDIO



entregava e com ótima pegada, sempre com folga e boa pegada. Os trabalhos de prato, peles de bateria e percussão, e de piano, ficaram simplesmente maravilhosos. É sem dúvida a melhor parte deste equipamento!

CONCLUSÃO

O Stellar Gain Cell DAC faz parte desta nova geração de produtos ‘tudo em um’, mas com certeza ele sai muito na frente de seus concorrentes porque foi pensado não como um ‘tudo em um’, mas sim como um ‘três em um’. Três aparelhos distintos com desafios de projeto diferentes mas que, no final, são equivalentes em qualidade. Se você procura enxugar o seu sistema, reduzindo o número de cabos de força e interconexões e abrindo espaço na prateleira, sugiro que ouça o Stellar Gain Cell DAC e comprove por si mesmo o quão versátil e poderoso ele é.

COMO PRÉ DE LINHA

NOTA: 82,0



DIAMANTE REFERÊNCIA

COMO DAC VIA USB

NOTA: 83,0



ESTADO DA ARTE

COMO DAC VIA COAXIAL

NOTA: 84,0



ESTADO DA ARTE

COMO AMPLIFICADOR DE FONE DE OUVIDO

NOTA: 85,0



ESTADO DA ARTE



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=JMUy7EGzQ0](https://www.youtube.com/watch?v=JMUy7EGzQ0)

AVMAG #247
 German Audio
contato@germaniaudio.com.br
 R\$ 10.900

DAC HEGEL HD30

Fernando Andrette



PRODUTO DO ANO
EDITOR

Se havia um produto que desejava testar há muito tempo, esse produto era o DAC modelo HD30 da Hegel. Pois escutando os DACs internos dos integrados H300 e H360, sempre fiquei com a sensação que a Hegel tinha muito mais a entregar em um conversor digital à altura dos seus produtos mais top, como o power H30.

Então, quando o HD30 foi lançado, em meados de 2016, comecei a acompanhar sua performance pelo mundo e decidi pedir para o novo importador nos disponibilizar um, assim que possível. Foram longos meses de espera, até que finalmente recebo um telefonema do Edmar (diretor da Mediagear) dizendo que no novo lote de importações estava vindo o nosso pedido.

O HD 30 ganhou enorme notoriedade pela sua performance com um custo muito admissível (até para países emergentes), pois sua versatilidade permite ao audiófilo substituir o pré de linha por ele, com muitas vantagens. A própria Hegel não admite publicamente, mas deixa nas entre linhas que o HD30 pode substituir seu pré top, o P30, sem perda alguma de qualidade!

O HD30, como todos os produtos desta marca norueguesa, não prima por nenhum acabamento luxuoso, jogando todas as suas fichas na performance do produto e não na beleza externa. Possui todo o tipo de entrada digital hoje oferecida ao mercado, como: S/PDIF coaxial, TosLink ótico, USB, Ethernet, BNC e a minha preferi-

da, a AES/EBU. O fabricante especifica em seu manual que todas as entradas são capazes de reproduzir PCM até 24-bit/192 kHz, e pela entrada USB é capaz de converter DSD64 e DSD128.

Na saída, o usuário terá a sua disposição RCA e XLR - ambas com 2,6 VRMS. O HD30 utiliza, entre cada entrada e saída, um chip ALM AK4490EQ para cada canal. E em relação ao DAC HD12, todas as fontes de alimentação e os estágios de saída analógicos foram aprimorados.

A entrada USB - chip C-Media - opera sem drivers para reprodução PCM 24/192, em sistemas operacionais compatíveis com USB Audio Class (MacOS e Linux). A reprodução de áudio 24/96 é possível no Windows, sem instalação do driver, selecionando o Modo A usando a chave na parte traseira do chassi do Hegel. Já a reprodução DSD64 via USB é possível a partir de um Mac usando Roon, JRiver Media Center e Audirvana. Para DSD128, algumas opções são: PC com o Windows 10 ou JRiver Media Center. Eu não utilizei nenhuma dessas plataformas para o teste, peguei essas informações de testes feitos lá fora.

Nossa avaliação focou a qualidade de reprodução PCM em 16-bit/44kHz usando como transporte o dCS Scarlatti e o CD-Player Emotiva ERC-3, pelas entradas digitais AES/EBU e Coaxial, e o HD30 como pré de linha ligando com o sistema Scarlatti, o CD-Player Emotiva e o DAC CH Precision C1.

ÁUDIO

Na parte de pré, o HD30 possui um controle de volume digital que vai de 0 a 100/101 (quando você o utiliza apenas como DAC, 101). O nível de volume, cada vez que você liga o aparelho, é definido automaticamente no 20. Quando o volume é fixado em 101, o equipamento ignora toda a atenuação digital.

Para o teste, além dos equipamentos já citados acima, utilizamos os powers Hegel H30 e CH Precision M1. Cabos digitais: Quintessence coaxial, Quintessence XLR e Crystal Cable Absolute Dream. Cabos de interconexão: Sax Soul Ágata RCA e XLR, Quintessence RCA e XLR, e Transparent Opus G5 XLR. Cabos de caixa: Transparent Reference XL MM2 e Quintessence. Caixas acústicas: Dynaudio Contour 60, DeVore 88x e Kharma Exquisite Midi. Cabos de Força: Chord Sarun e Transparent PowerLink MM2.

Primeiramente avaliamos o HD30 como DAC, ligado aos prés de linha Dan D'Agostino e CH Precision L1. Posteriormente avaliamos o HD30 como pré de linha ligado direto aos powers H30 da Hegel e CH Precision M1.

Tenho muito acesso ao integrado H360, de um grande amigo que desde que realizou esse upgrade (troca do integrado), passou a utilizar o seu CD Player como transporte ligado ao DAC interno do integrado H360, através de um cabo digital coaxial. As melhorias no sistema deste amigo foram sólidas e significativas!

Já havia achado muito interessante o DAC interno do integrado H300, e foi uma grata surpresa a melhora ainda maior no DAC interno do H360. Fizeram uma fonte dedicada, o que tornou o DAC interno muito mais silencioso. Os nossos leitores que acompanharam ambos os testes dos integrados, se lembrarão que tivemos o cuidado de dar uma nota para o integrado e uma nota separada para o DAC interno. No H360 a distância entre a performance do amplificador e o DAC interno diminuiu sensivelmente, porém não a ponto de igualar a performance analógica do produto.

Partimos para a avaliação do HD30, comparando com a performance do DAC interno do H360 (que atingiu 88 pontos). Posso dizer que não deu nem para o primeiro round! Pois tratam-se de produtos de níveis muito distintos. O HD30 é um produto Estado da Arte de altíssimo nível. Seu silêncio de fundo permite que o som brote com tamanha naturalidade e leveza que levamos alguns segundos para nos adaptar à riqueza de detalhes que surgem da mais sutil micro-dinâmica audível! Esse silêncio surpreendente também nos apresenta um foco e recorte tão preciso como as duas referências que utilizamos para o teste (dCS e CH Precision)! Com um pequeno detalhe: o HD30 custa uma fração desses dois DACs!

O HD30, como todos os produtos da Hegel, precisa de uma estabilização de temperatura - para dar o seu melhor. Sua queima foi das mais tranqüilas - com 50 horas já podíamos desfrutar de audições

repletas de calor, transparência e naturalidade. Após 180 horas de amaciamento, o HD30 estabilizou de tal maneira que as únicas alterações em sua assinatura sônica ocorreram com mudança nos cabos digitais e de força. Sua compatibilidade com nosso sistema de referência foi total!

O HD30 possui aquele raro equilíbrio entre energia e conforto auditivo. Não espere dele nenhum tipo de performance pirotécnica, que nos faz pular da cadeira em um fortíssimo, mas também não espere uma apresentação letárgica.

Ele possui um controle absoluto das variações dinâmicas, e só se apresenta quando a música assim exige. Por que digo isso? Porque existem DACs e sistemas que parecem estarem sempre trabalhando 'nervosos', prontos para dar o bote. Esses são os sistemas que traduzo como 'pirotécnicos', que agradam por algum tempo e depois nos cansam até nos fatigarem!

O HD30 é a antítese dessa escola. Sua virtude está em justamente ter fôlego e controle suficiente para não comprometer sua performance em nenhuma situação e proporcionar ao audiófilo horas e mais horas com seus discos preferidos.

Seu equilíbrio tonal é notável, e a extensão correta em ambas as pontas, com decaimento suave, corpo e velocidade. Ficamos extasiados ao ouvir como os graves soam, sempre presentes e precisos na marcação de tempo e ritmo. Produtos com este grau de refinamento não chamam a atenção para si, se colocam a serviço da música e nada mais.

Os planos são excelentes, com ótima altura, largura e profundidade. Com as três caixas utilizadas no teste o resultado em termos de palco sonoro foi excelente! Os planos da orquestra, assim como os solistas, são espalhados com tamanha precisão que você aponta o que escuta. Os engenheiros da Hegel se debruçaram de tal maneira em conseguir o melhor silêncio de fundo possível que os resultados simplesmente afloram a cada audição.

Eu sou um fã de carteirinha da apresentação de textura do amplificador H30, acho-o neste quesito de nossa metodologia uma referência a ser batida. Já escutei outros powers no mesmo nível (todos mais caros, e alguns um 'caminhão de dinheiro' mais caro), mas nenhum outro produto da Hegel havia se mostrado tão exemplar neste quesito, como o H30. Agora ele tem um par à sua altura: o HD30. Os naipes de cordas, sopros, vassouras nas caixas de bateria, são tão ricos, precisos e detalhados que conseguimos sentir além de ouvir.

Fiz algumas audições em que a intencionalidade era tão presente que o corpo reagiu levantando os pelos do braço! Esse é um fenômeno físico raro de me ocorrer em audições, pois não foi uma ou duas vezes - foram diversas!

Sua dinâmica é exemplar, pois não compromete de maneira alguma uma audição correta. Ele se mostra autoritário quando exigido, mas sempre com uma folga enorme (presente apenas em nossos dois DACs de referência: dCS e CH Precision). Em gravações tecnicamente excepcionais, o grau de presença física do acontecimento musical é soberbo! Nos levando a 'ver' o que estamos a ouvir. Escutando um coral à capela russo, foi possível perceber todo o esforço dos barítonos para manter o alongamento da nota até o fim da obra. Com tamanho realismo, que ouso dizer que eram de seis a oito barítonos no coral! Pois ainda que o esforço de cada naipe soar uníssono deva ter sido ensaiado a exaustão, a gravação que valeu teve esse pequeno vacilo em que uns dois ou três não conseguiram sustentar a nota até o pianíssimo!

Não cito este exemplo como um defeito do HD30 (pois pode parecer que sua micro-dinâmica seja muito transparente). Não é isso - é para mostrar que o grau de materialização física do acontecimento musical nos coloca muito próximos, como se tivéssemos tido a oportunidade de acompanhar a gravação.

Como pré de linha utilizei por mais tempo ele ligado com seu par de direito, o H30, e fui buscar minhas anotações do P30 para relembrar os discos usados e o set de cabos. Para minha surpresa, gostei mais do HD30 tocando em conjunto com o power H30 do que o pré-amplificador P30. Achei o conjunto mais musical, com maior silêncio de fundo e maior folga e autoridade. A questão é que, no HD30 o usuário não poderá ligar nada além de uma fonte digital. E no P30 pode-se ligar diversos outros produtos (como um toca-disco, gravadores de rolo, etc). Mas, se o usuário só tem por objetivo e interesse usar um computador ou um transporte, eu indico o HD30 como a melhor solução, pois sonicamente ele também se mostrou superior em todos os quesitos de nossa metodologia.

CONCLUSÃO

Muitos leitores reclamam que existe uma enorme lacuna entre os DACs acessíveis de mercado e os DACs Estado da Arte. E que nessa lacuna se encontra justamente o maior potencial de compradores que desejam fechar um sistema Estado da Arte definitivo sem comprometer sua renda ou seus bens. Parece que os fabricantes de hi-end começam a virar suas baterias justamente para esse nicho de mercado.

Ainda que o valor do HD30 esteja acima dos DACs de preço intermediário, pela sua versatilidade e performance muitos audiófilos certamente irão levar em conta esse pacote de vantagens. Afinal você não está levando apenas um espetacular DAC Estado da Arte, você está levando também um excelente pré de linha! Assim deve ser pensado o HD30, como um produto que atende tanto o mercado premium como o jovem audiófilo que deseja ir para o topo definitivamente.

Minhas expectativas em relação ao produto foram todas batidas. Esperava muito deste DAC, mas não sabia que seu nível de refinamento ombreava com produtos muito mais caros. Saber que você pode ter um DAC de tão alto nível nessa faixa de preço é uma notícia que merece ser divulgada a todos!

Se você se encaixa no perfil de audiófilos que buscam simplificar seu sistema, ampliando a performance, não deixe de ouvir o HD30 o quanto antes!



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=EC4GUKIPEM](https://www.youtube.com/watch?v=EC4GUKIPEM)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=2LRGOVGDKWU](https://www.youtube.com/watch?v=2LRGOVGDKWU)

COMO PRÉ-AMPLIFICADOR

NOTA: 94,0

COMO DAC

NOTA: 96,0

AVMAG #240

Mediagear
(16) 3621.7699
R\$ 29.575



ESTADO DA ARTE

ÁUDIO

CH PRECISION CONTROLADOR & DAC C1

Fernando Andrette



Deixei o C1 por último na esperança de chegar o D1, seu parceiro nato, já que o D1 é um CD-Player mas, também, pode funcionar como transporte para o C1. Mas infelizmente não chegou a tempo. Então fizemos o teste do C1 como DAC, ligado ao transporte Scarlatti da dCS, e como pré-amplificador ligado ao power M1 e comparado diretamente ao pré L1, ambos também da CH Precision. E também aos powers Hegel H30 e Emotiva XPA-1.

O C1, como todos os produtos deste fabricante suíço, foi pensado para ser o mais flexível possível. Há opções de entradas digitais e analógicas, conexões USB e Ethernet, e conexões de clock, bem como a possibilidade de uso da fonte de alimentação externa X1.

O C1 pesa 32 kg, possui entradas digitais AES/EBU para PCM 32-bit/768 kHz e DSD 56448 MHz, e S/PDIF e Toslink para 24-bit/192 kHz. Entradas de streaming: USB (PCM 24-bit/192 kHz) e DoP 2.8224 MHz, Ethernet (PCM 24-bit/192 kHz e DSD 56448 MHz). Formatos de streaming suportados: PCM, WAV, AIFF, FLAC, ALAC, AAC, MP3, DSD, DSF e DFF. Entradas analógicas: 1 par de XLR e 1 par de RCA.

Seus chips de DAC são quatro PCM1704 por canal. Dimensões de gabinete de 44 por 12 por 44 cm. Sua construção é impecável, como todos os equipamentos deste fabricante. O controle remoto, no primeiro momento, parece pequeno e minimalista (principalmente se comparado com o dCS o Dan D'Agostino) mas você logo se acostuma com sua ergonomia e facilidade de uso.

Ainda que o fabricante não estipule o tempo necessário de queima, li em alguns fóruns internacionais algo entre 200 e 250 horas.

Para o teste utilizamos os seguintes cabos digitais: Transparent Reference e Crystal Cable Absolute Dream (AES/EBU), e Sunrise Lab Quintessence (coaxial). Cabo de força: Transparent PowerLink MM2. Cabos de interconexão: Sax Sou Ágata (XLR e RCA), Sunrise Lab Quintessence (XLR e RCA) e Transparent Opus G5 (XLR).

O C1 veio completamente amaciado, então o colocamos imediatamente em teste. A mesma assinatura sônica do pré e do power, com uma precisão cirúrgica, impressionantes refinamento e transparência, uma folga que permite ao usuário abusar um pouco mais do volume, mesmo em gravações tecnicamente mais limitadas.

O C1 como DAC irá encontrar muito poucos concorrentes pela frente, pois além de sua enorme versatilidade, sua performance o coloca (assim como o power e o pré-amplificador) em uma classe à parte! Tivemos duas semanas para conhecer o C1 e compará-lo diretamente com o DAC Scarlatti da dCS. Foi um embate muito interessante, pois são concepções de topologias distintas, que oferecem o melhor que se pode desejar da reprodução digital. E, claro, atendem a audiófilos que possuem expectativas muito diferentes em relação ao que esperam de uma fonte digital de referência.

Começarei pelas mais audíveis: separei vinte discos de piano solo, de diferentes períodos (décadas de 60, 70, 80, 90 e do século XXI). Gravações de dois gêneros específicos: clássico e jazz. Para o audiófilo que não admite nenhum deslize na última oitava da mão direita, em que as notas não podem soar mais brilhantes, a escolha talvez termine aqui! O C1 é muito mais condescendente com esses detalhes, trazendo um conforto auditivo que permite ao usuário ouvir essas passagens ➤

no volume correto, sem se preocupar com nada! O Scarlatti é muito mais 'rigoroso', e se a gravação tiver tido alguma 'falha' no momento da captação, vai ser inevitavelmente apresentada.

Ainda utilizando os discos de piano solo, as variações do forte para o fortíssimo possuem muito mais energia e deslocamento de ar no Scarlatti, porém a folga do C1 possibilita um conforto auditivo maior nas macro-dinâmicas, com a possibilidade de uma maior inteligibilidade dos decaimentos, trabalho nos pedais e ambiência da sala de gravação.

As texturas são muito similares, assim como o corpo dos instrumentos e o soundstage (foco, recorte, ambiência, e largura, altura e profundidade de palco).

Os transientes nitidamente parecem mais precisos no C1, no entanto o Scarlatti, passa-nos a sensação de ter maior velocidade, como se os músicos estivessem mais atentos e seguros na gravação (parece algo subjetivo demais, que fica mais fácil de apreciar com instrumentos de percussão, como piano, bateria, tamborim, etc).

Um amigo pianista, que ouviu comigo esses 20 discos, disse que a sensação é que no Scarlatti a execução parece mais tensa e concentrada e no C1 mais relaxada como se o músico não estivesse ainda gravando. Ele então gostou mais das gravações tecnicamente mais limitadas reproduzidas no C1, e as mais bem gravadas no Scarlatti. E resumiu seu raciocínio convencido que talvez o C1 seja mais indicado para aqueles que possuem uma quantidade de discos muito eclética e que não abrem mão de ouvir todos esses discos. Eu concordo, e acho que os engenheiros da CH Precision tinham em mente esse mesmo objetivo: dar ao audiófilo a oportunidade de resgatar toda sua discoteca!

O próximo passo deste comparativo foi selecionar Big Bands. Escrhei dez gravações, todas de excelente nível artístico e técnico. O que já havíamos detectado de semelhanças entre os dois produtos (textura, corpo harmônico e soundstage) se confirmaram. Mas, com mais instrumentos em passagens bem complexas e nos fortíssimos, o C1 teve uma margem de vantagem boa, pois sua folga mais uma vez nos passa um conforto auditivo impressionante. E nos remete a um grau absurdo de inteligibilidade de cada nuance! Nada se perde, tudo está lá para ser apreciado em detalhe!

O Scarlatti possui mais grave e um pouco mais de peso nesta região. Mas o C1 compensa essa diferença com o grau de precisão e o conforto auditivo. Os agudos são difíceis de escolher qual soa mais natural e com decaimento mais preciso e suave. Pratos são reproduzidos divinamente em ambos, com decaimentos precisos e texturas palpáveis. No entanto, em termos de corpo, gostei mais com o Scarlatti.

A briga se torna mais evidente e apertada quando avaliamos a região média (principalmente com vozes e cordas). As nuances e a

técnica vocal dos músicos parecem mais precisas no C1. No entanto a materialização (organicidade) e energia são muito mais 'realistas' no Scarlatti.

Então voltamos à mesma questão das gravações de piano solo: para os que não abrem mão de apreciar toda sua discoteca, o C1 certamente será a primeira opção. Ouvi algumas gravações de vozes femininas e o que mais me chamou atenção no C1 foi o tratamento dado à micro-dinâmica. Detalhes que só havia observado em audições no dCS Vivaldi e, em menor grau, no dCS Rossini.

O Scarlatti se concentra no global, mantendo o acontecimento sempre debaixo do refletor, com menor variação de luz. À medida que você vai conhecendo e se acostumando com a assinatura sônica dos produtos CH Precision, você rapidamente se 'vicia' e a volta é bastante difícil. Nos dois quesitos da nossa metodologia, Organicidade e Musicalidade, houve um empate, pois o Scarlatti com sua energia e transparência nos dá uma materialização do acontecimento musical impressionante. E o C1, com sua folga e absurdo silêncio de fundo, nos apresenta a música com uma ausência de fadiga absurda!

Então, voltamos ao início de minha apresentação do teste do C1: quem irá escolher é o cliente. São duas escolas que primam em oferecer produtos de nível e performance superlativos, e que tranquilamente atenderão as mais altas exigências audiófilas. Então, tudo se resume a uma questão de gosto pessoal!

Li também diversos testes publicados lá fora, e pesquisei dois fóruns em que se discute exatamente as diferenças entre o dCS Vivaldi e o CH Precision C1 com seus pares (D1 e fonte X1). É um embate de cãchorro grande, meu amigo. E as opiniões são bastante divididas. Com um revés para o conjunto CH Precision, por custar um pouco menos que o conjunto dCS Vivaldi.

Como tentamos e não conseguimos realizar essa avaliação com o D1 como transporte, só posso avaliar o C1 parcialmente. Porém acredito ter dado uma consistente ideia de seu potencial e performance.

Por último, avaliei o C1 como 'controlador' (que é como o fabricante o batizou), comparando-o direto com o pré L1 e também com o HD30 da Hegel (leia teste na Edição 240). Vou direto ao ponto: se você já possui o M1 da CH Precision e o conjunto D1 para usar como transporte/CD-Player, e encontra-se na dúvida se o próximo passo é a aquisição do pré amplificador L1 ou o C1, então pode escolher o C1!

Ele foi de longe o melhor pré embutido em um DAC que testamos. Superior ao da Hegel, superior ao do DAC do Scarlatti e muito mais próximo do L1 do que poderíamos imaginar! Ele não irá substituir o L1, mas enquanto você toma fôlego, o C1 como controlador não fará feio.

Uma transparência incrível, excelente equilíbrio tonal e soundstage, ótima textura e transientes. Perde em relação ao L1 em macro e micro-dinâmica, corpo harmônico, transientes e organicidade.

Mas perde apenas em refinamento!

ÁUDIO



CONCLUSÃO

Sempre que testamos produtos deste nível, me coloco no seu lugar, leitor, e tento descobrir que dúvidas serão mais pertinentes. Uma que me veio a mente agora diz respeito a se um CH Precision deve obrigatoriamente tocar em um sistema todo CH Precision. A resposta é não. E basta uma consulta aos fóruns internacionais para constatar que muitos audiófilos possuem peças CH Precision em seus setups.

Outra pergunta que faria: se já possui um sistema Estado da Arte de alto nível, qual peça CH Precision deveria ouvir em meu sistema para um seguro upgrade? Eu começaria justamente pelo C1, desde que o audiófilo já tenha um excelente transporte ou já tenha migrado apenas para streaming. E, se possível, avaliaria a oportunidade também de escutar com fonte de alimentação X1 - já que parece ser uma unanimidade o salto que o C1 dá com essa fonte externa. Pois ainda que caros, são mais baratos que os concorrentes deste mesmo nível.

Agora ouvir o sistema inteiro CH Precision, o ouvinte terá uma assinatura sônica CH Precision, com todas as qualidades já citadas nos testes do M1, L1 e, agora, do C1. Se forem esses os atributos tão desejados para si, o risco de decepção diria ser absolutamente nulo. Essa escolha possibilitará ao audiófilo voltar a ouvir toda a sua discoteca sem nenhuma exceção!

Pois os CH Precision primam por três qualidades: precisão (ritmo, tempo e inteligibilidade), folga (para o melhor conforto auditivo possível), e musicalidade! Ter na mesma proporção essas três qualidades é um feito raríssimo mesmo para produtos deste nível!



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=Y_OY5ZA9TXU](https://www.youtube.com/watch?v=Y_OY5ZA9TXU)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=EVGMACYFTBK](https://www.youtube.com/watch?v=EVGMACYFTBK)

**COMO CONTROLADOR
DE VOLUME**

NOTA: 97,0

COMO DAC

NOTA: 101,0

AVMAG #241
 Ferrari Technologies
 (11) 5102.2902
 US\$ 69.000



ESTADO DA ARTE

CD-PLAYER / TRANSPORTE EMOTIVA ERC-3

Juan Lourenço



Uma excelente fonte deveria ser a base de qualquer sistema eletrônico sério. É por ela que tudo começa e a música ganha vida, e é o elo mais delicado de acertar em qualquer sistema. Seja ele de entrada ou Estado da Arte. Sabendo da importância deste componente em qualquer sistema de áudio, a AV Group disponibilizou para testes o CD/Transporte ERC-3 da Emotiva.

Seus atributos começam pelo seu potente conjunto ótico, que reproduz CDs de áudio estéreo, HDCDs, CDs gravados em MP3 e a camada PCM de SACDs híbridos. Seu DAC interno de alto desempenho, AD1955 da Analog Devices, utiliza fontes lineares separadas para a sessão digital e para a sessão analógica, transportando o sinal sem interferências entre um estágio e outro, fazendo deste CD-Player um transporte de alto nível.

Além do conjunto ótico e do DAC audiófilo, o ERC-3 conta com chassi de aço reforçado, com carga de peso adicional para minimizar as interferências e a vibração dos componentes internos. O painel frontal é construído em alumínio usinado e o mecanismo de carregamento da bandeja passa a sensação de robustez e confiança.

Na parte traseira do aparelho temos tudo o que um audiófilo mais gosta: furtura de conexões, como saídas de áudio analógicas RCA e balanceadas XLR, saídas digitais coaxial S/PDIF, Toslink ótico e AES/EBU. O nível das saídas balanceadas é de +12 dBV (4V RMS; 11V PP) e das saídas não balanceadas é +6 dBV (2V RMS; 5,5V PP). A resposta de frequência é de 10 Hz a 20 kHz (+/- 0,04 dB), a relação sinal/ruído é de 94 dB, e a distorção harmônica total é de <0,002% (em 1 kHz) e <0,015% (20 Hz a 20 kHz). O crosstalk é de <92 dB a 1 kHz.

Os controles do painel frontal são discretos e fáceis de operar, e possuem iluminação azul. O display alfanumérico de alta visibilidade

é eficiente e seu brilho permite horas de audição noite adentro não incomodando nem uma vez. O nível de sofisticação e atenção aos detalhes está por todo o aparelho, e no controle remoto não poderia ser diferente. Feito em alumínio sólido usinado, a tampa que dá acesso às pilhas é confeccionada em aço e a fixação é feita por imãs potentes. Sofisticação e requinte digno de produtos bem mais caros que ele. Tudo isto nos passa uma sensação bastante positiva, do tipo de um aparelho que vai passar de pai para filho.

Além da durabilidade, todo este cuidado e esmero na construção do ERC-3 têm como objetivo dar maior inteligibilidade ao acontecimento musical, arejamento e silêncio de fundo para que assim possamos desvendar os segredos e nuances contidos na música de nossos artistas preferidos.

Para nos ajudar a desvendar os encantos do ERC3, utilizamos os seguintes equipamentos e acessórios. Amplificadores integrados Sunrise Lab V8 MkIV e Hegel H90. Caixas acústicas Dynaudio Focus 260. Cabos de força Transparent MM2. Cabos de interconexão Sunrise Lab Premium Magic Scope RCA e Reference Magic Scope RCA, e Sax Soul Cables Zafira III XLR. Cabo de caixa Transparent Reference XL MM2.

O Emotiva ERC-3 chegou zero km, o colocamos para amaciar e as primeiras audições mostraram pouca coisa do potencial do aparelho. Até às 100 horas seu som era frio e analítico, variando bastante entre as freqüências graves e médias. Como acontece com qualquer fonte digital, é preciso paciência no amaciamento e desconsiderar estas audições como fator de decisão. A partir de 250 horas, o prazer de ouvir música é total, com destaque para o palco sonoro que é bastante profundo e tem bom foco, mas não é tão largo quanto é profundo. No ➤

ÁUDIO



disco *A Deeper Well*, de Rebecca Kane Sextet, faixa cinco, é possível perceber que o palco está para trás das caixas, tem bom silêncio de fundo, o ar entre os instrumentos é muito bom, mas em algumas passagens da música temos a sensação de que os músicos estão em uma sala de 5 por 10 metros, distantes em profundidade porém próximos em largura. Em compensação, o timbre e corpo dos instrumentos são muito bons, os detalhes da percussão, vibrato da flauta transversal e o som rouco no final da introdução, são maravilhosos.

Pegando gancho no timbre passei para o disco da Madeleine Peyroux, *Dreamland*, faixa cinco, onde o acordeom soa limpo, com texturas suaves e um realismo surpreendente! A voz de Madeleine soa encantadora, e o ERC-3 mostra as pequenas entonações e as várias intencionalidades contidas em seu estilo simples e único de cantar, que fazem qualquer um se sentir apaixonado até pelo ar.

Eu gostei dos agudos apresentados pelo ERC-3. São de ótimo nível, e se fossem um troco mais articulados e líquidos, seriam perfeitos. Ele vai muito bem com gêneros musicais como pop e rock. Já que ele dá uma leve arredondada nas altas, canções comprimidas ficam mais amistosas ao ouvido.

Música de câmara fica uma delícia de ouvir. Já com grandes orquestras ele não decepciona, mas aquela largura de palco a mais seria mais que bem-vinda para este gênero musical.

CONCLUSÃO

O ERC-3 possui qualidades surpreendentes que fazem dele uma opção segura e confiável, principalmente para o audiófilo que busca uma fonte digital de ótimo nível que agüente trabalho duro por anos sem deixar a peteca cair.



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=NEDL6NJJQ5Y](https://www.youtube.com/watch?v=NEDL6NJJQ5Y)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=AASMX6ZPOOG](https://www.youtube.com/watch?v=AASMX6ZPOOG)

AVMAG #240
 AV Group
 (11) 3034.2954
 R\$ 6.232

NOTA: 78,5



DIAMANTE RECOMENDADO

PRÉ-AMPLIFICADOR/DAC/TUNER BASX PT-100 E AMPLIFICADOR ESTÉREO FLEX BASX A-100 DA EMOTIVA AUDIO

Juan Lourenço



Quando fiquei sabendo que iria testar o amplificador estéreo Emotiva A-100, fiquei bastante feliz, pois há mais de cinco anos que não ouvia um power de entrada, eu tinha muita curiosidade em saber em que pé estava a evolução dos aparelhos deste nicho de mercado. O entusiasmo foi tão grande que acabei mencionando em outro teste que o amplificador se encontrava em processo de amaciamento.

Para minha alegria e felicidade geral da nossa sala de audição, alguns dias depois do desembarque do A-100 chegou o Emotiva BasX PT-100, um pré-amplificador estéreo que também é DAC e Tuner. Como havia testado o Integrado BasX TA-100 e fiquei especialmente surpreso com seu desempenho e versatilidade, não perdi tempo em colocar a dupla para amaciar e acompanhar a evolução do conjunto com bastante atenção.

Os dois aparelhos pertencem à linha BasX (basic-X) da Emotiva, desenvolvida para ser a porta de entrada dos amantes de música para o mundo da audiofilia. Como toda a linha BasX, o pré-amplificador PT-100 também surpreende pela fartura de opções: são elas: um sintonizador FM para até 50 estações, pré de phono para cápsulas MM ou MC e saída para fone de ouvidos, além da conveniência de um DAC interno com entrada USB 24-bit/96 kHz que não necessita driver de instalação, ótica toslink 24-bit/192 kHz, coaxial S/PDIF 24-bit/192 kHz, receptor Bluetooth (requer adaptador Bluetooth aptX vendido separadamente). Na parte traseira do aparelho estão três entradas analógicas: phono, CD e auxiliar; duas saídas RCA com controle de volume para conectar até dois subwoofers, e a fundamental saída principal estéreo RCA para conectá-lo ao amplificador de potência.

O pré-amplificador PT-100 possui alguns mimos que, para a turma mais avançada na escola da audiofilia, podem parecer desnecessários ou até mesmo soar como uma heresia. Trata-se do controle tonal (popular equalizador) e um controle de intensidade do sinal que

permite ajustar o equilíbrio entre as duas caixas, um artifício pensado para quem possui salas assimétricas ou salas em conceito aberto onde um dos lados não tem parede próxima, assim ajusta-se o sinal evitando que uma caixa soe mais alta que a outra.

A decisão da Emotiva de adicionar o controle tonal me parece bastante razoável, considerando que o aparelho também se destina a quem está dando os primeiros passos na transição entre sistemas comuns e sistemas com um pé no hi-end. E aqui, caro leitor, permita-me fazer uma reflexão: sabemos que ocorre certo preconceito com a utilização deste dispositivo - eu defendo a não utilização destes artifícios, afinal, o intuito é ouvir a música exatamente como ela foi gravada apreciar de forma in natura todas as impressões e sensações que o artista colocou em sua música, todo o zelo e cuidado com a escolha do estúdio e equipe técnica, o porque de escolherem um piano Yamaha ou um Steinway & Sons, porque de um baixo elétrico e não um acústico, o porque de uma pele leitosa na bateria etc. Sejamos realistas, muitos de nós - inclusive eu - não tiveram um parente ou amigo que tinharam aparelhos bem ajustados. E nem falo de hi-end, pois é um conceito relativamente novo aqui no País, mas de sistemas japoneses de boa qualidade. Muitos estão começando a entender o conceito de reprodução eletrônica estéreo agora, até então questões como interação das caixas com a sala, simetria entre elas, eram balelas - no máximo ficava uma caixa de cada lado da sala (quando não ficavam uma em cima da outra).

Agora imagine você, amigo leitor, acostumando com seu mini-system, visitando um amigo e lá descobrir que a voz do seu artista preferido soa tão marcante e limpa que emociona, as nuances como sutilezas e intenções dos músicos brotam de todo os pontos à sua frente, que as caixas parecem desligadas na sala e, por mágica, todo o acontecimento musical se apresenta tão intimista quanto ➤

ÁUDIO

aqueelas idas a barzinhos para apreciar boa música no melhor estilo voz e violão. Todo um mundo novo se abre bem ali à sua frente, e você sai de lá decidido a ter esta mesma experiência em sua casa, compra um equipamento eletrônico correto bem equilibrado bota pra tocar e... pluft! Descobre que precisa reaprender a ouvir música, reeducar os ouvidos. Este processo de desapego dos graves em excesso, das curvas de equalização em 'V' ou em 'W' não é nada fácil, como em qualquer vício exige o desapego em doses homeopáticas. Eu sei por que passei por isto quando iniciei no hobby. Comprei o integrado que era a sensação do momento, caixas escandalosamente grandes para a minha então minúscula sala/quarto de audição, que faziam sobrar graves ao estilo pancadão, agudos ásperos e médios pobres. Não me faltava referência de música ao vivo, acima de tudo faltava referência de uma boa reprodução eletrônica. Referência de música ao vivo eu tinha mas achava que era normal os sistemas eletrônicos não soarem naturais como ao vivo, assim como costumamos não dar a mesma importância para a qualidade do sistema de som do carro, eu não ligava para o som eletrônico que saía do meu sistema eletrônico (sacou o trocadilho?). Faltava intimidade com fontes melhores, cabeamento, elétrica e acústica. Com o tempo, passei a participar das audições em grupo, promovidas por amigos que tinham sistemas melhores e bem ajustados, então pude começar a entender do que se tratava o tão falado som natural e correto em um sistema eletrônico. Na época em que amigos se preparavam para fazer em grupo o Curso de Percepção Auditiva no Hi-End Show, aproveitei a companhia dos colegas e me inscrevi também, e o curso me ajudou a separar o joio do trigo, perceber os diferentes níveis de qualidade entre sistema ajustado e um desajustado, descobrir o prazer recompensador que um ajuste fino pode nos proporcionar. Então fui deixando de lado os excessos e a cada nova audição buscava dentro do possível trazer um pouco mais de qualidade para o meu sistema.

Voltando ao que interessa: o amplificador estéreo Emotiva BasX A-100 é um sucesso de vendas mundo afora, sua confiabilidade e qualidade faz dele um dos queridinhos dos entusiastas da marca. Segundo a máxima que diz que em time que está ganhando não se mexe, a Emotiva resolveu apenas dar uma atualizada no visual agora mais sofisticado e sóbrio, adicionou uma saída para fone de ouvidos que utiliza o controle de volume da amplificação conferindo maior estabilidade e compatibilidade com diferentes fones.

O botão do potenciômetro é feito em alumínio. Uma chave seletora permite ligá-lo automaticamente assim que o sinal de áudio chegar até ele, ampliando as possibilidades de uso deste aparelho, como utilizá-lo em outros ambientes sem a necessidade de ligá-lo manualmente.

Ele continua sendo classe A/B, com potência de 50 watts por canal em 8 Ohms, resposta de 20 Hz a 20 kHz (<0.05% THD) e 80 watts em 4 Ohms, podendo selecionar alimentação entre 115 e 230 (50 / 60 Hz). O sistema de proteção conta com o mesmo dispositivo contra surtos

de tensão utilizado em toda a linha BasX, que monitora as variações da rede e, em caso de anormalidade, desliga o amplificador.

COMO TOCA

Iniciamos os testes com os seguintes equipamentos e acessórios: amplificador integrado Sunrise Lab V8 MkIV, toca-discos de vinil Gradiente RP-II com cápsula Carbon, CD-Player Transporte e DAC Luxman D-06, notebook Samsung com JRiver versão 22, caixas acústicas Dynaudio Focus 260, Pioneer SP-FS52 By Andrew Jones, Monitor Audio Silver 1, fone de ouvidos Klipsch M40 e AKG K701, cabos de força originais dos aparelhos, cabos de interconexão Sunrise LabPremium MagicScope RCA, Sunrise Lab Reference RCA (antigo), Sunrise Lab Reference MagicScope RCA, Sax Soul Cables Zafira III RCA, Wireworld Platinum Starlight USB, Emotiva MUSB 2.0-2 Length USB, cabos de caixa Transparent Reference XL MM2 e Wireworld Eclipse 6.

Como os dois aparelhos chegaram lacrados, resolvi ouvi-los com a Bookshelf S1 da Monitor Audio e o cabo de interconexão Sunrise Lab Reference e assim deixar até o final do amaciamento. Como no TA-100 esta dupla sai da caixa tocando relativamente bem, sentimos falta dos graves soltos e agudos com mais extensão, mas o amaciamento está longe de ser um tormento e dá para relaxar ouvindo música sem problema algum.

Após 100 horas o pré sofria menos com variações que o power, ainda abafado e sem graves, o que ajudava nas audições era o cabo Reference, que tem um grave mais encorpado e médios mais presentes, que compensavam as deficiências do amaciamento. Deixamos mais 150 horas e então ouvimos mais um pouco. Os dois estavam a pleno vapor tocando com rapidez e bom equilíbrio. Começamos então a dança dos cabos, e a dupla se mostrou bastante sensível à troca de cabos principalmente de interconexão, o que é sempre um ótimo sinal de refinamento.

Quando trocamos o Reference antigo pelo Premium MagicScope que é o cabo de entrada da marca, o salto foi grande, a principal característica mais perceptível da topologia MagicScope é a rapidez nos transientes e as variações de dinâmica que vão para outro patamar, acordando todo o sistema.

Os agudos ficam mais limpos e o silêncio de fundo melhora consideravelmente. Então colocamos o Reference MagicScope e ouvir Dee Dee Bridgewater, faixa 2 do álbum *Live At Yoshi's*, foi surpreendente! O silêncio de fundo, o ar entre a voz dela e o som do pandeiro, a interação dela com a platéia, imaginar o que ela estaria aprontando no palco para provocar gargalhadas rasgadas e mesmo assim não perder o foco do acontecimento musical, é sem dúvida um grande prazer. O bumbo da bateria tem extensão, modulações e rebatimentos muito naturais que contribuem para formar uma imagem do que acontece no palco.



Foi então que colocamos o Sax Soul Zafira II, para ouvir o que acontecia com a voz dela. O resultado foi apaixonante, os sussurros no início da faixa ficaram mais sedosos e gostosos de ouvir.

O pré de phono toca igual ao do integrado, som cheio e bem definido para sua faixa de preço e com ótimos decaimentos. O que muda, e aí está o grande trunfo de um sistema modular, é poder temperar a interação entre pré e power e com isso compensar alguma deficiência do toca-discos, cápsula ou qualquer parte do DAC - que por sinal também parece ser o mesmo do integrado TA-100. O cabo USB da Emotiva se encaixa muito bem na proposta do conjunto pré+power, transportando o sinal do notebook sem perdas e com pouca coloração, compensando a magreza do notebook.

O que mais causou espanto neste sistema, e aqui me refiro ao power, foi vê-lo empurrar caixas como a Monitor Audio Silver 500 (ainda em amaciamento) e a Dynaudio Focus 260, caixas grandes com bastante espaço interno! Controlar caixas deste tamanho, com woofers grandes e bastante espaço interno, não é tarefa das mais fáceis. Neste quesito ele se deu melhor que o Integrado TA-100, tocando bem sem muita fadiga mesmo quando tocando próximo do limite - tudo dentro do esperado para um amplificador de 80 watts em 4 Ohms.

CONCLUSÃO

Após tirar os aparelhos da embalagem, me perguntei o porque de ter um sistema composto de pré e power sendo que o integrado tecnicamente faria a mesma coisa. A resposta veio ao longo dos dias interagindo com os aparelhos, mudando cabeamento e entendendo como eles reagiam a cada mudança e as características que cada componente absorvia dos cabos.

Isto por si só já vale muito à pena: a liberdade de poder ajustar um sistema que não utiliza cabos IEC padrão audiófilo por meio de cabos de interconexão é, sem dúvida, uma ótima saída. E, se além de apreciar suas músicas de forma mais correta e agradável, você gosta de experimentar cabos e se surpreender com os resultados, a solução pré e power da Emotiva cai como uma luva!



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=FTXAXNBV_EI](https://www.youtube.com/watch?v=FTXAXNBV_EI)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=LKGa6QYOCWQ](https://www.youtube.com/watch?v=LKGa6QYOCWQ)

**AMPLIFICADOR ESTÉREO
BASX FLEX A-100**

NOTA: 70,0

**PRÉ-AMPLIFICADOR EMOTIVA
BASX PT-100**

NOTA: 71,4

AVMAG #238

AV Group
(11) 3034.2954
BASX A-100: R\$ 3.132
BASX PT-100: R\$ 4.106



OURO REFERÊNCIA

ÁUDIO

PRÉ-AMPLIFICADOR AUDIO RESEARCH REFERENCE 6

Fernando Andrette



A Audio Research, que em 2020 completará 50 anos, foi fundada por William Z. Johnson em 1970 em Minneapolis. Johnson dirigiu a empresa por quase 40 anos até que, em 2008 (três anos antes de sua morte), vendeu a empresa para a Fine Sounds, uma subsidiária de um fundo de investimentos do grupo italiano Quadrivio, que também havia adquirido as empresas McIntosh Laboratories, Sonus Faber, Sumiko e Wadia Digital. Dois anos depois venderam todo grupo Fine Sounds para os atuais proprietários: Mauro Gange e Charlie Randall, que a renomearam The McIntosh Group.

A ARC, com essa mudança, foi totalmente revitalizada e atualmente todos os seus projetos são desenvolvidos por uma equipe liderada pelo diretor de engenharia Ward Fiebiger (engenheiro que trabalha há 40 anos na empresa) e por Warren Gehl, o responsável pela 'assinatura sonora' da nova safra de produtos ARC. Warren acompanha todo o desenvolvimento de cada novo produto, como também escuta cada um depois de pronto para entrar no mercado. E leva realmente a sério a máxima do projetista William Johnson: "o simples fato de que um aparelho mede bem não garante que soará bem". Então, o trabalho de Warren junto à equipe de projetistas é certificar que, acima de tudo, cada ARC que sai de fabrica soe muito bem! E soar bem para Warren vai muito além de soar agradável ou correto. É preciso que cada produto ARC tenha uma identidade sonora, que o consumidor identifique no momento em que escuta um ARC.

Como já publicamos alguns meses atrás, a German Audio é o novo distribuidor da marca para todo o território nacional. O Fabio Storelli, antes de bater o martelo, tomou uma série de precauções,

não apenas de ouvir os produtos como também de conhecer a fábrica e conversar pessoalmente com todo o staff de projetistas. Seu objetivo (conforme me disse) era relatar as 'mazelas' de nossa rede elétrica e a total necessidade de se produzir transformadores capazes de suportar essas brutais variações. Para sua surpresa, a Audio Research aceitou o desafio e está disponibilizando para o Brasil unidades com um transformador que atenda às exigências do nosso mercado. Isso representa maior confiabilidade e a certeza de que, se o produto for comprado do importador oficial, ele terá todas as garantias de lei e de fabrica.

Com o acordo fechado, recebemos para avaliação em uma só fornada três produtos: o Ref 6, o integrado VSi 75 e o power Ref 75SE. Como fizemos com o sistema CH Precision, achamos melhor publicar nossas avaliações em separado, pois ainda que o pré possa ser usado em conjunto com o power Ref 75SE, ambos podem perfeitamente ser comprados separadamente e serem utilizados com diversos outros setups.

Segundo o fabricante, o novo Ref 6 (permite-me abreviar), possui muito pouco de seus antecessores, com um novo transformador, atualização de todo o circuito, um controle de volume novo, capacitores desenvolvidos para esse novo projeto e um revisado circuito de áudio que inclui três válvulas 6H30 por canal, e a fonte de alimentação utiliza uma 6H30 e uma 6550WE. O design do REF6 foi totalmente refeito, ganhando um ar mais moderno e bastante sóbrio (apesar das dimensões do gabinete). Gostei muito da visualização do painel que permite ao usuário ler, mesmo a grandes distâncias.

Todos os comandos, como Mute, Inversão de polaridade e Mono, aparecem em letras grandes, facilitando o comando a distância. Dois grandes botões de alumínio anodizado encontram-se nos extremos do painel. O da esquerda é o seletor de entradas e o da direita é o de volume. Os botões abaixo do painel, da esquerda para a direita são: power on/off, menu (para você regular o volume de cada entrada ou renomear as entradas), enter para ter acesso às funções do menu, mono/stereo, inversão de fase e mute. O Display é Vacuum Fluorescent, no tom de verde já familiar da ARC há muitos anos.

Mas, é no painel traseiro que o usuário irá abrir um sorriso de orelha a orelha: tudo com muito espaço, excelente visualização e um arsenal de entradas. São quatro entradas balanceadas, quatro RCA, duas saídas para bi amplificação (XLR e RCA) e uma saída Record. Além de um conector RS-232 e uma entrada IEC de 20 Amperes (padrão da ARC para todos os seus produtos).

O gabinete é todo de alumínio, e a tampa de cima do aparelho é de acrílico com vários respiros para as válvulas. Outro destaque: o controle remoto bem usinado, ergométrico e com todos os comandos a mão.

Em resumo: excelente apresentação em todos os detalhes, capaz de encher os olhos até do mais exigente audiófilo.

O aparelho chegou lacrado e foi ligado para as primeiras impressões ao nosso sistema de referência. Como ele possui saída XLR, não foi preciso sequer mudar o cabo Transparent Opus G5 XLR que utilizamos entre o nosso pré de referência e o power Hegel H30. O fabricante fala em pelo menos 200 horas de queima para se ter a melhor performance. Nossa avaliação estenderia essa queima para mais 100 horas.

Tirado da caixa e instalado, o Ref 6 lembrou-nos aqueles antigos valvulados que já saiam tocando com uma região média exuberante, natural, sedoso, mas com os extermos tímidos. Como sabíamos que o produto precisava pelo menos estabilizar a temperatura, deixamos tocando em repeat por 4 horas e depois sentamos para fazer uma primeira audição (anotações que sempre faço, com os mesmos discos: um exemplar de cada quesito da metodologia).

Com a estabilização térmica das válvulas após quatro horas, a sonoridade já foi outra. Não em termos de extensão nas pontas, mas em relação ao foco, recorte, e transparência. Ou seja, o audiófilo que não sabe esperar, poderá sim ir ouvindo seus discos à medida que realiza o amaciamento do produto. Claro que deverá se abster de já convidar todos os amigos para mostrar a nova aquisição, mas terá um conforto auditivo cada vez maior à medida que o amaciamento avança.

Com 50 horas, os agudos além de ganharem extensão começam a apresentar um respiro mais correto, mostrando (ainda que timidamente) a ambiência das gravações. Mais 50 horas, são os graves que

ganham corpo, velocidade e maior definição. Ou seja, com 100 horas as audições já poderão ser mais longas e prazerosas. Passa-se a observar detalhes da assinatura sônica, em termos de textura, naturalidade e conforto auditivo, que com a medida em que a queima avança, se torna cada vez mais inebriante e viciante.

Gravações conhecidas, ouvidas em centenas de setups distintos, ganham uma aura de novidade. Seja em um detalhe intencional de uma micro-dinâmica, ou na observação de uma faceta na técnica vocal do solista. Tudo se enche de um frescor e pequenas surpresas que vão nos levando a desejar prolongar o tempo de audição ainda mais.

Com 200 horas, os extremos quase que atingiram seu máximo de performance. Os agudos se mostram perfeitamente corretos, com um decaimento extremamente suave e texturas de uma naturalidade palpável. Os graves, além de peso, corpo e velocidade, ganham um foco e recorte muito precisos. Estendemos o amaciamento até as 300 horas por percebermos que, à medida que passamos as 200 horas indicadas, o corpo na região do médio-grave continuou a melhorar auditivamente, mostrando nuances em inúmeras gravações que não eram tão evidentes assim.

O que mais me surpreendeu no Ref 6 é que o que eu esperava de um pré valvulado em termos de uma sonoridade 'molhada' e sedosa, quase etérea, não estava lá na mesma quantidade de outros excelentes prés valvulados como o Luxman 38u. O Ref 6 se mostrou literalmente um pré valvulado mais 'condizente' com as tendências dos prés top de linha. Ainda que ele não seja mais transparente que o nosso pré de referência (que custa o dobro), ou com mais energia na apresentação da macro-dinâmica, sua faceta em apresentar diferentes perspectivas de uma gravação agradou plenamente, pois seu controle foca no equilíbrio em vez de força.

Ele se impõe pela sua harmonia e o que ele extraí das gravações, sejam elas tecnicamente exuberantes ou não. Seu refinamento não minimiza os defeitos, mas os torna bem mais palatáveis aos nossos ouvidos.

Conseguimos excelentes exemplos ao escutar diversos discos de guitarristas de blues e rock, em que o grau de saturação no overdub era quase que insano. Enquanto outros pré-amplificadores por nós testados simplesmente apresentam a escolha feita pelo engenheiro com todas as suas consequências óbvias (como ter que baixar o volume, ou simplesmente desistir de ouvir aquela faixa), o Ref 6 permite ouvir (dentro do limite correto) que naquela saturação há uma execução artística muitas vezes primorosa. Quando constatei essa virtude, não tive dúvidas, depois de passar todos os discos da metodologia, estendi minhas audições com uma pilha de discos de blues, rock e pop, e fiz centenas de anotações, pois quero, quando estiver testando o power (teste que será publicado na edição de setembro), ver se essas características se repetem.

ÁUDIO

COMPATIBILIDADE

O Ref 6 possui excelente compatibilidade com cabos de interconexão (Sax Soul Ágata, Kubala Sosna Elation, Sunrise Lab Quintessence, Guarnieri, Transparent Opus G5) e também cabos de força: Kubala Sosna Emotion e Transparent Opus G5 (20 Amperes). Os amplificadores utilizados foram o Hegel H30, o Emotiva XPA-3 e, por apenas dois dias, o Ref 75SE. Com excelentes resultados com todos os powers e cabos.

Sua apresentação de soundstage dependerá muito, obviamente, dos seus pares. Com o H30 a qualidade dos planos, largura, profundidade e altura foram magníficas na reprodução de obras sinfônicas e Big Bands. O silêncio em volta dos solistas e a materialização dos músicos é palpável! Mas, o Ref 6 não coloca luz adicional aonde não tem, apenas faz uma apresentação muito realista e natural.

Um exemplo claro foi a audição do CD da Diana Krall Live in Paris, que coloquei apenas para avaliar o foco e recorte da cantora e do piano (faixa 11) e acabei ouvindo o disco inteiro, já que o Ref 6 conseguiu um foco e recorte cirúrgicos da cantora em relação ao piano (que em muitos prés se mostra bastante difuso).

As texturas são muito corretas, mas o que mais chama a atenção é a intencionalidade. Poucos prés top tem o requinte de nos apresentar com tanta riqueza o grau de dificuldade de um solo ou de uma passagem com enorme variação dinâmica. As diversas obras para violino e piano, quartetos de cordas e vozes à capela, me mostraram uma faceta muito pouco comum em qualquer pré-amplificador Estado da Arte que já tenha testado. São, na minha opinião, o ponto mais alto do Ref 6, pois ele nos abre uma janela para uma maior 'intimidade' com a obra! Sua apresentação nos permite conhecer em detalhes o que estamos ouvindo, e fazer uma análise segura de dois intérpretes virtuosos de uma mesma obra. Pois ele 'amplia' o grau de intencionalidade, tanto técnica quanto de ideia! Sei que parece subjetivo demais colocar em palavras algo que parece tão complexo de se explicar.

Mas que é absolutamente normal quando se apresenta o exemplo e direciona o ouvinte para observar determinadas nuances específicas da música.

Os transientes do Ref 6 também são magistrais. Não me canso de citar neste quesito o disco gravado por nós, o Canto das Águas, faixa 5, em que um desvio na qualidade dos transientes, deixa a audição 'confusa', fazendo com que o nosso cérebro corra atrás da música. O Ref 6 nos deixa atentos e ligados no tempo e na quebra de andamento, como se primeiro estivéssemos apenas ouvindo o André Geraissati ensaiar e, depois, no Ref 6, ser a 'boa': a que foi para o disco. Quem não tem o SACD, tem essa faixa no disco do André Geraissati que encartamos na Musician. Podendo fazer a prova em seu sistema e testar a qualidade dos transientes em sua configuração atual.

A materialização física (organicidade) do Ref 6 é estupenda, pois não só nos passa aquela sensação do acontecimento musical estar em nossa sala, como nos aproxima alguns centímetros a mais dos músicos (como se mudássemos de fila). O José Cura, disco Anhelo faixas 19 e 20, foram as audições mais perfeitas desta materialização física do acontecimento musical! Sim ele esteve aqui! Em corpo e alma!

CONCLUSÃO

Ainda que tenhamos quilômetros rodados nesta estrada chamada Audiofilia, ainda nos surpreendemos com muitas coisas. Peguei o Ref 6 achando que ouviria um Ref 5SE do próprio fabricante, aprimorado, e me deparei com um produto que deu um salto gigantesco em relação à todos os modelos anteriores deste fabricante (algo que, pelo pouco que ouvi do amplificador, também ocorreu).

Um salto objetivo e de uma precisão extremamente feliz no resultado. Pouco possui dos exemplares anteriores que encantaram gerações de audiófilos por quase meio século! Mas, na minha humilde opinião, conseguiram revitalizar a marca e aperfeiçoaram tudo que devia e era necessário para ser condizente com os novos tempos. É um senhor pré-amplificador valvulado, o melhor que testamos nos vinte e três anos da revista! Fico imaginando o que deve ser o Ref 10, o top de linha da ARC!

Um pré moderno, com excelente construção, atento a cada detalhe, silencioso, preciso e com uma sonoridade que atende tanto ao amante da válvula, quanto ao amante que considera que a válvula possui qualidades interessantes, mas tinha dúvidas se atenderiam a outras exigências na assinatura sônica (como melhor extensão nas pontas, maior energia e melhor macro-dinâmica).

Como já disse, ele possui enorme compatibilidade e essa versatilidade o deixa em uma posição confortável, tanto com powers transistorizados quanto da sua mesma topologia. Se você procura uma maior 'sedução' sem cair em um som letárgico para o seu sistema, por favor ouça o pré-amplificador Ref 6.



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=IVVN3OEZX-U](https://www.youtube.com/watch?v=IVVN3OEZX-U)

AVMAG #243
 German Audio
contato@germaniaudio.com.br
 US\$ 24.760

NOTA: 98,0



ESTADO DA ARTE

PRÉ-AMPLIFICADOR CH PRECISION L1

Fernando Andrette



Peço a gentileza a todos os nossos leitores que nos conheceram agora em abril (espero que sejam muitos, como tem sido nos últimos 12 meses, com um crescimento de aproximadamente 4% ao mês, em média), que antes de iniciar a leitura da nossa avaliação do pré-amplificador CH Precision L1, leiam o teste do amplificador estéreo M1, publicado na edição número 238, de março último, pois poderão ter uma idéia mais consistente da proposta deste fabricante suíço na busca de produzir apenas produtos de nível superlativo!

Ainda que a Ferrari (distribuidor oficial da marca no Brasil) tenha nos disponibilizado o sistema completo (power, pré-amplificador e CD-Player), ao escutar o conjunto, achamos que seria muito mais 'correto', para passar uma idéia exata do nível do sistema separar os componentes ao ouvir em nossa sala de testes e depois escutar, mais adiante, o setup completo no próprio show-room da Ferrari. A matéria com o sistema completo deverá ser publicada na edição de junho ou de julho.

Minha impressão inicial ao escutar o M1 em nosso sistema de referência, em que ele se mostrou muito superior ao nosso power de referência (Hegel H30), é que o mesmo ocorreria com o pré-amplificador L1 em relação à nossa referência, o Dan D'Agostino. Sempre alerto nossos leitores que fizeram nossos Cursos de Percepção

Auditiva, que na nossa metodologia uma diferença de quatro pontos para cima é um salto muito consistente (geralmente esse salto se dá em pelo menos metade dos quesitos da metodologia), porém foram seis pontos no caso do M1 em relação ao H30: em todos os quesitos o M1 se mostrou superior.

Assim imaginei que o L1 também manteria essa distância de seis pontos em relação ao nosso pré, mas não foi exatamente isso que ocorreu. Mas deixemos essa parte para depois.

Em um Box descrevo as características técnicas do produto. Agora gostaria apenas de descrever que o acabamento do L1 também é primoroso tanto em termo estético, como de funcionalidade. Os projetistas levaram muito a sério as questões de vibrações espúrias, chegando ao requinte de todas as placas de circuito interno serem desacopladas por uma suspensão que necessita ser destravada antes do produto ser colocado em uso. O procedimento é simples: do lado esquerdo do aparelho, na parte de baixo, existe uma trava, que deve ser retirada antes de ligar o equipamento. E a mesma deve ser recolocada caso o equipamento tenha que ser transportado.

Assim, seguindo rigorosamente as instruções, colocamos o pré-amplificador no rack, apoiamos o mesmo nos pés direitos, deixando os pés esquerdos para fora do rack, e destravamos a trava ➤

ÁUDIO

rodando-a no sentido anti-horário. Aí, com muito cuidado, sem levantar o aparelho, o colocamos na prateleira.

Ligado ele demora 30 segundos para fazer um pré-aquecimento e ser liberado para uso. Seu painel além de elegante possibilita uma visualização com todas as informações, até mesmo em distâncias superiores a 5 metros (nossa caso). Seu controle remoto de pequenas proporções e minimalista é muito fácil de utilizar. Ergométrico e com apenas cinco pequenos botões de toque, permitem total controle de todas as funções do pré-amplificador. Acostumado com o pesado e grande controle remoto do nosso pré-amplificador, até estranhei nos primeiros dias o peso e a facilidade de manuseio do controle do CH Precision.

Outra característica que adorei de imediato foram as opções de entradas single-ended e balanceadas do pré suíço. Realmente sinto falta de entradas single-ended no meu Dan D'Agostino e, dependendo do peso do cabo RCA que uso, os adaptadores sofrem muito. Os meus já quebraram algumas vezes, por isso mantendo sempre dois adaptadores de reserva.

Outra qualidade que gostei muito foi a possibilidade de ajuste fino do ganho de saída deste pré, que se mostrou muito interessante com os três powers utilizados no teste: CH Precision M1, Hegel H30 e Emotiva XPA GEN 2). Com saídas também balanceadas e single-ended, pudemos utilizar cabos RCA entre o pré e o power (opção inexistente no nosso pré de referência, que só dispõe de saída balanceada).

Assim como o power, o L 1 veio integralmente amaciado do distribuidor, o que possibilitou o equipamento entrar imediatamente em teste. Além do sistema dCS Scarlatti, utilizamos também o DAC Hegel HD30 e as caixas acústicas Devore 88x, Dynaudio Contour 60 e Special 40, e Kharma Exquisite Midi. Cabos de caixa: Quintessence da Sunrise Lab (em teste) e Transparent Reference MM2. Cabos de interconexão: SaxSoul Ágata e Transparent Opus G5. Cabos de força: Sunrise Lab Reference MagicScope e Transparent PowerLink MM2.

O L1 pode sofrer um upgrade ao ser acoplada uma fonte externa batizada de X1 que, segundo o fabricante, reduz ainda mais drasticamente seu silêncio de fundo, refinando ainda mais a sensação de holofotografia sonora e trazendo uma melhor resolução na micro-dinâmica. Sinceramente, para as minhas exigências pessoais a performance do L1 já é tão fora da curva que eu me daria por satisfeito integralmente com ele sem essa fonte externa (afinal essa fonte não é nada barata também). Mas, sabendo que a CH Precision não produz nada para nós mortais - como eu e você amigo leitor - não tenho dúvida que os admiradores da marca certamente, depois de um tempo, irão desejar ouvir essa fonte externa para saber o patamar de performance do produto.

Os relatos que li nos fóruns internacionais citam que o pré-amplificador muda de patamar, parecendo mais com um modelo acima! Não duvido que seja verdade, mas como escrevi, me daria por satisfeito em conviver pelo resto dos meus dias com o L1, assim do jeito que ele veio para teste.

Seu DNA é o mesmo do power M1. Um conforto auditivo pleno, uma precisão de tempo, ritmo e intencionalidade desconcertante, e um grau de realismo que convence de imediato nosso cérebro que estamos juntos com os músicos em nossa sala! Essa composição de qualidades permite um conforto auditivo que nos leva sempre a abusar um pouco mais do volume, buscando o limite máximo da gravação e audições também prazerosas dos discos tecnicamente limitados.

Seu arejamento tanto na apresentação de ambientes, como no silêncio em volta de cada instrumento, é espetacular! Para audições de pequenos grupos musicais, o grau de detalhamento é inesquecível! Ovi duos de diversos instrumentos, como dois pianos, piano e violino, piano e cello, piano e contrabaixo acústico, flauta e oboé, bandolim e trumpet, bandolim e piano, voz e piano, quarteto de cordas, quarteto de cordas com piano, e a sensação é que o silêncio em volta de cada instrumento nos coloca a dois três metros dos músicos na sala de gravação. É o famoso 'ouvir vendo' a performance dos músicos, tanto em termos de intencionalidade como de dificuldade e nível técnico dos executantes. O acontecimento musical se torna 'palpável' e nos coloca em um grau de emotividade completamente distinto de apenas sentarmos e ouvirmos nossas obras preferidas!

As texturas são as mais ricas e naturais que escutei em todos os pré-amplificadores que tive e testei. E testei muitos dos melhores pré-amplificadores já lançados nesses últimos 20 anos! Os leitores que nos acompanham há muitos anos sabem minha opinião a respeito de excelentes pré-amplificadores: acho que, de todo o setup, é o componente mais difícil no quesito upgrade. Geralmente trocamos seis por meia dúzia.

Dar saltos consistentes nesse componente, não é tarefa das mais simples. Brinco que o pré-amplificador é o 'cérebro' do sistema, pois todo sinal passa por ele. Sua função é amplificar aquele débil sinal que entra nele e jogar para o power sem fazer nenhuma alteração, na mais absoluta fidelidade possível. Grandes prés que conseguem esse feito são poucos, muito poucos. E geralmente são caros.

De uma maneira geral hoje existe uma infinidade de bons prés honestos que procuram alterar muito pouco o sinal. E muitos audiófilos até gostam que seus prés dêem uma 'turbinada' no sinal, enchendo o invólucro harmônico, corrigindo uma certa estridência nos agudos ou deixando o som mais 'molhado' para ficar mais confortável. Isso é gosto!

Mas, aos fabricantes que desejam produzir componentes com a maior precisão e fidelidade possível, esses 'molhos' são inadmissíveis. E, à medida que o audiófilo vai ganhando 'maturidade', percebe que essas 'colorações' ou pequenas 'concessões' possuem desvantagens, e acabam por cansar com o tempo. Mas isso é uma discussão que levantarei em um artigo que pretendo apresentar em breve.

Voltando ao L1, ele não pertence a essa classe que faz algum tipo de concessão ao sinal recebido. Pelo contrário, o que ele recebeu será ampliado e levado à outra ponta com a maior fidelidade possível. Assim se queres extraír o máximo de seu desempenho, todos os seus pares precisam estar à sua altura.

Depois do teste, na edição passada, o leitor Marco Antonio Dias, de Goiânia, me fez o seguinte questionamento: "um sistema todo CH Precision não irá impor uma assinatura sonora muito contundente?". Respondi a ele: sim, e não. Pois em termos de fidelidade certamente que seu grau de precisão se destaca de forma integral. Mas, sua sonoridade será sempre a qualidade da gravação escutada. Então não se pode afirmar que um sistema CH Precision imponha uma assinatura sonora sua. Pelo contrário, como seu grau de folga é extremamente alto, gravações tecnicamente ruins permitem uma audição 'interessante', que em outros sistemas é sempre decepcionante! Essa folga se traduz em muito maior conforto auditivo. Sempre!

Mas, um sistema com esse grau de precisão e refinamento sempre necessitará de extremo cuidado com a escolha de todos os cabos e principalmente das caixas acústicas. Nesse teste ficou escancarado como sua performance mudava radicalmente com a troca de caixas (quando utilizado o mesmo set de cabos), dando a assinatura da caixa e não da eletrônica. Com as Devore 88x prevaleceu um som mais relaxado, com texturas mais evidentes e naturais. Com os dois modelos da Dynaudio (Contour 60 e Special 40) o som ganhou uma energia e uma precisão desconcertante na reprodução de transisentes. E, na Kharma, um equilíbrio tonal e uma naturalidade belíssima nos timbres. Tudo então irá ser definido pelo casamento da eletrônica CH Precision com as caixas escolhidas, e não o contrário.

Depois de me deliciar por duas semanas com o L1, fiz a última etapa da lição de casa: comparar o L1 com o Dan D'Agostino. Nos Estados Unidos ambos custam 32 mil dólares (sendo o L1 sem a fonte X1), então achei que era válido esse comparativo.

Para o teste utilizei apenas o H30 e o M1, com os mesmos cabos e com as caixas Dynaudio Contour 60 e Kharma Exquisite Midi. Em termos de entradas e versatilidade, o L1 dá um banho no Dan D'Agostino, o que para um articulista é uma disponibilidade

extremamente importante. Em termos de sonoridade o L1 também ganha, pois possui mais folga (principalmente com as gravações tecnicamente limitadas), um silêncio de fundo ainda mais impressionante, o que se traduz em melhor foco, recorte e apresentação de planos e largura e profundidade do palco sonoro. No computo geral, o resultado é um maior conforto auditivo e uma apresentação em termos de materialização do acontecimento musical - uma organicidade - ainda maior! O único quesito em que o L1 não se mostrou superior foi na apresentação de energia e deslocamento de ar, o que se traduz em uma sensação de uma macro-dinâmica mais visceral. Mas, com toda minha experiência, fiquei com uma pulga atrás da orelha: será que essa 'sensação' não é apenas pelo fato do L1 possuir uma folga infinitamente superior?

Lembro-me que a primeira vez que escutei o dCS Vivaldi, comparando com o dCS Scarlatti, também tive esta mesma sensação. Porém, na audição da Sagração da Primavera de Stravinsky, percebi que quando voltávamos para o dCS Vivaldi, os degraus entre o piano e o fortíssimo eram muito mais perfeitamente delineados, dando a sensação que havia menos deslocamento de ar, pelo fato da energia estar mais bem distribuída em toda aquela complexa massa instrumental. O resultado: melhor inteligibilidade de tudo e principalmente muito maior conforto auditivo.

Talvez com o Vivaldi no lugar do Scarlatti, como fonte nos testes da eletrônica CH Precision, essa sensação também não existiria. Enfim é uma dúvida que, quando ouvir o setup inteiro CH Precision, espero ver solucionada.

CONCLUSÃO

O L1 é obviamente o par perfeito para o M1, seja versão estéreo ou monobloco. Quando ligado ao seu par, o M1 se mostrou ainda mais impressionante, como se todas as virtudes estivessem trabalhando em conjunto para proporcionar ao ouvinte uma audição inesquecível!

A quantidade de informações que ambos extraem é de nos fazer coçar a cabeça e colocar um grande sorriso no rosto, pois sabemos que chegamos lá. A um patamar de reprodução eletrônica que pode ser considerado como a Referência das Referências!

Como sempre escrevo, não posso afirmar ser este conjunto o melhor do mundo, pois precisaria ouvir tudo que existe de superlativo para bater o martelo. Mas posso tranquilamente confirmar que de todos os powers e pré-amplificadores por nós já testados, são os melhores indubitablemente.

O power nos pareceu ainda superior ao pré, mas certamente com a fonte externa X1 essa diferença venha por terra.

ÁUDIO

Para os que desejam um pré que pode e deve ser tratado como a fidelidade possível no atual estágio da tecnologia hi-end, ouçam o pré CH Precision L1. Mas não esqueçam que o ideal será também ouvir seu par, o power CH Precision M1, pois quando escutamos o pré ligado ao Hegel H30 e ao Emotiva, as diferenças entre ele e o nosso pré de referência (que até então era o pré com maior pontuação: 100 pontos) foram mínimas.

Porém, quando comparados no M1, a diferença pulou para 4 pontos (o que, como escrevi no inicio do teste, é uma diferença significativa). O que o coloca com uma boa margem de vantagem como o melhor pré-amplificador por nós já testado.

E, se com a fonte externa ele cresce como os fóruns internacionais afirmam, acredito que provavelmente o L1 seja o pré-amplificador Estado da Arte a ser batido nos próximos anos.



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=Y_OY5ZA9TXU](https://www.youtube.com/watch?v=Y_OY5ZA9TXU)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=XHNYBAFTSK](https://www.youtube.com/watch?v=XHNYBAFTSK)

AVMAG #239
 Ferrari Technologies
 (11) 5102.2902
 US\$ 70.000

NOTA: 104,0



ESTADO DA ARTE

Calibração de TVs e Projetores

Quer ver aquela imagem de Cinema em sua casa?

Comprou a TV dos seus sonhos e está decepcionado com a imagem de fábrica? Foi ao cinema e está se perguntando por que a qualidade da imagem é muito melhor?

Faça uma calibração profissional de vídeo e deixe sua TV ou projetor nos mesmos padrões dos estúdios de cinema! Assista seus filmes preferidos com cores mais vibrantes e naturais, menor fadiga visual, muito mais contraste e percepção de detalhes. Afinal, sua imagem também merece ser hi-end.

NAO CALIBRADO



CALIBRADO



Mais informações (11) 98311.8811
 e agendamentos: jirot2020@gmail.com

AMPLIFICADOR INTEGRADO MARANTZ PM6006

Juan Lourenço



O amplificador integrado Marantz PM6006 dá continuidade à evolução sonora iniciada pelo seu antecessor, o modelo PM6005. Eu chamo de evolução porque com o PM6005 a Marantz deu um grande salto em direção a uma sonoridade mais limpa e correta tonalmente, sem perder a pegada tão apreciada pelos fãs da marca. Como era de se esperar, o reconhecimento do público e da crítica especializada vieram sem demora, coroando o ótimo trabalho realizado pelo fabricante.

Era esperado que a Marantz seguisse refinando a ótima base do 6005, melhorando pontos importantes da amplificação, mesclando agilidade e pegada - característica marcante do som Marantz - com conforto auditivo, micro-dinâmica e silêncio de fundo. E, melhor de tudo, mantendo o preço competitivo, outra característica da marca. Como diz o jargão audiófilo: não existe almoço grátis, e para manter o preço atraente o resultado desta evolução não ficou tão visível assim, mas está lá, onde realmente importa, no som.

Externamente quase tudo foi mantido como no PM6005. Do design do painel frontal e controles, até o painel traseiro. Todas as conexões analógicas padrão RCA foram mantidas: a entrada de toca-discos para cápsula MM, a entrada para CD-Player e a saída RCA. Todas as entradas digitais estão no DAC CS4398, de 24bit/192kHz, agora completamente isolado da sessão analógica, o que traz mais refinamento tanto para o digital quanto para a parte analógica do conversor.

As novidades ficaram por conta do DAC interno, que agora possui uma segunda entrada ótica Toslink, e do painel traseiro que possui três entradas de força para ligar equipamentos de 120V 1 ampere (consulte manual do aparelho).

Infelizmente não será nesta versão que veremos uma porta USB para conectar um notebook ou media Center ao DAC interno do PM6006. Este é um pedido antigo que certamente iria agradar a todos os usuários, além de torná-lo ainda mais atraente em um mercado bastante competitivo, como é o de entrada.

As maiores mudanças aconteceram onde mais interessa mesmo, na qualidade geral do som deste pequeno notável. A sessão de amplificação foi melhorada utilizando um transformador toroidal blindado de baixa impedância que fornece potência de 45 / 60 W RMS em 8/4 ohms com fator de amortecimento de casa dos 100, bem como componentes customizados e os célebres módulos exclusivos HDAM versão SA3, SA2. Estes módulos são compostos por componentes discretos de montagem em superfície, com caminhos de sinal L/R espelhados. Esses dispositivos estão fazendo exatamente a mesma coisa que os op-amps tradicionais que, segundo o fabricante, superam os op-amps regulares dramaticamente em termos de taxa de temporização e redução do nível de ruído, resultando em um som muito mais dinâmico, preciso e detalhado. O PM6006 também melhorou em termos de capacidade de picos de corrente no caminho da amplificação, recebendo maior poder de controle sobre caixas acústicas de menor sensibilidade.

Além das melhorias feitas na amplificação, novos pés de apoio foram projetados para reduzir as vibrações vindas do rack ou prateleira. O gabinete também está menos suscetível a estas vibrações, resgatando mais nuances e intencionalidades contidas na música.

O controle remoto continua o mesmo, um pouco grande para o meu gosto, porém completo, com todas as funções do painel frontal e com as funções de operação do CD-Player CD6006, por exemplo. Outra funcionalidade interessante mantida no PM6006 é a possibilidade agregar um segundo par de caixas, como uma espécie de 'Zona 2', ou simplesmente bi-cablar caixas acústicas que possuem dois pares de terminais de caixa. Fiz o teste com a Monitor Audio Silver 1 e gostei bastante do resultado, tendo ganho expressivo na inteligibilidade do acontecimento musical e no encaixe da transição entre o médio-grave, médios e agudos. Na caixa Pioneer não foi possível fazer, pois há apenas um par de terminais de caixa.

ÁUDIO

Por falar em terminações de caixa, a única coisa que não entra na minha cabeça são os motivos que levam um fabricante a optar por utilizar um padrão de terminal de caixa que não condiz com a expectativa gerada pela qualidade do aparelho. Embora o PM6006 possua terminais de metal de boa qualidade, continua utilizando um terminal padrão 'receiver' em que, ou utiliza terminação banana ou fio desencapado. Limitando as possibilidades de reutilizar um cabo com terminação spade, por exemplo.

Para o teste foram utilizados os seguintes produtos: fonte Notebook Samsung com JRiver V.23, Hi-Face M2 Tech com mod by Sunrise Lab, e DAC Roksan K3. Cabos de interligação Sunrise Lab Reference Magic Scope RCA, Premium Magic Scope RCA e Reference Magic Scope coaxial digital RCA, e Monster IDL 100 coaxial digital RCA. Cabo de Força Emotiva XIEC-1. Cabos de caixa Wireworld Eclipse-6 e Sunrise Lab Reference (antigo). Caixas acústicas Pioneer SP-FS52 By Andrew Jones.

Como de costume, colocamos o PM6006 para amaciar ouvindo um bom jazz e ele não se mostrou um aparelho difícil de ouvir nas primeiras horas de amaciamento, apenas nervoso e áspero, mas ainda assim divertido de ouvir. Os graves são levemente borrados, mas presentes e até tentam se mostrar mais articulados do que seu tempo de amaciamento permite.

O que impressiona mesmo é sua habilidade de mostrar variações dinâmicas com extrema desenvoltura: não é nem um pouco lerdo ou engessado, e aquela sensação de estar empurrando o carro com freio de mão puxado simplesmente não existe no PM6006.

Os médios e agudos ainda atrapalharam os transientes e os detalhes de micro-dinâmica e de profundidade de palco a todo o momento recuaram, em pequenas doses, até o seu total amaciamento, por volta de 300 horas. À noite eu sempre deixo os aparelhos em amaciamento com volume baixo, porém audível da salinha de TV. Lembro-me de estar entretido assistindo a um documentário e lá na sala de audição estar tocando Ethnic Heritage Ensemble, trio que combina vários estilos afro-americano contemporâneo com o jazz, com o álbum *Freedom Jazz Dance*, faixa quatro, Mama's House, e no meio da música eu percebi o som se encaixar por completo! A música ganhou uma inteligibilidade que atiçou minha curiosidade, desliguei a TV no ato e me concentrei na audição como tem de ser, no sweetspot, sentadinho e atento aos detalhes. De lá pude ouvir texturas muito bonitas do trombone, da percussão leve, suave e marcante, e os agudos limpos do trompete e do saxofone com uma riqueza de detalhes de micro-dinâmica e transientes de muito bom nível. A musicalidade estava lá, mostrando-se bela e livre, em perfeita harmonia com os quesitos da metodologia. Repeti a música mais uma vez e fui para os próximos CDs, agora os de referência. Shirley Horn foi o primeiro, faixa 11 do disco *You Won't Forget Me*. Nesta faixa o PM6006 confirma a evolução em sua sonoridade, agora muito mais relaxada, suave e atenta aos detalhes, sem perder o melhor do som Marantz, que é aquela

energia dinâmica cheia de ousadia evidenciada nos ataques do piano e no 'crescendo' do prato de bateria. O mesmo acontece quando se ouve rock progressivo ou heavy metal: ele não te faz desistir de ouvir a música quando chega ao solo de guitarra ou quando abusam da compressão. Pelo contrário, nos convida a curtir ótimas audições sem medo de ser feliz. Foi assim com o disco do Led Zeppelin *Celebration Day*, que ouvi todo sem me sentir torturado pela compressão.

Fiquei bastante impressionado com a forma com que o PM6006 lidou com as variações de dinâmica da Quinta Sinfonia de Beethoven, executada pela Pittsburgh Symphony Orchestra, regida por Manfred Honeck, faixa 1: 'Allegro con brio'. Havia um equilíbrio sutil entre a energia necessária para dar toda a carga dramática ao acontecimento musical e uma suavidade, um silêncio de fundo entre cada passagem enérgica que fazia com que toda a intencionalidade e excitação viessem sem muito esforço.

Este nível de refinamento não era comum nas linhas de entrada da marca. E que bom que chegou ao PM6006! O único senão fica por conta da combinação entre os cabos de interconexão. O PM6006 não é enjoado com a troca de cabos, mas não mostrou tudo o que tinha para mostrar com cabos de nível acima dele utilizados na avaliação. Ele se deu muito bem com o digital coaxial Monster IDL 100 e com o Premium Magic Scope RCA, todos de entrada, o que é uma ótima notícia para o bolso.

CONCLUSÃO

A Marantz é especialista em fazer melhorias em seus produtos mantendo-os em uma faixa de preço muito próxima da versão anterior e, ainda assim, muito atraente para o consumidor. Talvez por conta disto, ficamos sem a entrada USB. Mas entre uma entrada USB - que posso perfeitamente conviver sem (utilizando outros meios, como a entrada coaxial) - e um ganho substancial em qualidade de reprodução musical, eu fico com o ganho na reprodução musical, sem pestanejar! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=XMWLJ6P2MV8](https://www.youtube.com/watch?v=XMWLJ6P2MV8)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=NTX3KMPJNjq](https://www.youtube.com/watch?v=NTX3KMPJNjq)

AVMAG #240
 Impel
 (11) 3582.3994
 R\$ 5.920

NOTA: 68,6



OURO REFERÊNCIA

AMPLIFICADOR INTEGRADO VALVULADO QUAD VA-ONE

Juan Lourenço



A Quad é uma daquelas fabricantes de produtos de áudio que todo audiófilo deveria conhecer, seja pela qualidade de seus produtos ou pela história de superação e bravura que fizeram dela uma das marcas mais admiradas no mundo do áudio.

A história da marca é tão surpreendente que é quase impossível falar sobre algum produto sem antes fazer pelo menos um pequeno apanhado de suas realizações no mundo do áudio de alta fidelidade.

A Quad foi fundada no ano de 1936, na cidade de Londres, por Peter James Walker, e inicialmente se chamava SP Fidelity Sound System, mas logo foi rebatizada de Acoustical Manufacturing Co. Durante a Segunda Guerra Mundial teve suas instalações destruídas por bombardeios, então mudaram sua matriz para Huntingdon. E só depois de alguns anos passou a se chamar Quad Electroacoustics. O acrônimo “QUAD” significa Quality Unit Amplifier Domestic, ou “Unidade amplificadora doméstica de qualidade”.

Desde seu nascimento, a Quad adota uma postura corajosa, apostando no desenvolvimento de tecnologias proprietárias bastante complexas e desafiadoras, por assim dizer. Algumas deram muito certo, como os famosos amplificadores Quad II e o alto-falante eletrostático quádruplo “Walker’s Wonder”, este último permanecendo em produção por mais de vinte anos! Foi substituído por outro grande sucesso,

o ESL 63. Em 2012, atualizado para uma versão mais moderna, a ESL 2912, e para a versão menor, ESL 2812.

Foi com este espírito inovador e desprendido de rótulos que, no ano de 1967, a Quad se aventurou na fabricação de amplificadores transistorizados, lançando o modelo 33 Unit e o amplificador 303, um marco na indústria do áudio de alta fidelidade.

Em 1997, a empresa passou a ser controlada pelo grupo “IAG” (International Audio Group), o mesmo que também controla outras empresas de áudio como a Wharfedale, Mission e a Audiolab.

O amplificador integrado valvulado VA-One da Quad é uma mistura moderna da sonoridade dos projetos valvulados com o jeito inteligente que ela, a Quad, tem de encontrar soluções aparentemente simples, porém inovadoras, misturando novas tecnologias de uma maneira suave, precisa e consistente. Bem ao estilo de seu fundador.

Com o VA-One só se têm benefícios. Um gabinete compacto muito fácil de acomodar em qualquer rack (desde que o nicho possua espaço suficiente para que as válvulas “respirem”), o apelo visual e o charme que só as válvulas possuem, aliado a um DAC 24-bits / 192 kHz moderno e versátil, que se beneficia bastante do maior trunfo das válvulas: o som quente e aveludado que muitas vezes falta aos sistemas digitais.

ÁUDIO

O VA-One pode parecer fofo, bonitinho e pequenino, mas não se engane: ele é simples e direto ao ponto, sem rodeios. A intenção é oferecer um aparelho enxuto contendo apenas o essencial, como nos pequenos frascos dos melhores perfumes.

Na parte de cima do chassi se encontram as válvulas, protegidas por uma gaiola removível. São elas: ECC83 para a seção de pré-amplificação, empurrando duas ECC82 no estágio do driver e do divisor de fase, e dois pares de EL84 em push-pull para a sessão de amplificação, produzindo 15 Watts por canal em 6 Ohms e 12 Watts em 8, com resposta de frequência de 20 Hz à 50 kHz (a -3 dB). A distorção harmônica total é de 0,5% e a relação sinal-ruído é de 90 dB. A impedância de entrada de 50 kOhms e o peso total do amplificador é de 10,8 kg.

Já na parte frontal do aparelho encontra-se o grande botão de volume com escala de zero a dez, um botão para o Bluetooth (com aptX), um botão AUX que seleciona a entrada analógica, um botão Digital In para as entradas digitais, e uma saída para fone de ouvido de 6.3 mm.

Na parte traseira encontramos a chave liga/desliga, logo acima da entrada IEC, um entrada para a antena do Bluetooth, e um par de terminais de caixa que, por falta de espaço, aconselho utilizar apenas cabos com terminação Banana. Na parte digital temos uma entrada USB tipo B, que dispensa a instalação de software, uma entrada coaxial digital e uma óptica, além de uma entrada RCA analógica.

O controle remoto cabe na palma da mão e tem boa pegada, tendo apenas o necessário: botão de standby, volume, seleção de entradas e mute.

Para o teste utilizamos os seguintes equipamentos: CD-Player e transporte Luxman D-06. Caixas acústicas Dynaudio Focus 260 MkII, Dynaudio Emit M30, Dynaudio X14, Pioneer SP-FS52 By Andrew Jones, e Q Acoustics 3020i. Cabos de força Transparent MM2, Sunrise Lab Reference (modelo anterior). Cabos de interconexão Sunrise Lab Premium RCA, Sunrise Lab Reference Magic Scope RCA, Emotiva MUSB 2.0-2 LengthUSB, Curious USB. Cabos de caixa Sunrise Lab Quintessense Magic Scope e Reference (modelo anterior).

Por se tratar de um valvulado, é natural começar as audições com voz feminina, e a pedida é Natalie Merchant, disco *Texas*, faixa 3. Mesmo sem amaciamento, a voz feminina soa equilibrada, quente e aveludada. Apenas as extensões dos graves e agudos que soam escuras e pouco resolutivas.

Após o amaciamento de 280 horas, o que chamava atenção neste amplificador é que ele não é letárgico nem cheio de “gordurinhas” ou colorações em excesso, percebidas em projetos de valvulados抗os, por exemplo. Isto é uma coisa muito boa, pois mostra que este é um projeto novo, feito para atender o audiófilo e melômano moderno, que hoje procura mais informação nas músicas que anos atrás.

Seu som tem um raro equilíbrio entre calor e transparência, que vez ou outra me lembrava um Luxman, o que me encorajou a colocar o disco da Dee Dee Bridgewater, *Live at Yoshi's*, faixa 2. Esta faixa exige do amplificador um bom nível de refinamento, pois o silêncio de fundo que ela pede, no começo da faixa, é fundamental para o entendimento das nuances do pandeiro e da atmosfera que o grupo tenta criar para a platéia. No meio da faixa, a voz desta bela cantora dá algumas “rasgadas”, que desequilibra a voz quando o amplificador é pouco refinado. E é aí que a válvula dá aquele toque todo especial, na região média e médio-alta, suavizando todo o estresse que as cordas vocais da Dee Dee sofrem naquele momento. Todos os instrumentos têm seu próprio espaço e proporções corretas no imaginário palco sonoro, o piano não fica apagado e muito menos fica o contrabaixo acústico, que mostra timbre e extensão maravilhosos. No solo de piano, novamente o silêncio de fundo se mostra, muito importante, mostrando micro-dinâmicas suaves, rápidas e expressivas, em especial na voz da Dee Dee que fica cantarolando o solo do piano sem invadir o espaço do instrumento, em completo êxtase!

A extensão dos agudos é boa, falta um pouco no extremo agudo, característica das válvulas, mas nada que coloque em perigo o desempenho do aparelho na composição dos harmônicos.

Tudo o que foi observado até agora foi ouvido com as caixas Pioneer e Q Acoustics. Por que estou frisando isto? Porque houve uma situação curiosa. Eu comecei as audições com as caixas Dynaudio Excite X14, mas o som não agradava, ficava estranho... Faltava grave e faltavam agudos, os médios soavam anasalados e o timbre soava aquém do esperado. Então mudei para a Dynaudio Emit M30 e Focus 260 MkII, só para tirar a dúvida, e de novo continuava com as mesmas características. Não era problema com a sensibilidade, pois a Emit 30 tem 86 dB e a Focus 260 tem 87 dB, dois a mais que a book X14.

Depois de bater cabeça e pensar bastante sobre o que poderia estar acontecendo, chegamos a uma teoria de que se tratava de uma incompatibilidade que não tinha a ver com a sensibilidade, mas sim com o tipo de bobina utilizada pela Dynaudio. Meu palpite - e é apenas um palpite - é de que talvez seja as bobinas da Dynaudio, que utilizam mais enrolamento que as bobinas convencionais, portanto, são mais pesadas que as bobinas de outros fabricantes.

Os amplificadores valvulados têm dificuldade em empurrar bobinas pesadas com eficiência. O resultado é um som sem pegada e com pequenas distorções e rotações de fase que prejudicam o timbre e apagam os extremos. Eu não posso afirmar que todas as Dynaudios soarão assim, mas estas três, X14, M30 e Focus 260 MkII, aqui sim. Portanto, aconselho que, quem tiver Dynaudio ou queira comprar uma para utilizar com este amplificador, que faça um teste antes para saber se há compatibilidade entre eles.

Quando voltei à Q Acoustics e à Pioneer, tudo foi para o lugar. O grave encheu, os agudos ganharam extensão e os timbres voltaram a soarem corretos. Então continuamos os testes colocando um disco do Arne Domnérus, *Live is Life*, faixa 11. Aqui a dinâmica está excelente, com uma pegada que não dava para acreditar que vinha de um amplificador tão pequeno de apenas 15W por canal.

Os timbres soaram maravilhosamente bem, as peles e pratos da bateria “brotavam” com extremo realismo. A cada novo ataque feito pelo baterista, o entusiasmo tomava conta e o sorriso se abria incrédulo perante o que se ouvia.

Eu me surpreendi positivamente utilizando o VA-One pelas entradas digitais. A entrada USB parte de um nível muito alto, respondendo prontamente à troca de cabos, mas infelizmente o computador não ajuda a saber seu limite. O teste real e eficaz foi feito pela entrada coaxial digital, pois pudemos comparar com o DAC do Luxman D-06. Para minha surpresa, o DAC do VA-One tocou com extrema competência, nos mostrando todo refinamento e calor sem soar colorido demais ou sem ânimo para tocar músicas como a faixa 1 do disco *Brown Street* de Joe Zawinul. O susto veio quando colocamos um cabo digital de mais de 100 pontos nele - o salto foi gigantesco! Se aproximando ainda mais do DAC do Luxman D-06.

CONCLUSÃO

O Quad VA-One é um amplificador com inúmeros atrativos, e as válvulas são um deles, claro. Mas nem de longe é o melhor deste amplificador. Eu diria que é o todo: o conjunto é maravilhoso, tudo é extremamente bem pensado, não há disparidades entre a sessão valvulada e a digital. Tudo está tão integrado que esquecemos que existe amplificador na sala. Apenas fechamos os olhos e absorvemos a música sem a menor preocupação com quem está empurrando as caixas. ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=ZBZJCF7U6QQ](https://www.youtube.com/watch?v=ZBZJCF7U6QQ)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=L9ZSB-EPS4A](https://www.youtube.com/watch?v=L9ZSB-EPS4A)

AVMAG #243

KW HI-FI
(48) 3236.3385
R\$ 12.000

NOTA: 81,5



DIAMANTE REFERÊNCIA

Juan Lourenço

AMPLIFICADOR INTEGRADO ROKSAN K3

Continuando com os testes dos produtos Roksan, importados pela Mediagear, desta vez iremos testar o amplificador integrado K3, que faz par com o DAC testado na edição passada. A linha K da Roksan compartilha os mesmos materiais entre si, como o alumínio e o aço, diferenciando apenas nas conexões e nos botões de operação. O integrado que veio para teste tem o mesmo acabamento que o DAC já testado: painel frontal alumínio com acabamento texturizado na cor ‘charcoal’, ou carvão, e também opcionalmente em mais duas opções: ‘anthracite’ ou ‘ópium’.

O K3 vem recheado com um pré de phono interno para cápsulas MM, amplificador para fones de ouvido, e a tecnologia bluetooth aptX® para streaming, além de cinco entradas RCA e de bypass comutável. O que me deixou triste foi não encontrar uma entrada balanceada XLR neste belo integrado, já que o DAC K3 possui saídas平衡adas. Seria ótimo poder ligar o DAC ao amp via XLR - uma pena. Outra coisa que joga contra este integrado são os seus terminais de caixa, como na caixa acústica Dynaudio Emit M30 testada nesta edição, os terminais do K3 só aceitam conectores do tipo banana ou fio direto. Some a isto o fato dos terminais serem bem próximos uns dos outros, o que me fez perder um bom tempo me certificando de que os conectores spade do cabo de caixa não se tocassem.

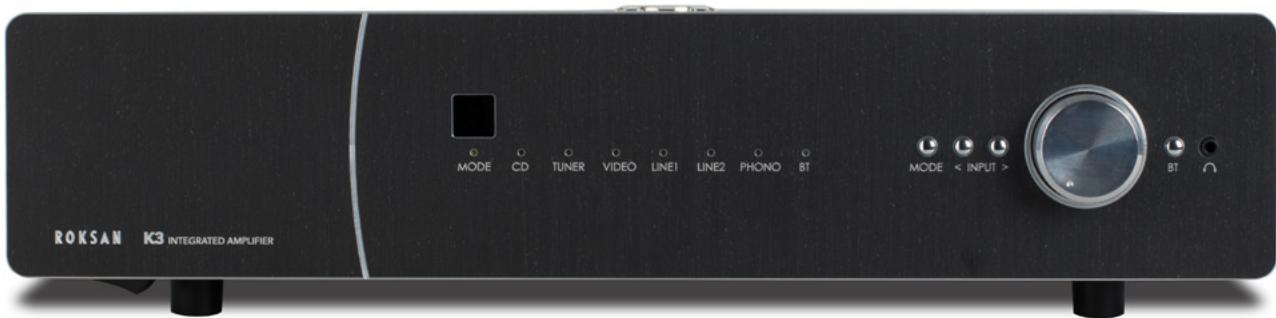
Além deste recheio interno, a sessão de amplificação agrada bastante pela robustez do conjunto, que conta com um transformador toroidal de 550 VA que proporciona potência máxima de 140 W em 8 Ω, e 220 W em 4 Ω, resposta de freqüência de 3 Hz a 100 kHz (-3 dB), distorção harmônica de <0,005% (1 kHz - 14 W @ 8 Ω) e relação sinal ruído de >90 dB (entrada de linha). Para resfriá-lo, a parte inferior do gabinete possui uma abertura central onde se encontram os dissipadores de calor. O conjunto todo pesa 14 kg.

O controle remoto é bastante completo, e com ele opera-se o amplificador, o DAC, os serviços de streaming e o CD-Player, da mesma linha, de maneira fácil e intuitiva, e vem com o maravilhoso botão de mute, muito útil para quem utiliza toca-discos de vinil.

Eu estava ansioso para testar o integrado, pois o DAC se saiu muitíssimo bem, o que gerou uma expectativa enorme quanto ao desempenho do amplificador. Confesso que a espera valeu a pena, pois o integrado cruzou a porta da sala de audição, desembalei-o e foi direto para o rack, para audições na mesma hora!

Iniciamos o teste com os equipamentos: CD-Player e Transporte Luxman D-06, toca-discos de vinil Technics SP-10 com braço Linn e cápsula 2M Bronze. Caixas acústicas: Dynaudio Focus 260 MkII, Dynaudio Emit M30 e Pioneer SP-FS52 By Andrew Jones. Cabos de

ÁUDIO



força: Transparent MM2, Sunrise Lab Reference (modelo anterior). Cabos de interconexão: Sunrise Lab Premium RCA, Sunrise Lab Reference Magic Scope RCA, Emotiva MUSB 2.0-2 LengthUSB, Curious USB. Cabos de caixa: Transparent Reference XL MM2, Sunrise Lab Reference (modelo anterior).

É incrível como tanto o DAC quanto o integrado já saem da caixa tocando bem. A sonoridade é agradável e quente logo nas primeiras horas de uso. Os extremos são mais apagados que no DAC nas primeiras horas de amaciamento, então desencanei e deixei tocando por 350 horas e então comecei os testes com Dire Straits, disco Brothers in Arms, faixa 4. Confesso que fiquei muito animado com o som fluido e relaxado que o K3 entregava para as caixas. Os agudos estavam na medida certa, o saxofone não invadia a sala, se projetando a frente do restante dos instrumentos, nem soava agressivo.

Logo depois coloquei o disco do Wynton Marsalis, *Magic Hour*, faixa 1. O amplificador se mostrou poderoso lidando com as diferentes variações de dinâmica com tranquilidade e sem endurecer nas passagens de trompete, nem com voz poderosa da Dianne Reeves, que trava uma verdadeira batalha com Wynton Marsalis, no melhor estilo Kansas City (filme). Passamos para a faixa seis do mesmo disco, e o trabalho da bateria está fantástico, cheio de detalhes de micro-dinâmica e texturas de pele, dignos de amplificadores mais caros que ele. A precisão rítmica também é outro ponto forte deste integrado - os transientes são de ótimo nível. No K3, não temos aquela sensação de que o contrabaixo está deslocado rítmicamente do restante dos instrumentos, o piano faz um solo preciso, e o K3 mostra toda a técnica de digitação do pianista com pegada e intencionalidades de alto nível.

Uma característica bacana deste amplificador é a forma como ele controla muito bem as caixas, impedindo que o som endureça nas passagens de maior dinâmica, principalmente nas altas onde é fácil perceber a limitação de qualquer amplificador.

Ao contrário do DAC, que não se deu muito bem com o cabo de força da Transparent, o integrado cresceu bastante com a adição do cabo. Claro que é inviável se ter um cabo deste nível neste amplificador, mas o fato dele crescer e mostrar ainda mais detalhes e ganhar em equilíbrio tonal, mostrando o quanto ele é refinado e suscetível à mudança de cabos de força, abre um leque bastante variado de combinações com os cabos de interconexão, que também trazem benefícios para o amplificador.

O Roksan K3 não foge do gênero erudito ou música clássica, ele tem força e controle suficientes para dar conta de passagens que são verdadeiras pedreiras para qualquer amplificador. Com ele ouvi Mahler, Beethoven e Anton Bruckner com muito prazer, sem vê-lo esmorecer nem uma vez. O que lhe falta em refinamento, em micro-dinâmica, ele compensa com largura e profundidade de palco que supera as expectativas de um amplificador nesta faixa de preço.

Para finalizar as audições e devolvê-lo, fiz a saída com o grupo nada ortodoxo Hypnotic Brass Ensemble, álbum *New York City Live*, faixa 5. Não é nada audiófilo, mas é divertidíssimo e tem uma mistura de ritmos e uma musicalidade maravilhosa!

CONCLUSÃO

O Roksan K3 é um amplificador integrado realmente apaixonante. Suas qualidades superam e muito os seus defeitos, seu casamento com caixas de diferentes níveis de qualidade e com sensibilidades variadas o coloca um passo à frente de seus concorrentes.



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=2RRC1W9ZQPO](https://www.youtube.com/watch?v=2RRC1W9ZQPO)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=CQA3WYDHMJC](https://www.youtube.com/watch?v=CQA3WYDHMJC)

AVMAG #241

Mediagear
 (16) 3621.7699
 R\$ 11.113

NOTA: 82,0



DIAMANTE REFERÊNCIA

AMPLIFICADOR INTEGRADO AUDIO RESEARCH VSI75

Fernando Andrette


PRODUTO DO ANO
EDITOR

Fiquei muito curioso em ouvir a nova versão do integrado VSi75 da AR, já que havia escutado por um longo período este integrado em 2011 com as válvulas KT88. A Audio Research sempre foi reconhecida no mercado pela sua assistência a todos os seus produtos lançados (não importando o tempo que o produto saiu de linha). E essa política de atendimento ao consumidor certamente explica grande parte da fidelidade de um cliente Audio Research.

Visualmente a diferença mais 'explicita' da versão anterior para esta encontra-se justamente nas quatro novas válvulas KT150, em relação às anteriores KT88. As duas válvulas 6H30 continuam as mesmas do modelo anterior, assim como o estágio de entrada sólido JFET. Este integrado pesa 36 quilos e é feito de alumínio escovado sólido.

No painel traseiro temos cinco entradas RCA, porta fusível e tomada IEC de 20 amperes. De frente temos as quatro válvulas alinhadas ao fundo do gabinete, à frente dos transformadores, e mais à frente as duas válvulas 6H30. E no painel frontal, no meio, o grande visor em tonalidade verde indicando a entrada que está sendo usada e o volume. Logo abaixo, seis pequenos botões de acionamento: power, mute, 'volume on' e 'volume up', bias (para o ajuste das quatro válvulas) e input.

Seu controle remoto, também em alumínio, possui os seguintes comandos: indicação de horas de uso das válvulas - algo importíssimo, já que o fabricante indica de duas a quatro mil horas de vida útil para cada válvula - power, acionamento das cinco entradas, vol, mute, mono e bias. Para o ajuste do bias, o fabricante disponibiliza uma vareta plástica. O procedimento de ajuste é simples e tudo é feito e monitorado pelo display. Ajustar o bias não leva mais que cinco minutos.

Alguns 'apressadinhos' já saem fazendo a regulagem do bias assim que instalam o produto. Minha prática diz que antes de se perder tempo com esse primeiro ajuste, o ideal é que se espere sua estabilização térmica, que varia de amplificador para amplificador, mas que geralmente leva de duas a três horas em volumes normais de uso.

Alguns amplificadores valvulados já vêm com as válvulas casadas e pré-ajustadas, o que permite que o usuário vá fazer seu primeiro ajuste (a seu gosto) depois de uma queima inicial de 40 a 50 horas (foi o caso dos monoblocos da Air Tight ATM-3 que tive por mais de dois anos). Em outros, como o power testado da Audio Research, apresentado na edição de setembro, e este integrado, fiz o ajuste fino após uma queima inicial de 50 horas!

ÁUDIO

Para o teste utilizamos os seguintes equipamentos: toca-discos Air Tight com cápsula Sumile (1 nesta edição), pré de phono Tom Evans Groove+ e braço SME Series V. Fonte digital: dCS Scarlatti. Caixas Acusticas: Paradigm Persona B, Neat Ultimatum XL6 e Kharma Exquisite Midi. Cabos de força: Kubala Sosna Emotion e Transparent PowerLink MM2 (20 amperes). Cabos de interconexão: Sunrise Lab Quintessence, Sax Soul Agata e Timeless Guarneri (RCA). O integrado veio lacrado direto da alfândega, e como havíamos acabado os testes do pré de linha e do power do mesmo fabricante, tivemos apenas que colocar o integrado na plataforma Pagode e iniciar a queima.

Sua sonoridade é muito similar à do power. Porém, por motivos óbvios, seu pré não está no mesmo nível do Ref6 (pois se tivesse não poderia custar o que custa). Antes de fazer a primeira audição, recorri ao meu bloco de anotações para relembrar minhas impressões da versão anterior, que havia escutado em 2011. Pois bem: já de cara percebi uma diferença 'explicita' no corpo e energia dos graves. Familiarizado com as válvulas KT150, também utilizadas no power que ainda estava conosco, não tive dúvida que toda essa melhora corria por conta desta nova válvula. E muitas surpresas ainda seriam reveladas, mais adiante.

O VSi75 é um integrado com uma assinatura sônica muito 'peculiar'. Pois, ao mesmo tempo em que soa sempre agradável e com uma certa 'doçura' - principalmente na região média - ele não se intimida em apresentar uma excelente variação dinâmica para sua potência e topologia. Ele só não gosta de 'mostrar os dentes' a toda hora. Mas, quando exigido, não foge do desafio.

Sua resposta de transientes é exemplar e nos permite, com enorme precisão, acompanhar tempo e ritmo de qualquer gênero musical. Os extremos, ainda que tímidos nas primeiras 50 horas, não nos impede de ouvir nossos discos. Pois sua região média é exuberante em naturalidade e musicalidade, desde o primeiro momento! Isso acaba animando o ouvinte a descobrir e acompanhar diariamente as melhorias milagrosas do amaciamento.

Com quase 100 horas, os graves se mostraram completamente estendidos, com enorme peso, ótima velocidade e deslocamento de ar. Um grave muito distinto das KT88 ou das KT120. Ambas, em comparação com as novas KT150, parecem 'engessadas' ou tímidas em termos de peso e energia. No outro extremo, serão necessárias mais 20 horas para os agudos desabrocharem e começarmos a ouvir as ambiências e decaimentos mais corretos e precisos. Pode parecer uma eternidade, caso o usuário não disponha de mais do que duas ou três horas diárias.

Mas, acredite, o equilíbrio tonal com 120 horas se estabiliza e daí para adiante os ajustes serão pontuais. A última alteração, e a mais significativa, se deu com 180 horas, com um recuo significativo do

palco e uma ampliação da largura, altura, recorte, foco e corpo dos instrumentos.

Para o leitor obcecado com o ajuste de bias, neste período de queima - que durou 180 horas - fizemos apenas 4 ajustes finos de bias! O primeiro, com 18 horas, o segundo com 50 horas, o terceiro com 100 horas e o último com 150 horas.

O fabricante, pelo jeito, é bastante rigoroso com o casamento dos pares de válvulas, o que se traduz no excelente rendimento e performance e na não necessidade de se ficar a cada audição reajustando o bias.

O VSi75 é o tipo de integrado que não possui nenhum tipo de 'pirotecnia' em sua apresentação. O ouvinte não terá sobressaltos ao escutar suas obras preferidas, não descobrirá efeitos ou sutilezas escondidas e nem tão pouco irá sentir falta de algo. Esse é seu grande trunfo: seu equilíbrio e simplicidade! Tudo parece soar convidativo e de forma eficiente.

Seu grau de compatibilidade com cabos, caixas e fontes, é muito bom, e sua assinatura sônica não nos pareceu refém dos outros componentes do sistema. Pelo contrário, sua assinatura sônica parece prevalecer sempre, nos apresentando um misto de conforto auditivo pleno com um grau de energia presente, quando a obra assim exige.

Para os apaixonados por instrumentos acústicos e vozes, dificilmente achará um valvulado em sua faixa de preço com tamanha expressividade e destreza! Fiz audições realmente convincentes e sedutoras de quartetos de cordas, música de câmara, e pequenos grupos de jazz - acompanhados de vocal - ou só instrumentais. É um amplificador integrado dotado de tanta musicalidade que as horas passam voando. E o ouvinte sai dessas longas audições sem o menor vestígio de fadiga auditiva ou cansaço. Essa observação, ainda que 'subjetiva', diz muito do 'caráter sônico' do VSi75.

Alguns leitores devem estar se perguntando: "como este integrado se comportaria com uma caixa de sensibilidade média, já que a Persona e a Kharma possuem sensibilidade de 92 dB?". Pois bem, eu também fiquei com essa dúvida e busquei a resposta na Neat, que está em teste e possui 87 dB de eficiência. E o casamento foi excelente. Mesmo em uma sala de quase 50 m², como a nossa, o VSi75 deu conta do recado sem jamais ser colocado no limite.

E com outros gêneros musicais, como ele se comporta? Diria que muito bem. Já citei que o VSi75 não se incomoda de reproduzir nenhum gênero musical. O que será necessário é o aumento do volume e o uso de uma caixa com pelo menos a sensibilidade da caixa Neat utilizada no teste (87 dB). E se o interessado no produto tiver uma sala mais condizente (até 25 m²) com a potência deste integrado (75 Watts por canal), não haverá nenhum problema com nenhum gênero musical.

Outra excelente característica deste integrado é a reprodução do corpo harmônico. Poucas vezes ouvimos em integrados uma apresentação tão fidedigna do tamanho de instrumentos como piano solo, contrabaixo ou tuba! Foi um deleite acompanhar o tamanho dos instrumentos em obras como: A História de um Soldado, ou o grupo vocal masculino à capela King's Singers.

Nossos mais novos leitores devem se perguntar: "que diabo esse cara quer dizer com corpo harmônico?". O engenheiro de som competente busca uma captação o mais fiel possível em termos timbre e virtuosidade do músico. Todos nós cansamos de fazer audições em que os instrumentos foram bem captados, porém sofrem com um detalhe: parecem ser pequenos, como do tamanho de uma pizza brotinho soando entre as duas caixas acústicas, em uma reprodução em estéreo. Essa é uma das principais diferenças que o leigo observa ao ouvir um vinil em um sistema bem ajustado, pois os instrumentos parecem maiores, mais 'reais'. Esse é o corpo harmônico. Por muitos anos, desde sua apresentação oficial em 1984, o CD soou com corpo harmônico pobre e diminuto. Lembro-me, em um dos nossos primeiros Cursos de Percepção Auditiva, que para a apresentação deste quesito utilizei duas mídias tanto em CD quanto em Vinil: Miles Davis Tutu e Dexter Gordon Live.

Ouvimos primeiro o CD do Miles e depois a mesma faixa em LP. A sala quase veio abaixo quando todos perceberam a diferença do tamanho dos instrumentos no CD e no LP! Foram necessárias duas décadas para o CD corrigir essa grotesca limitação. E o VSi75, dirigimos, dá uma 'mãozinha' para o CD, melhorando esse quesito de nossa metodologia.

Ouvindo Keith Jarret, no Paris Concert, o piano tem realmente tamanho de um piano de cauda! Enorme, entre as caixas, com peso e energia quando utilizado nas últimas duas oitavas da mão esquerda.

CONCLUSÃO

Se você não é um adepto desta topologia, e acha que não existe muito espaço em sua vida para apreciar um integrado valvulado, essa é uma boa oportunidade para conhecer um amplificador que pretende desfazer qualquer tipo de resistência ou preconceito em relação aos valvulados. E como ele faz isso? Com as novas válvulas KT150, que soam diferentes de qualquer válvula que você já tenha escutado. E soam 'diferentes' aonde precisam: na apresentação de macro-dinâmica e nos dois extremos.

E para aquele nosso leitor que sempre apreciou a sonoridade dos valvulados, mas tinha receio em investir nessa direção, eis uma chance de ouro!

O VSi75 é produzido por um fabricante com quase meio século de existência, e que se confunde com a própria história da alta fidelidade. O que dá uma segurança 'extra' a todos que precisam apenas de um empurrãozinho para seguir nesta direção.

O que eu posso dizer a vocês é que foi o melhor integrado valvulado por nós já testado. Em uma legião de integrados de renome por nós avaliados nesses 23 anos de vida da revista. O que deve significar alguma coisa, a todos que nos acompanham há tantos anos.

Trata-se de um produto muito bem construído e com uma performance que encantará a todos que buscam uma performance segura, relaxante e cativante.



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=CT06PCHJEL4](https://www.youtube.com/watch?v=CT06PCHJEL4)

AVMAG #245
German Audio
 contato@germaniaudio.com.br
R\$ 59.900

NOTA: 82,5



ESTADO DA ARTE

ÁUDIO

AMPLIFICADOR INTEGRADO ANTHEM STR

Juan Lourenço



A Anthem surgiu como uma linha de produtos eletrônicos de baixo custo da empresa canadense Sonic Frontiers que, mais tarde, foi adquirida pela célebre fabricante de caixas acústicas Paradigm. Sob a tutela da maior fabricante de caixas acústicas do Canadá, a Anthem tomou vida própria lançando ótimos produtos para multicanal e estéreo, como o amplificador de potência P2 de 350 W por canal em 8 Ohms. Ótimo aparelho, mas não é muito sofisticado. Pelo menos não a ponto de acompanhar a nova fase criativa e ousada em que a Paradigm se encontra.

Se dermos uma olhada no mercado hi-end com uma lupa, não será difícil perceber que algumas marcas bastante conceituadas no passado hoje se encontram em processo de fusão, reestruturação - ou seja, em modo pausa - até que decidam o que fazer com elas. Algumas até fecharam, outras simplesmente repousam em suas conquistas do passado recuperando o fôlego após a crise que se instaurou no mercado de áudio de alta fidelidade, abrindo verdadeiras clareiras para quem antes não via espaço para crescer neste mercado tão competitivo. Agora, com este hiato entre alguns gigantes, o momento de ousar chegou (faz tempo). Basta acompanhar os Hi-End Shows pelo mundo, onde o espaço para novas empresas e fabricantes tradicionais em outros nichos, como os de entrada e multicanal, cresce a cada ano.

Os modelos STR vieram justamente para preencher esta lacuna na linha de produtos da marca. Uma nova roupagem com design atraente

e moderno, tecnologia de ponta com uma infinidade de recursos, capaz de fazer qualquer AV passar vergonha, e uma sonoridade mais moderna, hi-end, fizeram com que a Anthem se aproximasse ainda mais do gosto dos audiófilos. Eu diria que, também, se aproximou dos produtos da própria Paradigm, tanto em desempenho quanto em design, se posicionando como uma boa opção para quem deseja um sistema que seja sinérgico entre as duas marcas, e seja 100% canadense.

A linha STR é composta por um amplificador integrado (objeto do teste desta edição), um pré-amplificador e um amplificador de potência. Os modelos da série STR possuem dois tipos de acabamento: preto e prata, e são equipados com a tela TFT (Thin Film Transistor) que possui uma excelente visualização das informações do aparelho - mesmo que o ouvinte esteja a mais de oito metros de distância, ainda é possível visualizar com ótima qualidade as informações nele contidas.

Os botões de operação são discretos (exceto pelo enorme knob de volume), controlam todos os recursos do aparelho com extrema facilidade, todos os caminhos nas configurações do STR são extremamente simples e intuitivos. Quer seja para mudar uma entrada de áudio, configurar o nível de ganho do pré de phono interno ou desabilitar o up-sampling - a facilidade é a mesma.

O integrado STR possui qualidades que dificilmente encontraremos reunidas em outras marcas. São tantos os atrativos que é preciso ➤

visitar o manual para enumerá-los. A quantidade de entradas analógicas e digitais é, sem dúvida, o maior mimo que a Anthem poderia nos dar. Os Engenheiros pensaram em tudo, não tem a menor chance de alguém não conseguir conectar algum aparelho de áudio ao STR. São quatro entradas analógicas convencionais e mais duas entradas phono, uma para cápsula MM e outra entrada para cápsula MC, todas RCA (sim, você leu direito, o nosso maior desejo foi atendido pela Anthem - podemos apreciar o melhor de cada cápsula sem ter que ficar escolhendo entre uma ou outra ou mantendo um pré de phono separado). É possível fazer up-sampling de qualquer fonte de baixa resolução para 24-bits/192 kHz, fazer gerenciamento de graves para dois subwoofers, em mono ou estéreo, além de ter duas saídas analógicas, duas entradas coaxiais e duas óticas S/PDIF e平衡ada AES/EBU, entrada USB assíncrona 32-bits/384 kHz e DSD de 2.8/5.6 MHz. O STR pode ser controlado via entrada Ethernet, RS-232 ou IR.

O STR também vem equipado com microfone e pedestal próprios, bem como o sistema de correção 'Anthem Room Correction' (ARC™). O ARC compara digitalmente a assinatura acústica de uma sala com a do padrão de laboratório. Ele mede a resposta de cada alto-falante em relação à área de audição. Em seguida, utiliza algoritmos avançados para eliminar os efeitos negativos dos obstáculos na sala, ajustando a resposta e corrigindo os efeitos de rotação de fase, reduzindo em parte a necessidade de tratamento acústico convencional. É possível modificar os ajustes gerados pelo ARC pelo controle remoto ou pelo app para smartphones - olha que chique!

A seção de pré-amplificação utiliza componentes discretos com caminhos de trilhas curtos, já a parte de amplificação é uma verdadeira usina de força. Seu transformador toroidal de alta corrente e alta saída com 8 dispositivos de saída bipolar por canal, possui monitoramento avançado para fornecer 200 W a 8 Ohms, 400 W a 4 Ohms e 550 W a 2 Ohms. A distorção harmônica, à 100 W, é de 0.002% (1 kHz) e 0.0015% (20 kHz), e a resposta de freqüência é de 20 Hz a 20 kHz.

O STR possui medidas incomuns para um integrado estéreo, e é pesado também. Com 17 centímetros de altura, 43.2 centímetros de largura, 44.5 centímetros de profundidade e pesando 18 kg, fica difícil não chamar atenção.

COMO TOCA

Para o teste utilizamos os seguintes equipamentos ligados ao amplificador integrado Anthem STR. Fontes: toca-discos de vinil Reloop TURN2 com cápsula Ortofon OM10, toca-discos Pro-Ject RM 1.3 com cápsula Ortofon 2M Red, toca-discos Reloop TURN5 com as cápsulas Ortofon 2M Red, 2M Bronze e Fidelity Research FR-1MK3, CD-Player Luxman D-06, DAC Hegel HD30, notebook Samsung com JRiver. Cabos de força: Transparent MM2, Sunrise Reference Magic Scope. Cabos de interconexão: Sunrise Lab Reference Magic Scope

RCA e coaxial digital, Sunrise Lab Quintessence RCA e coaxial digital, Sax Soul Cables Zafira III XLR, Sax Soul Zafira III USB, Sax Soul Ágata USB, Curious USB. Cabos de caixa: Transparent Reference XL MM2, Sunrise Lab The Illusion e Sunrise Lab Quintessence Magic Scope. Caixas acústicas: Q Acoustics 3050i, Dynaudio Focus 260, Dynaudio Emit M30, e Monitor Audio Studio.

O Anthem STR foi o aparelho que levou mais tempo para amaciá-lo, pois com a quantidade de entradas que era preciso amaciá-lo e o sistema de correção para esmiuçá-lo, fizeram com que sua estadia na sala durasse mais de três meses! Cada entrada utilizada para teste levou mais de 100 horas para amaciá-lo, exigindo uma verdadeira maratona ligado dia e noite. Como se fosse uma tortura ouvir música com todos estes produtos à mão (risos). Todo este tempo convivendo com o STR, permitiu fazer uma análise profunda sobre seu funcionamento, como ele se comporta junto a outros aparelhos e, principalmente, como o ARC funciona.

Aproveitei que precisava amaciá-lo duas cápsulas de toca-discos e comecei ouvindo primeiro vinil. O som não me agradava, mesmo após o amaciamento da cápsula, continuava achando o som da entrada MM/MC pouco natural e sem extensão. Resolvi entrar nas configurações e verificar se podia fazer algo para melhorar a audição. Descobri que o corte das freqüências subsônicas estava 'capando' os graves, então desliguei o atenuador. Além disto, descobri que todas as saídas analógicas vêm configuradas de fábrica para fazer up-sampling para 24/192. Isto estava acabando com a naturalidade do timbre, com os decaimentos e emagrecendo o corpo nas altas. Desliguei o recurso e: bingo! A naturalidade dos graves, extensão dos agudos e profundidade de palco fizeram a música de Ron Carter ganhar vida!

Daí por diante, foi um disco atrás do outro Sting: *Nothing Like The Sun*, Grover Washington Jr: *Winelight*, Miles Davis: *Kind Of Blue*, Sarah Vaughan, Duke Ellington... todos os discos tocaram muito bem, revelando todas as peculiaridades das três cápsulas e dos toca-discos utilizados, mostrando que o STR tem refinamento suficiente para nos dar muitas alegrias a cada upgrade!

Passando para o digital, a coisa ficou um pouco diferente. Descobri que o integrado é mais criterioso na escolha das fontes digitais. É preciso testar combinações para que o torne mais amigável com fontes como computadores e DACs. Isto se deve muito às características sônicas do Anthem, que prima por uma sonoridade mais enxuta, sem excessos de calor ou graves em demasia. Por isto fontes que não sejam musicais tendem a soar levemente frias, precisando de tempo, talvez com cabos mais neutros ou com aquele calorzinho a mais, dependendo do gosto do freguês.

Com caixas como as Dynaudio Emit M30, que são mais limitadas em termos de médio-grave e corpo nos agudos, as músicas ficaram

ÁUDIO

no limite do meu gosto. Friso novamente: para o meu gosto pessoal. Já com a Focus 260, este limite se estendeu mais, e com a Q Acoustics 3050i e a Monitor Audio Studio, a combinação foi perfeita! O casamento com 3050i, que possui uma assinatura mais musical e relaxada, foi dos Deuses. Parecia que o Anthem STR encontrou na Q Acoustics o par perfeito. Os discos de referência soaram muito bem. No caso do disco da Dee Dee Bridgewater, *Live at Yoshi's*, faixa dois, as intencionalidades do pandeiro, não só da execução do mesmo, mas até os detalhes de quando ele descansa o braço do pandeiro e as movimentações dos pratinhos aparecem naquele silêncio entre uma batida de bumbo e outra, de forma maravilhosa!

Via notebook, a escolha do cabo também mostrou o quanto ele é refinado, pois a cada troca de cabo, a cada subida de pontuação dos cabos, ficava evidente a melhora e o quanto cada cabo acrescentava ao resultado final. O STR não pegava uma coisa ou outra das qualidades do cabo, ele absorvia tudo! Bem como as mudanças nas taxas de amostragem do arquivo que, em alguns casos, também fazia diferença.

ARC

Sobre o ARC, preferi abrir um capítulo extra, pois não tem muito a ver com a análise do equipamento, que fizemos sem este recurso. O ARC é muito fácil de usar, é bastante intuitivo. Basta seguir os passos do tutorial - tanto via controle remoto como pelo celular os passos são mostrados na tela com muita clareza.

Basta colocar o microfone no pedestal com a ponta virada para cima, posicionar a frente do local de audição e iniciar os pulsos sonoros. O programa guarda as medições para futuras consultas, e com isto é possível voltar ao ajuste que ficou melhor para o seu gosto.

Na primeira medição os graves secaram muito, e a região média ficou bastante pronunciada, então refiz o teste uma vez mais e que o programa encontrou uma posição satisfatória. Ele funciona, corrige, mas sempre tem um 'porém', nada é tão fácil assim no áudio. Assim como aconteceu no toca-discos, quando o up-sampling estava ativo na passagem do ARC, o som perdeu um pouco do impacto e da naturalidade.

Resolvi fazer ponto a ponto, de outra forma, medindo os cantos de uma sala de 18 metros quadrados, depois, como o aplicativo manda, para dificultar um pouco a vida do software. Ele conseguiu melhorar 70% dos problemas da sala, o que não gostei é que, por mais que ele atenuasse os problemas de reflexão na sala, há sempre uma perda de dinâmica e da qualidade dos timbres, principalmente nas altas.

CONCLUSÃO

O amplificador integrado Anthem STR veio em boa hora, pois o mercado brasileiro precisava de mais um integrado para entrar na briga

contra os nórdicos e ingleses. Ombreando em qualidade com um diferencial matador, o famoso 'tudão': tem entradas para todos os gostos para a alegria dos 'bi-hobistas', aqueles que amam o estéreo, mas que não vivem sem o multicanal.



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=7N0LG1988ZK](https://www.youtube.com/watch?v=7N0LG1988ZK)

AVMAG #246
 Mediagear
 (16) 3621.7699
 R\$ 15.562

NOTA: 86,0



ESTADO DA ARTE

AMPLIFICADOR INTEGRADO HEGEL H90

Juan Lourenço



A Mediagear, importadora oficial da marca Hegel, cedeu para teste o novo amplificador integrado H90, que trouxe melhorias significativas em relação ao seu antecessor, o H80. A Hegel pegou o melhor do H80 (sua amplificação e DAC interno), fez atualizações importantes na amplificação, trazendo a segunda geração da tecnologia patenteada SoundEngine2, que aumentou o fator de amortecimento para mais de 2000. Adicionou a tecnologia DualAmp/DualPower, que separa os circuitos de amplificação e alimentação dos estágios de ganho de tensão e de corrente, que aliado à baixíssima impedância de saída (marca registrada dos Hegel), o fez se aproximar ainda mais dos outros produtos Hegel. Pegou o melhor do Röst como, por exemplo, o novo mostrador OLED com caracteres brancos, mais bonitos e mais fáceis de ler que o antigo mostrador digital azul. Colocou acesso à Internet via porta Lan (RJ45) para streamer de música, e integração total com produtos Apple como Airplay, iPhone, iPad e computadores Mac.

A interatividade entre Hegel e Apple é de fato muito boa, mas não pense que os outros gadgets ficaram de lado. É possível comandar a biblioteca musical através de smartphones, tablets e computadores que operam com outros sistemas operacionais que não o iOS, inclusive as novas versões do Linux.

O controle remoto é minimalistico e bastante funcional. Como é comum os controles Hegel operarem outros sistemas, este também pode operar as principais funções de outros tocadores de música. Leve, fino e discreto, seu formato lembra bastante o controle do Apple TV.

Seu conversor digital/análogo, mais próximo do DAC do H360, agora conta com três entradas: ótica, coaxial S/PDIF e uma USB, que utiliza a tecnologia Synchrodac, síncrona, que a Hegel afirma ser mais eficaz, oferecendo maior resolução e menor distorção que o modo assíncrono.

Na parte analógica continuam as duas entradas RCA de linha e uma saída variável RCA. Fazendo falta a entrada balanceada que antes equipava seu antecessor. O H90 possui amplificação Classe A/B, tem potência de 60 Watts por canal em 8 Ohms, resposta de frequência de 5Hz a 100 KHz, potência suficiente para empurrar a maioria das caixas existentes no mercado com bastante fôlego.

Outra coisa que gostei no H90 é que os conectores de caixa estão dispostos em um formato diferenciado, em que os terminais positivos estão mais afastados que os negativos. Não sei se foi uma questão de acomodação interna, mas a verdade é que ficou bem mais seguro utilizar conectores do tipo spade sem se preocupar que o positivo toque no negativo. Sofro com este problema de espaço entre terminais com a caixa acústica Pioneer SP-FS52: são tão próximos os terminais que é impossível não ficar preocupado verificando para onde anda apontando os spades a cada movimentação de cabos.

COMO TOCA

Para o teste foram utilizados os seguintes equipamentos. Fonte digital: CD-Player e master clock dCS Puccini, notebook Samsung (com JRiver), iPhone 4S e Samsung Galaxy Win 2 (ambos com JRemote). Cabos de força: Transparent XL MM, Sax Soul Zafira III e Chord Sarum Tuned Aray. Cabos de interligação: Sax Soul Cables Zafira III RCA, Sunrise Lab Reference II RCA, Sunrise Lab Reference BNC para o clock dCS, e Wireworld Platinum Starlight 7 USB. Cabos de caixa: Kimber Cable KS 3035 e Wireworld Eclipse 6. Caixas acústicas: Pioneer SP-FS52 By Andrew Jones, Monitor Audio Silver 1 e Dynaudio Excite X14. Fone de ouvidos: Klipsch M40 e Sennheiser HD600.

Antes de ir para o teste, preciso agradecer ao meu amigo Alicko Reginatto Júnior por me socorrer cedendo o CD-Player e clock dCS Puccini, e outros apetrechos para terminar o review.

ÁUDIO

Voltando ao teste, o H90 chegou amaciado, mesmo assim por precaução deixamos por mais 150 horas e iniciamos os testes. Assim que as primeiras notas do saxofone de Bud Shank no disco LA4 Just Friends (faixa 1) ecoou pela sala de audição, imediatamente voltei no tempo quando ainda era um calouro na ULM (Universidade Livre de Música), quando ainda tinha Kenny G como ídolo máximo e fui arrebatado pelo som de um outro aluno na fase final do curso. Seu som cheio de vigor com texturas, brilhos e colorações tão exóticas me faziam tremer por dentro! Era um som limpo, simples e rasgado, cheio de melancolia, que só boquillas abertas com palhetas moles e um coração aberto conseguem tirar de um sax Alto. O H90 fez meu corpo tremer como naquele dia, pois as texturas no som de Bud Shank são assim rasgadas, estaladas e cheias de nuances que são difíceis de reproduzir eletronicamente sem que este quesito vá para o vinagre, evidenciando sua assinatura assombrosamente parecida com do seu irmão maior o H360, exibindo texturas lindas sem endurecimento do saxofone nem perda da intencionalidade. Tudo isso graças ao seu rígido controle sobre as caixas, tomando para si a responsabilidade de todo o acontecimento musical.

Após retomar o controle do meu corpo, antes paralisado pelos encantos do H90, coloquei o disco do contrabaixista Ron Carter Nonet, Eight Plus (faixa 7): o H90 mostrou texturas maravilhosas e bastante reais, sendo possível perceber uma característica bastante peculiar deste disco: além de todo o trabalho exuberante dos cellos e da percussão, passados 1:50m de música, dá início ao solo e o “roncar” do contrabaixo tem um efeito bastante interessante, causado pelo arco - o som extraído parece de arco novo ou de um arco com pouco breu, ou a junção dos dois (vai saber...). O fato é que o arco não parece “estressar” tanto as cordas como seria o normal, a crina pouco gruda nas cordas produzindo um timbre que em alguns sistemas pode soar desequilibrado, fanho, tornando o solo pouco interessante e estranho aos ouvidos. Neste quesito o H90 passa com louvor - zero de estranheza - as texturas são as melhores possíveis!

Os graves são um ponto fora da curva, são vincados com ótimo recorte e extensão com ótimo deslocamento de ar e modulações muito claras. Até pelo fone de ouvidos os graves se mostram precisos e com ótima extensão.

Outro ponto forte deste integrado é o seu corpo harmônico. Com o disco Modern Cool, da Patricia Barber (faixa 5), o corpo da percussão, do prato de condução e a voz da cantora tinham ótimo tamanho, sua voz poderosa era de um realismo quase palpável, era pura sedução! O H90 fazia questão de manter o trompete em sua alça de mira, não deixando ultrapassar o limite de seu tamanho em nenhum momento.

Uma boa surpresa foi ouvir Rachelle Ferrell Live In Montreaux (faixa 10). Aquela massa obtida pelo conjunto musical, principalmente

do piano tocado por ela e sua voz avassaladora, põem à prova qualquer sistema - até os milionários. Neste quesito o H90 mostrou competência e, mesmo em meio a toda aquela profusão sônica, o piano trabalhava o crescendo com bastante ar à sua volta, até o ápice onde tudo enlouquece e o massacre da serra elétrica começa. É claro que o H90 não tirou tudo de letra frente a esse verdadeiro paredão, pois se assim o fizesse não se chamaria H90 e sim H360, mas ele tocou novamente de forma descomplicada e com ótima folga e inteligibilidade sem se intimidar com a complexidade técnica e artística desta obra. Nada escapou aos seus olhos, ele lançava luz sobre todos os músicos nenhuma pequena colcheia passou despercebida.

O controle vocal da Rachelle Ferrell é inebriante e, ao mesmo tempo, perigoso para alguns sistemas: o endurecimento nas altas pode ser um verdadeiro anticlímax. No H90 nenhuma freqüência era indesejada, tudo é bem-vindo e acontece de forma bastante equilibrada e natural com ótima resolução mesmo para trompetes com surdina e a última oitava do piano.

Como ouvi em conversas com amigos, e li muitos comentários sobre o casamento dos produtos Hegel e Monitor Audio não ser dos melhores, resolvi cassar a aposentadoria das minhas Silver 1 e tirar minhas próprias conclusões. A baixíssima impedância de saída e o fator de amortecimento pra lá dos 2000 fizeram com que o H90 não tomasse conhecimento sobre a existência da S1. Empurrou muito bem a caixa, tratando suas limitações com condescendência. Ainda na faixa 10 do disco Live In Montreaux da Rachelle Ferrell, o que ficou evidente foi o nervosismo da caixa, que tornava o acontecimento musical apressado como se os músicos estivessem segurando uma batata quente nas mãos. Ainda assim o refinamento do H90 não transformou as limitações do tweeter da S1 em sofrimento musical. Ao contrário, segurou seu ímpeto jovial e o colocou mais perto da realidade. Até o grave que é um pouco de mais para o tamanho de seu gabinete o H90 controlou com perfeição limitando suas tentativas de descer sem controle. Gostaria de ter testado com uma PL100 ou 200 para liquidar com as dúvidas - não foi possível. Mesmo assim ficou claro que a assinatura Hegel não é o motivo de alguns divórcios com Monitor Audio e sim como é feita sua harmonização no sistema.

Já com as Excite 14 a calmaria e suavidade entre este conjunto chamou bastante atenção. A Dynaudio tocou com uma docilidade e equilíbrio cativantes!

Com as Pioneer SP-FS52 by Andrew Jones, o H90 sentiu-se em casa tocando com desenvoltura tudo que lhe era passado. O RCA Zafira III com conectores WBT de prata trouxeram para as Pioneer maior arejamento e extensão nas altas, o que deixou as apresentações ainda mais gostosas de ouvir.

Com fone de ouvidos seu som era muito bom, correto e equilibrado. Faltando apenas uma pitada nas altas, nada que estragasse o prazer de ouvir. A folga do H90 é uma ótima aliada dos fones mais tecnicamente comprometidos.

CONCLUSÃO

Com o H90 a Hegel trouxe a alta qualidade audiófila mais para perto de nós seres mortais, muitas vezes desenganados com este hobby. A jornada não é fácil, é como encontrar uma agulha no palheiro e o Hegel H90 é certamente uma agulha brilhante em meio a um enorme palheiro de produtos equivocados tonalmente, dando-nos uma boa dose do mágico som Hegel H360 por uma fração de seu preço.

Se o amigo leitor procura por um amplificador integrado sério, correto e antenado com as novas tendências tecnológicas, deve ouvir o H90. Duvido que não se surpreenda e passe a considerá-lo um forte candidato.

ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=IQ_Z4YUSGGO](https://www.youtube.com/watch?v=IQ_Z4YUSGGO)



AVMAG #237
Mediagear
(16) 3621.7699
R\$ 10.675

NOTA: 87,0



ESTADO DA ARTE

Sax Soul Cables
Extraia todo o potencial do seu sistema.

Sax Soul Cables offers high-quality audio cables designed to extract the full potential of your system. Their products are available at AVMAG #237 Mediagear, located at (16) 3621.7699, with a price of R\$ 10.675. The product has a rating of 87,0 and is considered 'ESTADO DA ARTE' (State of the Art). The company's logo features a stylized 'S' and 's' intertwined with a play button icon.

ÁUDIO

AMPLIFICADOR INTEGRADO HEGEL H190

Juan Lourenço



Há alguns meses tive a oportunidade de testar o amplificador integrado Hegel H90, que me deixou bastante impressionado com seu desempenho realmente acima da média, e também como a sonoridade dele se aproximou do H360, topo de linha da empresa. Enquanto embalava o H90, não parava de pensar como seria ouvir o H190, entender sua evolução em relação ao antecessor, o quanto ele se aproximou do H360 e principalmente como o seu DAC interno toca em relação à sua pontuação geral.

Mas ele não veio logo em seguida - vieram mais dois testes na sua frente: o integrado Roksan K3 e a caixa Dynaudio Emit M30. Só depois destas duas avaliações é que ele veio parar em minhas mãos para teste e pude então fazer minhas comparações.

O amplificador integrado H190 é o modelo intermediário da Hegel, substituto do H160, que fez grande sucesso principalmente pela potência que entregava e seu pacote digital bastante atraente. Nesta nova versão, a potência continua a mesma, mas o DAC eu desconfio que seja o mesmo DAC interno do H300. Além disto, ele parece estar mais refinado, mais autoritário, pois seu fator de amortecimento foi pra lá dos quatro mil, em teoria se aproximando do integrado topo de linha.

A minha sensação quanto ao seu antecessor era que ele parecia mais distante do amplificador integrado H360 do que eu gostaria. Isto deixava uma lacuna entre os dois integrados que eu não aceitava muito bem. Coisa de gente cri-cri...

Com base em tudo o que eu ouvi no H90, com o qual eu fiquei por mais de dois meses, a curiosidade em saber até onde a Hegel ousou levar o H190 era muito grande. Todos os sinais mostrados pelo seu irmão menor indicavam uma melhora substancial na qualidade sônica do aparelho, principalmente no equilíbrio tonal, timbre e palco.

Outra coisa que me deixava curioso era se a Hegel utilizou o DAC do H300, já que seu circuito utilizava a seção de amplificação do integrado, como no H300. O DAC é bom, é fácil de instalar por não mudar tanto assim na topologia de alimentação, então porque não usar, não é mesmo?

A identidade visual da marca não muda para nem um de seus aparelhos, tudo continua exatamente igual a qualquer integrado Hegel de sua geração. O painel frontal é confeccionado em alumínio, o controle remoto também é feito em alumínio, e nos passa aquela sensação de que vale o quanto pesa. Os dois grandes botões giratórios de seleção de entrada e de volume agora são separados por uma tela OLED, igual ao H90 e Röst. Bem melhor que o antigo mostrador de LED azul que indicava padrões difíceis de entender, como quando selecionávamos a entrada coaxial, por exemplo. Também no painel frontal, encontra-se a entrada para fones de ouvido, algo que tem se tornado um padrão nos integrados de hoje.

O H190 conta com a conectividade de rede via porta Ethernet com fio, AirPlay e DLNA, possibilitando ao integrado utilizar os serviços de streaming mais populares, como o Tidal nos formatos normal e MQA - que fornece o som da gravação máster original - o Spotify e outros.

Por falar em streaming, desde maio deste ano a Hegel disponibiliza uma atualização de software para o H190 que inclui a certificação Spotify Connect. Com esta atualização, o amplificador integrado toca nossas músicas diretamente do servidor Spotify, deixando smartphone, tablet ou computador apenas como controladores do aplicativo.

O DAC interno 24-bit/192kHz possui três entradas ópticas, uma entrada S/PDIF coaxial, uma porta USB do tipo B, e a porta Ethernet.

Na parte analógica, temos uma entrada balanceada XLR e duas entradas RCA. Uma saída de linha variável e uma fixa (ambas RCA). ▶

Ainda no painel traseiro, encontramos terminais de caixa de excelente qualidade, banhados a ouro, e a entrada de força IEC.

O gabinete, feito em aço, conta com três pés de apoio. No H160 tinha um a mais para lidar com as vibrações vindas da prateleira, o que nem sempre é uma boa coisa. Às vezes menos é mais.

Alojado internamente, à direita do gabinete, está a usina de força deste tanque de guerra, um transformador toroidal capaz alimentar 150 Watts por canal em 8 Ohms, ou 250 em 4 Ohms, segurando a peteca com tranquilidade até 2 Ohms. A resposta de frequência é de 5 Hz a 100 kHz, relação sinal/ruído maior que 100 dB, crosstalk menor que -100 dB, e distorção menor que 0.01% @ 25 W 8 Ohms 1 kHz. Distorção por intermodulação menor que 0,01% (19 kHz + 20 kHz). Some-se a tudo isto o fator de amortecimento para mais de 4.000, e terá um amplificador capaz de controlar uma enorme variedade de caixas acústicas, com autoridade e muita precisão, que é seu maior trunfo.

O Hegel H190 que veio era novo, então separei os sachês de Camomila e Erva Cidreira e iniciei o processo de amaciamento do aparelho, pois ele precisa de pelo menos 350 horas para entregar tudo o que tem. E até lá ele muda bastante, então é preciso paciência com ele.

Para o teste foram utilizados os seguintes equipamentos. Fontes digitais: CD-Player e transporte Luxman D-06, DAC Hegel HD30, notebook Samsung (com JRiver via Bubble UPnP), iPhone 4S e Samsung Galaxy J5 Pro (com JRemote e Spotify). Cabos de força: Transparent XL MM. Cabos de Interligação: Sax Soul Cables Zafira III XLR e Sunrise Lab Reference Magic Scope RCA e XLR. Cabos de caixa: Transparent Reference XL e Sunrise Lab Quintessence Magic Scope. Caixas Acústicas: Pioneer SP-FS52 by Andrew Jones, Dynaudio Focus 260, e Dynaudio Excite X14. Fones de ouvido: Klipsch M40 e Sennheiser HD 600.

Começamos o teste ouvindo o Hegel H190 com as caixas Pioneer SP-FS52. A sinergia foi imediata, logo nos primeiros minutos da canção *Falling in Circles* do disco Black Light Syndrome do trio Bozzio Levin Stevens, mostrou um casamento perfeito entre os médios do amplificador e os médios da caixa. Outra coisa que chamava atenção era o controle que o H190 exercia sobre a pequena torre, mostrando transientes que me surpreenderam positivamente, mesmo estando com esta caixa há bastante tempo e sabendo do que ela é capaz, esta autoridade favorecida pela potência extra e pelo alto fator de amortecimento do amplificador revelou uma Pioneer bastante disposta, ágil e com uma dinâmica impressionante!

O controle dos graves é ótimo. Todas as frequências desta faixa do espectro são expostas com bastante profundidade, extensão e realismo, com modulações recheadas de harmônicos que me fizeram re-aproximar pela Pioneer.

Se os graves são muito bons, os médios são fabulosos. Aqui é paixão à primeira ouvida. O H190 nos coloca diante de vozes com texturas muito próximas das ouvidas com o H360. A forma como ele nos apresenta as vozes é de uma delicadeza e precisão maravilhosas, que chegam aos nossos ouvidos com um conforto auditivo surpreendente!

Passei então para as Dynaudio Emit M30, uma torre ligeiramente maior e mais profunda que a Pioneer FS52. Todo o acontecimento musical experimentado com a Pioneer foi maximizado, e os agudos, que são o calcanhar de Aquiles da Pioneer, com a M30 soam “líquidos” e com decaimentos muito bons. Os timbres dos instrumentos nos agudos são ótimos, cheios de texturas, principalmente em pratos de bateria e trompetes. A M30 não nega fogo, ela se joga de cabeça e se submete aos caprichos do H190 sem nunca reclamar. O Hegel H190 impõe aos alto-falantes dela um ritmo justo de excursão, não dando a eles um minuto de folga de seu controle ferrenho.

O palco do H190 é bem profundo, o foco e recorte são excelentes, do tipo que identificamos pequenas variações de posição das baquetas atingindo diferentes pontos dos pratos da bateria. Mas o palco não tão largo quanto eu gostaria. Se fosse um pouco mais largo seria fantástico! Os agudos também não acompanharam a sofisticação dos médios. Isto se deve aos médios serem tão encantadores que fica difícil para os agudos competirem com eles.

Animado com o que ouvia do H190 juntamente com seu DAC interno, resolvi utilizar todo o arsenal a disposição na tentativa de buscar seus limites, colocando-o com a Focus 260 e o DAC HD30, utilizando o Luxman como transporte.

Aí a coisa ficou séria mesmo. O H190 cresceu por demais, mostrando belas texturas e um equilíbrio incrível entre dinâmica e sofisticação nos transientes, capaz de impressionar donos de integrados de patamar superior. Tudo soava mais alinhado com o refinamento do aparelho, o que nos possibilitou começar a entender sobre a pontuação que ele teria.

A largura do palco sonoro e a profundidade aumentaram consideravelmente com a adição da Focus 260 e do DAC HD30. Os agudos também melhoraram bastante, se aproximando da minha referência, o V8 MkIV. Daí por diante foi um festival de surpresas para todos os lados. Os médios são realmente imbatíveis. A forma como o H190 lida com vozes e instrumentos como violino, clarineta e violão, são realmente mágicos. Tão mágicos que decidi colocar o disco do Renato Braz, chamado *Outro Quilombo*, faixas um e cinco para tocar. Nestas faixas, a voz de Renato Braz se projeta um pouco à frente e, para acabar com a graça de qualquer sistema, tem um berimbau, um dos instrumentos mais encardidos de reproduzir que já ouvi. O H190 não tentou domar a voz ou abafou o berimbau tentando controlar seu timbre metálico. Ao contrário disto, ele mostrou a voz como ela está ➤

ÁUDIO

lá: clara, limpa e serena, levemente iluminada como foi posta no disco. O mesmo aconteceu com o berimbau: tudo acontecia com uma folga tão grande que se confundia com aquela velha sensação melosa de conforto auditivo irreal. Mas aí, você ouve novamente e percebe que a transparência e o timbre estão lá, corretos e perfeitamente preservados, com decaimentos maravilhosos! Tão bons que me fizeram trair o V8 e preferir os médios do H190.

Chega a hora de colocar aqueles discos que chamamos de “mata-dores de sistema”. Discos como Rachelle Ferrell - *Live In Montreaux 91-97* (faixa 10), Joe Zawinul - *Brown Street* (faixa 1 do disco 2), e Nelson Freire - *Chopin Piano Concerto N°. 2*. Discos que fazem qualquer sistema suar de tão difíceis de reproduzir que são. O H190, com sua velocidade e precisão rítmica, nos fazem realmente bater o pé acompanhando a música como um metrônomo humano. É realmente emocionante ouvir grandes grupos tocando ao vivo neste integrado. O deslocamento de ar é impressionante, a folga que ele possui nos permite ouvir grandes massas sonoras produzidas por orquestras e bandas com diferentes naipes de instrumentos, com um conforto auditivo surpreendente. A única coisa que nos faz voltar à realidade da sala de audição é a largura de palco que deixa os músicos mais próximos uns dos outros do que deveria. É bem verdade que a precisão do foco e do recorte compensam esta sensação de proximidade dos músicos. Ainda assim, ela está nos mostrando que a vida não pode ser perfeita.

Ouvindo o integrado Hegel H190 pelos serviços de streaming, nota-se imediatamente a queda na qualidade da gravação. Mesmo com os álbuns em MQA ainda perde bastante para um bom transporte e mídia física. Passadas algumas músicas, a diversão retoma, e passamos a curtir cada momento da audição, pois a musicalidade e o equilíbrio tonal do H190 não nos deixam com aquela impressão de música fria.

Com fone de ouvido, nota-se que a mesma qualidade que se ouve com caixas acústicas, se ouve pelo fone de ouvido. A diferença é que pelo fone, o H190 não parecia impor o mesmo controle percebido com as caixas. Ainda assim, com o M40, fácil de empurrar, o H190 domou os graves soltos do fone mostrando uma dinâmica muito boa, parecia que o fone havia acordado. De toda forma, não estava a altura do refinamento do Hegel e o Sennheiser HD 600 entrou em ação. Tudo se encaixou e eu senti que o casamento estava completo! A apresentação musical foi repleta de texturas e transientes de fazer qualquer amante por fones de ouvido babar!

CONCLUSÃO

O amplificador integrado Hegel H190 é um aparelho moderno, versátil, e feito para quem busca uma experiência musical o mais próximo do real possível.

Moderno por estender a longevidade de seu DAC interno, pois este tem uma pontuação que só se obtém com DAC externo de alto nível.

Versátil por oferecer várias entradas analógicas e digitais e, fiel à filosofia Hegel de expressar a música como ela é. Cheia de imperfeições, caos e frios na espinha.

Se você busca sentir tudo isto, ouça um Hegel. Após a audição ele certamente fará parte da tua lista de possíveis candidatos. ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=IQ_Z4YUSGGO](https://www.youtube.com/watch?v=IQ_Z4YUSGGO)

PELO DAC INTERNO

NOTA: 87,0

PELO DAC EXTERNO

NOTA: 90,5

AVMAG #242
 Mediagear
 (16) 3621.7699
 R\$ 24.675



ESTADO DA ARTE

AMPLIFICADOR EMOTIVA XPA GEN 3

Fernando Andrette



Nosso leitor assíduo já notou que, ao longo dos últimos meses, temos publicado vários testes com produtos do fabricante norte americano Emotiva. Ainda que por aqui seja uma marca relativamente nova, nos Estados Unidos e Canadá ela tem recebido numerosos testes muito positivos, por agregar em todos os seus produtos excelente relação custo-benefício.

E, para dias tão bicudos como os estamos vivendo, soa como música o mercado oferecer produtos que cabem em nosso orçamento tão reduzido.

O representante da marca no Brasil, a AV Group, nos enviou a linha completa de eletrônicos, caixas e subwoofers. E ainda publicaremos as avaliações do pré de linha e do subwoofer.

Hoje queremos apresentar o power Emotiva XPA Gen3, um power com excelentes reviews lá fora e que também nos encantou pela construção e performance. O XPA Gen3 pode ser comprado com dois canais e o usuário pode ir encomendando os módulos de potência adicionais, até seis canais.

Na versão dois canais deste teste, o fabricante informa que sua potência nominal é de 300W em 8 Ohms, 550 W em 4 Ohms ou 800 W em 2 Ohms. Ainda que possua um gabinete relativamente avantajado, ele é relativamente leve, pois sua fonte de alimentação é chaveada, não possuindo transformadores.

O fabricante chama a topologia de classe H, que aumenta a eficiência e minimiza a necessidade de grandes dissipadores de calor. Seu painel frontal é bastante discreto, com leds azuis quando ligado e um contorno também azul em volta do botão no centro do painel abaixo do visor.

No painel traseiro temos a tomada de IEC, um pequeno interruptor para desligar os leds frontais, os terminais de caixa nas pontas do

painel traseiro e as entradas XLR e RCA. As gavetas para os futuros módulos encontram-se parafusadas, sendo de fácil acesso para a instalação deles pelo próprio usuário.

Segundo o fabricante, a impedância de entrada do XPA Gen3 é de 33 kOhms e o fator de amortecimento é maior que 500 em 8 Ohms.

Para o teste utilizamos os seguintes equipamentos. Prés de linha: Dan D'Agostino e Emotiva XRP-1. Fontes digitais: CD-Player Emotiva ERC-3 e sistema digital dCS Scarlatti. Caixas Acústicas: Emotiva T-1, Kharma Exquisite Midi e DeVore Gibbon 88. Cabos de interconexão: Transparent Opus G5, Sunrise Lab Quintessence e Sax Soul Ágata. Cabos de caixa: Sunrise Lab Quintessence e Transparent Reference XL MM2. Cabos de força: Transparent PowerLink MM2.

Puxando pela memória acho que os últimos powers que testei com fontes chaveadas foram os Jeff Rowland, no final do século passado. Ainda que o Gen3 seja muito mais usado para quem deseja montar um setup de home-theater com maior qualidade, tenho visto nas redes sociais muitos usuários investindo também em sistemas estéreo.

Lí o testemunho de um audiófilo do Canadá que comprou o Gen3 com quatro módulos de amplificação, para bi-amplificar suas caixas, com resultados que o satisfizeram plenamente!

Como todos os produtos enviados vieram lacrados, fizemos uma primeira audição e depois deixamos amaciando por 100 horas. Ainda que frio, sua apresentação, assim que instalado, foi bastante positiva. Som equilibrado, com boa transparência, porém com pouca profundidade e os extremos bem engessados. As 100 horas de queima fizeram muito bem ao Gen3: eles ganharam extensão, o som melhorou em relação à profundidade e largura do palco, e os graves apareceram com maior peso e velocidade, porém os agudos continuaram tímidos e com pouca extensão.

Decidimos que mais 100 horas de amaciamento seriam necessárias. Ao voltar para a sala de teste com todo o setup Emotiva (inclusive as caixas), o Gen3 melhorou da água para o vinho. Ganhou corpo na região médio-grave, apareceu a extensão para notarmos com maior facilidade a ambiência e o respiro nos agudos, e o som se tornou muito mais agradável para audições mais prolongadas.

A primeira parte do teste (com duração de duas semanas, com a passagem de todos os discos da nossa metodologia) foi feita exclusivamente com o setup Emotiva. As caixas tipo coluna T1 se comportaram de forma impecável, mostrando todas as qualidades que ouvimos no teste da mesma. Essa coluna não para de nos surpreender, pois possui muito bom equilíbrio tonal, e gosta de ser colocada à prova em qualquer gênero musical.

ÁUDIO

Pelo que custa é um verdadeiro best-buy! Amigos músicos e melômanos que a escutam, colocam em sua lista de opções para futuros upgrades. Com o power Gen3 a T1 se sente totalmente à vontade!

A assinatura sônica de toda a eletrônica Emotiva permite ao consumidor (seja ele audiófilo ou melômano), audições sempre confortáveis e com baixo índice de fadiga auditiva. Fica bem nítido que o projetista da Emotiva optou por uma assinatura em que o equilíbrio seja sempre preservado.

Então, meu amigo, não espere uma transparência absoluta, ou extremos em que você escuta até o pianissímo do pianissímo. Não é essa a proposta da Emotiva. Mas, se você quer simplesmente ouvir seus discos com qualidade, boa inteligibilidade e conforto auditivo, sem penhorar casa, carro e jóias, eis uma excelente opção.

No setup todo Emotiva, a beleza está em você querer ouvir de novo aquele disco que tanto aprecia, poder abrir o volume um pouco mais, e ter a surpresa de ouvir que o sistema suporta esse desejo. O Gen3 possui energia de sobra e autoridade para não se dobrar em passagens mais complexas. É extremamente correto e, quando lembramos do seu preço, aí que o valorizamos ainda mais!

Suas limitações, como já pinciei nas linhas acima, estão no soundsstage, que não é tão pleno como nos powers hi-end Estado da Arte, na apresentação e extensão dos extremos nas duas pontas e, óbvio, no seu silêncio de fundo, que não permite a apreciação do detalhe do detalhe na micro-dinâmica. O problema é que essas "pequenas virtudes" nos colocam sentado em frente ao nosso gerente de banco, na tentativa de realizar esses pequenos 'caprichos'. Então, para quem não deseja se endividar, mas necessita de um upgrade no seu power, sugiro uma audição detalhada do Gen3.

OUVINDO O GEN3 COM OUTRA ELETRÔNICA

Depois de ouvir por duas semanas o Gen3 com seus pares, estava na hora de misturar as cartas e fechar nossa avaliação, descobrindo o teto de performance do mesmo. Muitos dos leitores nos questionam a razão de pegarmos produtos de performance mais limitada e ouvir em nosso sistema de referência. É justamente para aplicar a lei do elo mais fraco, meu amigo. E ser justo com a pontuação final do produto em teste.

Na segunda parte tiramos os Emotivas (exceto a caixa T1, no primeiro momento) e substituímos pelas nossas referências. Sempre há surpresas em observar o elo mais fraco, sempre!

O Gen3 ao ligá-lo ao nosso sistema de referência, mostrou-se superior tanto ao pré de linha Emotiva como ao CD-Player Emotiva. Ganhou camadas de profundidade nos planos na reprodução de música sinfônica, ampliou sua extensão e decaimento muito maior nos agudos, e o grave mais velocidade, maior deslocamento de ar e corpo!

O único quesito que não mostrou grandes diferenças foi na micro-dinâmica. Pela nossa metodologia, para você que começou a

nos acompanhar recentemente, essas mudanças audíveis são responsáveis por dois pontos a mais no fechamento da nota do Gen3. Ainda que pareça irrisório, é significativo, podendo muitas vezes alterar a categoria do produto.

Conseqüentemente, essas melhorias aumentaram o conforto auditivo e nos permitiram exigir ainda mais das caixas utilizadas no teste.

O Gen3 teve autoridade absoluta em relação às três caixas utilizadas (T1, DeVore Gibbon 88 e Kharma). É o tipo de amplificação que não se curva a nenhum gênero musical. E controla as caixas com mão de ferro.

CONCLUSÃO

O mercado está recheado de excelentes opções de amplificadores integrados, powers e caixas acústicas. O gargalo se encontra na escolha de pré-amplificadores e CD-Players. Parece que esses dois produtos andam em baixa no mundo todo. A esmagadora maioria das consultorias que recebemos semanalmente é relativa a upgrades nos integrados, powers e caixas. Sempre respondo que esses três itens não são um problema, pois as opções atendem a todos os gostos e bolsos.

O que o leitor necessita é de se munir de paciência e não se furtar a fazer uma minuciosa pesquisa, antes de sair comprando. Com calma e disposição para ouvir na casa de amigos, nos show-rooms, ele certamente achará o produto que tanto deseja. Para aqueles que possuem o sonho de bi-amplificar suas caixas, mas possuem espaço reduzido e orçamento apertado, diria para colocarem como prioridade escutarem o Gen3, primeiro em modo estéreo e ver se sua assinatura sônica os seduzem. E, caso se apaixonem pela sua sonoridade, o próximo passo é comprarem os módulos adicionais.

Sua potência é mais do que suficiente até mesmo para salas como a nossa com 50 m². Sua capacidade de gerenciar caixas difíceis (pesquisem na Internet usuários utilizando o Gen3 para tocar caixas como a Magnepan), e sua sonoridade quente e sempre equilibrada, são um convite a longas audições de toda sua coleção de discos.

E, se adicionarmos a esse item de satisfação, o seu custo em relação à concorrência o deixa ainda mais competitivo e tentador! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=MNST5JE3414](https://www.youtube.com/watch?v=MNST5JE3414)

AVMAG #242

AV Group
 (11) 3034.2954
 R\$ 16.818

NOTA: 79,5



DIAMANTE REFERÊNCIA

AMPLIFICADOR AUDIO RESEARCH REFERENCE 75 SE

Fernando Andrette



Sugiro aos que não tenham ainda lido o teste do pré-amplificador Ref 6, publicado na edição de agosto, o façam, pois lá eu pincelo a fase atual deste renomado fabricante de áudio, que está próximo de completar meio século de vida.

Assim como existem os amantes de McIntosh, também existem os apaixonados por Audio Research que não abrem mão de ouvir seus discos preferidos em um setup todo da marca. William Z. Johnson, o fundador da Audio Research, era um projetista muito resignado e disposto a provar ao mercado que seus produtos possuíam uma assinatura musical 'única'. Desde o lendário pré-amplificador SP-1 e o power ST-70 C1, ambos apresentados em 1970, houve o reconhecimento que os produtos deste fabricante eram robustos e de uma sonoridade cativante.

Todos os audiófilos com mais de cinquenta anos, em algum momento de sua vida tiveram ou desejaram ter um Audio Research. E muitos apenas sonhavam com essa aquisição, já que seus orçamentos não possibilitavam a realização deste sonho. Meu pai mesmo foi um grande admirador da marca, e voltava mudo dos clientes que possuíam um setup Audio Research. Acho que foi a única eletrônica que o 'balançou' da paixão que ele tinha pelos Marantz.

O amplificador Ref 75 SE em nada difere na aparência do Ref 75 que ouvimos no final de 2014. A única observação externa é uma etiqueta na tampa de cima, onde está escrito Ref 75 SE. As mudanças se deram no interior do equipamento. E ainda que use o mesmo circuito de estado híbrido (estágio de entrada JFET alimentando um driver duplo de triodo 6H30) continua sendo um amplificador totalmente balanceado, sem nem dar a opção de uma entrada RCA para o usuário.

O Ref 75 original utiliza inclusive os mesmos componentes do Ref 150 mono, então a grande mudança no SE se encontra na troca das válvulas KT120 para dois pares de KT150. Considerada a válvula do momento, e começando a ser utilizada por uma legião de fabricantes! Os defensores da KT150 falam de sua maior eficiência, sua potência de saída maior e sua distorção harmônica muito mais baixa que as KT88 e KT120. Em contrapartida, para essas melhorias se tornarem audíveis, essas válvulas exigem um sinal de entrada bem maior e um circuito muito bem projetado.

Para os amplificadores da Audio Research isso 'soou como música', pois casou perfeitamente com seu sistema híbrido. O legal é que os consumidores que possuam o modelo Ref 75 podem fazer este upgrade em seus aparelhos e se beneficiar de todas as vantagens das KT150.

Ainda que seja um amplificador razoavelmente pesado, suas alças ajudam muito na hora de retirar o produto da caixa e o instalar sozinho no rack. Dá mais trabalho abrir a tampa com seus vinte e tantos parafusos de cabeça philips, para a instalação das válvulas, do que propriamente ligar, sentar e realizar a primeira audição. Como todo produto Audio Research, o cabo IEC é de 20 Amperes, o que diminuiu drasticamente minhas opções naquele momento, pois tinha que manter alimentado o pré-amplificador Ref 6 e ainda utilizar o outro único cabo de 20 Amperes no power. Assim foi feito.

O sistema foi, basicamente, nosso setup de referência, com a substituição do Dan D'Agostino pelo Ref 6 (na primeira metade do teste), com inúmeros cabos XLR de interconexão: Sax Soul Ágata, Sunrise Lab Quintessence e Transparent Opus G5. Cabos de força 20 A: ➤

ÁUDIO

Kubala Sosna Emotion no pré Ref 6 e Transparent PowerLink MM2 no power Ref 75 SE. Fonte digital: sistema Scarlatti da dCS. Fonte analógica: pré de phono Tom Evans Groove+, toca-discos Air Tight, cápsula Transfiguration Proteus (sim, minha Air Tight PC-1 Supreme está no estaleiro) e braço SME Series V.

O fabricante e o importador (German Audio), falam de 200 horas de amaciamento. Serei mais realista: pode contar de 280 a 350 horas. Ouvir e dar alguma opinião antes de todo este amaciamento é um chute no escuro. Pois poucas vezes ouvi um power valvulado mudar tanto sua performance durante o amaciamento. Talvez em razão da topologia híbrida, talvez por uma própria necessidade das KT150 (válvulas que nunca havia escutado), mas prepare-se, pois a transformação é da água para o vinho!

A princípio, assim que se instala e senta para escutar, temos um som literalmente 'morno', com uma região média muito rica, palpável e natural, porém com ambos os extremos 'ceifados', lembrando aqueles antigos amplificadores dos anos 60 valvulados em que a região média era sempre predominante. Serão mais de 100 horas para começarmos a enxergar 'terra à vista', ou melhor, os extremos sutilmente se apresentando. Primeiro são os médios-graves, que com 120 horas se encorpam e ganham energia. Depois, próximo de 140 horas, os agudos começam a ganhar arejamento, extensão e presença. Mais 40 horas e as ambientes se tornam nítidas, ou melhor, audíveis. E a partir das 200 horas a fundação dos graves, a última oitava embaixo, dá o ar de sua graça. Serão momentos de angústia e sérias dúvidas para qualquer audiófilo desesperado.com... Mas, acredite, com 250 horas o comportamento do Ref 75 SE, começa a mudar e as audições além de muito mais prazerosas, sinalizam que no seu desabrochar ele se transformará em um outro amplificador.

A sonoridade da válvula KT150 é muito diferente de todas as válvulas com que convivi ou testei. Diria que na 'impetuosidade' de aceitar desafios em passagens mais complexas, elas lembram as EL34 (que tanto admiro), porém com maior folga para suportar variações dinâmicas mais complexas.

Posso afirmar, depois de quase dois meses de convivência com esse conjunto, que as KT150 irão causar um frisson no mercado, já que sua baixa distorção aliada à sua maior folga e extensão nos dois extremos, lhe possibilitará atender a um contingente de ouvintes que justamente se negavam a ter um amplificador valvulado por perceber essas limitações. Essas características da KT150 desmistificam aquela impressão que válvula atende apenas aos interessados em uma sonoridade mais quente e aveludada, pois sua capacidade de reproduzir qualquer estilo musical com maior 'propriedade', as coloca em uma situação privilegiada em relação às outras válvulas.

Seu equilíbrio tonal é muito bom, com extremos com ótima velocidade, corpo e decaimento muito suave. Seu grau de energia nos

graves nos encanta e nos faz aceitar que a KT150 é sim uma evolução em relação à todas as válvulas existentes no mercado.

Seu soundstage é amplo, com enorme folga e silêncio entre os instrumentos. E o foco e recorte diria serem cirúrgicos e muito bem apresentados, tanto em largura, como altura e profundidade.

As texturas são excelentes, assim como a resposta de transientes. A micro-dinâmica, graças ao grau de transparência tanto do pré como do power, permite uma inteligibilidade de alto nível. E a macro-dinâmica só não é ainda mais surpreendente pela limitação de potência do Ref 75 SE. Mas, com caixas de excelente sensibilidade, como a Kharma Exquisite Midi e a Paradigm Persona B (2 nesta edição) foram os pares perfeitos para o amplificador.

O corpo harmônico é um dos destaques deste conjunto, pois os instrumentos não só se apresentaram com as proporções corretas, como nos deram uma perfeita sensação de holografia 3D. E a materialização do acontecimento musical se mostrou palpável (organicidade) colocando os músicos a nossa frente!

Ainda que me torne chato e repetitivo, tenho que lembrar a todos, que em nossa metodologia o último quesito - Musicalidade - é a soma de todos os demais quesitos. E quanto mais coerentes e harmoniosos forem os outros sete quesitos, melhor será a nota de Musicalidade.

O Ref 75 SE não é um amplificador tipicamente valvulado, como muitos têm em mente serem os melhores desta topologia. Ele é, sim, um amplificador de um som quente, natural, de extremo conforto auditivo. Porém, ele possui um diferencial que se torna evidente depois de todo o seu amaciamento (350 horas). Sua folga, incomum para essa topologia e seu grau de precisão na apresentação de tempo, ritmo e energia (transientes). Chamou-nos muito a atenção essas duas características, que acreditamos serem qualidades das válvulas KT150. Como não testamos ainda produtos similares com esta válvula, de outros fabricantes, não posso afirmar que seja. Mas nossa experiência indica que aonde há fumaça há fogo. Então espero algum dia poder compartilhar com vocês se essa minha observação está correta. Até lá, computo essas qualidades ao sistema híbrido da topologia dos ARCs e a esta nova válvula, que no meu modo de entender, irão revolucionar os amplificadores da Audio Research e certamente aumentará ainda mais os fãs desta marca lendária.

CONCLUSÃO

Você que sempre teve um apreço pela sonoridade de amplificadores valvulados, mas que nunca passou da admiração para a atitude, por achar que faltava algo a mais, está na hora de rever esta resistência.

Ouça essa nova safra de ARCs com as válvulas KT150. O mercado está falando maravilhas e os testes em todos os cantos e idiomas afirmam: uma nova era de amplificadores valvulados está chegando! ➤

ÁUDIO

São válvulas que esquentam muito e precisam de uma ótima ventilação. Testei-o no inverno, em nossa sala com 50 m², então não senti tanto. Mas posso dizer que após 10 horas de uso contínuo, na hora que ia desligar o sistema, era nítido o calor gerado por aquele par de KT150!

Outra dica que esqueci de mencionar antes: não façam o ajuste de bias antes das válvulas se estabilizarem termicamente (conheço audiófilos que fazem o ajuste diariamente antes de cada audição). As KT150 mantém o ajuste por um longo período (principalmente depois de 100 horas de uso).

Ainda que você tenha apenas uma curiosidade de conhecer a sonoridade das KT150, se a audição for feita em condições ideais, você irá se surpreender, eu garanto! Um amplificador que se aliado a uma caixa de excelente sensibilidade (acima de 90 dB), com um par de eletrônicos à sua altura, trará um prazer auditivo difícil de ser superado. Diria que é viciante, para todos que querem conforto auditivo e prazer absoluto em ouvir seus discos preferidos!



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=AE8H2UK0KUW](https://www.youtube.com/watch?v=AE8H2UK0KUW)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=71M-07URQ_W](https://www.youtube.com/watch?v=71M-07URQ_W)

AVMAG #244

German Audio
contato@germaniaudio.com.br
R\$ 59.900

NOTA: 90,0



ESTADO DA ARTE

POWER ESTÉREO CH PRECISION M1

Fernando Andrette

Com a maturidade, muitos dizem perder aquele encantamento da juventude que temos ao descobrir algo novo que nos empolgue. Aquele frio na barriga, aquele torpor de vivenciar uma experiência, que troca-se pela serenidade. São momentos diferentes apenas. Não que o interesse não esteja mais presente, ele apenas foi 'refinado', pois a vivência nos mostra que a empolgação com o 'novo' não passa da chama de um fósforo!

Nos primeiros anos desta publicação, a chegada de um aparelho de ponta para teste era capaz de literalmente me tirar o sono. Por dois motivos: a responsabilidade e a expectativa de escutar um produto que era consagrado lá fora realmente mexia com o meu humor.

Tive o privilégio de conhecer excepcionais produtos. Alguns me encantaram, e farão parte de minha memória auditiva de longo prazo, para sempre. Talvez o hábito de anotar tudo minuciosamente tenha contribuído para 'aguçar' minha memória, e continua sendo de enorme valia para poder buscar informações pertinentes quando necessito comparar determinadas características em produtos similares.

Esse hábito foi lapidado ainda na infância, quando meu pai solicitava meus ouvidos para substituir componentes em equipamentos que ele consertava.

Até nesse aspecto a reserva de mercado foi muito cruel, pois importar componentes originais desses equipamentos era uma odisséia! Então meu pai peregrinava pela Rua Santa Ifigênia à busca de soluções que pudessem atender e satisfazer os seus clientes.

Lembro-me quando assumi essa função, de ir buscar esses componentes. Ficava às vezes por horas namorando as cápsulas importadas na Casa dos Toca Discos, sem entender o motivo delas custarem tão caro (a taxa importação de cápsulas, em alguns momentos de reserva de mercado, chegou a ser de 320% - sim meu amigo, você não leu errado!). E de noite, enquanto meu pai ainda consertava os equipamentos, lá eu ia ouvir as alterações feitas por ele.

Ele me dizia: "ouça com esse componente" - então eu me concentrava e procurava ouvir o maior número de detalhes possíveis. Com medo de perder alguma observação, enquanto meu pai ia de novo para a bancada trocar o componente, eu anotava tudo. Desde a inteligibilidade dos instrumentos, a coisas mais simples, como a maneira como soaram os graves, médios e agudos.

Às vezes minha mãe tinha que intervir e solicitar para deixarmos para o outro dia, pois realmente perdíamos a noção da hora. Eu jamais imaginaria que esses anos seriam determinantes para minha formação ➤

ÁUDIO



auditiva, e que esse conhecimento seria usado tantos anos depois para realizar o meu trabalho ainda hoje.

Os orientais nos dizem que a vida não é uma linha reta, que se parece muito mais com um rio serpenteando na terra firme. Acho que eles realmente possuem uma certa razão!

Algumas qualidades que adquirimos na mais tenra idade podem ser de enorme serventia muitos anos mais tarde. E, olhando minha trajetória, se essa atividade com tão pouca idade me fosse imposta, certamente eu não faria isso hoje.

Quando o Heber da Ferrari me telefonou contando a novidade de que o Martin havia fechado a distribuição da CH Precision para Brasil, Argentina e Uruguai, fiquei mais para surpreso do que animado. Afinal estávamos vivendo o ápice da crise, e os produtos desse fabricante suíço são 'proibitivos' até mesmo lá fora! E possuem uma 'mácula' de uma classe acima dos melhores! Nos nossos quase 22 anos de vida, jamais tivemos a oportunidade de testar um produto ou uma marca com esse grau de pergaminhos.

Já testamos produtos excepcionais com uma trajetória e reconhecimento mundial irretocável.

Porém, um produto em que todos os articulistas que tiveram o privilégio de escutar afirmam de forma unânime ser a referência das referências, jogou uma responsabilidade enorme em nossas costas.

A Ferrari queria que testássemos o conjunto completo top da CH Precision, porém a maturidade e a prudência me disseram para fatiar o teste em três etapas. Na primeira testamos o amplificador M1 na versão estéreo, depois recebemos o pré de linha e, por último, o CD-Player.

Assim, teríamos tempo de ouvir as peças separadas em nosso sistema, depois o conjunto ouviremos no show-room da Ferrari. As avaliações do conjunto pré e power já foram feitas em nossa sala de referência. O CD-Player e o conjunto completo ainda não - por questão de calendário tanto da minha parte, como por parte do Héber. Esperamos concluir essa última parte ainda no inicio do próximo mês. Portanto, amigo leitor, nas próximas três edições estaremos focados nos CH Precision.

Um breve histórico deste fabricante suíço: os dois fundadores da empresa foram, por anos, os principais projetistas da Goldmund. Ao se desligarem da empresa no inicio do novo século, partiram primeiramente por desenvolver e vender projetos para empresas de hi-end de ponta, depois perceberam que seria muito mais produtivo e prazeroso criarem sua própria empresa. E fundaram a CH Precision. O sucesso com a linha A1 foi quase que instantâneo, com excelentes testes e a criação de uma rede de revendas robusta tanto na Europa como na Ásia e Estados Unidos.

Seguindo a mesma filosofia que a Goldmund utilizou nos anos noventa, a CH Precision se destaca pela qualidade em todos os detalhes ➤

de seus produtos. Os amplificadores M1 (tanto mono, como na versão estéreo) ganharam a fama de conseguirem 'escavar as informações' como nenhum outro amplificador de referência havia feito até então.

Lembro-me (se não me engano em 2012) de ler o teste do articulista Marshall Nack da Positive Feedback, que possuía como referência o Soulution 710 (também Suiço), descrever em detalhes como o CH Precision A1 o destronou por uma ampla margem de qualidade. A leitura desse teste foi o suficiente para eu colocar nas minhas anotações que essa nova marca deveria ser acompanhada de perto.

Lançado em 2014 o M1 tem versões estéreo e mono, que compartilham, segundo o fabricante, do mesmo DNA, porém com muitas evoluções não só na potência final. Tudo foi revisto no projeto e aprimorado, como a taxa de feedback global com total ajuste de ganho, possibilitando um ajuste perfeito para qualquer tipo de caixa. O requinte é tamanho que o ganho pode ser ajustado em passos de 0,5 dB. Na caixa caixa Kharma Exquisite Midi, depois de ouvirmos com diferentes ganhos, optamos por zero feedback global.

O M1 utiliza dois cabos de força (um 15A e outro 20A). O cabo de 15A é utilizado para alimentar todas as funções de tela e microprocessador e o de 20A para a alimentação do circuito de amplificação. O painel pode ser programado para mostrar todas as funções disponíveis e ajustes de ganho, e um belo VU em tela de cristal líquido de alta resolução. Seu gabinete é feito de liga de alumínio de alta qualidade, com cantos suaves quadrados. O fabricante informa que o chassi também é de alumínio satinado, que é o padrão utilizado em todas as linhas.

O Alumínio satinado tem uma luminosidade mais para o cinza, com brilho sutil, que dá ao produto um acabamento deslumbrante, e diferenciado de qualquer outro produto hi-end top. Você não vê nenhum parafuso externo, e até o ajuste dos pés é feito de forma engenhosa. Uma ventosa é utilizada para extrair por cima quatro pequenos círculos dispostos nos cantos e por baixo dessas placas circulares, encontram-se os parafusos que irão descer os spikes.

Regulados os spikes, é só recolocar as peças circulares novamente nos cantos da tampa superior do gabinete.

O fabricante especifica que a versão estéreo possui 200 watts por canal em 8 Ohms e 700 watts por canal em modo ponte. Para justificar seus 70 kg(!), o M1 utiliza um transformador de 2.200 VA.

Outra característica patenteada pela CH Precision, e utilizada também no M1, é o circuito ExactBias que, segundo o fabricante, possibilita o ajuste fino para uso com qualquer caixa existente no mercado. Esse circuito monitora as temperaturas internas dos transistores de potência e ajusta (em tempo real) o bias do amplificador. Sua capacidade de ajustar o feedback global para o fator de amortecimento ideal para cada caixa, faz desse amplificador o único no mundo com essa tecnologia.

Outra característica relevante é o fato do super maciço transformador de 2.200 VA ser isolado completamente de eletrostática e qualquer tipo de interferência magnética. Para esse resultado, o transformador foi montado separadamente, para um total isolamento mecânico.

Componentes discretos são usados em todo o amplificador, e não há capacitores nem relés de saída no caminho do sinal.

Para o teste utilizamos os seguintes equipamentos. Pré-amplificação: CH Precision L1 e Dan D'Agostino. Caixas acústicas: Kharma Exquisite Midi, Devore Gibbon 3XL e Dynaudio Contour 60. Cabos de força: Transparent Audio Power Link MM2 de 15A e 20A. Cabos de interconexão: Opus G5 XLR e SaxSoul Ágata XLR. Fonte Digital: sistema dCS Scarlatti. Fonte analógica: toca-discos Air Tight, cápsula Air Tight PC-1 Supreme e braço SME V, com pré de phono Tom Evans Groove+.

O M1 chegou integralmente amaciado, foi perfeito para já entrar em teste e ajudar a fechar as avaliações da bookshelf DeVore (na edição 238), e também escutar nas Dynaudios 40 anos (teste na edição 239) e a Contour 60 (teste na Edição 240 de Aniversário, em maio).

O problema foi retirar da embalagem o M1, já que seus 70 kg quebram literalmente com qualquer um. Foi preciso eu e o Valdecir (funcionário da Ferrari) literalmente dobrar-mos os joelhos para dar conta do recado. Pelo seu tamanho tivemos que instalá-lo na plataforma o mais próximo do rack, devido aos cabos de interconexão serem de apenas 1 metro.

Ouvir o M1 causou-me um misto de incredulidade e excitação! Pois é impossível ouvir impassível a apresentação musical desse amplificador! Garanto que até o mais experiente e rodado dos audiófilos, que possua uma conta bancária a qual ele não precise olhar para saber se dispõe de fundos para comprar o que deseja, irá se balançar ao escutar esse equipamento.

Veja bem, amigo leitor, esse foi apenas o primeiro ato. Estava descobrindo o 'DNA' do produto! Tinha apenas substituído meu power de referência e colocado o M1 em seu lugar.

E o impacto foi arrebatador!

Começarei por minhas conclusões finais, na tentativa de conseguir descrever da melhor maneira possível minhas observações auditivas. O M1 está alicerçado nas seguintes bases: precisão (certamente dessa qualidade que se deu o nome da empresa), realismo (não falo de comparação com a música ao vivo, mas sim da capacidade do que estamos ouvindo conduzir nosso cérebro a acreditar ser real) e conforto auditivo (nunca em tempo algum e com nenhum outro equipamento senti um conforto tão sedutor em ouvir um equipamento eletrônico). Essa tríade permite que o ouvinte explore seus discos de uma forma totalmente nova e inédita, pois não haverá restrição alguma a nenhum gênero musical, como também ao casamento perfeito com nenhuma caixa acústica.

ÁUDIO

A palavra mais vista em todos os testes dos produtos CH Precision é: escavação ou a capacidade que essa eletrônica tem de buscar o mais sutil detalhe e trazê-lo à tona. Mas ele não escolhe nenhum detalhe ou pontualiza o que seus projetistas imaginaram ser o mais essencial. Pelo contrário: tudo vem à tona de maneira coesa e consistente. Assim como na música ao vivo em uma sala com boa acústica, compreendemos o todo sem nenhuma necessidade de esforço adicional (conhecendo em pormenor a obra ou não). O M1 executa esse mesmo papel em nossa sala de audição.

Sua precisão em nos fornecer o todo é tão magnífica que, em segundos, o ouvinte consegue passar da incredulidade com a qualidade com que a informação chega aos seus ouvidos, para a excitação em descobrir a quantidade de novos elementos que ele sequer imaginava existir! Para, no próximo minuto, entrar em completo conforto e prazer ao ouvir seus discos com tanto realismo. É um literal caleidoscópio de emoções!

O papel do articulista (esse é o lado amargo), é dissecar as observações para que o leitor possa ter uma ideia mais exata do turbilhão de sensações que um produto deste nível impõe a qualquer ouvinte ao ter seu primeiro contato com um CH Precision.

No teste da caixa DeVore, escrevi que meu pai morreu desapontado por não ter escutado um amplificador que tivesse as qualidades que ele tanto desejava (um misto do melhor da válvula com o melhor do transistor), pois creio que se ele estivesse vivo e escutasse esse amplificador, ele abriria um largo sorriso e certamente balançaria a cabeça.

Terminada a audição ele se debruçaria frente ao M1 e passaria sua mão calmamente em todo o aparelho, apreciando suas formas e sentido no tato sensações complementares às auditivas. Depois faria as perguntas habituais de origem do equipamento, topologia e, por último, o preço, já sabendo que aquela beleza sonora estava completamente longe de suas possibilidades materiais.

E passaria o resto de seus dias suspirando e contando aos amigos suas impressões e arrebatamento ao escutar o amplificador que tornou realidade o seu sonho de ouvir o 'híbrido' perfeito.

E fecharia sua descrição com uma sonora indignação: "e ele não é híbrido, é transistor"!

Ao descrever essa situação imaginária a vocês, consigo ver em detalhes a cena do meu pai, assim como eu balançando a cabeça à cada novo disco que ouvi no M1. A questão não é termos uma nova leitura dos nossos discos preferidos no M1, a questão é não conseguirmos ter a mesma performance como um todo em nossos equipamentos. Parece que falta de tudo um pouco em qualquer outra eletrônica. Falta mais ar, mais folga, mais velocidade, melhor textura, intencionalidade, mais detalhe, mais degraus na subida do pianíssimo para o fortíssimo e todas essas limitações se traduzem em falta de maior realismo.

Essa é a questão primordial.

Você coloca um coral de vozes no M1, é como se o coral tivesse mais vozes, a organização do coral estivesse melhor distribuída (assim como os microfones), eles estivessem mais dispostos e atentos (e não cantando de forma mais displicente) e o tamanho dessa imagem sonora é muito maior e mais precisa nos três planos: altura, largura e profundidade.

Coloque uma gravação de órgão de tubo e as sustentações o ar nos tubos, o trabalho nos pedais e a ambição parecem ser de outra gravação muito mais bem captada, e não a que você conhece tão bem.

Ou coloque suas melhores gravações de piano solo e prepare-se para desvendar características como barulho na banqueta quando o campo de gravidade do pianista faz levantar levemente seu corpo para atacar as duas oitavas no extremo do piano. O barulho dos pedais quando o feltro está gasto ou os pedais mal lubrificados, ou a respiração ofegante do músico. Como também o bater do pé marcando o andamento do primeiro violino em um quarteto de corda.

Mas não se iludem os inimigos da ultra-transparência de determinados equipamentos modernos, pois no M1 jamais a transparência foi maior do que o todo. Aliás, no M1 não existe a predominância de nada acima do todo. O que determina a qualidade final do que ouvimos neste amplificador é a qualidade da gravação e, ainda que tecnicamente esta seja limitada, sua folga permite que tenhamos prazer pela qualidade artística.

Os amantes da música clássica que tiverem uma conta bancária vultosa e não possuem mais disposição para freqüentar assiduamente as salas de concerto, deveriam ouvir o CH Precision, pois ficarão atônitos como conseguem escutar suas obras com tamanha precisão e qualidade.

Direi a todos vocês que jamais tive tamanho prazer em nenhum outro equipamento em ouvir obras que me são tão importantes. Foram apenas duas semanas com o M1 em nossa sala, e passei uma semana ouvindo em todos os momentos disponíveis todos os meus discos de música clássica.

Obras de diversos períodos, com diversos maestros e orquestras, sabendo que dificilmente nessa minha existência terei outra oportunidade de desfrutar da parceria de uma eletrônica deste nível em nossa sala de referência. Só da Nona Sinfonia de Beethoven escutei as nove versões que posso (7 em CD e 2 em vinil). E em todas observei nuances e detalhes que não imaginava poder extraír. Nas minhas duas preferidas (Solti em vinil, e Celibidache em CD), percebi que se apresentaram ainda mais contundentes descortinando as qualidades que julgava mais subjetivas em clareza absoluta.

O andamento na versão de Celibidache na introdução do quarto movimento, que muitos julgam 'displicente' e sem a grandiosidade que muito imaginam existir na escrita original de Beethoven, se mostrou ainda mais rica e detalhada para os que desejam entender com total clareza todas as vozes e a precisão de andamento.

E na gravação de Solti, os planos se mostraram muito mais coerentes e com maior foco e melhor recorte. Ouvi também as sete gravações que posso da Sagração da Primavera de Stravinsky e em todas a capacidade de recuperação e de organização dos fortíssimos foi de uma precisão cirúrgica.

Mesmo uma das que menos aprecio, que é a gravação do selo Telarc (em vinil) - que acho extremamente confusa e mal tocada e regida - deu para perceber qualidades como na distribuição dos microfones, possibilitando uma apresentação de foco, recorte e ambientes primorosos!

Nada passa incólume no M1, em todas as gravações a sensação é que serão 'desenterradas' informações que não são apenas detalhes, mas sim dados que são de substancial importância para a total compreensão da obra. Tanto na parte interpretativa de um solista, como na qualidade final do todo.

E para os que são bastante familiarizados com algum instrumento musical (seja ele acústico ou não), perceberão que a capacidade de modulação desse amplificador realça de maneira muito mais uniforme a qualidade do invólucro harmônico de cada instrumento.

Dos quesitos de nossa metodologia, o que senti menor ganho em relação a qualquer outro excelente amplificador foi na apresentação do corpo harmônico. Em relação a nossa referência (Hegel H30), somente em algumas gravações com um número considerável de instrumentos deu para perceber sutis diferenças na coerência e proporção de diferentes tamanhos.

Exemplo: violino para viola. É muito difícil um sistema apresentar as diferenças de corpo desses instrumentos como vemos ao vivo. Somente em gravações excepcionais de quarteto de cordas é possível notar a diferença de tamanho. Nas gravações de quartetos, a diferença foi um nadir mais evidente do que em nossa referência.

Mas, já em gravações sinfônicas, a diferença se deu no tamanho dos naipe da orquestra.

Mas ai me veio uma dúvida: essa apresentação se deu pelo corpo harmônico se mostrar efetivamente maior, ou pela amplitude das três dimensões (altura, largura e profundidade), essa sim muito maior? Não sei e talvez só tenha essa resposta quando escutar o sistema completo CH Precision.

Uma ultima informação: o pré CH Precision não se mostrou isoladamente, sem seu par, com essa qualidade de um palco descomunal nas três dimensões. Essa característica parece ser do power M1.

CONCLUSÃO

Passar para palavras as qualidades de um equipamento desse padrão é uma das tarefas mais ingratis. É como tentar descrever um por do sol magnífico quando a noite vai envolvendo aquele entardecer. Explicar a mudança sutil de luminosidade e o reflexo daquele exato

momento tanto no ar como na terra é uma das tarefas mais inglórias! O ideal para preservar aquele momento seria filmá-lo ou fotografá-lo.

O mesmo ocorre ao descrevermos um equipamento em que, apesar de tudo de objetivo que podemos perceber (como detalhamento, precisão, etc), o componente mais importante ocorre no nível emocional do ouvinte. O que estou tentando dizer é que não dá para ficar impassível ao reproduzir uma obra que nos emocione em nosso sistema com o M1. Pois nosso grau de emoção e satisfação será ampliado exponencialmente.

Você certamente, ao acabar a audição, tentará de todas as maneiras racionalizar aquele momento. Mas, acredite, mesmo que seja uma gravação que você conheça e ouça quase que diariamente, ao escutar novamente e novamente, a sensação de frescor e de detalhes ainda não apreciados estarão ali presentes. E estou falando de apenas um dos componentes ligado ao nosso sistema de referência! O que o conjunto completo pode nos proporcionar, só saberei daqui a algumas semanas.

E, creiam, tentarei ser o mais fidedigno possível em tentar passar a todos o impacto que um setup completo CH Precision é capaz de proporcionar. Interessante que a maior pontuação em power nesta revista tenha sido justamente um Goldmund Telos 2500, que recebeu 104 pontos. Um power desenvolvido por esses mesmos projetistas que agora deram um significativo e consistente passo a frente. Acho que não preciso dizer mais nada.

Aqueles que tiverem o sonho (e a carteira) de possuir um amplificador que deveria, por direito, ser colocado em uma classe à parte, ouçam o CH Precision M1.



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=H_81S9FTNTA](https://www.youtube.com/watch?v=h_81s9ftnta)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=Y_OY5ZA9TXU](https://www.youtube.com/watch?v=y_oy5za9txu)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=GDTI4X_IUPU](https://www.youtube.com/watch?v=gdti4x_iupu)

AVMAG #238
Ferrari Technologies
(11) 5102.2902
US\$ 110.000

NOTA: 106,0



ESTADO DA ARTE

ÁUDIO

CAIXAS ACÚSTICAS Q ACOUSTICS 3020I

Juan Lourenço



A Q Acoustics é uma empresa britânica de áudio única. Digo única porque ela segue na contramão dos seus concorrentes, fidelizando seus clientes de uma maneira bastante interessante. Ela não costuma lançar uma nova caixa acústica a cada ano, ao contrário disto, ela faz melhorias em seus produtos em linha dando novo fôlego aos produtos já vendidos, já que pouco se desvalorizam, e atraindo seus clientes cativos para novas atualizações sem que com isso precisem vender um rim para fazer um upgrade.

O tempo entre cada atualização também faz parte do respeito da marca para com seus clientes. Geralmente uma nova atualização de uma linha demora anos para ser anunciada, dando tempo para o comprador desfrutar plenamente de seu equipamento antes de pensar em upgrade.

Eu fiquei muito feliz quando soube que a Mediagear iria disponibilizar tanto a bookshelf 3020i quanto a torre 3050i para testes, além do modelo topo de linha. É uma marca pela qual tenho profundo respeito e admiração, justamente por ter esta política de trabalho que, a meu ver, é mais “humana” que comercial.

Para esta edição, iniciaremos pela caixa acústica Q Acoustics 3020i bookshelf, a irmã menor desta série. O design da Q Acoustics não muda tanto assim de um modelo para outro, suas linhas são elegantes e extremamente harmoniosas. São delicadas, pois escondem bem os parafusos e os encaixes do gabinete com muita eficiência, porém não

parecem femininas ou obras de arte do período barroco. Elas passam aquela sensação de firmeza e robustez mesmo tendo seus drivers adornados por apliques, com aquele cromo profundo de alta qualidade, do tipo que se vê em carros de luxo.

A Q Acoustics disponibiliza quatro opções de acabamento: cinza grafite, nogueira inglesa, preto carbono ou branco ártico. A que veio para teste tem acabamento preto carbono. O gabinete tem a mesma tecnologia das Concept 500, possuindo travamento ponto a ponto, conferindo maior rigidez ao gabinete e reduzindo ressonâncias.

Na parte de baixo temos dois parafusos que fazem o serviço do travamento do gabinete e que também servem para fixar a caixa ao pedestal. Se não tiver pedestais, ela vem com pequenos pés de borracha que ajudam no desacoplamento dela com a superfície onde será reposada.

O alto-falante de 12,5 cm possui um novo revestimento de borracha de baixa distorção que promete maior rigidez ao cone. O tweeter de 20 mm é desacoplado do gabinete por um sistema de suspensão de silicone, ficando livre das vibrações do woofer.

Na parte de trás estão os bornes, bastante exóticos, por sinal. Não seguem o padrão comum, mas cumprem seu papel corretamente. Por não terem estrias na parte atarraxante, se estiver utilizando cabos com terminação spade, é preciso se certificar com atenção se estão mesmo presos, pois o borne é liso nos dois extremos.

COMO TOCA

Para o teste utilizamos os seguintes equipamentos: amplificador integrado Sunrise Lab V8 MkIV, e amplificador integrado Anthem STR. Fontes: CD-Player Luxman D-06, toca-discos de vinil Reloop TURN 2. Cabos de força: Transparent PowerLink MM 2, Sunrise Lab Premium Magic Scope. Cabos de interconexão: Sunrise Lab Premium Magic Scope RCA, Sunrise Lab Reference Magic Scope RCA, Sax Soul Zafira III XLR. Cabos de caixa: Sunrise Lab Reference e Quintessense Magic Scope.

Como quase sempre acontece, a caixa veio nova, zero Km. No momento de desembalar, percebi algo que talvez seja o único pênalti contra esta caixa: a tela de proteção. Ela possui um orifício onde o tweeter deveria se encaixar - é verdade que no aro cromado do woofer existe uma "guia" para posicionar a tampa e alinhar com o tweeter, mas é quase impossível não raspar uma ou duas vezes a parte plástica da tampa no tweeter. É preciso cuidado e paciência para acertar em cheio. Fora isto, tudo OK. O melhor posicionamento se deu com as caixas a 1,67 metros da parede de fundo e 50 centímetros das paredes laterais. O toe in ficou em 10 graus. O palco ficou ótimo e a extensão dos graves também. O amaciamento total se deu com 280 horas. Começamos com o disco *Black Light Syndrome*, do trio Bozzio Levin Stevens, faixas 3 e 5. Nestas faixas as diferentes variações de velocidade e de dinâmica, únicas de cada instrumento, fazem muitas caixas embolarem o som, apagando o contrabaixo quando a bateria toma o controle, ou apagando a bateria quando o violão assume lugar de destaque. A 3020i se segura firme, mantendo os planos e a inteligibilidade sob controle, o violão não salta para o nosso colo, nem a bateria cobre o contrabaixo, tantas vezes a ponto de nos fazer esquecer que o contrabaixo está lá também.

Os agudos são fantásticos, rápidos, precisos e com excelente corpo. Os transientes brotam por toda parte, a ambição toma conta da sala e o grave se mantém sob controle com modulações que nos fazem duvidar de que esta pequenina consegue tanta extensão de graves.

No disco da Dianne Reeves, *Bridges*, faixa 2, sua voz soa limpa e extremamente suave, com um corpo muito bom e timbre bastante correto. O piano não espirra, nem soa desequilibrado em nenhum momento. A Q Acoustics 3020i soa sempre correta, com calor na medida certa para nos seduzir e fazer com que a música nos abrace e nos transporte para outra dimensão!

Fazia tempo que não me empolgava tanto com uma book, mesmo tendo duas em casa. Esta Q Acoustics me surpreende a cada novo disco que lhe apresento. Ela não se intimida com grandes massas sonoras, porém há um limite imposto pelo gabinete que, em algumas músicas, principalmente clássicas, não dá conta do recado como deveria. Mas até aí, qual book que faz este trabalho com pé nas costas, não é mesmo?

O ar deslocado pela 3020i é muito bom para o seu tamanho. É possível sentir algumas batidas no peito quando utilizado o volume ideal da gravação. Isto é um feito e tanto para uma book tão pequena.

Algo que me chamou bastante atenção é a maneira sutil que esta caixa toma conta do sistema. Sua correção tonal e seu equilíbrio entre as freqüências corrigem muitos dos deslizes cometidos pelo amplificador. Se o amplificador soa frio ou analítico, ela corrige. Se ele não tem velocidade, ela dá um jeitinho de tomar conta do sistema sem escancarar as suas limitações.

Isto pode ser bom e pode ser ruim... Para a fatia de mercado a que ela se destina, com amplificadores de entrada, e que certamente possuem alguns calcanhares de Aquiles, esta característica pode ser muito bem-vinda.

CONCLUSÃO

A Q Acoustics novamente nos surpreendeu apresentando uma caixa honesta, bonita, simples e eficiente. Com esta book, não tem mi-mi-mi: ela foi feita para tocar e tocar muito! Seu equilíbrio tonal com certeza faz dela compatível com os mais variados amplificadores modernos existentes no mercado. Seu fôlego é de book grande, então não tenha dó de colocá-la para tocar.



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=G9WTCKK_IQE](https://www.youtube.com/watch?v=G9WTCKK_IQE)

AVMAG #244
Mediagear
(16) 3621.7699
R\$ 3.165

NOTA: 68,5



OURO REFERÊNCIA

ÁUDIO

CAIXA ACÚSTICA ATIVA NEUMANN KH 120A

Fernando Andrette



Quando fui buscar, na sede da Sennheiser em São Paulo, o maravilhoso fone HE-1 para teste, recebi o convite para ouvir uma demonstração, em uma sala de mixagem, do monitor ativo Neumann KH 120A. Foi uma demo rápida, porém feita com gravações que conheço bem, como Diana Krall Live In Paris, e percebi que estava diante de um monitor de estúdio de excelente qualidade.

Mas foi quando perguntei o preço do par de monitores, que percebi que deveria solicitar um par para teste, pois sua relação custo/ performance, para o padrão hi-end era, no mínimo, excelente! O pró audio de monitores de estúdio sempre flertaram com o mercado hi-end, porém sem nunca conseguir fincar o pé neste mercado. Com algumas raras exceções, como as JBL 4343 ou 4345, que ainda hoje são cultuadas no mercado asiático, e a também muito admirada Yamaha NS-1000.

Dos fabricantes mais recentes, com um pé nos dois mercados, temos: Focal com o modelo CMS 65, Genelec 813A, e Dynaudio BM6A MkII, todas mini monitores que conseguiram quebrar o estigma de serem monitores de estúdio e também são encontradas em salas de audiófilos espalhadas pelos continentes.

E o motivo desses modelos conseguirem um êxito maior no mercado hi-end, é que são mini monitores ativos, que suportam alta pressão sonora e por isso atendem aqueles melômanos e audiófilos que gostam de ouvir seus discos em volumes considerados 'altos' por boa parcela dos amantes da alta fidelidade.

O KH 120A concorre diretamente com esses modelos acima citados, tanto em termos de preço, como de performance. Por isso

meu interesse em apresentar a você, amigo leitor, esse monitor ativo de estúdio de um dos mais conceituados fabricantes de pró audio do mundo.

O gabinete é todo de alumínio fundido, pesando quase 7 quilos. Suas dimensões são bem compactas. O falante de médio-grave de 5,25 polegadas tem cone de resina de papel e um tweeter de 1 polegada de domo de titânio. O amplificador interno de 50 watts (80 watts de pico) é um classe A/B e o crossover é de quarta ordem com um corte em 2 kHz. Os dutos de saída se encontram na parte da frente, logo abaixo do woofer, com o drive do falante de médio-grave ligeiramente à frente do tweeter. Este se encontra embutido recuado em relação ao woofer, para o alinhamento correto do tempo em relação ao woofer, e para a precisa dispersão vertical e horizontal das altas frequências.

Entre o woofer e o tweeter, do lado esquerdo, o logo da Neumann iluminado, em branco quando o power interno foi acionado e os falantes ligados para uso, e pode mudar para vermelho e piscar se o sistema de proteção da caixa for acionado. Atrás da caixa, uma série de controles é disponibilizada. Embaixo na parte recuada temos a chave de liga/desliga, tomada IEC junto e a entrada XLR. Na parte de cima, temos três ajustes de equalização de graves, médios e agudos, para ajustes nas salas de acordo com a distância em que os monitores ficarão do ouvinte (o manual, além de muito preciso, sugere uma série de regulagens para a melhor performance do monitor). No outro extremo, uma outra chave com quatro opções, de SPL para o monitor e uma chave giratória de ganho que vai de -15 à 0 dB.

A KH 120A veio integralmente amaciada para o nosso teste. Isso nos facilitou muito, pois pudemos encaixar o teste imediatamente após a saída do fone HE-1. Para o teste utilizamos nosso sistema de referência sem o power (evidente) e também o pré de linha da Audio Research Ref 6 (leia Teste 1 na edição 243). Os cabos de interligação foram: Transparent Opus G5, Sunrise Lab Quintessence, e Sax Soul Ágata. Cabos de força: os originais que acompanham o produto.

Como a caixa foi desenvolvida pensando no uso em consoles de estúdio de gravação, em que geralmente ficam a menos de dois metros do engenheiro de gravação, as possibilidades e altura variam, obviamente, para cada console - e, claro, o tamanho da cabine da técnica de cada estúdio. Muitas vezes ficam embutidas na própria parede à frente do engenheiro. Esse é justamente um dos entraves para o uso desses mini-monitores em salas normais. Pois, ao contrário, o uso além de ser geralmente mais distante, as caixas são colocadas em pedestais no nível do ouvinte sentado. Para nossa surpresa, a KH 120A se adaptou muito bem aos pedestais em que a colocamos (Audio Concept), que as deixaram com o tweeter ligeiramente acima dos ouvidos, quando na posição sentado. E se deram muito bem em distâncias, entre elas e o ouvinte, superiores à 3,00 m.

Deixamos também todos os ajustes possíveis em flat (0 dB), SPL em 100 dB e ganho em -5. Como os dutos são frontais, a distância da parede de fundo das caixas não foi tão critica. Mas o toe-in e a distância entre as caixas, sim. Começamos por uma distância entre elas de 3,50 m e fomos diminuindo até chegar a 2,80 m, com um toe-in acentuado de quase 30 graus para a posição de escuta, e a apenas 1,20 m da parede as costas das caixas.

Uma questão sempre levantada por inúmeros audiófilos é a da transparência da região média dos monitores de estúdio em relação a das caixas hi-end. Para muitos, a sensação é que os médios soam mais extendidos e mais presentes! No caso específico da Neumann controlamos essa característica deixando-a totalmente flat nos ajustes possíveis, diminuindo o SPL (já que ela pode ser regulada até para 114 dB, e deixamos em 100) e também mantivemos o ganho em 50% do possível. Com esses cuidados, além de restringirmos essa característica, ganhamos um equilíbrio tonal muito satisfatório, tanto no extremo agudo, quanto na presença da região média.

A potência foi mais que suficiente em nossa sala de teste e o grave, ainda que responda a partir de 52 Hz, foi muito convincente e parrudo, em todos os gêneros musicais. A Neumann oferece um subwoofer, o KH 180, para trabalhar em conjunto com a caixa, mas infelizmente não tivemos a possibilidade de ouvi-lo. Mas, no final do teste, utilizamos o Emotiva S10, cortando em 60 Hz, com resultados muito consistentes.

O grau de transparência deste mini monitor é excelente. Os planos, tanto em termos de profundidade, como de largura, estão entre os melhores que já escutei em monitores de estúdio. Nada de um som mais frontal, com pouca profundidade. Pelo contrário, ao ouvirmos obras sinfônicas, nos surpreendeu a capacidade da caixa Neumann de focar e recortar cada naipe de instrumentos, e apresentar com precisão cirúrgica os solistas.

Mesmo aproximando o ponto de audição para mais próximo das caixas (2,70 m), a ausência de fadiga auditiva (com os ajustes que fizemos) foi total, colocando por terra uma das reclamações de muitos audiófilos, de que as monitores de estúdio cansam muito rápido em altos volumes! Ela se mostrou de uma fidelidade a toda prova ao destrinchar a qualidade técnica das gravações, e consegue manter total controle com baixíssima distorção, e variações dinâmicas bem complexas.

Os transientes são simplesmente admiráveis, assim como o corpo harmônico, com uma coerência excelente para um mini monitor. Neste quesito, a Neumann tem muito a ensinar a muitas bookshelves hi-end, que ainda não conseguem manter uma proporção de tamanho coerente entre um contrabaixo acústico e um violino. As texturas, ainda que possuam um pouco de luz adicional (para o meu gosto pessoal), tenho que concordar que seja algo importante para um monitor de estúdio, pois irá permitir correções ainda no momento de gravação. Então, o que eu fiz para driblar essa característica? Nas gravações do quesito textura, diminui em um ponto o ganho e a melhora foi apreciável!

CONCLUSÃO

Por qual razão eu compraria um monitor de estúdio ativo em vez de uma caixa ativa hi-end? Essa é a pergunta que eu também me faria ao ler minhas avaliações até aqui. A resposta é simples: nenhuma book hi-end amplificada nesta faixa de preço da KH 120A, aguenta a pressão sonora que este monitor de estúdio suporta sem distorcer. E todos nós conhecemos amigos e melómanos que adoram 'exceder' no volume ao escutar suas gravações preferidas. É verdade ou não é?

Agora estão surgindo as primeiras books hi-end com menores índices de distorção, mas que se encontram em uma faixa de preço muito acima deste produto que testamos. Nós apresentaremos uma book hi-end na próxima edição, não amplificada, que possui um índice de distorção baixíssimo, mas que custa três vezes mais!

Minha função é esmiuçar o mercado de todas as maneiras, buscando soluções para dezenas de leitores que não se encaixam no perfil da maioria dos audiófilos e melómanos. E a KH 120A se encaixa nessa legião de leitores, e também para aqueles que desejam (devido a seu gosto musical específico) uma caixa que possua qualidades suficientes e já seja amplificada. Se você se encaixa neste perfil, eu aconselho realmente ouvir esse belo mini monitor.

Construção, sólida, robusta e preparada para trabalhar em situações extremas, em que a grande maioria das books hi-end não sobreviveria a uma sessão.

Uma infinidade de ajustes para se adequar a qualquer tipo de sala, e muito fácil de ajustar. Amantes de hard rock, heavy metal, punk rock e afins, ouçam a KH 120A. E se sentirem a necessidade de um subwoofer (se a sala permitir, é claro), o Emotiva S10 ou o próprio

Neumann KH 180 serão o par perfeito!



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=RT2DCF55MQC](https://www.youtube.com/watch?v=RT2DCF55MQC)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=FL-THNB1PHI](https://www.youtube.com/watch?v=FL-THNB1PHI)

AVMAG #243
Sennheiser
(11) 3136.0171
R\$ 11.580 (o par)

NOTA: 78,5



DIAMANTE REFERÊNCIA

ÁUDIO

CAIXA ACÚSTICA MONITOR AUDIO SILVER 500

Juan Lourenço



Com a sexta geração da linha Silver, a Monitor Audio mantém a receita de sucesso criada em 1998, ano de lançamento da série. Qualidade de acabamento e de reprodução, design e preço competitivo fazem parte da receita da empresa de Rayleigh, Essex. O segredo desta receita caseira é o equilíbrio entre estes ingredientes, com uma pitada de ousadia, claro. Parece óbvio dizer essas coisas, mas o fato é que conseguir um bom equilíbrio significa agradar Gregos e Troianos, e sabemos que no mundo diversificado e multicultural de hoje, agradar ou até superar expectativas tornou-se tarefa das mais difíceis para qualquer chefe de projeto.

Desde o lançamento da série Silver, a cada atualização a Monitor Audio vem refinando a receita e apresentando caixas acústicas com excelente qualidade, com o compromisso cada vez mais firme na audiofilia. Com acabamento sóbrio e requintado, digno da realeza, e com algumas pitadas de ousadia, que nesta sexta geração ficou por conta da grade de proteção do tweeter em forma de colméia e da peça que envolve o tweeter e o midrange.

Uma parte do sucesso dessa receita inglesa vem da forma como a Monitor Audio dá seus passos dentro da sua extensa linha de produtos, onde a topo de linha naturalmente detém a maior parte do desenvolvimento e, à medida que as novas tecnologias se mostram consistentes, vão se distribuindo para as outras linhas da marca.

Talvez aqui esteja o grande pulo do gato ou o equilíbrio da receita... Todas as empresas de áudio fazem este desenvolvimento em cascata, porém poucas conseguem acertar no ponto de equilíbrio entre implementar uma nova tecnologia vinda do modelo topo de linha, e quando não usar, partindo para soluções próprias. Este é o caso da linha Silver, que recebe as melhorias feitas na linha Platinum, topo de linha, como os drivers C-CAM atualizados, com melhor rigidez do cone, ímãs ventilados e bobina suspensa, que maximiza o controle exercido pelo campo magnético deles sobre a bobina, mantendo-a estável dentro dos limites de atuação durante seu curso de subida e descida. A tecnologia RST (Rigid Surface Technology) tecnologia de superfície rígida, utilizada também na série Gold, foi atualizada. O padrão RST efetivamente desloca quaisquer ondas estacionárias que, de outra maneira se acumulariam na superfície do cone, mantendo a integridade estrutural geral do cone em toda sua faixa de trabalho.

O novo tweeter C-CAM está melhor que a linha anterior, desde a extensão, dispersão até os níveis de tolerâncias aumentados. Esteticamente a grade que protege o tweeter, em forma de colméia, não me agradou. Seu desenho é do tipo ame ou odeie, e eu prefiro que o tweeter esteja livre de qualquer obstáculo, para extrair o máximo do potencial da peça. Contudo, é inegável que a dispersão deste é muito melhor que o tweeter antecessor instalado na Silver 10. ➤

Com as melhorias observadas acima, e pelo tweeter estar unido ao midrange por uma peça maciça em forma de gota, a transição entre eles tornou-se mais suave e coerente.

Se havia algo na linha anterior que eu considerava merecedor de uma revisão mais detalhada, era o gabinete. E foi justamente nele que a Monitor Áudio, juntamente com o NPL (National Physical Laboratory) de Londres avançaram com este novo modelo Silver.

Utilizando um scanner à Laser, de alta precisão, a Monitor Audio mapeou todo o gabinete, identificando os pontos fracos, aumentando a rigidez, eliminando ressonâncias indesejadas e melhorando o fluxo de ar. Com isto, aquela sensação de que a caixa “descia” além do que seu gabinete podia suportar desapareceu por completo, agora ela desce com maior controle, precisão e extensão até seus colossais 30 Hz a -6 dB.

A tela de proteção continua elegante e moderna com seus ímãs postos dentro do gabinete, e agora possui formato arredondado nas extremidades.

Iniciamos os testes com os seguintes equipamentos e acessórios: amplificador integrado Sunrise Lab V8 MkIV, amplificador integrado Hegel H90, Emotiva Pré-Amplificador/DAC/Tuner BasX PT-100 e amplificador estéreo Flex BasX A-100. Fontes: CD-Player Luxman D-06, DAC Roksan K3, notebook Samsung com JRiver versão 22. Cabos de força: Transparent MM2. Cabos de interconexão: Sunrise Lab Premium MagicScope RCA, Sunrise Lab Reference Magic Scope RCA, Sax Soul Zafira III XLR, Wireworld Eclipse 6, Wireworld Platinum Starlight USB, Emotiva MUSB 2.0-2 LengthUSB, Curious USB. Cabos de caixa: Transparent Reference XL MM2, Wireworld Eclipse 6 e Sunrise Lab Reference. Jumpers: Sunrise Lab Reference Magic Scope e van den Hul.

As Silver 500 chegaram zero Km. O processo de desembalar é muito fácil e em uma das embalagens estava o manual de instruções e as espumas opcionais para vedação dos dutos traseiros.

Não há segredo na instalação dos pés de apoio: são dois parafusos para cada pé, um de maior espessura que faz a fixação e outro mais fino que serve de guia para manter os pés na posição correta. A dificuldade está na hora de colocar os spikes, que são pequenos e possuem estriadas suaves que dão um trabalhinho a mais na hora de nivelar a caixa.

Para o amaciamento, colocamos as caixas em nossa sala de testes de 14 metros quadrados, com zero de toe-in, afastadas um metro da parede às suas costas e quarenta centímetros das paredes laterais.

Para os amigos leitores que sofrem de ansiedade, sugiro que renovem o estoque de maracujá em casa. A Silver 500 começa tocando tão tímida quanto uma criança em seu primeiro dia de ensaio na escola.

É preciso paciência durante o período de amaciamento, principalmente nas primeiras cem horas. Tudo soa engessado e abafado. Lembro de montar os pés, fazer os ajustes, ligar os cabos aos terminais e colocar o disco do Arne Domnérus, *Live is Life*, da Proprius, faixa 9, e a introdução feita pela bateria soava como bateria eletrônica dos anos oitenta. Ali percebi que aqueles woofers de 8 polegadas iam demorar para se soltar.

Após cinqüenta horas, apenas os médios deram sinal de vida e todo o restante continuava como na primeira audição. Então deixei mais cento e vinte horas, e aí que a coisa começou a ficar interessante. Os graves começaram a se soltar, ganhar extensão a ponto de precisar afastar mais 20 cm da parede de fundo. O encaixe entre o tweeter e o médio é perfeito, a transição entre eles é bastante harmoniosa, melhorando a inteligibilidade e trazendo maior conforto auditivo, ampliando o palco sonoro tanto em largura quanto profundidade e altura.

Os 14 metros quadrados da sala definitivamente não são suficientes para esta caixa, pois ela precisa respirar, precisa de espaço para que possa mostrar todo o seu potencial. Então, após o período de amaciamento, a levamos para uma sala com ótimo tratamento acústico com mais de vinte metros quadrados e lá ela se mostrou uma caixa surpreendente! Posicioná-la na sala foi muito fácil: tudo o que ela pede é espaço entre elas, neste caso dois metros e sessenta se mostrou ideal, com um metro e meio de distância da parede de fundo e doze graus de toe-in.

Como a dispersão do tweeter é muito boa e a transição entre ele e o midrange idem, não vai ser com vozes e decaimentos de pratos que irá ajustá-la. É muito fácil se contentar com o primeiro ou segundo ajuste de posicionamento e achar que está extraíndo o máximo dela. A holografia, foco e recorte são tão bons que nos enganam, e logo o sorriso aparece achando que encontramos o ponto ideal de primeira. Só que não.

A Silver 500 é uma caixa que tem muito a oferecer, e o ajuste fino é que vai recompensar o esforço em resistir aos seus primeiros encantos.

Se me permite dar uma dica, amigo leitor, o segredo está no equilíbrio entre o médio-grave e o médio. Na linha Silver anterior, existiam duas coisas que às vezes me incomodavam: a transição entre agudo, médio-agudo e médio não era tão equilibrada, havia alguns espaços a serem preenchidos. O mesmo acontecia com o médio e médio-grave. Na série 500 a questão do médio para cima foi resolvida integralmente, já dos médios para baixo melhorou muito, mas não foi totalmente solucionado. Por isto concentre-se em encontrar um posicionamento que minimize este efeito. Se um dos dois - médio ou médio-grave - sobressaírem, nosso cérebro irá perceber que algo não se encaixa muito bem entre eles.

ÁUDIO

Outro grande aliado do ajuste fino é a escolha do jumper de caixa, caso o seu cabo de caixa não seja bi-wire, pois as plaquinhas que a acompanham não estão no nível da Silver 500 e um bom jumper é importantíssimo. Se utilizar um de sonoridade muito aberta, irá endreçar os médios concentrando energia nas vozes e fazendo com que os agudos passem do ponto. Um jumper mais fechado irá fazer com que os agudos empobreçam e a bela extensão se vá por completo, desequilibrando todo o restante. Note, amigo leitor, que não se trata de favorecer agudos médios ou graves, mas sim equilibrá-los de maneira coerente.

Uma vez acertadas estas questões de ajuste fino, voltamos ao prazer das audições. E quantas boas surpresas estas caixas nos trouxe! Como disse antes, o palco sonoro apresentado por elas é muito bem delineado, nos dando uma boa idéia do que acontece no palco ou estúdio no momento da captação de alguns discos.

Dinâmica é o ponto forte desta caixa: ela tem uma energia tão contagiente que, quando dei por mim, estava ouvindo a Primeira Sinfonia de Mahler já no quinto regente diferente.

A introdução feita pela bateria no disco *Live is Life*, do Arne Domérus, agora tinha energia e velocidade na medida certa. Os timbres de cada componente da bateria, das peles e pratos estavam corretos, e o deslocamento de ar literalmente nos fazia prender o fôlego.

A disposição dos músicos, o espaço entre eles, os planos e a distância entre o grupo e a platéia, confirmavam o grau de refinamento de alto nível que esta caixa possui.

No disco *Belafonte At Carnegie Hall* do ícone (não o chamarei de rei do calypso, pois ele se sentia incomodado com tal honraria) Harry Belafonte, faixa 11: os quesitos de transiente e de dinâmica chamam atenção, os metais possuem uma massa abundante e os trompetes não estouram nos nossos ouvidos, apenas soam como trompetes, levemente ardidos.

A Silver 500 nos mostra toda musicalidade das canções de Harry Belafonte, contudo, para o meu gosto, se a caixa mostrasse uma pitadinha a mais não faria mal algum. Mesmo em discos como *The ESC Years* e *Brown Street*, de Joe Zawinul, extremamente musicais, eu ficava com aquele gostinho de quero mais na boca.

Para quem curte contrabaixos, ouvi-los na Silver 500 é uma delícia. Com seu limite posto à competentes e precisos 30 Hz, nenhum fã da "baixaria" se sentirá desamparado. Órgão de tubo então, é uma experiência fantástica: o deslocamento de ar é descomunal, as modulações e texturas nos remetem ao som ao vivo, à sensação é de estar ouvindo caixas com volumes internos bem maiores.

Se você é fã de cinema em casa, vai adorar a Monitor Audio Silver 500, pois se trata de uma caixa robusta, feita para durar, que aguenta

pancada sem fazer cara feia. A ótima dispersão do tweeter e a boa interação dos médios aliados aos 30 Hz aos quais ela desce, garantem a diversão para caras como eu, que assistem filmes em 2.0, com direito a treme-treme nas passagens mais impactantes. Mas como dizem que grave nunca é demais, para quem pretende montar um sistema híbrido 2.0 e 5.1 ou Atmos, ouçam a Silver 500 - o refinamento deste colosso o levará a uma nova experiência em imersão.

CONCLUSÃO

Desde o lançamento da primeira geração Silver não houve uma só atualização que não andasse para frente. E hoje, após anos de sucesso, a Monitor Audio não perdeu a mão, continua desenvolvendo uma linha espetacular que evolui sem se tornar cara ou cheia de soluções complicadas. Apenas o bom e velho som inglês.



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=P9FIY0xD7KU](https://www.youtube.com/watch?v=P9FIY0xD7KU)

AVMAG #239
 Mediagear
 (16) 3621.7699
 R\$ 16.468

NOTA: 80,5



DIAMANTE REFERÊNCIA

PORSCHE DESIGN
SOUND



GRAVITY ONE



MAISON DE LA MUSIQUE
ÁUDIO E VÍDEO HI-END



SPACE ONE



Fone:
(11) 2738-8543

MOTION ONE

KKEF®

ÁUDIO

CAIXA BOOKSHELF DEVORE FIDELITY GIBBON 3XL

Fernando Andrette



Todo audiófilo passará por profundas mudanças do inicio de sua trajetória até o encontro com seu tão sonhado objetivo: montar o seu 'santo gral' sonoro. Alguns com menor ansiedade e mais cientes do que buscam, talvez pulem etapas e sigam em linha reta até o seu grande objetivo. Aos ansiosos e cheio de dúvidas, restará seguir por estradas sinuosas que muitas vezes nos levam, no fim da caminhada, a muitas decepções.

Conheci ao longo de minha carreira como editor muito mais audiófilos frustrados do que realizados. Tanto que o número de pessoas que no meio do caminho desiste do hobby é muito grande! Meu pai foi um audiófilo que jamais encontrou seu 'santo gral' sonoro. Peregrinou por diversos caminhos, na esperança de achar um sistema que combinasse o melhor das válvulas com o transistor e morreu frustrado em não concretizar esse seu sonho sonoro.

Estivesse ele vivo ainda hoje, sua busca ainda estaria a lhe atormentar, por uma razão muito simples: muitos audiófilos, como o meu pai, criam em sua mente uma referência do que imaginam ser o ideal. E esse ideal não existe! Para os que conseguiram desvair dessa 'armadilha', garanto que as opções existentes podem satisfazer a todos (ou quase todos), pois a diversidade nesse mundo audiofilo é tão extensa que as possibilidades de você se deparar com a 'assinatura sônica' que tanto deseja é cada vez mais consistente.

Nos nossos Cursos de Percepção Auditiva, sempre lembro aos participantes que o ideal é que iniciemos pela escolha da caixa acústica, pois ela (mais do que todos os outros componentes) nos dará a assinatura sônica do sistema! É muito parecido com o processo do músico que escolhe seu instrumento. Se você tiver tempo e interesse, visite uma loja de instrumentos musicais em um sábado, e observe como os músicos, sejam iniciantes ou profissionais, dedicam seu tempo à busca do instrumento ideal.

Lembro quando fui com meu filho comprar seu primeiro violão e o vendedor nos apresentou seis modelos de diferentes preços e com assinaturas sônicas tão diferentes. Meu filho com apenas 6 anos de idade, sequer conseguia segurar o instrumento corretamente, mas quando ele começou a dedilhar, ficou notório como cada um pertencia a um determinado nível. O chamado instrumento de entrada tinha uma sonoridade fechada e oca. Seu som chegava a ser irritante! Os dois violões de nível intermediário soavam com maior inteligibilidade, porém com um decaimento nos extremos muito acentuado e os dois de melhor qualidade (de acabamento e sonoridade) eram dedicados apenas aos músicos profissionais. Poderíamos chamá-los de violões hi-end!

A diferença meu amigo era simplesmente da água para o vinho!

Voltando às caixas acústicas, o processo é bastante semelhante. Não tenha pressa. Ouça o maior número possível de modelos (dentro ➤

do seu orçamento), leve na casa dos amigos seu discos preferidos, observe que em cada caixa determinadas características se sobressaem.

Aos marinheiros de primeira viagem, os tranqüilizo dizendo que existe uma forma de deixar todo esse processo mais simples, objetivo e prazeroso. Atenha-se a três coisas: inteligibilidade do acontecimento musical (detalhes que você não havia percebido nas suas gravações preferidas), conforto auditivo (nada de freqüências agressivas) e naturalidade (nas vozes e instrumentos acústicos). Você ficará surpreso como que em cada caixa acústica o mesmo trecho pode soar tão distinto!

Toda essa introdução foi para apresentar a caixa DeVore Fidelity modelo Gibbon 3XL e iniciar o teste afirmado que trata-se de uma bookshelf com qualidades sonoras muito definidas e que certamente agradará muito mais ao audiófilo 'rodado' do que ao iniciante.

John DeVore é um músico que também, antes de abrir sua empresa, trabalhou em revendas de produtos hi-end. Então ele conta em suas entrevistas que ele sabe fazer duas coisas: "Tocar Música (como músico) e tocar música (como fabricante de caixas acústicas)".

E, depois dessa apresentação de suas duas habilidades, ele apresenta suas credenciais como projetista ao afirmar: "Eu sei que a reprodução musical nunca se aproximará da experiência da música ao vivo, mas tornou-se meu objetivo criar caixas acústicas que tragam ao ouvinte a experiência de audição". Parece ser este o objetivo de quase todo fabricante de equipamentos hi-end. Porém, sabemos que alguns poucos realmente conseguem.

John DeVore, ao ser questionado como projeta suas caixas acústicas, sempre afirma que seu maior objetivo é perseguir projetos de engenharia que sejam alinhados com uma integridade artística, como na concepção de um instrumento musical. Para ele, um design perfeito não é aquele onde a forma segue a função, mas sim onde a forma e a função são desenvolvidas como iguais e com o mesmo peso, para dar sentido ao produto idealizado.

Traduzo: a maioria esmagadora dos fabricantes de caixas hi-end busca construir gabinetes com o maior grau de rigidez possível, para evitar colorações de gabinete. DeVore vai na direção oposta: seus gabinetes não são rígidos o bastante para neutralizar as colorações e sim são utilizados para trabalhar em consonância com os falantes. Ou seja, holisticamente falando suas caixas se parecem mais com instrumentos musicais e não caixas hi-end. Mas claro que para se chegar a essa solução o todo tem que sermeticulamente pensado e selecionado. Assim são os falantes feitos sob medida para os seus projetos, os crossovers de primeira ordem com o mínimo de componentes e a construção dos gabinetes.

DeVore explica que o detalhe é uma qualidade primordial para ele e um bom alto-falante tem que possuir clareza e possuir a capacidade de entregar tudo que está registrado na gravação. E quando ele fala em clareza, está falando em correção e naturalidade tímbrica. Diz ele: "Um alto-falante com mais brilho (e não clareza), é projetado para se destacar em uma sala de som. Esse falante possui um impulso no meio médio que faz vocais, violões e outros instrumentos soarem mais afiados e presentes. Em um comparativo rápido, pode parecer impressionante, pois esses falantes enfatizam os sons S e T nas gravações vocais desconectando essas sílabas do resto da voz. Porém, em uma audição longa se tornam cansativos. Um falante com verdadeira clareza não exagera nenhuma freqüência ou som acima dos outros, sôando muito mais imparcial, deixando cada instrumento tomar o lugar apropriado. Um sistema de alto-falantes que tenha melhores detalhes permitirá que você ouça mais as nuances sutis no desempenho gravado" (chamo essa característica, na nossa metodologia, de intencionalidade).

E DeVore completa seu raciocínio: "Os pequenos detalhes podem não se destacar muito individualmente, mas juntos eles o aproximam do desempenho e permitem que o ouvinte se torne muito mais imerso na experiência. Tornando a possibilidade de conseguir que seu cérebro acredite que há música ao vivo na sala com você".

Nossos leitores mais antigos e fidedignos não acharão nada de novo nas observações de John DeVore, pois bato nesta tecla há muitos anos (principalmente aos que fizeram nosso Curso de Percepção Auditiva). Para enganarmos nosso cérebro a acreditar que o acontecimento musical está ali a nossa frente, é preciso muito mais que um correto equilíbrio tonal!

Enquanto o audiófilo ficar comparando graves, médios e agudos, ele não conseguirá entender que um sistema hi-end oferece muito mais que isso! Imersão, inteligibilidade, naturalidade e conforto auditivo são atributos possíveis de se atingir em bons e bem ajustados sistemas. Agora, aquele grau de emoção e arrebatamento só são possíveis com sistemas em que todos os detalhes foram trabalhados à exaustão. Caso contrário, sempre algo fica à desejar.

É como a alta culinária: você não a aprecia diariamente, mas quando você tem a oportunidade de conhecer um prato feito com maestria, aquela sensação gastronômica/sensorial estará gravada em sua memória para sempre.

John DeVore busca dar ao ouvinte interessado em seus produtos uma experiência auditiva diferenciada de tudo que ele já escutou. Se esse ouvinte irá apreciar ou não sua proposta, já são outros quinhentos, mas certamente ele perceberá que as caixas acústicas DeVore possuem uma assinatura sônica muito diferenciada e com nuances bastante incomuns.

ÁUDIO

Interessante é que, em termos de proposta visual, nada nos parece diferente. Um belo acabamento, falantes de excelente qualidade com cone de papel e tweeter de cúpula de tecido. Gabinetes, ao toque do nó dos dedos, com boa rigidez, porém não tão secos, e terminais de boa qualidade, porém nada excepcionais.

E se o ouvinte for curioso e colocar a mão no gabinete com a caixa tocando, perceberá que elas vibram em determinadas freqüências, porém sem causar nenhum tipo de distorção no acontecimento musical. Algo semelhante a se colocar a mão no corpo do violão enquanto as cordas estão vibrando (claro que de forma mais sutil no gabinete da caixa). Dando-nos a impressão que a DeVore se assemelha mais a um instrumento musical!

Outra qualidade que apreciei muito foi a sensibilidade de todas as caixas desse fabricante, começando com 90 dB (para o modelo em teste) chegando aos 96 dB no modelo Orangutan O/96.

Quando DeVore era vendedor de produtos hi-end ele percebeu que, para amplificadores valvulados Single-Ended de baixa potência, a variedade de opções de caixas acústicas para esse segmento era muito restrita. Ainda que bastante desejadas por muitos audiófilos. Essa lacuna levou-o a definir um nicho de mercado muito promissor a ser trabalhado. E ele estava correto em seu raciocínio, pois suas caixas são muito utilizadas com diversos modelos, sendo um em particular a cereja do bolo: eletrônica japonesa Shindo!

O casamento das caixas DeVore com esses amplificadores são descritos como um casamento dos deuses!

Nosso querido amigo César, violinista da Osesp (que possui uma DeVore modelo Gibbon 88x, com eletrônica Audiopax), nos disse que o sistema que mais o impressionou quando esteve em Nova York foi a apresentação da obra Sagração da Primavera, de Stravinsky, em uma eletrônica Shindo de apenas 15 watts com a DeVore Orangutan O/96! Testemunhos como o dele existem às dezenas nos fóruns internacionais (o distribuidor da DeVore no Brasil já está em tratativa adiantada para também ser o distribuidor oficial da Shindo).

Para o teste, utilizamos os seguintes equipamentos: power CH Precision M1 (1 nessa edição), pré amplificador L1, integrado Hegel H90, pré Dan D'Agostino, power Hegel H30 e power Air Tight ATS-1. Fontes digitais: Luxman D-06U e sistema dCS Scarlatti. Cabos de caixa: Reference MagicScope Sunrise Lab e Transparent Audio Reference XL MM2. Cabos de interconexão: Ágata SaxSoul, Sunrise Reference MagicScope e Opus G5.

A DeVore 3XL veio com menos de 20 horas de queima, e o fabricante pede um mínimo de 200 horas, mas pode arredondar essa queima para pelo menos 350 horas, pois as mudanças são dramáticas até ela estar plenamente amaciada. As alterações são realmente drásticas da

saída da embalagem até sua estabilização final. Tão intensas que o audiófilo que não tiver paciência vai achar que sua caixa ou veio com defeito ou não toca nada do que leu a respeito.

É assim mesmo, pois como um excelente instrumento musical (desculpe a analogia - mas se parece muito com um instrumento), precisa de tempo para todos os componentes se ajustarem. E não estou falando apenas dos componentes mecânicos (falantes), ou eletrônicos (crossover) - falo também do gabinete.

O Fernando Kawabe enviou junto com a caixa, o seu pedestal. Como seria longo seu amaciamento, achei conveniente deixá-la em queima no pedestal da Audio Concept, para só depois quando em teste, colocá-la em seu devido pedestal.

Foi torturante escutar a caixa as primeiras 50 horas! Parece que a caixa só tinha médio (lembra um falante full-range, capado nos extremos). O comprador terá que se municiar de paciência e fé - pois, acredite, o milagre ocorrerá. Com aproximadamente 70 horas, os agudos se encaixam, permitindo o comprador ouvir alguns discos com maior interesse. A primeira dica de que a caixa começará a mostrar seus atributos (por volta de 100 horas) é quando os planos surgem mais bem recortados e focados, e o corpo do médio-grave finalmente se apresenta.

Com 120 horas, os detalhes de micro-dinâmica surgem e nos dão um primeiro vislumbre da graciosidade e naturalidade da caixa. A partir desse momento você irá começar a ampliar a pilha de discos que você deseja 'redescobrir' no seu sistema. Nessa fase, os agudos já possuem ótima extensão, corpo e velocidade. Pequenos grupos musicais e música tocada com instrumentos acústicos se apresentam com um grau de naturalidade arrebatador! O som literalmente surge do silêncio com uma paleta de cores e formas que nos leva a uma completa imersão no acontecimento musical.

Com 200 horas, finalmente os graves se tornam presentes e com um grau de precisão e corpo difícil de aceitar que saia de um falante de 5 polegadas e meia. O fabricante fala de uma resposta nos graves de 45 Hz, mas a sensação é que descem um bocadinho mais. Essa mágica, na verdade, está no corpo do médio-grave, que é excepcional (talvez o melhor corpo nessa região de todas as caixas bookshelf por nós testadas). E quando escutamos a DeVore na nossa sala de Home de 12m² você não sente nenhuma falta de grave. Simplesmente espantoso!

Com sua sensibilidade alta, todos os amplificadores a conduziram com um pé nas costas. Mesmo o Air Tight, de apenas 25 watts por canal, não teve nenhuma dificuldade, com nenhum gênero musical. E não pense que a DeVore não gosta de desafios, pelo contrário: ela suporta excelente pressão sonora, e não se intimida com nenhum gênero musical.

Li em alguns testes internacionais que ela não é tão amigável com alguns gêneros musicais, como rock pesado. Ela em nosso teste não se intimidou com nada. Ouvimos de Megadeth à Ben Harper, passando por obras clássicas de todos os períodos, de jazz, folk, MPB, blues e nada a colocou em risco. Mas, para você extrair todo o seu potencial, será essencial o uso de seu pedestal. Construído com o mesmo material da caixa, o pedestal permite que os falantes fiquem na altura exata para uma melhor dispersão lateral e para o ajuste do toe-in (fundamental para um excelente recorte, altura, largura e profundidade), pois os falantes têm que ficar corretamente posicionados em relação ao ouvinte. Com o pedestal da Audio Concept o tweeter ficava à altura do ouvido, dificultando o posicionamento correto das caixas na sala.

Para dar uma idéia exata da importância do pedestal, eu não consegui no Audio Concept, em hipótese alguma, uma boa profundidade e altura. Os músicos parceiam sempre estar sentados e nas gravações de música sinfônica os planos eram difusos, como se os músicos estivessem todos espremidos entre as caixas.

Foi colocar o pedestal DeVore e os planos apareceram e a altura ganhou precisão cirúrgica. Mas os pedestais originais também são essenciais para a reprodução e velocidade dos graves da caixa, deixando-os muito mais corretos e com maior extensão e melhor corpo na região médio-grave.

O que nos pareceu mais ousado em sua assinatura sonora foi que sua região média-alta é bastante aberta, porém mesmo em audições prolongadas (de mais de 8 horas) a ausência de fadiga auditiva é total! E, a medida em que você vai observando nuances que outras caixas não mostram, seu interesse por prolongar as audições a cada dia só vão aumentando.

Perto do final do teste, fiz uma audição de quase 10 horas para passar todos os discos da metodologia (quase 100) para poder devolver a caixa para o distribuidor, já que existia uma fila de interessados em conhecer a DeVore. Posso dizer que o 'felizardo' que ficar com a caixa, será poupadão do longo amaciamento e desfrutará de todas as suas qualidades desde o primeiro disco.

Antes de conhecer a DeVore, a bookshelf que mais havia me encantado fora a Boenicke W5SE. Os que leram esse teste sabem o quanto aquela pequena notável me impressionou. Interessante que são duas propostas muito distintas, mas ambas chegam no mesmo objetivo: deixar o ouvinte completamente rendido à forma com que apresentam a música. O que significa que, para se atingir determinado grau de refinamento, não existe apenas um caminho. Porém, o objetivo só será alcançado utilizando como princípio a música ao vivo.

Ambas as trajetórias dos dois projetistas são bem semelhantes, pois buscaram, primeiramente, entender como a música soa em um ambiente acusticamente tratado e adequado, para usar essa informação

como princípio básico de desenvolvimento de suas idéias. Possuem assinaturas sonoras muito distintas, porém algo imprescindível para um bom resultado as colocam no mesmo barco: a forma com que tratam a reprodução musical. Ambas objetivam o todo e não as partes. Dão ao ouvinte a música por inteiro sem concessões ou atributos que 'floreiem' a realidade. Não douram nada e, sabendo que há limitações físicas, oferecem uma solução muito inteligente: coerência e naturalidade.

Quem busca essas qualidades na reprodução eletrônica saberá o valor dessa escolha.

O ouvinte, frente uma proposta dessa magnitude, não tem outra escolha a não ser se render e mergulhar na música como ele só ousava fazer em uma apresentação ao vivo!

À princípio, parece ser o objetivo final de todos os audiófilos mas, acredite, só os que já entenderam que o sistema não pode ser maior do que nosso desejo de se emocionar com a música que amamos, entenderão literalmente a proposta de John DeVore. Se você se encontra nesse grupo dos que apenas desejam ouvir seus discos de cabeceira e se emocionar a cada nova audição, ouçam a pequenina DeVore Gibbon 3XL. ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=TJWKFNHAHKs](https://www.youtube.com/watch?v=TJWKFNHAHKs)

AVMAG #238

KW Hi-Fi
(48) 3236.3385
Bookshelf (o par): R\$ 18.000
Pedestal: R\$ 4.500

NOTA: 82,5



ESTADO DA ARTE

ÁUDIO

CAIXA DYNAUDIO SPECIAL FORTY

Fernando Andrette



Tive a oportunidade de testar as duas edições comemorativas deste conceituado fabricante dinamarquês de caixas acústicas: a Special Twenty-Five (que aqui foi apelidada de '25 Anos') que é uma belíssima bookshelf, e a edição de 30 anos (Sapphire), uma imponente coluna com um design bem moderno.

A edição 25 Anos fez tanto sucesso que ficou em produção por muitos anos e teve, inclusive, melhorias ao longo do tempo no crossover e nos próprios falantes. Utilizei a '25 Anos' como monitor em duas gravações da Cavi Records (SACD Lacrimae de André Mehmari e CD de Timbres) e tenho diversos amigos músicos que possuem esse modelo tanto para uso em monitoração de seus trabalhos, quanto em suas salas de audição.

A edição comemorativa de 30 anos, a Sapphire, não teve a mesma trajetória, sendo descontinuada dois anos depois do seu lançamento. Seu gabinete com pouca profundidade em relação a todos os modelos deste fabricante, e seu design que fugiu completamente do 'DNA' da marca, acredito que contribuíram para o pouco sucesso deste modelo comemorativo.

Para o aniversário de 40 anos, a Dynaudio resolveu investir novamente em uma bookshelf - a Special Forty - objetivando ter novamente junto ao público a mesma aceitação da '25 Anos'. Para uma data tão significativa (em um mundo em que as empresas sequer completam uma década de existência), os engenheiros da Dynaudio não pou-

param esforços em desenvolver uma bookshelf digna de uma data tão importante, e criaram talvez uma das suas melhores bookshelves de todos os tempos! Da linha da empresa, só a Confidence C1 Signature a supera em performance!

A '40 Anos' possui um acabamento um pouco inferior à C1, mas seus falantes são os mesmos utilizados na bookshelf da linha Confidence, assim como também o crossover de primeira ordem. E os engenheiros foram além, nesse projeto comemorativo, ao melhorar o fluxo de ar e o amortecimento atrás do domo de tecido do tweeter de 28 mm. O objetivo foi diminuir ainda mais a distorção do tweeter quando o diafragma se move. O falante de médio-grave de 17 cm utiliza o tradicional cone MSP (Polímero de Silicato de Magnésio) com enorme rigidez, porém muito leve. O fabricante afirma ser este a melhor unidade de médio-grave já fabricado e que ambas as unidades podem cobrir uma ampla gama (o tweeter pode trabalhar a partir de 1 kHz e o falante de médio-grave pode confortavelmente trabalhar até 4 kHz).

Segundo o fabricante, o ponto de corte no crossover da '40 Anos' ficou em 2 kHz. Sua sensibilidade é de 86 dB e sua impedância nominal de 6 Ohms. A '40 anos' possui apenas dois acabamentos: cinza e vermelho (o modelo enviado para teste foi a com acabamento vermelho, que me remeteu imediatamente as caixas Evolution Acoustics, com um acabamento muito semelhante). O gabinete em MDF possui a parte de trás ligeiramente menor que a da frente, deixando seu design muito mais parecido com os modelos da linha Excite do que a linha Contour ou Confidence.

A qualidade de construção é de muito bom nível. E um cuidado no acabamento, digno dos dinamarqueses. Em vez de folhas largas a cobrir por inteiro o gabinete, utiliza o processo de colar folhas de madeiras muito finas em uma lamação de centenas de camadas de finíssima espessura. O resultado faz que visualmente tenhamos a lamação com inúmeros veios, criando linhas como se estivesse entre o verniz e as folhas, dando um belo destaque e valorizando o produto. No gabinete vermelho, o resultado é ainda mais impressionante!

O fabricante indica que sua resposta de frequência é de 41 Hz a 23 kHz (+/- 3 dB) e a potência de pico é de 200 watts e a musical de 100 watts.

Lançada na Feira de Munique no ano passado, a Aniversário 40 Anos, pela sua faixa de preço (2.990 Euros o par) mostrou que possuía pedigree para brigar no batalhão de frente das caixas bookshelves mais tops do mercado. E foi exatamente isso que ocorreu: '40 anos' ganhou inúmeros prêmios como bookshelf do ano e continua a ter uma trajetória de enorme sucesso mundo afora! ➤

A Mediagear, ao disponibilizar o produto para teste, nos solicitou apenas que a avaliação fosse feita em um mês, pois o lote já estava todo vendido e uma nova importação somente para 90 dias. Como o produto veio lacrado, pusemos a caixa em amaciamento imediatamente, ainda que estivéssemos com uma agenda apertadíssima com consultorias e a produção das edições de Melhores do Ano e de março. Tinha lido uns dias antes a avaliação da Hi-Fi Choice, e o articulista escreve que ele não concorda que produtos precisem de queima, com exceção feita a caixas acústicas pela questão mecânica dos falantes. E ao fazer uma primeira avaliação da '40 Anos' ele não gostou, por faltar peso nos graves e pouco arejamento em cima. Achou que seria suficiente um amaciamento de 20 horas, depois ele estendeu para mais 20 horas, depois para mais 10 horas, antes de iniciar o teste. No final ele se rendeu à caixa. Como ele não nos diz o quanto ele ficou com a caixa, não dá para saber quantas horas totais ele utilizou para escrever o teste. Só sei que, para nós, a Dynaudio 40 Anos só mostrou todos os seus atributos após duzentas e cinqüenta horas de queima!

Nas primeiras 50 horas, o ouvinte terá uma mera sombra de todo o seu potencial. Pois para se extrair toda sua beleza, energia, imponência, corpo e deslocamento de ar nos graves, serão necessários 180 horas no mínimo! Como toda caixa Dynaudio, seu som quando sai da embalagem parece totalmente engessado. A sensação é que toda a energia está focalizada nos médios. Com uma brutal transparência, velocidade e precisão, porém sem os extremos darem o ar de sua graça. Pelo alto grau de neutralidade em todos os modelos, aos que adoram uma coloração, a caixa pode parecer soar totalmente sem graça.

Mas se o consumidor tiver a paciência necessária para esperar as 250 horas de amaciamento (que é café pequeno, perto de inúmeras outras caixas) o resultado não só irá satisfazê-lo, como provavelmente você se tornará um fã incondicional da marca. 'Dynaудistas' dificilmente abandonam a marca, sendo uma das fidelidades mais sólidas no universo hi-end. Se duvidam do que estou descrevendo, entrem nos fóruns e leiam os testemunhos dos audiófilos e melômanos que possuem Dynaudio e tirem suas conclusões.

Ainda que eu não tenha mais uma Dynaudio (eu que fui um usuário da marca por quase 20 anos) como referência, reconheço a capacidade deste fabricante em avançar de forma consistente a cada novo produto apresentado ao mercado.

Recentemente, ao testar a Emit 20, fiquei muito encantado com o salto de performance alcançado em relação à antiga linha Excite (para os interessados, leiam o teste na edição 234). Minha curiosidade em relação à '40 Anos' era justamente de comparar com a '25 Anos', que foi uma caixa que tive e utilizei muito, e ainda hoje considero uma das melhores bookshelves do mercado (principalmente pela sua resposta e qualidade dos graves).

Ao desembalar a '40 Anos' é que me dei conta do quanto sou conservador em termos de design, pois fiquei frustrado em ver que o fabricante tinha mudado o design (que eu achava tão bonito e imponente na '25 Anos'). Mas ciente de que a Dynaudio não dá ponto sem nó, pensei: deve ser tudo em função da performance! Com caixas acústicas só faço uma primeira audição para saber o patamar que a caixa se encontra quando sai de fábrica, pois tirar alguma impressão é total perda de tempo. Dá para contar nos dedos as caixas que já saem tocando bem. Que me lembro assim, de memória: a Boenicke W5SE (mais essa talvez não vale, pois utiliza um full-range). Fiz minhas anotações e defini apenas as eletrônicas que seriam utilizadas no teste, além do nosso sistema de referência.

Os amplificadores foram: Emotiva XPA Gen 2, integrado Hegel H90. Powers: CH Precision M1 e Hegel H30. Pré-amplificadores: CH Precision L1 (leia Teste 1 na edição 239) e Dan D'Agostino. Fontes digitais: sistema dCS Scarlatti e DAC Hegel HD-30. Cabos de caixa: Transparent Reference XL, Sunrise Labs Reference Magiscope e Quintessence. Cabos de interconexão: Ágata (RCA e XLR), Transparent Opus G5 (XLR) e Sunrise Labs Reference Magiscope (XLR e RCA). Cabos de Força: Chord Sarun, Transparent Audio PowerLink MM2 e Sunrise Lab Reference Magiscope.

Anotadas as primeiras impressões, minha sugestão a todos os interessados é uma queima inicial de 100 horas. Se possível com pelo menos umas 8 horas por dia em volumes mais acentuados (80 a 90 dB). E o restante em volume moderado (60 a 75 dB). Seguindo essa fórmula, 100 horas (ou quase cinco dias ininterruptos), você terá uma ideia exata do potencial desta bookshelf. A partir desse ponto, já será possível sentar para fazer audições mais críticas. Os graves ainda estarão com pouca extensão, engessados e impedindo um maior deslocamento do ar, mas já serão velozes e com um timbre muito natural. No outro extremo, os agudos já possuem maior decaimento, mas carecem de um melhor arejamento, principalmente para a percepção das ambiências. Os médios, com 100 horas já recuperaram, o que torna as audições, por longos períodos, mais prazerosas e livres de fadiga auditiva. Com 200 horas a caixa está quase que no seu ponto de equilíbrio. Os planos são muito melhor delineados, tanto em largura como profundidade e foco, recorte e ambiência aparecem de forma definitiva.

Os amantes de música clássica se sentirão recompensados pela forma holográfica com que esta bookshelf disponibiliza a orquestra sinfônica em nossa sala de audição.

O cuidado deverá ser com a escolha do pedestal que, além de rígido e pesado para soar inerte, deverá ter altura suficiente para que o tweeter fique ligeiramente acima dos ouvidos, quando você estiver sentado. Isso fará toda a diferença, tanto na dispersão dos agudos, como na altura da imagem sonora. Nós utilizamos dois pedestais: o da caixa ➤

ÁUDIO

Devore Gibbon 3XL (leia teste na edição 238) e o da Audio Concept. A Dynaudio casou melhor com o pedestal da Audio Concept, pela rigidez e peso, deixando os graves muito mais precisos e com melhor corpo na região médio-grave. Com 280 horas nada mais mudou e iniciamos o teste auditivo.

Como toda Dynaudio, a Aniversário 40 Anos gosta de ser desafiada no volume. Se o amplificador tiver autoridade e se a sala permitir, as '40 Anos' sentem-se à vontade tocando próximo ao volume ideal da gravação. Mesmo em nossa sala de referência, com quase 50 metros quadrados, o deslocamento de ar em gravações de órgão de tubo ou de big bands foi realmente impressionante. Levando-me a aceitar que também neste quesito a '40 Anos' se mostrou superior à '25 Anos', que inúmeras vezes utilizei em nossa sala.

Passando todos os quesitos de nossa metodologia em um comparativo entre a '25 Anos' e a '40 Anos', esta nova edição comemorativa ganhou em todos os quesitos. Um equilíbrio tonal mais coerente, uma apresentação do palco sonoro com melhor dispersão lateral e mais profundidade, melhor foco, recorte e ambição, com um decaimento muito mais suave e correto. Transientes com melhor apresentação de tempo e ritmo, texturas com melhor transparência e mais neutras, assim como um silêncio de fundo maior que corroborou para uma apresentação de micro-dinâmica excepcional.

A macro-dinâmica obviamente possui os obstáculos físicos de um falante de 17 cm, mas os degraus entre o forte e o fortíssimo nos pareceram mais bem organizados em sua apresentação, dando maior inteligibilidade nessas passagens.

O médio-grave também apresentou melhor corpo harmônico, o que ajudou muito na reprodução de música com instrumentos eletrônicos (como contrabaixo elétrico). Resultado: em gravações primorosas a sensação de materialização física do acontecimento musical foi excelente.

Minha única dúvida foi no único quesito subjetivo de nossa metodologia: Musicalidade. Aqui confesso que fiquei com uma pulga atrás da orelha, pois ainda que a '25 Anos' siga o mesmo DNA de neutralidade do fabricante, o menor silêncio de fundo contribui para gravações tecnicamente limitadas ficarem mais 'palatáveis' nas audições. O que na '40 Anos' é uma concessão que não existe, pois sua neutralidade aliada ao seu alto grau de transparência 'escancara' o que de errado foi feito no momento da gravação. No entanto, em gravações de boa qualidade, também no item musicalidade a '40 Anos' é superior à '25 Anos'.

CONCLUSÃO

Como sempre digo, caixas acústicas serão sempre a assinatura do sistema. O leitor que se identificar com a proposta da bookshelf Devore Gibbon 3XL, testada na edição do mês passado, não se sentirá atraído pela assinatura da '40 Anos', e vice-versa.

Por este motivo é essencial ainda que o leitor confie em nosso trabalho, que ele possa ouvir e tomar sua decisão pelo seu gosto musical. Afinal será ele que irá conviver por toda sua vida com o sistema escolhido.

Como dizia meu pai: "esposa e equipamento de áudio ninguém deve meter a colher". Assino embaixo.

Para aqueles que desejam uma bookshelf que não possua restrição a nenhum gênero musical, deseje um som com peso e deslocamento de ar e possua uma sala de até 20 m², aprecie uma sonoridade mais neutra com baixa coloração e que priorize nuances com um alto grau de transparência, a Dynaudio Special Forty - Aniversario 40 Anos - deve ser colocada na lista de opções.

Os cuidados serão pontuais, mas muito pertinentes: uma caixa com essas características técnicas e de assinatura sônica necessita de um amplificador com autoridade para controlá-la e a fonte também terá que ser de características similares. Com o integrado da Hegel H90, a sinergia não foi das melhores, pois ficou nítido em diversos gêneros musicais que a caixa necessitava de um amplificador com mais 'músculos'. Em compensação, com o power Hegel H30 a Dynaudio se sentiu em casa e sua performance mudou de patamar. Tendo esses cuidados, certamente o investimento valerá cada centavo.

Uma bookshelf Estado da Arte com méritos!



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=ZJ9AE-CU5V0](https://www.youtube.com/watch?v=ZJ9AE-CU5V0)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=YBQOTROPWJK](https://www.youtube.com/watch?v=YBQOTROPWJK)

AVMAG #239
 Impel
 (11) 3582.3994
 R\$ 23.000

NOTA: 82,5



ESTADO DA ARTE

CAIXA ACÚSTICA DYNAUDIO EMIT M30

Juan Lourenço

A Impel, importadora oficial da marca Dynaudio no Brasil, disponibilizou para testes a caixa acústica da linha Emit, modelo M30. A linha Emit é composta pelas caixas acústicas M10, M20 bookshelf, caixa central M15 e pela torre M30, aqui avaliada.

Medindo 96 centímetros de altura, com 28 centímetros de profundidade e pouco mais de 20 centímetros de largura, fica fácil fazer da M30 parte da decoração da maioria das salas residenciais do nosso país. Como acontece com toda torre, a limitação fica por conta do tamanho da sala, que para ela deve ser de, no mínimo, 14 metros quadrados - assim ela tocará minimamente bem e mostrará todos os seus encantos.

A M30 compartilha o mesmo DNA dos alto-falantes top de linha da Dynaudio, que continuam sendo fabricados na Dinamarca. Seus alto-falantes possuem cone com tecnologia MSP de 17 cm cada, possuem uma bobina grande de 75 mm de alumínio, e o tweeter tem 28mm de domo macio e possui câmara de amortecimento traseiro e resfriamento por ferro fluido, que confere mais precisão e controle na dispersão dos agudos e dissipar melhor o calor.

A M30 possui sensibilidade de 86 dB (2,83 V / 1m), impedância de 4 Ohms, e responde de 40 Hz a 23 kHz (± 3 dB). Talvez aqui a sensibilidade seja o quesito a ser observado com maior atenção, pois não será qualquer amplificador conseguirá domar esta caixa e fazê-la mostrar todas as suas qualidades - o amplificador precisa lidar com as dificuldades de empurrar alto-falante de bobina grande, como são os deste fabricante.

O gabinete é uma obra prima - nem um detalhe foi deixado de lado, tudo nele está perfeitamente encaixado, a qualidade do trabalho de marcenaria é impecável, nada de encaixes tortos ou imperfeições na junção dos cantos. A qualidade do acabamento segue o padrão da marca, mas o ponto contra são as opções de cores: preto e branco acetinado. A opção rosewood não está presente nesta linha.

A única coisa que não me agradou muito foi o terminal de caixa, e não estou falando da qualidade sônica dele, falo do fato de só permitir utilizar cabos com terminação do tipo banana. Até dá para atarraxar o conector spade por uma de suas pontas, mas eu não acho legal, sem contar que audiófilo é um bicho cheio de neurá - eu, por exemplo, sempre fico com a sensação de que não está tão preso como parece.

Tenho percebido que muitos fabricantes de caixa acústica e de amplificadores desenvolvem ótimos produtos de entrada, com extremo cuidado e atenção aos detalhes para que a qualidade de reprodução seja o foco principal, com o custo final do produto competitivo, mas que por algum motivo que desconheço, decidem adotar um terminal de caixa que só aceita banana ou cabo direto. Realmente não sei o motivo, mas restringir as opções de terminação me incomoda bastante.



ÁUDIO

A M30 chegou para teste nova em folha, e o processo de desembalar é bastante simples: uma pessoa só consegue retirá-la da caixa de papelão sem problema algum. Na mesma embalagem vem o manual, um par de espumas para abafar o duto traseiro, e os spikes com pucks que evitam que a ponta aguda deles perfure o piso.

Para o teste utilizamos os seguintes equipamentos: amplificador integrado Sunrise Lab V8 MkIV, amplificador integrado Hegel H90, amplificador integrado Roksan K3 (leia o teste nesta edição). Fontes: CD-Player Luxman D-06, DAC Roksan K3. Cabos de força: Transparent MM 2, Sunrise Lab Reference (modelo antigo). Cabos de interconexão: Sunrise Lab Premium MagicScope RCA, Sunrise Lab Reference Magic Scope RCA, Sax Soul Cables Zafira XLR. Cabos de caixa: Transparent Reference XL MM2 e Sunrise Lab Reference.

Tudo pronto, spikes parafusados, cabos conectados, é hora de iniciar seu amaciamento e ouvir seus primeiros acordes. De cara já impressiona bastante, tem um som muito gostoso de ouvir, e os extremos não agridem aos ouvidos. Timbres e texturas partem de um ponto bastante elevado, o que nos permitiu abusar um pouco mais do volume logo nas primeiras audições.

A caixa ainda não entrega agudos limpos nem graves soltos, mas a evolução é bem rápida, com 150 horas a caixa já toca solta e musical, os graves ganham em volume e modulações que impressionam, a região médio-grave começa a se soltar dando mais precisão e realismo ao tamanho dos instrumentos. Os agudos são os últimos a se soltar - eles não são duros nem apagados, mas falta um pouco de projeção e arejamento que neste ponto do amaciamento prejudica os decaimentos e o palco sonoro. Só depois de 280 horas é que começo a posicioná-las na sala, começo por pegar carona na posição da Focus 260, que na sala está com sessenta centímetros da parede lateral e dois metros e doze centímetros da parede de fundo, e dois metros e setenta centímetros entre as caixas, tendo como referência a frente da caixa, mais precisamente o tweeter. Este posicionamento ficou realmente muito bom, exceto pelo foco que por conta do tweeter não ter tanta energia deixava o palco levemente difuso e os recortes um pouco "vincados", então encurtei a distância entre elas em vinte centímetros e abri um pouco mais o toe in que era de 25 graus e ficou com 20.

A partir das 280 horas, a caixa só ganhou em precisão rítmica, timbre e arejamento, terminando seu amaciamento por volta das 330 horas e mostrando uma folga enorme, possibilitando ouvir músicas complexas com bastante desenvoltura.

A M30 não se intimida diante de uma orquestra pronta a executar a sexta sinfonia de Mahler. Muito pelo contrário, ela separa muito bem os naipes e dá aos músicos distanciamento suficiente para que possamos observar sem muito esforço o máximo de ar entre os instrumentos, mesmo em uma obra complexa como esta. Mas não se engane caro leitor, esta caixa é uma devoradora de amplificadores - ela precisa de controle, precisa de um amplificador que tenha pulso

firme, só assim ela entregará todo o seu ouro. Eu diria que a partir de 60 W é que ela começa a acordar... Menos que isto e terá uma apresentação musical sem vida e com pouca dinâmica.

Quando passamos a ouvir quartetos de cordas ou grupos de jazz, a M30 realmente cresceu e mostrou o quanto ela pode ser refinada na apresentação do palco sonoro. A distância entre os instrumentos, e a altura de cada um deles, estão em um nível de precisão e realismo que me fizeram coçar a cabeça e voltar à Focus 260 para não ter dúvida quanto a sua pontuação neste quesito.

A qualidade geral dos timbres é fantástica: as vozes soam muito reais, brotam nuances com muita facilidade, detalhes da técnica vocal ficam evidentes e quase palpáveis. As macro e micro-dinâmicas, qualidade dos vibratos e da entonação ganham um realismo surpreendente! Os contrabaixos tem articulação, ar e modulações sedutoras, próximas às ouvidas na 260.

Os agudos soam limpos e "líquidos", com texturas ótimas, para ficar perfeito mesmo só se este tweeter tivesse um pouco mais de projeção e decaimentos mais demorados, pois no quesito timbre ele é ótimo! Ainda assim, quis ouvir Mercedes Sosa, *Misa Criolla*, faixa 1, para entender como a caixa apresentava toda aquela ambiência, e novamente a M30 não decepcionou, ela constrói o acontecimento musical com a delicadeza que se espera de uma Dynaudio, neste tipo de gravação, gradual e sem solavancos nos crescendos. O coro se agiganta e a ambiência toma conta da sala... Impossível não se arrepia!

CONCLUSÃO

A Emit M30 é uma caixa espetacular que tem o poder de nos transportar por todos os caminhos da música, nos fazendo experimentar sensações e prazeres musicais como poucas caixas acústicas de entrada são capazes de fazer. É uma caixa refinada o suficiente para surpreender audiófilos e melômanos rodados neste hobby, e deixá-los felizes por muitos anos.



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=H0FUGJWIG6G](https://www.youtube.com/watch?v=H0FUGJWIG6G)

AVMAG #241
 Impel
 (11) 3582.3994
 R\$ 10.760

NOTA: 82,5



ESTADO DA ARTE

CAIXAS ACÚSTICAS Q ACOUSTICS 3050I

Juan Lourenço

Na edição 244 da revista avaliamos a bookshelf Q Acoustics 3020i, uma caixa que surpreende pela sonoridade equilibrada e bastante musical. Nesta edição falaremos do modelo maior, a Q 3050i, uma caixa torre de médio porte que também herdou muito dos avanços tecnológicos e de marcenaria da aclamada Concept 500. Um projeto inovador que ganhou muitos prêmios da mídia especializada, dentre eles o EISA 2017-2018 na categoria Melhor Produto.

Não é a toa que a Q 3050i acaba de ganhar o mesmo prêmio EISA 2018-2019 também na categoria de Melhor Produto. Receber este prêmio por dois anos seguidos e com produtos de níveis diferentes, diz muito sobre a filosofia da Q Acoustics, pois o modo como ela distribui seus avanços, pelas linhas menores é bastante interessante. Ela não costuma fazer projetos mirabolantes, totalmente diferentes um do outro, muito pelo contrário, ela costuma utilizar tudo que deu certo na linha topo nas linhas menores. Ou seja, ela não parte de um projeto desconhecido que exigiria esforços novos para contornar novos problemas. A Q Acoustics meio que leva a sério o ditado que diz que “não se mexe em time que está ganhando”. Trocando em miúdos, raramente você verá uma caixa acústica da Q Acoustics que não deu certo, ou que erraram a mão e exageraram em algum ponto. A qualidade de construção do gabinete, construção dos woofers, tweeters é muito parecida entre as linhas, e em algumas são iguais, até, pois as caixas da Q Acoustics sofrem mais evoluções que revoluções. Por apostar em evoluções, ao invés de tentar surpreender o público com tentativas de reinventar o alto-falante, que esta empresa jovem fundada em 2006 arranca tantos elogios mundo a fora. Sempre com passos seguros e certeiros, que se traduzem em uma assinatura sonica equilibrada e envolvente, da caixa de entrada até a caixa topo de linha.

A Q 3050i é uma caixa de 2 vias bass-reflex com resposta de freqüência de 44 Hz a 30 kHz (+3 dB, -6 dB), impedância média de 6 Ohms, impedância mínima de 4 Ohms, sensibilidade de 91 dB (2,83 V @ 1 m), com peso de 17,8 kg cada.

Com esta nova atualização, a Q 3050i sofreu melhorias significativas no desempenho sonoro, os dois woofers de 6,5 polegadas receberam o novo revestimento de borracha de baixa distorção que confere ao cone maior rigidez e uma resposta de freqüência mais equilibrada em toda a faixa de atuação. O tweeter de domo macio de 20 mm fica desacoplado do gabinete por um sistema de suspensão de silicone, “abraçado” pelos falantes em um esquema D’Appolito (MTM midwoofer-tweeter-midwoofer), garantindo uma interação suave e equilibrada entre o tweeter e o woofer, diminuindo aquela sensação de “buraco” entre as freqüências.



PRODUTO DO ANO
EDITOR

ÁUDIO

O gabinete da Q 3050i herdou da Concept 500 o sistema de travamento ponto a ponto (P2PTM) do gabinete reduzindo as vibrações em seu interior, juntamente com a tecnologia HPE que ajuda a eliminar ressonâncias de dentro dos compartimentos ao equalizar a pressão de ar dentro do gabinete, agindo como um ressonador de Helmholtz sintonizado.

A Q Acoustics disponibiliza quatro opções de acabamento: Cinza Grafite, Nogueira Inglesa, Preto Carbono ou Branco Ártico. Sempre com o belo adorno cromado em volta dos alto-falantes e dos tweeters, quebrando um pouco aquele jeitão sisudo do gabinete, adicionando um toque de beleza e requinte ao belo design.

O terminal de caixa é que me parece ser o único pênalti desta linha. É o mesmo terminal da bookshelf e, por isto, os futuros donos desta linha precisam ficar atentos no momento em que colocam cabos de caixa com terminação spade, inclusive no acerto do posicionamento da caixa. Aconselho a mexer no posicionamento sempre com o amplificador desligado, pois dependendo do movimento que se faz com a caixa, o cabo pode vir a se soltar.

A caixa apoia-se sobre em quatro spikes cromados, os spikes traseiros são parafusados em um belo apoio feito em alumínio fundido que ultrapassa as dimensões da caixa, trazendo estabilidade e beleza à torre. A Q Acoustics teve uma ideia boa e uma decisão ruim, a meu ver. Para quem tem piso de madeira ou sensível a arranhões, acompanha os spikes um jogo de borrachas que encaixa no spike protegendo o piso, por outro lado, quem quer se beneficiar da melhora utilizando os spikes, terá de providenciar pucks (bolachinhas) para calçar os pontudos spikes. Vale muito à pena deixá-las apoiadas nos spikes, o ganho é enorme!

COMO TOCA

Para o teste utilizamos os seguintes equipamentos: amplificador integrado Sunrise Lab V8 MkIV, amplificador integrado Anthem STR. Fontes: CD-Player Luxman D-06, DAC Hegel HD30. Cabos de força: Transparent PowerLink MM2. Cabos de interconexão: Sunrise Lab Reference Magic Scope RCA, Sax Soul Cables Zafira XLR. Cabos de caixa: Transparent Reference XL MM2, Sunrise Lab The Illusion e Sunrise Lab Quintessence Magic Scope.

A Q 3050i precisou de 360 horas para amaciar por completo. Ela é um pouco diferente das outras caixas que testei, não sai tocando de cara, ela faz mais o tipo difícil mesmo.

Os extremos demoram a se soltar, coisa de mais de 180 horas para parecerem minimamente corretos. Já a região média é uma delícia, possuindo uma boa transparência sem atropelar os planos. Por falar em planos - ou camadas como alguns preferem - as Q 3050i já nas primeiras horas tocando, mostravam uma tridimensionalidade muito boa. Aquela sensação do som saindo diretamente dos falantes

simplesmente não existe nesta caixa acústica. Tudo brotava por detrás dela, com ótima largura de palco e uma boa dose de calor.

Após o amaciamento tudo foi para o seu devido lugar, e então começamos os testes para valer!

De cara o que mais impressiona nesta caixa sem dúvida alguma, é o quanto elas “desaparecem” na sala de audição. De todos os discos que ouvimos pouquíssimos davam para perceber que algo saía mesmo dos falantes. Somente aqueles discos que de fato o engenheiro de gravação colocou o instrumento lá, no meio do cone, que não tinham jeito, porque se não está assim na gravação, não dá para saber se as caixas estão ligadas ao amplificador.

Com elas não é o palco que é 3D, são os instrumentos que são 3D em um palco totalmente tridimensional! É uma qualidade que ouvi em poucas caixas, e todas elas, sem sombra de dúvida eram pelo menos duas vezes e meia mais caras que ela.

Aqui cabe uma dica: como o tweeter se encontra entre os dois alto-falantes, é imprescindível que o assento de honra, onde se fará as audições, não seja muito alto de maneira que o tweeter fique mais alto que os ouvidos. Isto acabaria com a qualidade do palco sonoro, o grave fica estranho e prejudica a inteligibilidade.

A Q 3050i nos mostra o corpo dos instrumentos de uma maneira maravilhosa: violões, contrabaixo acústico, instrumentos de ataque como marimba e percussão, soam com um nível de materialização impressionante. Destaque para os diversos pratos de bateria, sinos e triângulos, os mais difíceis de conseguir extrair bom corpo, todos com excelente tamanho e extensão, com uma qualidade de timbre ótima!

Separai alguns discos de música clássica para ouvir, quis explorar melhor estas qualidades tão raras em caixa acústicas nesta faixa de preço. Separei estes discos: *Caribbean Rhapsody* de James Carter (faixas 1 e 3), *Sinfonia nº 1* de Mahler (faixa 1) com a Budapest Festival Orchestra e condução de Ivan Fisher, *Des Knaben Wunderhorn* e *Sinfonia nº 6* de Mahler com conduzida por Benjamin Zander, *Sinfonias nºs 5 e 7* de Beethoven com a Pittsburgh Symphony Orchestra sob regência de Manfred Honeck.

A Q Acoustics 3050i tocou todos os discos maravilhosamente bem, sem fadiga, sem embolar nas passagens de maior dinâmica e, sempre, com um palco bastante holográfico, com ótimo foco, recorte e um equilíbrio tonal de fazer inveja a muita caixa cara por aí, pois tocar gêneros musicais variados muitas caixas tocam, mas álbuns erudito são outros quinhentos, e ela toca!

Por falar em caixa, foi impossível não compaá-la com as outras que já estavam na sala. A Dynaudio Emit M30 não deu nem para a conversa: a Q Acoustics é melhor em tudo. Olhei para a Dynaudio Focus 260 e não resisti, coloquei as duas lado a lado e, para minha surpresa, a Q 3050i só não obteve uma vitória plena porque em um ponto

a Focus é campeã incontestável: extensão de graves. A Focus desce um pouco mais e com timbre levemente melhor no ponto limite da extensão. Aquelas escorregadas de dedo para o grave no contrabaixo, principalmente no contrabaixo elétrico, a Focus te mostra um pouco mais de informação de timbre. Fora este quesito, em todo o restante ela perde para a Q 3050i, e perde feio.

A Q Acoustics tem um tempero maravilhoso, uma clareza de detalhes, uma riqueza tímbrica fantástica, com aquele calor na medida certa para não soar analítico, ao mesmo tempo em que todo o acontecimento musical permanece dos falantes das caixas para trás. Mesmo em gravações tecnicamente sofáveis, ela segura o ímpeto do amplificador e mantém tudo em seu devido lugar sem nada saltar em seu colo. O mesmo acontece quando ela faz par com amplificadores que não estão no nível dela segurando os “vacilos” do amplificador, suprindo uma possível falta no equilíbrio tonal do mesmo.

A Q 3050i não gosta de muito toe-in, e como ela possui um palco bastante largo, o melhor mesmo é deixá-las quase retas, com uma leve puxada para dentro, e assim aproveitar toda a tridimensionalidade que ela tem para nos mostrar. Na sala ela ficou a 1,8 metros da parede de fundo das caixas, e a 2,6 metros entre elas. No quesito palco, caro leitor, ela se sobressai como nenhuma outra que já testei. A precisão do foco e do recorte é de cair o queixo, o ar entre os instrumentos e a altura dos músicos fica muito evidente, não sendo necessário se esforçar para contar os planos no palco, deixando nosso cérebro livre para se concentrar inteiramente na interpretação artística da obra executada.

CONCLUSÃO

Se o amigo leitor procura uma caixa acústica correta tonalmente, com timbre matador e que tenha muitas garrafas para trocar na medida em que o amigo for subindo o nível do sistema, aconselho fortemente que ouça esta Q Acoustics 3050i, pois esta caixa está pronta para assumir este papel e dar muitas alegrias e muitos sustos, no bom sentido claro, porque ela não é uma caixa fácil de tocar e muito condescendente com sistemas abaixo dela. Por outro lado, o que ela cresce em detalhamento, folga e inteligibilidade com melhor cabeamento, amplificador e fontes de seu nível ou superior, com certeza dará ótimos sustos ao seu novo proprietário, fazendo valer cada centavo investido nela.



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=2QSVIZG-E2G](https://www.youtube.com/watch?v=2QSVIZG-E2G)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=OCE6UOWWS9I](https://www.youtube.com/watch?v=OCE6UOWWS9I)

AVMAG #245
Mediagear
(16) 3621.7699
R\$ 8.241

NOTA: 84,5

ESTADO DA ARTE



ARTE ACÚSTICA
TRATAMENTO ACÚSTICO
PARA SALAS DE
AUDIÇÃO MUSICAL

Material de baixo custo •
Acabamento personalizado •
Rápida instalação •

FREDERICO
RIBEIRO
(81) 99987.1809
fredericoc.ribeiro@uol.com.br

ÁUDIO

CAIXA ACÚSTICA DEVORE FIDELITY GIBBON 88

Fernando Andrette



Como escrevi no teste da bookshelf DeVore Fidelity Gibbon 3XL, na edição nº 238 de Março último, John DeVore é um músico que também trabalhou algum tempo como revendedor de produtos de áudio hi-end no Brooklyn, em Nova York, e com o pé nessas duas pontas foi criando, em sua mente, o que seria para ele as caixas ideais para reproduzir música com qualidade e prazer.

Ele não buscou formas de melhorar o 'calcanhar de Aquiles' (a macro-dinâmica) na reprodução eletrônica. E nem tampouco se tornou obcecado em atingir uma transparência capaz de sentirmos o hábito da cantora em nosso rosto. Então, ao se aventurar em construir caixas hi-end para um público tão exigente e eclético em seus gostos e expectativas, John se concentrou em focar em uma apresentação que

realmente levasse o ouvinte a se aproximar da experiência da música ao vivo (com as limitações físicas de qualquer caixa acústica), mas o colocando o mais próximo possível do evento musical.

Antes que me atirem pedras, afirmo que é isso que todo fabricante de caixa hi-end promete, só gostaria de lembrar aos mais exaltados que há uma enorme distância entre o desejo e a concretização. Então, na minha humilde opinião de testador de equipamentos de áudio, digo que alguns conseguem, outros não. E mesmo aqueles que não conseguem chegar tão próximo deste objetivo, possuem sua legião de admiradores e fieis súditos prontos a defender sua marca de preferência até a morte.

Meu papel é outro. Apenas posso descrever como determinado produto em uma sala adequada, com elétrica adequada, e ligado a um sistema de referência, se comporta quando avaliado através de uma Metodologia e com a audição dos mesmos discos para a observação de cada quesito, para todos os equipamentos testados. E publicar essas observações mês a mês aqui, para todos os interessados ou apaixonados por esse hobby. Que apesar do nosso desgoverno e de todas as nossas crises, continua crescendo e ganhando a cada dia mais e mais melômanos e audiófilos.

Como também escrevi no teste da bookshelf DeVore, a assinatura sônica das caixas que ouvi soam muito parecidas tanto em termos de equilíbrio tonal, como na apresentação do acontecimento musical (organização do evento à nossa frente). A 88 (permitam-me abreviar), é uma imponente coluna, porém sem ser invasiva ao ambiente, já que ela foi desenvolvida para tocar em salas entre 12 e 20 m².

A caixa enviada para teste possui um acabamento muito bonito, em bambu cereja, casando perfeitamente com ambientes mais clássicos ou modernos. John é um perfeccionista, ainda que não assuma essa característica - os detalhes em todos os seus produtos são extremos, começando pelo desenvolvimento dos gabinetes que são rígidos, mas não tão rígidos como os gabinetes de alumínio tão em alta no hi-end. Pois para ele os gabinetes também precisam soar com os falantes (como a caixa de um instrumento musical).

Toda a fiação interna foi minuciosamente estudada, tanto na escolha do material como na bitola e comprimento dos cabos. Os componentes do crossover não foram escolhidos por especificação técnica apenas, mas também pela sinergia com os falantes. E por falar em falantes, o mid-woofer da 88 é um falante de 7 polegadas, de cone de papel, e o tweeter é de cúpula de tecido de apenas 0,75 polegadas. Para uma coluna de duas vias, a cubagem do gabinete parece, em uma avaliação visual, desproporcional, porém ao escutarmos a 88, entendemos perfeitamente o objetivo de John ao utilizar um gabinete com essas dimensões para uma coluna de duas vias.

Interessante é que os tweeters estão colocados abaixo do falante de médio-grave e devem ser posicionados para fora (na borda externa do gabinete). Colocar na posição correta fará toda a diferença na performance da caixa. Outro detalhe fundamental é que a frente da caixa deve estar ligeiramente mais alta que a parte de trás. Para que o usuário siga corretamente as instruções, o fabricante apresenta em seu manual um passo a passo de como deve ser o procedimento de ajuste na sala de audição.

Sua sensibilidade é de 90.5 dB - algo bastante amigável com a maioria dos amplificadores existentes no mercado. Sua sensibilidade também não comprometerá nenhum amplificador (mínimo de 4 Ohms).

Escaldado pela longa queima da bookshelf, quando o Fernando Kawabe me disse que poderia ceder a 88 de um cliente, que estava reformando sua sala de audição, com mais de 1500 horas de uso, agradecei prontamente, pois colocar as caixas diretamente em teste soa como música aos meus ouvidos!

E assim foi feito.

Para o teste tínhamos um arsenal de eletrônicos. Três powers: Hegel H30, CH Precision M1 e Emotiva XPA One. Três integrados: Sunrise Lab V8 MkIV, Hegel H190 e Roksan K3 (leia teste na edição 241). Três fontes digitais: dCS Scarlatti, Hegel HD30 e CH Precision C1 (leia teste 1 na edição 241). Cabos de caixa: Sunrise Lab Quintessence e Transparent Audio Reference XL MM2.

Para a caixa zerada o fabricante fala em pelo menos 200 horas de queima (vi relatos em fóruns internacionais de 1000 horas!). Então é preciso paciência e segurar o ímpeto de mostrar o 'brinquedo novo' aos amigos antes de sua queima total! A enviada para teste estava há duas semanas embalada, então fizemos o procedimento normal de realizar uma primeira audição, deixar amaciando por 24 horas e depois iniciar os testes.

A 88 é muita crítica com o posicionamento. Para um perfeito soundstage, será preciso descobrir o melhor posicionamento, primeiro em relação às paredes, para depois realizar o ajuste fino em relação ao ângulo de altura da frente do gabinete e a distância entre as caixas. Ela não gosta e nem precisa de toe-in acentuado. Na nossa sala de teste elas ficaram a 1,86 m da parede às costas das caixas, 1,50 m das paredes laterais e 3,40 m entre as caixas (do centro do cone do falante de médio-grave).

Em relação ao ângulo referente aos spikes, foi preciso aumentar no limite a frente e deixar o máximo possível os spikes traseiros rebaixados. E menos de 10 graus de toe-in nas caixas voltadas para a posição do ouvinte.

A 88 tem uma assinatura sônica muito similar à bookshelf, porém com mais corpo e maior extensão nos graves. Sua maior qualidade é proporcionar ao ouvinte uma audição convincente em termos de

coerência tonal, inteligibilidade e conforto auditivo, sem jamais enfatizar uma característica em detrimento da outra. Independente do estilo musical ou da qualidade técnica da gravação.

A 88 o convida para interagir de maneira privilegiada, como se estivéssemos realmente em uma sala imaginária, junto com os músicos. Os planos de uma orquestra sinfônica são apresentados com enorme folga e com foco e recorte irretocáveis! Tanto em termos de largura como de profundidade. É muito comum em caixas com pouca dispersão lateral os metais pularem 'para a frente' e se misturarem com os cellos e contrabaixos. Esse problema só ocorreu na DeVore 88 por erro na captação da sala - em gravações do selo Reference Recordings os planos são absolutamente soberbos!

Com essa qualidade tão detalhada, observar o tamanho das salas de gravações, e seus rebatimentos, é uma das experiências mais incríveis que o ouvinte pode se deleitar com as 88. O mesmo se procede com pequenos grupos musicais, ou gravações de grupos menores em salas menores. Você é imediatamente 'tele-transportado' para o local em que a gravação foi feita. John DeVore fez, na minha opinião, uma belíssima escolha, fugindo de buscar a grandiosidade ou a transparência absoluta, apresentada pela perspectiva do microfone. Com isso o ouvinte consegue ouvir seus discos com zero de fadiga auditiva pelo tempo que desejar ou puder.

Outro fabricante que se pauta também por essa mesma filosofia, que eu conheça, só a Boenicke. Pelo que sei, não existem muitos fabricantes de caixas acústicas navegando por esse mar. O que lhe dá uma enorme vantagem, caso essa tendência venha a crescer nos próximos anos.

Li em alguns testes internacionais alguns articulistas afirmado não ser a 88 uma caixa para determinados gêneros musicais, como rock, por exemplo. Outros dizem que as caixas DeVore são ideais apenas para amplificadores valvulados. Não foram essas as conclusões a que cheguei. Ouvi absolutamente todos os gêneros e todos os amplificadores que utilizamos eram transistorizados, e a 88 se comportou magistralmente. Não houve nenhuma incompatibilidade com nenhum dos equipamentos utilizados e, guardado as devidas dimensões das caixas, para ambientes de até 20m², e com os volumes corretos, ouvimos de Megadeth à Ben Harper. E com nenhum gênero musical a 88 se sentiu acuada ou negou fogo.

Claro que toda caixa acústica que entra no campo de interesse do consumidor deverá ser ouvida e avaliada em todos os seus pontos positivos e limitações. A DeVore 88 é uma coluna com muitos pontos positivos em termos de performance, compatibilidade e custo, e com algumas limitações.

Começo pelas suas limitações: não é uma caixa para quem gosta de sentar a pua no volume e muito menos para aqueles que desejam extrair o sumo do sumo em micro-dinâmica. Também pode ser que, ➤

ÁUDIO

para muitos dos iniciantes, sua apresentação do acontecimento musical não cause nenhum grande impacto!

Agora, falando de suas qualidades: começemos pela sensibilidade, que é bastante conveniente tanto para os amantes de válvulas como transistor. E sua coerência e organização do acontecimento musical permitem colocar o ouvinte em posição privilegiada para ouvir seus discos preferidos. E sua ausência de fadiga auditiva, mesmo em longas horas de audição.

Bato na tecla da ausência de fadiga, pois em salas pequenas colunas podem ser um problema devido à proximidade com o ouvinte. E conseguirmos uma caixa que consiga contornar esse problema com maestria é uma grande notícia!

CONCLUSÃO

Poderia sintetizar esse teste dizendo ser a 88 uma extensão da Bookshelf, com maior extensão nos graves, mais corpo e com maior deslocamento de ar e energia. Porém ela é um pouco mais, pois permite em música mais complexa, como obras clássicas ou grandes grupos como big bands, audições com um volume mais alto que a bookshelf. E isso eu sei que faz uma enorme diferença para inúmeros de nossos leitores que buscam uma caixa Estado da Arte definitiva.

Eu recomendo a 88 com enorme entusiasmo a todos que possuem uma sala com dimensões de reduzidas à moderadas, e não abrem mão de escutar seus discos, mesmo que tecnicamente não sejam nenhum primor.



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=ZBVUJVBNsZ8](https://www.youtube.com/watch?v=ZBVUJVBNsZ8)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=K3UHLKXZY4U](https://www.youtube.com/watch?v=K3UHLKXZY4U)

AVMAG #241
 KW Hi-Fi
 (48) 3236.3385
 US\$ 8.700

NOTA: 85,0



ESTADO DA ARTE

**Nossa nova série de cabos não recebeu esse nome por acaso.
 Ele realmente é uma referência e sua sonoridade é mágica!**



**Cabo de Interconexão
 Reference Magic Scope**



**Cabo de caixa acústica
 Reference Magic Scope**



**Cabo Digital
 Reference Magic Scope**

A Sunrise Lab ao desenvolver sua nova linha Reference Magic Scope, tinha como objetivo primordial possibilitar a todos um cabo Estado da Arte de alta compatibilidade e com um custo justo e acessível a todos.

Se você deseja um upgrade seguro e definitivo para o seu sistema, ouça-os.

CAIXA PARADIGM PERSONA B

Fernando Andrette



PRODUTO DO ANO
EDITOR



Tive que recorrer às minhas anotações pessoais para saber a última vez que testei um produto deste fabricante canadense de caixas acústicas. Foi em 1999! O ano em que lançamos nossa metodologia e gravamos nosso primeiro disco, o Genuinamente Volume 1 - Sound Stage.

Faz muito tempo, então tentar fazer algum paralelo entre aquele produto e a Persona B é o mesmo que comparar carros nacionais dos anos setenta com os carros de agora.

Nem sequer as caixas da série Signature, lançadas há mais de uma década, eu ouvi em nossa sala de audição. Apenas breves audições em showrooms de lojas ou na casa de algum leitor.

A Paradigm sempre foi reconhecida por atuar na faixa de caixas de padrão intermediário, e foi aí que ela cresceu em termos globais e conquistou sua fatia de mercado. Por isso foi com surpresa que recebi a solicitação do Edmar Hashioka para ouvir e testar a nova linha, batizada de Persona, que coloca a Paradigm em outro nível, acima, e pronta para brigar com outros fabricantes de peso como Focal, Dynaudio, etc.

A série Persona começa com a bookshelf Persona B, na faixa de 7 mil dólares (nos Estados Unidos) e acaba com a coluna Persona 9H, ativa, por 35 mil dólares. Entre a bookshelf e a torre ativa existem colunas passivas e um canal central.

A Paradigm, sabendo da briga de gigantes que enfrentaria, usou toda a sua expertise de maior fabricante de caixas acústicas Canadense e investiu muito em novas tecnologias e soluções realmente inovadoras. A Persona B utiliza um tweeter de berílio de 1" e um woofer, também com cone de berílio, de 7". Sendo até este momento o único fabricante a utilizar o berílio em um cone de falante de médio-grave. Outro diferencial, segundo o fabricante, é o uso em todos os falantes da tecnologia ART (Active Ridge Technology): uma bobina de 1,5 polegadas moldada diretamente no cone do falante, essa tecnologia permite excursões do cone maiores e mais lineares, para uma menor distorção.

Outra tecnologia utilizada na linha Persona é o sistema shock-mount que consiste em utilizar insertos e juntas de borracha para isolar o falante de médio-grave do gabinete. O tweeter de ➤

ÁUDIO

1 polegada possui um diafragma de berílio Truextent, um imã de neodímio, e esta envolto em seu próprio gabinete para isolá-lo do falante de médio-grave.

O berílio é utilizado por diversos fabricantes de caixas hi-end por serem muito leve e rígido. E com uma distorção de sinal muito baixa. Em uso em conjunto com a tecnologia ART, a Paradigm diz ter conseguido, nesta nova série, resultados muito acima do normal!

Os diafragmas de berílio são feitos pela Materion, que produz pra diversos fabricantes de áudio. As caixas são montadas em Mississauga, na província de Ontário (veja os vídeos que disponibilizamos).

A caixa possui um acabamento primoroso, gabinete com curva na parte de trás para o cancelamento de suas ondas estacionárias, produzido com sete camadas de composite de madeira prensada, mantidas unidas por um adesivo especial utilizado também pela indústria aeroespacial.

A caixa possui um pórtico na parte de trás, logo acima dos terminais de caixa de altíssimo padrão e que possibilitam o uso da caixa biamplificada ou bicabladada. As caixas Personas estão disponíveis em vários acabamentos, sendo que a que veio para teste foi em branco metálico. Outro detalhe que chama muito a atenção é a tela em metal com defletores e lentes PPA, que lembram uma mandala, dando um acabamento de luxo as caixas e tendo a função de maior linearidade na reprodução de foco e recorte.

As Personas B foram recebidas lacradas. Para o teste utilizamos os seguintes equipamentos - amplificadores integrados: Sunrise Lab V8 MkIV e Audio Research VSi75. Powers: Audio Research Ref 75 SE e Hegel H30. Pré-amplificadores: Dan D'Agostino e Ref 6 da Audio Research. Sistema digital: dCS Scarlatti e Hegel HD30. Analógico: pré de phono Tom Evans Groove+, toca-discos Air Tight, braço SME Series V e cápsula Transfiguration Proteus. Cabos de caixa: Transparent Reference XL MM2, e Sunrise Lab Quintessence. Cabos de interconexão: Ortofon Reference Black, Sax Soul Ágata, Sunrise Lab Quintessence (leia teste 5 na edição 245), Timeless Guarneri e Transparent Opus G5.

Pessoalmente não gosto de ler nenhum teste do produto que estou testando, pois gosto de comparar minhas observações finais apenas quando acabei integralmente o teste. Mas como um amigo meu veio ouvir a caixa, ele me comentou que um site de nome 10 Audio havia testado a caixa e detonou o produto, a ponto de acabar o teste com a seguinte frase: "Este teste aqui foi mais curto por um bom motivo. Houve um forte desejo de desligar o sistema e encerrar a audição". Aí aguçou minha curiosidade em conhecer outras avaliações de sites ou revistas mais conceituados. E cheguei à seguinte conclusão: o articulista do site 10 Audio recebeu uma caixa com defeito, pois suas

conclusões não batem com a de nenhum outro articulista que ouviu a Persona B e muito menos batem com as minhas observações.

Mas vamos por etapas. A Persona B necessita de estar muito bem instalada em um pedestal em que o tweeter fique ligeiramente acima do ouvido. Ela gosta de trabalhar com um ligeiro ângulo voltado para o centro do ponto ideal de audição e necessita de respiro, tanto em relação às paredes laterais, como a parede às costas da caixa. Outro cuidado extremo é com a distância entre as caixas, que não deve nunca ser inferior a 2,00 metros, pois a quantidade de energia que os falantes de médio-grave proporcionam entre as caixas é impressionante!

Os falantes de berílio necessitam de uma longa queima, e quando digo a você longa, estou falando acima de 400 horas (o articulista da 10 Audio amaciou por 200 horas). Outro cuidado: não é pelo fato da caixa ter uma sensibilidade boa (92 dB em sala de audição e 89 dB em câmera anecóica) que amplificadores de 10 Watts serão bem vindos (o articulista da 10 Audio insistiu no uso de dois amplificadores valvulados de baixa potência). E, por último os cabos de caixa precisam ser de alto nível.

A caixa vem de fábrica com um par de jumpers de bom acabamento, mas muito abaixo do que a Persona B pode render com um bom par de jumpers feitos de cabo de boa qualidade. Eu utilizei o da Sunrise Lab, de excelente construção e bastante neutro, mas existem muitas excelentes opções no mercado. E, em uma caixa deste nível, a substituição dos jumpers originais é essencial para quem vai usar a caixa monocabladada.

Com todos esses cuidados, digo a você leitor que sua satisfação com essa estupenda bookshelf será total! Pois suas qualidades sonoras são admiráveis.

Mas, antes de se atingir o nirvana sonoro que a Persona B é capaz de oferecer, existe o obstáculo chamado: longa queima. As primeiras 100 horas são absolutamente sofríveis, pois os falantes oscilam muito. Hora abrem, hora escurecem, como se fosse uma roda gigante. Capaz de levar os afoitos a roerem todas as unhas dos pés e das mãos. E, acreditar nessas primeiras 100 horas que daquele patinho feio saia um cisne é tarefa para audiófilos de muita rodagem.

Uma dica importante: mesmo com todo esse processo caótico de amaciamento, o ouvinte atento imediatamente percebe que o grau de distorção desta caixa é tão baixo, mais tão baixo, que uma quantidade imensurável de informações estão presentes como nunca estiveram antes em nenhuma caixa que o audiófilo já tenha tido ou admirado!

E estou comparando esta qualidade com caixas que custam dez vezes mais que a Persona B! Um requinte de informações que, à medida que a queima vai estabilizando os falantes, só torna as audições cada vez mais cheias de surpresas agradáveis! ➤

O fabricante fala que a caixa desce a 50 Hz, e pode parecer pouco, no primeiro momento, mas a impressão é que a caixa desce pelo menos a 40 Hz, pois à medida que o falante de médio-grave abre, o corpo do médio baixo é simplesmente excepcional.

Essa mudança de comportamento geral nos médios e médios-graves ocorreu por volta de 240 horas. Daqui em frente, o que faltava abrir eram aos agudos, acima de 3 kHz, que ainda eram tímidos e com muito pouco corpo. Mas grande parte da informação na região média já era assustadoramente de alto nível, tanto em termos de naturalidade, como de qualidade de informação e inteligibilidade.

Com 300 horas, outro fato marcante ocorreu: o grau de energia e a apresentação do acontecimento musical entre as caixas ganharam uma energia que eu só tinha visto até então nas bookshelf Boenicke W5SE. Nenhuma outra bookshelf por nós testados teve essa característica tão evidente.

Aí muitos dos nossos leitores devem estar se perguntando: "o que eu desfruto com essa energia a mais entre as caixas?". Você irá desfrutar desta energia de duas maneiras, abaixando primeiramente o volume de todos os seus discos e posteriormente você verá seu conforto auditivo dobrar exponencialmente! Simples como um passe de mágica.

E para aqueles que necessitam ouvir em volumes reduzidos na calada da noite, esta é uma qualidade que a família em peso agradece.

Chegando às 350 horas, o tweeter finalmente desperta de seu sono profundo e passa a nos brindar com uma extensão, velocidade correta, corpo (que muitos reclamam que nos falantes de berílio são menores) e um decaimento exemplar!

As ambientes são apresentadas com um grau de fidelidade espetacular. Assim como o foco, recorte e planos. As caixas somem na sala, deixando-nos a sós com os músicos. O equilíbrio tonal pleno só foi atingido com 420 horas, e daí para frente a Persona B se estabilizou completamente.

Mas algo ainda me incomodava: algumas gravações de piano teimavam em dar uma 'beliscada', como se em alguma frequência na região de 3 kHz os harmônicos teimassem em saltar para à frente das caixas. Eram, para ser claro, três exemplos de solo de piano. Foi aí que resolvi trocar o jumper original pelo da Sunrise Lab. Eureka! Essa sensação de sobreposição sumiu e o palco sonoro ganhou ainda mais em largura, altura e profundidade. Mas o maior benefício da troca dos jumpers ocorreu na apresentação das texturas e no grau de naturalidade e conforto auditivo.

Como já mencionei, algumas linhas acima, a baixa distorção dessas caixas deverá se tornar um sério problema para a concorrência. Pois é

audivelmente superior, ao ouvir músicas com maior número de instrumentos e com variações dinâmicas complexas, a qualidade e o grau de inteligibilidade que a Persona B oferece. Mesmo em gravações mais limitadas tecnicamente, o grau de informação é muito maior.

Esse baixo índice de distorção dá às caixas Persona B uma folga e um conforto auditivo difíceis de serem superados. O que me levou a solicitar ao importador que nos envie assim que possível uma coluna (pode ser a 5F ou a 7F), para tirar uma dúvida.

Esse baixo índice de distorção é do falante de médio-grave de berílio, ou também estará presente nas colunas em que o grave é de cone convencional? Fiquei realmente com essa dúvida, pois determinados resultados que escutei me pareceram muito mais do cone de berílio do que da tecnologia ART. Quando testarmos alguma das colunas da série Persona, dividirei com vocês minhas conclusões.

Outra vantagem do baixíssimo nível de distorção desta série é na reprodução de micro e macro-dinâmicas. Pois as resoluções parecem muito mais precisas e nos ajuda a compreender o grau de dificuldade de diversas obras. E ainda que haja a limitação física da caixa e do falante de 7 polegadas, a apresentação de macro-dinâmica é exemplar e referencial para a maioria das bookshelves de duas vias. Muitos leitores reclamam que ainda que suas salas estejam muito mais condizentes com caixas book, resistem a ir nesta direção pelo fato do corpo dos instrumentos ser diminuto nessas caixas. E que é difícil conviver com essa limitação.

Concordo com a maioria desses leitores. Pois ouvir todos instrumentos como se fossem pizza brotinho, espalhados no palco sonoro, não ajuda em nada nosso cérebro a esquecer que estamos em uma reprodução eletrônica. Mas já existem diversas bookshelves que driblaram este problema com maestria. E entre essa nova geração, temos que acrescentar a Persona B. Talvez até o momento a melhor book para a reprodução de corpo harmônico que testamos!

E chegamos ao nosso penúltimo quesito - Organicidade - ou seja, a capacidade do produto em teste de materializar o acontecimento musical na nossa frente. Em gravações de excelente qualidade técnica isso não é nenhum mistério. Mas em gravações boas ou medianas? Quem se habilita? A Persona B não só se habilita, como mostra como pode ser bem feito.

Nas gravações primorosas ela nos deixa os músicos quase que palpáveis, e nas gravações boas, nos coloca frente a frente com os solistas.

CONCLUSÃO

Recebemos a Persona B com interesse em conhecer que caminho a Paradigm havia escolhido para galgar o degrau dos fabricantes mais top, e acabamos o teste, certos de que a Paradigm acertou em cheio. ➤

ÁUDIO

E vai causar um baita problema para a concorrência. Escreva aí o que eu estou dizendo. O produto é bem acabado, possui um grau de compatibilidade muito alto e uma performance impressionante! É, junto com a Boenicke W5SE foi a bookshelf que mais nos impactou pela capacidade de nos fazer crer que é possível sim, em um espaço de até 25 m², conviver com uma bookshelf sem sentir falta de nada.

Enquanto a W5SE desce mais, possibilitando o uso em salas até um pouco maiores, a Persona B contra-ataca com uma sensibilidade maior, o que permite um leque de opções de amplificadores bem mais abrangente.

Uma caixa que alia design, tecnologia e performance para ser a nova referência do mercado de books top!

Preciso dizer mais alguma coisa?

Se você pensa em uma caixa Estado da Arte para o seu sistema, e seu espaço é reduzido, mas não abre mão da melhor fidelidade e resolução possível, ouça a Persona B.



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=Q-5X6QIHYEC](https://www.youtube.com/watch?v=Q-5X6QIHYEC)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=Nv6Wk2XENAC](https://www.youtube.com/watch?v=Nv6Wk2XENAC)

AVMAG #244
 Mediagear
 (16) 3621.7699
 R\$ 48.000

NOTA: 89,0



ESTADO DA ARTE

CAIXA ACÚSTICA DYN AUDIO CONTOUR 60

Fernando Andrette

A Dynaudio está gradativamente revendo todas as suas linhas, suprimindo algumas e dando um upgrade geral nas séries mais famosas. Esse é o caso da linha Contour, que passou por uma transformação total. A sensação que tive ao receber a nova Contour 60 para teste é que em nada a nova geração lembra as antigas Contour 1.1, 1.3, 1.8, 3.0 ou 5.4. A estratégia que me pareceu clara, com tamanho salto, foi aproximar essa linha ainda mais da linha Confidence em termos de performance, porém com valores mais acessíveis. Tornando a vida da concorrência bastante complicada.

A Contour 60 é uma coluna de grandes dimensões e um design conservador, mas imponente. A nova Contour utiliza o famoso tweeter Esotar 2, antes só disponível na linha Confidence, e novos woofers de extensão prolongada. O crossover, agora de primeira ordem, também sofreu profundas transformações em relação às séries anteriores, agora com o uso de capacitores Mundorf. A fiação também foi toda revista. Porém, fora todas essas alterações internas, o que mais chama a atenção é seu novo gabinete, com as difrações de altas freqüências reduzidas ao máximo, para uma audição fora do eixo muito melhor e mais equilibrada.

A maior parte do gabinete é de MDF revestida externa e internamente - agora no gabinete da linha Contour as paredes laterais são ligeiramente curvas, e suas paredes bem espessas de 1,5 polegadas

(painel traseiro), 1 polegada (painel frontal) e 0,75 polegadas (as laterais). O painel frontal, onde são fixados os falantes, recebe uma folha de alumínio extrudado de ½ polegada, o que deixou não só a caixa visualmente mais bonita e bem acabada, como também tem a propriedade de deixar o gabinete absolutamente inerte a colorações.

Convivi anos com a Confidence 5 e com a Temptation e seus woofers de 6 a 7 polegadas, e confesso que tomei um susto ao desembalar a caixa e me deparar com dois woofers de 9 polegadas (algo inédito para a marca). O falante de médio de 6 polegadas não teve só mudanças externas mas também internas, segundo o fabricante, com uma nova aranha assimétrica para melhor simetria no sistema de vibração e novas bobinas com 24% a mais de diâmetro - para que tanto o falante de médio e os woofers consigam trabalhar com maior volume e melhor dispersão de calor das bobinas.

Em números, temos uma potência nominal de 390 Watts, sensibilidade de 88 dB (2,83 V/1 m), impedância nominal de 4 Ohms, resposta de freqüência de 28 Hz a 23 kHz (mais ou menos 3 dB), e freqüência de corte em 220 e 4500 Hz.

São seis acabamentos, como cetim claro de nogueira, carvalho marfim, carvalho cinzento alto brilho, laca de piano preto ou branco, e jacarandá escuro de alto brilho. Essa imponente caixa pesa 53kg! ➤

O modelo enviado para teste lacrado foi em laca de piano preto. Por quase duas décadas foi o acabamento mais solicitado do mercado de caixas hi-end. Nos últimos anos começam a aparecer novas tendências, o que indica que voltamos a sair do lugar comum. Eu gosto muito de madeira natural, não sou muito fã de caixas acústicas pretas, então torço para que essa nova tendência se estabeleça e voltemos a ver caixas hi-end com acabamentos mais diversos.

Tínhamos sessenta dias para o teste e, conhecedor do longo período de amaciamento dos produtos deste fabricante dinamarquês, eu não perdi um segundo. A transportadora entregou, desembalamos e a colocamos em uma primeira audição imediatamente. Meu amigo, vou dizer uma coisa: foi a caixa mais torta da Dynaudio que tiramos da caixa e escutamos. Foi um susto. Aqueles baita woofers de 9 polegadas e o som engessado só com médio-grave e médio. Um agudo tímido e sem extensão. Tínhamos, naquele momento, dois powers também em queima: o da Emotiva XPA 2 e o M1 da CH Precision.

Ligamos as Contour 60, uma de frente para a outra, invertemos uma fase, cobrimos com um velho e surrado edredon e a deixamos em queima por seis dias ininterruptamente. Com pressão sonora de 90 dB! Tocando órgão de tubo, noite e dia! Quando sentamos para escutar novamente, foi outra caixa, literalmente!

Então, a todos que estão coçando os dedos para ouvi-la, uma dica fundamental: não percam seu tempo em ouvir elas antes de pelo menos 100 a 120 horas de queima. É uma transformação da água para vinho!

A qualidade dos seus graves eu só escutei na Temptation e na Platinum. Descem com uma autoridade, peso e deslocamento de ar, que encanta e convence que cada centavo investido será recuperado em audições memoráveis. Muitos audiofilos vêem muitos méritos nas caixas Dynaudio, mas seus críticos costumam reclamar que, para o seu gosto, os graves soam secos ou com menos corpo. Pois àesses eu digo: escutem essa nova Contour 60. Até eu que convivi com Dynaudio por 20 anos me surpreendi e aprovei a mudança! Os bumbos, tímpanos conseguem ter a velocidade, com um decaimento muito mais homogêneo e com mais corpo.

Com isso o médio-grave também foi favorecido por essa nova assinatura sônica, apresentando corpo e decaimento muito mais fidedigno. A região média de todas as caixas Dynaudio sempre foi muito correta, com excelente transparência, naturalidade e velocidade. A nova Contour 60 não foge a essa regra. Sempre apreciei essa virtude tanto em vozes como em instrumentos acústicos. E sua neutralidade nesta região sempre causou muita controvérsia, pois são caixas muito explícitas e, portanto, muito dependentes da qualidade da eletrônica e dos cabos.



PRODUTO DO ANO
EDITOR

ÁUDIO

A qualidade do tweeter também não me causou surpresa alguma, já que convivi por quase uma década com o Esotar 2. Gosto demais da assinatura sônica deste tweeter de domo de tecido. Muito correto, excelente velocidade, transparência e corpo. Novamente, como na região média, sua performance depende muito da qualidade dos cabos de caixa e da eletrônica. Minha experiência mostrou que ele é muito suscetível ao uso de prata, preferindo um bom cabo de cobre OFC.

Pelo seu volume e porte, a Contour 60 é uma caixa que precisa de sala e respiro. Não gosta de trabalhar próxima à parede e nem tampouco com distâncias menores que 2,80m entre as caixas. Na nossa sala de testes ela ficou a 1,98 m da parede as costas da caixa, 1,50 das paredes laterais, 3,40 entre elas e com um toe-in de apenas 15 graus.

O sistema utilizado para o fechamento das notas, em todos os quesitos da metodologia, foi: powers Hegel H30 e CH Precision M1. Pré-amplificadores Dan D'Agostino e CH Precision L1. CD-Player: sistema dCS Scarlatti e CH Precision C1. Cabos de caixa: Quintessence (leia Teste 4 na edição 240) e Transparent Reference MM2.

Com 280 horas de queima, a Contour 60 finalmente estabilizou. Você terá absoluta certeza de que o amaciamento chegou ao fim quando você tiver a imagem sonora estabilizada, tanto em termos de largura, como profundidade e altura. Enquanto você tiver mais largura do que profundidade, ainda o amaciamento não terminou. E, se não terminou, esqueça tentar posicionar as caixas, pois você fatalmente terá que mexer novamente depois de todo o amaciamento.

Em termos de profundidade, quando a caixa tem respiro a sua volta em relação às paredes, a Contour 60 é espetacular. As caixas soem na sala de audição! Seja escutando uma grande orquestra ou um pequeno grupo de câmera! E, se você tem equipamento e sala, a pressão sonora nos 'tutti' e o deslocamento de ar são arrebatadores! Você sente a energia escorrer pelo chão da sala e subir pelas pernas.

Sua neutralidade na região média e sua transparência permitem ao ouvinte observar a técnica vocal de cada cantor, a forma como ele utiliza o diafragma ou sustenta as notas. Assim como extraír o sumo de cada textura, tanto em termos de intencionalidade, como na técnica e qualidade do músico e do instrumento. Em excelentes gravações, essas nuances se tornam proeminentes e nos levam a desejar ouvir várias vezes aquela passagem, para memorizar auditivamente aquele detalhe. Todos gostamos de sermos surpreendidos por nuances que não havíamos notado antes em nossos discos favoritos, não é verdade? E a Contour 60 é expert em tirar esses 'coelhos da cartola'.

Um equilíbrio tonal corretíssimo, um soundstage primoroso, texturas palpáveis, energia, tempo e ritmo que nos colam à cadeira, e temos uma síntese exata das qualidades da Contour 60.

Mas não acaba aí. A Contour 60 possui um fôlego e uma autoridade bem rara em sua faixa de preço, que é fundamental para a audição de grandes obras sinfônicas. Se você busca uma coluna com essa qualidade, a Contour 60 precisa estar na sua lista de audições. Fizemos audições de música sinfônica realmente comprometedoras até mesmo para colunas muito mais caras, e a condução desses exemplos foi exemplar! Folga, controle absoluto, mesmo nas passagens mais complexas, sem nenhum desconforto ou endurecimento do sinal. Foi a qualidade que mais nos encantou e surpreendeu!

CONCLUSÃO

A Dynaudio a cada novo upgrade de suas linhas é capaz de surpreender sempre. A paixão que os moveu a construir caixas quase que artesanalmente nos primeiros anos da empresa, parece ainda ser o combustível que move seus profissionais em busca da perfeição.

Minha primeira caixa da marca foi exatamente uma Contour 1.8, que comprei em 1995. Me apaixonei ao ouvir alguns detalhes que não tinha escutado em nenhuma outra caixa até aquele momento. Pois bem, duas décadas depois volto a me encantar, agora com o salto 'quântico' dado pela nova geração Contour Século 21! Uma caixa que possui uma relação custo e performance espetacular!

Uma caixa Estado da Arte, que pode perfeitamente ser sua referência por muitos e muitos anos!



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=NzBHFG_JAUU](https://www.youtube.com/watch?v=NzBHFG_JAUU)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=W7XFRPLQWIA](https://www.youtube.com/watch?v=W7XFRPLQWIA)

AVMAG #240
 Impel
 (11) 3582.3994
 R\$ 69.650 (o par)

NOTA: 93,0



ESTADO DA ARTE

CAIXA ACÚSTICA NEAT ULTIMATUM XL6

Fernando Andrette

Quando o Fábio Storelli da German Audio me ligou falando que havia pego a representação da Neat para o Brasil, minha primeira reação foi de enorme satisfação, pois sempre admirei muito a marca. Tivemos a oportunidade, com o antigo distribuidor, de testar todos os produtos das linhas Motive e Momentum, porém jamais tivemos acesso à linha Ultimatum, a top desse renomado fabricante inglês.

A Neat, desde o início de suas atividades, encontra-se na zona rural de Teesdale, no norte da Inglaterra. Lá é feito todo o desenvolvimento dos produtos, desde os falantes até os gabinetes. O objetivo dos dois sócios fundadores (ambos músicos e produtores musicais), foi de oferecer ao mercado audiófilo caixas com a melhor 'musicalidade' possível! E que esta assinatura sônica estivesse presente em todos os modelos!

Lembro-me do olhar incrédulo de quase 100 participantes do nosso Curso de Percepção Auditiva, realizado no Hi-End Show de 2010, no Rio de Janeiro, quando coloquei para tocar as Motive 2, uma pequena coluna de menos de 80 cm de altura, de duas vias, que encheu a sala de música com autoridade e enorme inteligibilidade! Parodiando um antigo comercial de sutiã: "a primeira audição de uma Neat, você jamais esquece".

Dezenas dos nossos leitores, ainda que já tenham realizado upgrades, sempre falam de suas Neats com enorme respeito e muitos ainda mantém a caixa em seus sistemas atuais. Amigos meus músicos são cinco, que estão com suas Motives faz quase uma década, sem planos de mudança.

Para você que está chegando agora, amigo leitor, se for curioso o suficiente, tenho a mais plena certeza que colocará esta marca na sua lista de caixas a serem escutadas. Posso escrever centenas de linhas falando de minha relação com todas as caixas que já ouvi, tive e testei da Neat, mas o melhor mesmo é você ouvi-las, para tirar suas próprias conclusões. Gosto de observar o semblante de desconfiança de todos que olham para aquela pequena coluna de duas vias, até com um certo desdém - até começarem a tocar. Nunca presenciei ninguém ficar impassível ao primeiro contato, jamais! Todos, depois da audição, se aproximam da caixa e a olham minuciosamente, na tentativa de desvendar se existe algum falante escondido.

Mas, antes de voltarmos ao teste da Ultimatum, falemos um pouco da filosofia deste fabricante aos nossos novos leitores. Como seus fundadores são músicos, o primeiro objetivo traçado foi de propiciar aos ouvintes a oportunidade de experimentar a música eliminando



PRODUTO DO ANO
EDITOR

ÁUDIO

todo tipo de artifício estabelecido entre toda a cadeia de gravação (da captação até à masterização final). Os projetistas partiram do ponto de vista do ouvinte acompanhando os músicos, dentro da sala de gravação. Para se atingir tão difícil objetivo, cada caixa é gradualmente desenvolvida por um processo que eles chamam de imersão musical, em que cada protótipo é ajustado por longas audições, com diversos gêneros musicais, por meses a fio! Esse processo conta com a participação de todos os funcionários da Neat e não apenas dos projetistas.

Mas o veredicto só será dado baseado estritamente na sua performance musical, e não critérios técnicos ou de gosto pessoal. Isso explica o fato da ficha técnica de todos os produtos não identificar a resposta de frequência deles. Os componentes que não são desenvolvidos na própria fábrica são desenvolvidos em parceria com acompanhamento de um funcionário da Neat no momento da fabricação, e mesmo esses componentes ainda sofrem modificações no ajuste fino do produto.

Atualmente a Neat possui as seguintes linhas: Iota (Alpha e Xplorer), Motive (SX3, SX2 e SX1), Momentum, e Ultimatum (XLS, XL6 e XL10). O projeto Ultimatum foi um sonho do fundador Bob Surgeoner, e teve seu primeiro esboço em 1995, como um projeto sem compromisso, com o objetivo de oferecer o melhor de dois mundos: uma caixa monitora de estúdio com o refinamento de uma caixa de referência hi-end. O projeto foi batizado de Ultimatum MF-9, e possuía alguns atributos de desenvolvimento com cavidades separadas para cada falante, em uma configuração D'Appolito, e empregando unidades de acionamento do grave apontado para baixo.

Esse modelo foi lançado em 2001, com grande sucesso de crítica e público. Logo depois a Neat lançou os modelos menores: MF5 e MF7. Em 2012, Bob reviu todo o projeto, avançou nas áreas que ele achava que podiam ser aprimoradas, e lançou a nova série Ultimatum. A XLS é a book, que conta com cinco falantes (dois super tweeters na base em cima da caixa, um tweeter de domo, um falante de médio-grave visível no gabinete, e um falante interno atrás deste visível).

O modelo enviado para teste, o XL6 é uma coluna de 1 metro de altura com sete falantes: os mesmos dois super tweeters EMIT tipo fita na parte de cima do gabinete, o tweeter de domo de tecido e o falante de médio frontais, e dois woofers apontados para baixo de graves isobáricos. O painel, com os dois falantes frontais, é de bétula ultra-rígido, e o gabinete de desacoplamento e câmeras de isolamento interno de cada falante de MDF.

O gabinete comprehende cinco cavidades internas, cada uma otimizada. Os gabinetes para os falantes de médio e de graves são grandes

(isso explica a profundidade e o peso da caixa) e os gabinetes dos agudos são pequenos para aumentar a rigidez e não sofrer a pressão interna dos drivers de médio e de graves. Os dois super tweeters estão isolados integralmente do resto do gabinete.

As especificações técnicas são minimalistas, como de todos os produtos deste fabricante, vamos a elas: o tweeter frontal é uma unidade de cúpula de tecido Sonomex 26XL. As duas unidades de super tweeter são EMIT 25mm planar/ribbon. A unidade de médios de 186 mm é fabricada pela Neat com um plug de alumínio. E as duas unidades de grave de 168mm também são produzidas pela Neat com cone de papel prensado. As dimensões da caixa são: 1 metro de altura, 22 cm de largura e 37 cm de profundidade. Peso: 34 kg.

O fabricante apresenta a Ultimatum como uma caixa de matriz de múltiplas câmaras, com cavidade interna isobárica e com super tweeters de disparo ascendente. Sua sensibilidade é de 87 dB, potência recomendada do amplificador de 20 a 200 watts, impedância de 8 Ohms e mínima de 5 Ohms. E nenhuma dica sobre a resposta de frequência (como disse, eles jamais especificam em nenhum modelo). O fabricante disponibiliza os seguintes acabamentos: Carvalho preto, Noz, Carvalho, Vidoeiro. Existem mais três opções com consulta à fábrica. O modelo enviado para teste foi o em Vidoeiro.

Com cuidado, a desembalagem pode ser feita sozinho, e neste caso recomendo apenas que o usuário siga as instruções do fabricante e as desembale em pé, e não com a embalagem deitada. E para a colocação da base de ferro, deite a caixa cuidadosamente com uma das proteções de isopor, para não riscar o fino acabamento. O fabricante disponibiliza as chaves para a colocação das bases.

Chamaram a atenção os spikes não serem pontiagudos (os pisos e as 'caras-metades' certamente aprováram).

Olhando aqueles seis falantes (quatro visíveis e dois não), enquanto instalava a caixa, fiquei pensando com os meus botões: "deve demorar uma barbaridade para amaciar" - ao contrário das Motives, que depois de algumas horas já saiam tocando e encantando! Ledo engano: ainda que a caixa esteja toda engessada nos extremos, ela possui o mesmo DNA das Motives e aquela magia musical da região média está presente desde o primeiro momento.

Pesquisando nos fóruns internacionais, e em dois testes que li em revistas européias, o tempo de amaciamento é superior a 250 horas. Era essa a minha impressão, que esta caixa precisaria de no mínimo 300 horas para mostrar todo o seu potencial. Assim fiz minhas primeiras anotações, e as deixei queimando ininterruptamente por 100 horas.

Para o teste utilizamos nosso sistema de referência, e também o integrado da Audio Research (publicado na edição passada), e no analógico a estupenda cápsula Sumile (leia Teste 1 na edição 246). Os cabos de caixa foram: Transparent Reference XL MM2 e Sunrise Lab Quintessence bi-wire.

À medida que a queima foi avançando, a comparação com os modelos inferiores foi se distanciando gradativamente. O salto em relação às duas séries abaixo é muito grande. Não só em termos de performance como em relação à filosofia da Neat. Nas linhas Motive e Momentum, os objetivos são muito claros: oferecer ao consumidor um produto com um grau de musicalidade e prazer auditivo a um custo muito competitivo. Na serie Ultimatum, esses horizontes se alargam a perder de vista! Pois o compromisso em termos de performance, aqui é outro!

Esta série foi desenvolvida para aquele audiófilo que está à procura de sua caixa Estado da Arte definitiva, e busca incansavelmente uma caixa que alie precisão, musicalidade, inteligibilidade e imersão absoluta no acontecimento musical, sem artifícios ou desvios.

O que eu chamo de artifícios ou desvios são aquelas caixas que pontualizam ou priorizam determinados gêneros musicais ou dão maior ênfase a um determinado quesito. As XL6 não desviam um centímetro da proposta inicial de seu criador, pois ela leva um passo adiante a proposta da filosofia inicial de Bob, de oferecer as melhores características de um monitor de estúdio, com o refinamento de uma caixa de referência hi-end! Talvez por limitações de custos e faixa de mercado, nenhuma série abaixo da Ultimatum consiga levar tão a cabo este propósito.

Na série Ultimatum estes entraves foram colocados de lado, e o resultado é simplesmente impressionante! Aqui Bob conseguiu dar forma às suas ideias de tal maneira que, à medida que a caixa vai amaciando, o ouvinte - como em um bom romance - vai descobrindo todas as nuances e facetas do personagem e a criatividade e riqueza de detalhes do autor. Em um bom romance, as surpresas vão surgindo a cada novo capítulo! Nas XL6 ocorreu o mesmo.

Primeiro você descobre que os graves apontados para baixo possuem a dispersão e o controle ideal mesmo para salas não tratadas acusticamente. Isso com 180 horas de amaciamento, pois nas 200 horas os super tweeters desabrocham e você percebe que a qualidade na apresentação de ambientes é tridimensional. Com detalhes e nuances da sala de gravação raramente reproduzidos pelas caixas ditas de referência do mercado!

Com um detalhe muito peculiar, você consegue ouvir o ar e rebatimento de teto da sala de gravação, e esse resultado psicoacústico engana nosso cérebro, nos colocando literalmente na sala de gravação! O ambiente da sala nos envolve, convidando para uma imersão literal e não apenas imaginativa!

Com 250 horas o equilíbrio tonal se encaixa, os médios recuam e os planos se estabelecem em uma cirúrgica apresentação do foco e recorte. E, com 300 horas, a cereja do bolo: uma apresentação realista das texturas e da materialização física do acontecimento musical! Para ser justo com as XL6, sua nota de textura será até maior que a de musicalidade, que também é muito alta.

Nas séries abaixo, musicalidade sempre foi a nota que mais se destacou em todos os produtos por nós testados. Nas XL6, esse quesito é evidente, mas as texturas - graças ao equilíbrio tonal da caixa - se tornaram o quesito mais admirado. A apresentação da paleta de cores, e o grau de realismo de intencionalidade, são soberbos!

O grau de compreensão da dificuldade técnica da obra e virtuosidade do executante nos leva a reouvir todas as gravações que mais apreciamos. Esse realismo e essa performance certamente são frutos da expertise de Bob como músico e produtor musical, pois estão muito fora do conhecimento de um projetista de caixas acústicas sem a vivência de anos a fios dentro de uma sala de gravação!

Já citei inúmeras vezes que nas nossas gravações da Cavi Records eu fico dentro da sala com os músicos, tentando memorizar cada momento de cada um dos músicos ali presentes.

Saio daquele momento e anoto tudo o mais rápido possível, para no momento da mixagem tentar manter a maior fidelidade possível do que foi capitado. Desde a posição de cada instrumento na sala, até a variação dinâmica utilizada. Se vocês ouvirem atentamente nossas gravações, entenderão o que estou tentando descrever. Nas XL6, esses detalhes são recuperados minuciosamente e com um grau de fidelidade espantoso!

A única característica similar às séries abaixo é em termos de tamanho da caixa e sua performance. Pois, como acontece com todas as Neats, o audiófilo desavisado olhando uma caixa com apenas 1 metro de altura não imaginará o que aquela pequena coluna é capaz de nos oferecer.

Ainda que o fabricante não especifique, a XL6 desce tranquilamente à 35 Hz e deve passar de 25 KHz. A reprodução dos tiros de canhão da *Abertura 1812* de Tchaikovsky é de nos fazer pular da cadeira, tamanha o susto! Órgãos de tubo sobem pelas pernas e o solo do sax barítono do Ron Carter pressionando nosso peito!

ÁUDIO



A todos que ouviram, a cara de espanto era imediata ao presentarem a autoridade com que essas Neat se comportam em qualquer situação de extrema variação dinâmica. Não há como intimidá-las ou fazê-las recusar algum gênero. Elas aceitam qualquer desafio, sem nenhuma distinção.

Revisitando o tema do nosso Editorial do mês passado, a respeito de folga e perfeito equilíbrio tonal, as XL6 tocaram com desenvoltura todos os discos que sugiro no nosso artigo Opinião deste mês, que batizei de "Os Intocáveis". Os sete discos passaram como pêra doce nas mãos das XL6, mostrando que sua compatibilidade com gravações tecnicamente ruins é total!

Um amigo baterista que possui as Motive 2, ao escutar nas XL6 alguns solos de bateria e de percussão japonesa, ficou impressionado com a precisão e fidelidade dos transientes da caixa. Ele julgava a resposta de transientes perfeita, até ouvir suas gravações de referência nas XL6. Ele notou algo que só um músico (baterista) poderia observar: que muitas excelentes caixas possuem uma reprodução de transientes admirável. Porém nas XL6 há um certo preciosismo que alia velocidade, autoridade e fidelidade. Demorei em entender sua explanação, a respeito da 'fidelidade', pois quanto mais ele me explicava mais eu entendia que na verdade o que ele estava a observar era a soma da fidelidade tonal com a fidelidade na apresentação das texturas. Quando mostrei gravações destes dois quesitos para ele, aí

sua ficha caiu e ele compreendeu que a fidelidade na apresentação dos transientes era consequência desses dois outros quesitos! Essa é outra virtude que encontramos apenas em produtos superlativos, produtos que nos fazem balançar a cabeça de satisfação e abrir um largo sorriso em um misto de surpresa e alegria.

Sim, meu amigo, aí está a grande magia deste universo, feito por pessoas dedicadas, que desejam mostrar ao mundo seu ponto de vista, compartilhar suas descobertas e encontrar ressonância em alguns que buscam essas características para ouvir seus discos preferidos.

Se são dezenas ou centenas, não importa. O importante é que existem produtos que encantam tanto que a surpresa estará presente por muitos e muitos anos! As XL6 são literalmente um ultimato a todos que desejam definitivamente encerrar a busca pela caixa acústica ideal! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=OUG_GNBDOHO](https://www.youtube.com/watch?v=OUG_GNBDOHO)

AVMAG #246
 German Audio
contato@germaniaudio.com.br
 R\$ 85.140

NOTA: 96,5



ESTADO DA ARTE



pilgrim



AV GROUP

Novo Contato:

📞 +55 11 3034-2954

contato@avgroup.com.br

avgroup.com.br

O AV Group traz ao Brasil a URC, uma das indústrias pioneiras em sistemas de controle e automação. Completo com controladoras, touchpanels, controles remotos Wi-Fi, sensores e sistemas de multi-room por IP a URC oferece uma solução completa para residências dos mais diversos padrões.

Todos os sistemas se integram nativamente com os sistemas de comando por voz Amazon Alexa e Google Assistant e com as mais respeitadas marcas do segmento como Lutron, Cool Automation, Sonos, Arcam, Emotiva, Lexicon, Zektor dentre outras.

Entre em contato e conheça mais sobre essa e outras marcas do nosso portfólio.

LUTRON.

JBL SYNTHESIS

Cool Automation

WOLF CINEMA

mark Levinson

RREVEL

METRA HOME THEATER GROUP

SI

EMOTIVA AUDIO CORPORATION

ZEKTOR

REL ACOUSTICS LTD.

ARCAM

NORDOST
MAKING THE CONNECTION

lexicon

ÁUDIO

SOUNDBAR SONY HT-S700RF

Jean Rothman



A grande maioria dos TVs de tela plana possuem qualidade de áudio muito inferior à imagem. O soundbar Sony HT-S700 vem preencher esta lacuna, oferecendo um som surround com qualidade, sem que seja necessário adquirir equipamentos mais caros e têm muitas vezes instalação e manuseio mais complicados.

DESIGN

O Sony HT-S700RF é composto por 3 componentes: um soundbar que compreende os 2 canais frontais e o central, um subwoofer ativo de 140W com woofer de 20cm de diâmetro, e 2 caixas surround no formato torre, com falantes de 2 vias. A barra central é bem fina, com 64mm de altura, totalmente recoberta por uma grelha metálica e possuindo furos em sua parte posterior para eventual fixação em paredes.

As caixas traseiras são bem finas e altas (1,20m), também recobertas por grelha metálica em toda a sua extensão. O subwoofer é também a unidade central do sistema, recebendo todos os cabos e interconexões com a TV. Também possui botões de operação e um painel com visor LED para visualização do volume e modos de áudio. Possui 1 porta HDMI para ser conectada ao canal de retorno de áudio da TV (HDMI-ARC). Também possui entrada para cabo óptico de áudio, entrada P2 para áudio analógico e aceita transmissão através de bluetooth.

Todas as conexões do soundbar, subwoofer e caixas surround são feitas através de cabos fornecidos com o equipamento e que não são destacáveis. Como o subwoofer deve permanecer perto da TV e do soundbar, é importante prever infraestrutura para acomodar ou ocultar os cabos até as caixas traseiras. O sistema suporta os formatos Dolby Digital e DTS.

O conjunto é muito bem construído e transmite bastante robustez.

RECURSOS

O soundbar Sony vem com controle remoto que permite ajustar o equipamento, selecionar entradas, controlar volume, intensidade do subwoofer, volume das caixas surround e escolher o modo surround desejado. Também está disponível um aplicativo para smartphones que permite configurar e controlar o aparelho. Achei muito mais prático configurar o sistema e ajustar as caixas surround através do aplicativo.

PERFORMANCE

Testamos o HT-S700 com alguns CDs de música, mídias Blu-Ray e também com diversos trechos de filmes e séries via Netflix através da conexão HDMI-ARC da TV. Começando com CDs de áudio estéreo, o som é bastante agradável, com boa inteligibilidade e extensão. Muito mais indicado para som ambiente do que para ouvir orquestras ou rock em altos volumes. Já nos filmes, tivemos uma ótima experiência, com as caixas surround preenchendo e envolvendo muito bem o espectador com muitos detalhes e nuances. O canal central é bastante competente na reprodução dos diálogos, com resultado muitíssimo superior ao dos falantes originais das TVs.

O subwoofer ajuda muito a encorpar os graves dos canais frontais e tem boa 'pegada' nos filmes. Deve-se usar o volume do subwoofer com cautela, pois no máximo ele 'embola' o som, prejudicando a inteligibilidade e clareza nos detalhes.

Cenas de ação tornam-se extremamente envolventes, criando um palco bastante imersivo ao nosso redor. A diferença entre assistir um filme somente com áudio da TV ou com um sistema 5.1 da Sony é incrível. Aliado a um excelente custo-benefício, certamente irá trazer uma nova experiência em assistir filmes.



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=NTDCQ7P6AT8](https://www.youtube.com/watch?v=NTDCQ7P6AT8)

AVMAG #247

Sony
www.sony.com.br
 R\$ 3.999

NOTA: 63,0



OURO RECOMENDADO

SISTEMA DE HOME THEATER 5.1 PIONEER HTP-074

Henrique Bozzo



INTRODUÇÃO

A Pioneer é uma empresa Japonesa de produtos eletrônicos, fundada por Nozomu Matsumoto em 1938. Tem como uma das principais acionistas a Apple, sendo a desenvolvedora dos filtros de áudio usados nos iPods e iPhones. Produz vários tipos de produtos, como alto-falantes, CD-Players, DVD-Players, e componentes eletrônicos para uso em computadores Apple, entre outros.

É uma marca mundial reconhecida pelos produtos de qualidade em vários segmentos, que tem muito sucesso com áudio e vídeo na área automotiva e náutica. Possui, entretanto, uma linha de Home Audio bem ampla e tradicional. De fato, nunca foi perfeitamente representada no Brasil, igualmente com o que ocorre com outras boas marcas, devido ao contrabando que inviabiliza uma operação comercial sadia. De fato, existe a entrada ilegal de produtos importados porque os impostos de importação, tarifas e outras taxações no nosso país, são completamente absurdos. Agora, com a nomeação oficial da INFOTEL DISTRIBUIDORA pela ONKYO / PIONEER USA, o mercado brasileiro tem acesso irrestrito aos produtos Pioneer Entretenimento (Áudio e Vídeo Profissional e Residencial, assim como os Fones de Ouvido Pioneer de altíssima qualidade sonora).

Neste artigo, vou rever o Sistema de Cinema em Casa Pioneer 5.1 modelo HTP-074, composto de um receiver e de um conjunto de caixas 5.1 (cinco caixas pequenas tipo cubo e um subwoofer passivo). Depois de pesquisar diferentes modelos e tipos de sistemas de home-theater, descobri que este tem um conjunto de recursos que se ajustam às necessidades da grande maioria do público.

O HTP-074 é um excelente sistema de som. Ele permite conectar diferentes dispositivos como TV, Blu-ray, DVD / CD-Player e transmitir música de diferentes dispositivos usando a tecnologia Bluetooth disponível em quase todos os telefones celulares, iPods e similares. Imagine-se deitado no seu sofá da sala, assistindo seus filmes favoritos com um som incrível. Ou ouvindo suas músicas favoritas sentindo que você está nesse show ao vivo. Que tal brincar com seus filhos com um dos consoles de jogos mais populares, com incríveis jogos 3D, que este home theater permite?

DESIGN

O acabamento do Pioneer é de alto padrão e durabilidade como é tradição da própria marca. O display é elegante e tem bom nível de informações, com letras bem visíveis.

ÁUDIO

O receiver Pioneer é muito leve, se considerarmos todos os seus recursos técnicos e a potência nos canais de áudio. O controle remoto é completo e muito simples de ser utilizado se comparado com o de outros receivers concorrentes.

CARACTERÍSTICAS

- 100 W/ch (6 Ohms, 1 kHz, THD 0.7 %) AV Receiver
- Bluetooth® Wireless Technology
- Ultra HD Pass-through com HDCP 2.2 (4 K / 60 p / 4:4:4)
- 5 caixas compactas (150 W) e um subwoofer (100 W)

Este sistema de home-theater tem suporte a HDR, uma tecnologia projetada para criar imagens mais realistas, com cores mais realistas. O benefício disso para o usuário é que ele ou ela vê a mesma imagem que ele veria se estivesse vendo-a no mundo real.

Outra característica importante deste produto é a tecnologia sem fio Bluetooth integrada. Por que isso é interessante? Porque você pode usar qualquer um dos dispositivos usuais que você usa para ouvir música, como CD / DVD-Player, celular, tablet, iPod e qualquer item com a tecnologia Bluetooth.

Este home-theater também permite que você desfrute de um som de qualidade a partir de áudio comprimido. A maioria de nós tem centenas e centenas de músicas no formato MP3 ou WMA. Esses formatos são ótimos para ouvir no computador ou em dispositivos similares, mas como eles são um formato comprimido, eles perdem alguma qualidade. Mas a tecnologia neste produto permite restaurar os detalhes perdidos durante o processo de compressão.

O sistema tem uma passagem 4K / 60p. Isso permite, por exemplo, passar uma imagem 4K de um dispositivo Blu-ray para uma televisão 4K sem qualquer processamento, sem comprometer a qualidade da imagem.

Possui dois modos ECO: o ECO Mode 1, que permite uma economia de energia moderada, mantendo a qualidade do som e o ECO Mode 2, que é uma alta economia de energia, mas afeta a qualidade. É por isso que o ECO 1 é o melhor para filmes. O benefício disso pode ser uma redução no consumo de energia de 30% e uma redução na temperatura.

Tem um subwoofer passivo, por isso depende do amplificador do próprio Pioneer. Se você está usando em uma pequena sala e não precisa de um grande poder de som, é suficiente, dando o benefício de boa qualidade de som. Há também outras características deste home-theater, como ter porta USB frontal, permitindo conectar uma memória USB de maneira fácil.

Outro recurso do Pioneer HTP-074 é que possui um sintonizador AM / FM com 30 presets, portanto sem qualquer outro dispositivo

você pode aproveitar seus programas de rádio favoritos com um excelente som.

O HTP-074 suporta faixas de som surround de áudio master DTS-HD e também suporta Digital Dolby True HD, que proporciona a melhor experiência de entretenimento de alta definição com discos Blu-ray.

O TESTE

Este sistema de home-theater é um produto ideal se você não estiver procurando por um som de qualidade hi-end, mas quiser um bom sistema para uma suite, sala pequena ou média, para usar com seu AppleTV, computador, SmarTV, Blu-ray, DVD ou CD-Player, ou para ouvir música de seus dispositivos como um iPod, celular ou MP3 Player, ou formatos semelhantes armazenados em qualquer pendrive USB.

O que mais gosto nesse sistema é a possibilidade de conexão com tantos dispositivos diferentes, com suas 5 portas HDMI e a tecnologia Bluetooth.

No modo estéreo ouvi muitos CDs e gravações audiófilas a partir do Media Server com qualidade 192 KHz / 24 bit. Experimentei diversos gêneros musicais, do rock à música clássica. O que mais me impressionou, e que chegou mais perto do som transparente do LP, foi o álbum DVD de David Gilmour *Live at Pompeii*. O Pioneer gostou de tocar esse classic rock.

Há a queda inevitável de qualidade e clareza ao transmitir músicas do smartphone através do Bluetooth e do Spotify Connect, comparado ao Media Server via pen-drive, mas ainda há uma sensação de solidez em toda a música. Vale a pena brincar com os modos de som para alternar entre estéreo e surround, também. Surround faz tudo parecer maior e melhor, mas o estéreo clássico encaixa tudo no lugar certo.

AUTOMAÇÃO E CONECTIVIDADE

O sistema não tem Wi-fi nem conexão de rede com cabo. O controle via uma central de automação só pode ser feito através de Ir Flasher, no painel frontal. Não há conexão IP por Wi-fi, de P2 IR ou interface RS-232.

CONCLUSÃO

O Sistema Pioneer tem vários pontos a favor:

- Suporte HDR
- Tecnologia sem fio Bluetooth integrada
- Múltiplas entradas HDMI
- Caixas acústicas pequenas e de fácil instalação
- Reprodução de arquivos de música via USB (MP3, WMA, AAC)

Os principais pontos desfavoráveis são: Ele não vem com um CD / DVD-Player embutido. Não está pronto para rede (não é Wi-Fi)

Este produto, considerando tudo o que foi dito, é um bom negócio pelo preço. O sistema de cinema em casa 5.1 da Pioneer modelo HTP-074 faz exatamente o que as suas especificações dizem. Se você tem um quarto pequeno ou médio e quer ter um sistema de som que pode se conectar a uma ampla gama de dispositivos com uma excelente qualidade de som, este é o produto para você. ■

- dB Sound Level Meter - Radio Shack
- TV LG OLED THX 55"
- Caixa Central: Dynaudio Focus
- Caixas L&R: Dynaudio Contour 3.1
- Caixas Surround: JBL Control One
- Caixas Tannoy Sensys DC1
- Automação - Lutron / Crestron / iPad

MÍDIAS UTILIZADAS NO TESTE

- CDs da Metodologia de áudio
- THX Demo Disc II
- DVD AVIA PRO
- DVD - Digital Video Essentials
- Blu-ray HD Digital Video Essentials
- Blu-ray HQV Benchmark
- DVD - Limite Vertical Superbit
- Blu-ray - Fast and Furious
- Blu-ray - Batman - The Dark Knight
- Blu-ray - Tony Bennett - An American Classic
- Blu-ray - Speedway
- High Def Movies & Test Patterns - eMedia (Digital Home Server)
- Blu-ray 3D - NASA Space Station
- Blu-ray 3D - AVATAR
- USB - Conteúdo 4K LG

EQUIPAMENTOS

- Fone de Ouvido Beyerdynamic - DT 770 Pro
- DVD / Blu-ray Oppo Digital BDP-93
- DVD / Blu-ray Panasonic BD60
- eMedia - Digital Home Server - (Blu-ray / DVD / CD / DVDAudio) Player & Media Server
- AppleTV
- Decoder NET
- Cabos e conectores: HDMI / Componente / Speakers - Supra / Van Den Hul / AcousticZen
- Cabos de alimentação: Furutech
- Filtros e condicionadores: Monster / Panamax
- Tela de Projeção - AVA PROJECTA - Revelation 100 polegadas
- Microfone Yamaha
- Analisador de espectro / áudio meter - HP True RTA Analyser



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=Y9GYKARQCZI](https://www.youtube.com/watch?v=Y9GYKARQCZI)

AVMAG #243
Infotel
(11) 3642.1882
R\$ 2.499,90

NOTA: 77,0



DIAMANTE RECOMENDADO

VÍDEO

TV TCL XESS X6

Jean Rothman



A TCL é um gigante chinês na área de eletroeletrônicos, com fabricação de televisores, celulares, aparelhos de ar condicionado e máquinas de lavar. Atualmente é o maior fabricante de displays da China e terceiro do mundo. O grupo TCL é dono das marcas Alcatel e Thomson, e recentemente adquiriu as marcas Pioneer e Onkyo, reforçando sua posição como um novo e fortíssimo player no mercado asiático.

Em 2016 a TCL fez uma joint venture com a Semp, recém divorciada de sua longa união com a Toshiba. A nova empresa passou a chamar-se Semp TCL que começou com força total, introduzindo uma grande linha de TVs, desde modelos de entrada até a topo de linha X6 de 85 polegadas, objeto do teste desta edição.

Apresentada na última CES 2018, a 85" X6 é uma TV de características únicas. Possui painel 4k, tecnologia de pontos quânticos (QLED) e iluminação direta distribuída por todo o painel. Mas o grande diferencial está no áudio de 12 canais suportando Dolby Atmos.

Com apenas 24,8mm de espessura, o fabricante alega que é a TV acima de 80 polegadas mais fina do mercado. Uma verdadeira façanha quando se considera a iluminação direta que ocupa mais espaço dentro do gabinete.

Essa integração de tecnologias em um só painel QLED fino procura trazer um melhor nível de reprodução de cores em HDR do que a maioria das TVs de LCD no mercado, tornando a X6 uma das telas mais avançadas desenvolvidas pela TCL até agora e um forte rival até mesmo para algumas TVs LCD high-end.

Design, Conexões e Controle

Produzida com um design luxuoso e acabamento cuidadosamente selecionado, repleto de elementos metálicos e texturas que remetem a madeira, a TV foi projetada para agradar a todos os sentidos dos consumidores mais exigentes. Pensado para ser um item de decoração de destaque na casa dos consumidores, a X6 permite diversas configurações de instalação, sendo possível instalar a TV em uma espécie de

cavalete, que dispensa o uso de mobília para expor a TV, mas também permite formas mais tradicionais como fixação da TV na parede ou uso de um suporte menor para colocar o aparelho em cima de um rack, por exemplo.

Enquanto a tecnologia Quantum Dot se destaca no aprimoramento das cores, o local dimming ajuda a obter melhores níveis de preto e uniformidade na tela. A X6 pode atingir até 1200 nits de brilho máximo graças a um sistema eficiente de retroiluminação por LED com impressionantes 600 zonas de dimerização local, sendo possível controlar com precisão a iluminação adequada em cada parte da tela.

A TCL X6 suporta HDR10. O impressionante sistema de áudio foi desenvolvido pela Harman Kardon e oferece 12 canais de som e um surround de 360 graus, contando com 2 caixas torre traseiras, além de um subwoofer de 10 polegadas, ambos sem fio e compatível com a tecnologia de som Dolby Atmos, que direciona o áudio ao seu redor e também para cima, para que os espectadores sintam que estão dentro da história com a percepção de um som em 3D. Em outras palavras, o áudio da X6 com 320 Watts de potência é provavelmente um dos melhores entre todas as TVs atualmente existentes no mercado. E seu design integra elementos metálicos com texturas que remetem à madeira em uma tela muito fina, quase sem moldura.

A X6 é uma SmarTV com sistema operacional Android, oferecendo navegação simples e eficiente, permitindo acessar uma infinidade de conteúdos através da Internet, além de uma enorme variedade de aplicativos disponíveis.

Atualização em Nossa Metodologia

Com a evolução do áudio nas TVs atuais e para fazermos avaliações tecnicamente mais coerentes, introduzimos um novo quesito em nossa metodologia, "Qualidade de Áudio". Em compensação eliminamos o ítem 'Nível de Ruído', visto que nenhuma TV atual possui ventoinhas nem gera qualquer tipo de ruído audível.

Qualidade de Imagem e Som

Após exploramos os diversos ajustes e configurações da TV, utilizamos um colorímetro e fizemos a calibração da X6, sempre obedecendo as normas da SMPTE (Sociedade dos Engenheiros de Cinema e Televisão). Utilizando algumas mídias de teste, fomos agraciados com uma ótima imagem de cores vivas e sem excesso de saturação. O contraste é excelente e apresenta um preto profundo graças ao recurso de local dimming, rivalizando com as melhores TVs Premium do mercado. Os contornos são bem detalhados e nesta tela de 85 polegadas é fascinante notar com perfeição todos os mínimos detalhes da imagem, como se estivéssemos com uma lupa.

Mídias em Blu-Ray 4k HDR e Netflix HDR apresentaram ótimos picos de brilho nas altas luzes e enorme contraste. Realmente a tecnologia HDR com altos picos de luminosidade e gama de cores estendida

faz subir alguns degraus o patamar de qualidade de imagem oferecida aos consumidores. Esperamos que a oferta de mídias 4k e HDR sejam ampliadas cada vez mais.

Aliado ao potente e eficiente sistema de som, a TCL X6 entrega uma imersão dificilmente obtida em outras TVs sem o acréscimo de um receiver, de várias caixas acústicas e uma porção de fios.

A TCL X6 é um novo sonho de consumo para os leitores que buscam telas realmente grandes e um áudio sofisticado, sem necessitar de equipamentos adicionais.

MÍDIAS UTILIZADAS NO TESTE:

- Blu-Ray: Advanced Calibration Disc
- Blu-Ray: Spears and Munsil - HD Benchmark 2nd Edition
- Blu-Ray: O Quinto Elemento
- Blu-Ray: Missão: Impossível - Protocolo Fantasma
- Blu-Ray: DTS Demo Disc 2013
- Blu-Ray: Tony Bennet - An American Classic
- Netflix HD, UHD e HDR

EQUIPAMENTOS:

- UHD Blu-Ray player Sony
- Colorímetro X-Rite
- Luxímetro Digital



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=ESLNJWK0VEI](https://www.youtube.com/watch?v=ESLNJWK0VEI)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=DWYRQ6AO9VQ](https://www.youtube.com/watch?v=DWYRQ6AO9VQ)

AVMAG #240
Semp TCL
www.sempacl.com.br
Preço sugerido: R\$ 65.900

NOTA: 101,0



ESTADO DA ARTE

VÍDEO

TV LG OLED 55C8

Jean Rothman



Ano após ano, a LG vem renovando e aperfeiçoando sua linha de TVs, e os modelos com tecnologia OLED são as estrelas da marca coreana. A TV C8 é o modelo que apresenta o melhor custo benefício deste segmento, unindo design primoroso e futurista a uma qualidade de imagem considerada uma das referências deste mercado.

Testamos o modelo de 55 polegadas, que também está disponível na versão com 65 polegadas. Além do modelo C8, a linha de TVs OLED LG compreende os modelos B7, E7 e a W8 de 65 polegadas, topo de linha com incríveis 2,5 mm de espessura e que é fixada na parede utilizando ímãs e possui um incrível soundbar.

A C8 possui decodificação de áudio Dolby Atmos, traduzindo-se em som com uma ambientação mais realista e imersiva.

DESIGN, CONEXÕES E CONTROLE

A 55C8 possui um pedestal que ocupa quase a largura total da TV e possui uma curvatura para a frente. Foi engenhosamente projetado para redirecionar o som dos falantes situados embaixo da TV, fazendo com que o áudio seja projetado frontalmente em direção aos espectadores. O conjunto mostrou ser bastante estável, além de muito harmonioso.

A C8 é uma das TVs mais finas do mercado, com apenas 4 mm de espessura em sua metade superior. A metade inferior, que abriga a eletrônica e conexões possui 4,8 cm de espessura, podendo ser fixada na parede utilizando-se suporte apropriado. É incrível como o painel OLED pode ter metade da espessura de um celular!

Ela possui 4 portas HDMI 4K HDR (uma delas com ARC), 1 entrada Vídeo Componente, 1 entrada Áudio/Vídeo, 3 portas USB, 1 entrada RF, 1 saída de áudio óptica digital, 1 entrada RJ45 para cabo de rede Ethernet, além de conexão de rede Wi-fi.

O controle remoto é chamado de "Magic Remote". De formato levemente curvo, é bem ergonômico e de manuseio simples. Possui três maneiras de acionamento: botões convencionais, disco com setas e uma pequena rodinha no centro, giroscópios e acelerômetros que comandam um pequeno cursor diretamente na tela da TV, conforme o movimento do controle no ar, muito semelhante aos controles do Nintendo Wii. Possui duas teclas para acesso direto a Netflix e Amazon Prime Videos. O controle também aceita comandos de voz conectados à plataforma de inteligência artificial ThinQ AI, exclusiva da LG e que aceita centenas de comandos em português. Esta plataforma ➔

também é compatível com outros aparelhos inteligentes, como lavadoras de roupas e ar-condicionado. Assim, ela integra os aparelhos, funcionando como uma espécie de central de comandos.

RECURSOS

O sistema operacional e interface com o usuário é o Web OS que vem sendo aperfeiçoado a cada ano. Apresenta na tela uma barra inferior dividida em pequenas cartelas contendo as entradas, aplicativos e opções de navegação, sempre sem deixar de exibir o canal ou fonte atual enquanto navegamos.

O processamento é feito pelo novo chip Alpha 9, comum a toda linha OLED 2018. Segundo o fabricante, o Alpha 9 oferece melhorias em redução de ruído na imagem, nitidez e processamento de cores. Outro diferencial da linha 2018 é o mapeamento dinâmico de tonalidade, que em filmes HDR analisa a imagem quadro a quadro, otimizando a luminosidade das áreas mais claras e mais escuras. A LG suporta diversos formatos HDR, como o padrão HDR10, Dolby Vision, HLG e HDR by Technicolor.

O painel é 4K UHD com 10 bit e pico de luminosidade de 800 nits.

A lista de aplicativos é bem extensa e conta com os tradicionais Netflix, Amazon Prime, Globoplay e YouTube, entre tantos outros.

ÁUDIO

A 55C8 possui falantes na parte inferior e o som é direcionado para a frente. A decodificação Dolby Atmos é bem vinda. A qualidade de áudio é correta, sem distorções. É sempre recomendável um bom sistema de áudio ou no mínimo um soundbar para ter a melhor experiência com sua TV.

QUALIDADE DE IMAGEM

É o ponto forte das TVs com tecnologia OLED. A qualidade da imagem é fantástica. Nas TVs OLED cada pixel é auto-iluminado e quando estão apagados geram um preto absoluto. Consequentemente, temos o que se chama de “contraste infinito”. Além disso, as imagens possuem extrema precisão. Pode-se ter elementos brilhantes junto a fundos negros sem que haja nenhum vazamento de luz ou halos que tanto nos incomodam nas TVs LCD/LED. O resultado é um enorme contraste e sensação de profundidade, propício para assistir filmes em ambientes escuros.

Mídias em 4K HDR ou Dolby Vision apresentam um espetáculo de brilho e cores com sua gama de cores ampliada.

Uma grande vantagem das TVs OLED é o enorme ângulo de visão. Você pode sentar-se em qualquer ponto da sala e a imagem jamais ficará lavada ou perderá contraste. Apenas tome cuidado em ambientes muito iluminados ou com janelas diretamente à frente da tela. Os painéis OLED, em geral, têm característica brilhante e o reflexo pode incomodar um pouco em casos de ambientes muito claros.

Os gamers também ficarão contentes com a C8. O Lag de 21 ms é baixo e não atrapalha as partidas online. O chip Alpha 9 faz juz à fama durante o upscale de imagens do YouTube. Ao assistir um filme no escuro, as barras pretas superior e inferior simplesmente desaparecem. A imagem literalmente flutua no ar. Que delícia assistir Netflix e Amazon Prime na C8, principalmente o conteúdo em 4K HDR. A 55C8 também é muito boa para assistir futebol e esportes em geral.

Se você busca o Estado da Arte em qualidade de imagem, cores vibrantes e riqueza de detalhes, corra até o magazine mais próximo e experimente alguma das TVs OLED LG. Devidamente calibradas, irão trazer enorme satisfação. ■

MÍDIAS UTILIZADAS NO TESTE

- Blu-Ray: Advanced Calibration Disc
- HDR10 Test Pattern Suite
- Blu-Ray: Spears and Munsil - HD Benchmark 2nd Edition
- Blu-Ray: O Quinto Elemento
- Blu-Ray: Missão: Impossível - Protocolo Fantasma
- Blu-Ray: DTS Demo Disc 2013
- Blu-Ray: Tony Bennett - An American Classic
- Mpeg: Ligações Perigosas - 4k HDR
- UHD Blu-Ray: Os Mercenários 3 - 4k HDR
- Netflix 4K e HDR: diversos trechos de filmes e séries
- Amazon Prime 4K e Dolby Vision: diversos trechos de filmes e séries

EQUIPAMENTOS:

- UHD Blu-Ray Player Samsung
- Blu-Ray Player Sony
- Colorímetro X-Rite
- Luxímetro Digital



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=RR3BMSYCG_U](https://www.youtube.com/watch?v=RR3BMSYCG_U)

AVMAG #243

LG

www.lg.com/br

Preço sugerido: 55C8 - R\$ 7.999,00
65C8 - R\$ 17.999,00

NOTA: 107,0



ESTADO DA ARTE

VÍDEO

TV SAMSUNG 75Q9FN

Jean Rothman



A Q9FN é a TV na qual a Samsung deposita todos os seus esforços e as melhores tecnologias que dispõe para brigar pelo topo do pódium no segmento de TVs premium. O modelo que testamos possui 75 polegadas.

É a TV mais impressionante que testamos até o momento, allando um brilho intenso às cores vívidas dos Pontos Quânticos e um preto tão profundo que quase nos faz duvidar que se trata de um painel LCD.

A Q9FN, TV topo de linha deste ano apresenta várias evoluções em relação à Q9 do ano passado, testada por nós na edição 230, como veremos mais adiante.

DESIGN, CONEXÕES E CONTROLE

A principal diferença entre a Q9FN e a Q9 do ano passado é seu novo painel com iluminação direta (*Full Array Local Dimming* ou FALD). Se a Q9 anterior já impressionava com seu painel de iluminação lateral indireta (*edge-lit*) e 1.500 nits, na Q9FN o pico de brilho aumentou para 2.000 nits, segundo o fabricante. O novo painel possui micro dimerização local com aproximadamente 500 zonas, número não confirmado oficialmente pela Samsung. Este sistema de iluminação não permite que a TV esteja entre as mais finas do mercado. Ela possui aproximadamente 2,0 cm de espessura nas bordas, chegando perto de 3,9 cm

em sua parte mais espessa. Não é algo que chega a incomodar, principalmente quando fixada “grudada” na parede com o exclusivo suporte no-gap. A base dela é retangular concentrada na área central da TV, bem melhor que as 2 hastes de apoio próximas às extremidades no modelo anterior que exigiam móveis bem largos para acomodá-las.

Em sua vista frontal, as bordas são finíssimas em metal fosco, transmitindo elegância e tornando o conjunto muito delicado e harmonioso.

Em sua parte traseira, há uma única conexão para o cabo de fibra óptica de 5 m que liga a TV ao One Connect. Trata-se de uma central de conexões externa à TV, que inclui 4 HDMI, 3 portas USB, Ethernet RJ45, wi-fi, antena RF coaxial e saída de áudio óptica digital. Nesta central são conectados todos os dispositivos que antes eram conectados diretamente na TV.

Na Q9 anterior, além do cabo de fibra óptica, havia o cabo de energia para alimentar a TV. Agora, pela primeira vez o cabo de fibra óptica também leva energia à TV, permitindo que ela seja instalada em qualquer local da casa, mesmo se não houver tomadas por perto. Opcionalmente pode-se adquirir um cabo maior com 15 m, permitindo que o One Connect e outros equipamentos fiquem escondidos longe da TV e acabando com o problema de vários cabos aparentes. ▶

CONTROLE REMOTO ÚNICO

O controle remoto, praticamente igual ao anterior é minimalista e construído em alumínio, muito robusto. À primeira vista parece muito simples e que não será capaz de controlar a TV com eficiência. Mas não se engane caro leitor, trata-se de uma obra prima de design e engenharia. Sob o conceito de Controle Remoto Único, ele domina a Q9FN e praticamente todos os aparelhos conectados a ela com absoluta maestria e uma usabilidade jamais vista. Os botões de volume e canais são como mini joysticks e táticos, e os 4 botões em volta do cursor possuem um pequeno pontinho em relevo, como se fosse braille. Na prática, significa que o usuário manipula o controle sem ter que desviar os olhos da tela em nenhum momento. Quando algum equipamento é conectado via HDMI à TV, há um assistente de configuração que reconhece marca e modelo, permitindo que o controle da Q9FN controle o dispositivo praticamente em sua totalidade. Por exemplo, ao trocar a entrada HDMI para TV a cabo, os botões de canais do controle Samsung passam a controlar o decodificador. Um breve toque abre o guia de programação e pressionando-se a tecla "Home" é possível acessar o menu de gravações realizadas. O mesmo vale para outros dispositivos, como Blu-Ray, Apple TV etc...

Além disso, o controle possui acionamento através de comandos de voz. No modelo deste ano a Samsung disponibilizou o Bixby, seu assistente de voz semelhante ao Siri (Apple), Google Home e Alexa (Amazon). Ele permite uma infinidade de comandos, como trocar a entrada, controlar volume e até pedir a previsão do tempo para sua cidade.

O Bixby permite comandos de voz com acesso direto aos ajustes avançados da TV. Durante a calibração da TV, pudemos dizer "show white balance settings" e acessar diretamente o menu desejado, economizando 26 cliques no controle remoto! Imaginem a economia de tempo ao acessar dezenas de vezes este menu.

Infelizmente, o Bixby atualmente só obedece comandos em inglês. Esperamos que em breve esteja disponível em português.

RECURSOS

No modelo Q9FN deste ano houve um aprimoramento da superfície antireflexiva e em comparação com o modelo anterior houve sensível melhora para evitar reflexos na tela. Porém, não recomendamos que nenhuma TV seja instalada em frente a janelas ou fontes de luz.

Um recurso novo muito interessante é o "Modo Ambiente", ao qual permite que a TV se transforme em um quadro quando não está sendo utilizada. Ao invés da tela preta, você pode utilizar alguma das várias imagens que já vem na memória da TV, como montanhas ou água em movimento. Na opção *Foto*, o consumidor pode escolher entre colocar uma, duas ou um grid com várias de suas fotos preferidas. A opção *Info* apresenta na tela o horário e previsão do tempo. Também é possível tirar uma foto da parede e a Q9FN irá reproduzi-la, integrando a TV à decoração do ambiente.

A integração com smartphones e dispositivos móveis é muito simples. Basta instalar o aplicativo *SmartThings* e você poderá configurar e controlar a TV a partir de seu celular.

Além disso, o app *SmartThings* permite controlar diversos dispositivos da casa, como luzes, lavadoras e fechaduras compatíveis com o sistema.

Para os gamers, é possível conectar controles de jogos diretamente na TV e jogar através de aplicativos, sem necessidade de um console dedicado. E ainda há possibilidade de conectar via wi-fi o seu computador a TV e desfrutar vários jogos na plataforma do Steam Link.

A Samsung utiliza a plataforma Tizen para navegação e acesso ao conteúdo Smart. É muito intuitiva, basta um clique para abrir uma barra na parte inferior da imagem, mostrando todas as entradas e aplicativos. O conteúdo da barra pode ser totalmente personalizado pelo usuário com os aplicativos de sua preferência. Importante é que a barra de informações se sobreponha à imagem atual, não interferindo ou interrompendo o que se está assistindo no momento. O processador está cada vez mais rápido. É possível ligar a TV, selecionar Netflix e iniciar um filme em menos de 8 segundos.

A lista de aplicativos disponíveis é bem grande, incluindo Netflix, YouTube, Amazon Prime, Globoplay, Tune In, Spotify e Deezer, entre tantos outros. Mas o aplicativo mais desejado neste momento é o "SporTV 4K na Russia". Desenvolvido em parceria com o canal SporTV e exclusivo nas TVs Samsung 4K, você poderá assistir os jogos da Copa ao vivo por streaming em 4K. E após o término das partidas, todos os jogos estarão disponíveis para você reassistir quando quiser.

Um recurso que acho muito interessante é poder conectar a saída óptica de áudio a um Receiver e utilizar a TV como interface para ouvir música por streaming via Spotify, Deezer ou Tune In.

AUDIO

A Q9FN possui falantes na parte inferior e o áudio é competente e melhorou em relação ao modelo anterior, mas ainda assim abaixo do nível da imagem. É sempre recomendável um bom sistema de áudio ou no mínimo um soundbar para ter a melhor experiência com sua TV.

QUALIDADE DE IMAGEM

Tive o privilégio de poder comparar a 75Q9FN com o modelo Q9 do ano passado, lado a lado. A adoção do painel FALD com iluminação direta faz uma enorme diferença. O nível de preto é absoluto e praticamente não há halos ou vazamentos de luz, algo realmente impressionante. Aliado à tecnologia de pontos quânticos que entrega 100% do volume de cores, a imagem apresenta um contraste e imersão fantásticos.

Cores extremamente vivas e balanceadas sem excesso de saturação e excelente processamento de imagem apresentam enorme riqueza de detalhes em todas as faixas luminosas.

VÍDEO



A Q9FN em HDR atingindo 2000 nits de picos de brilho e larga faixa dinâmica de cores (WCG ou *Wide Colour Gamut*) é simplesmente espetacular.

A Samsung incorporou o HDR10+, que faz um mapeamento dinâmico de tonalidades e ajustando os níveis de brilho cena a cena, levando em conta a intensidade luminosa da mídia (atualmente masterizada com 1000 ou 4000 nits) e os limites de brilho da TV.

Seu alto nível de brilho e pretos profundos permitem que a Q9FN seja utilizada tanto em ambientes iluminados quanto em salas escuras com excelente performance.

A Samsung Q9FN é a melhor TV LCD LED do mercado atualmente e a melhor TV que já testamos. Com todos os seus recursos, é um sonho de consumo. ■

MÍDIAS UTILIZADAS NO TESTE:

- Blu-Ray: Advanced Calibration Disc
- Blu-Ray: Spears and Munsil - HD Benchmark 2nd Edition
- Blu-Ray: O Quinto Elemento
- Blu-Ray: Missão: Impossível - Protocolo Fantasma
- Blu-Ray: DTS Demo Disc 2013
- Blu-Ray: Tony Bennet - An American Classic
- Netflix HD, UHD e HDR

EQUIPAMENTOS:

- UHD Blu-Ray player Sony
- Colorímetro X-Rite
- Luxímetro Digital



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=MJS6LCQQE2I](https://www.youtube.com/watch?v=MJS6LCQQE2I)

AVMAG #241
 Samsung
www.samsung.com.br
 Preço sugerido: R\$ 59.999

NOTA: 109,0



ESTADO DA ARTE

Venha conhecer o maior acervo high-end vintage, LPs e CDs audiófilos do Brasil!



HIGH-END - HOME-THEATER



SEÇÃO VINTAGE



DVDs - CDs - LPs - AUDIÓFILOS



A Áudio Classic possui as melhores opções em produtos High-End novos e usados. Seu upgrade é nosso objetivo!



REVENDEDOR AUTORIZADO:

- Accuphase • ASR • Audio Flight • Audio Physic
- Audiopax • Avance • B&W • Burmester • darTZeel
- dCS • Dr. Feickert Analogue • Dynaudio • Esoteric
- Evolution • Goldmund • Jeff Rowland • Kharma
- Krell • Kubala-Sosna • McIntosh • MSB Technology
- Pathos • Sonus Faber • Transparent • Von Schweikert Audio
- VTL • Wilson Audio • YG Acoustics



Rua Eng. Roberto Zuccolo, 555 - Sala 94 - São Paulo/SP
No ITM-EXPO, junto ao Cebolão/ Ponte dos Remédios/ CEAGESP
Tel.: 11 2117.7512/ 2117.7200

WWW.AUDIOCLASSIC.COM.BR
AUDIOCLASSIC@AUDIOCLASSIC.COM.BR

VÍDEO

TV SONY OLED XBR-65A8F

Jean Rothman


**PRODUTO DO ANO
EDITOR**

A nova TV Sony OLED 65A8F é a evolução do modelo A1F, de 2017. A principal mudança foi no design, abandonando o estilo 'porta-retratos' que mantinha a A1F levemente inclinada, bem como o suporte traseiro que abrigava o subwoofer, mantendo a TV a uma certa distância quando fixada na parede. O modelo A8F mantém o processador X1 Extreme e áudio através de painel acústico, dispensando alto falantes convencionais. Está disponível no Brasil em versões com 55 e 65 polegadas e suporta o formato HDR Dolby Vision, entre outros.

DESIGN, CONEXÕES E CONTROLE

A Sony A8F é uma TV com tecnologia OLED UHD (4k) que se diferencia dos modelos LCD/LED por possuir pixels auto emissivos, não dependendo de sistemas de iluminação interna e fazendo com que os pixels, quando apagados, apresentem um preto absoluto sem nenhum vazamento de luz. Na prática, isto se traduz em maior contraste e sensação de profundidade, popularmente chamado de contraste infinito.

É mais fina que um celular! O painel OLED em seu perímetro possui aproximadamente 5 mm de espessura, o que por si só já transmite grande sensação de modernidade. Em sua parte central, abriga os

componentes eletrônicos, conexões e um subwoofer para auxiliar na reprodução dos graves. A base central que suporta a TV é muito fina e discreta, e aliada a bordas finíssimas e quase invisíveis, faz a 65A8F parecer flutuar no espaço. A parte traseira da base possui uma tampa que foi projetada para acomodar e ocultar os cabos de força e conexões. A TV possui furação padrão VESA, permitindo fixá-la na parede, utilizando-se um suporte adequado. Em sua porção mais espessa, a TV possui 55 mm de profundidade.

A A8F possui 4 entradas HDMI 2.0 com suporte a HDCP 2.3 (sendo uma delas com ARC que permite o retorno do áudio para um receiver), 1 entrada Vídeo Composto (RCA), 3 portas USB, 2 conexões RF para antenas, 1 saída para fones de ouvido, 1 saída de áudio óptica, 1 entrada ethernet RJ45, além de conectividade para redes wi-fi e suporte a dispositivos Bluetooth. As entradas HDMI 2 e 3 também suportam imagens 4k a 60 fps 4:4:4.

O controle remoto é o tradicional da Sony, utilizado há vários anos, em versão emborrachada. Possui uma pegada confortável, mas mostra sinais de um design pouco atual e muito cheio de botões, prejudicando um pouco a usabilidade. Este é um ponto que a Sony pode ➤

melhorar nas próximas gerações. O controle envia comandos por IR (infravermelho), com exceção da tecla microfone que se comunica por Bluetooth. Como pontos positivos, possui teclas de acesso fácil ao Google Play e ao Netflix, bem como microfone para comandos de voz.

Para quem possui sistemas de automação, a Sony oferece controle por IP através da rede, dispensando os emissores de IR (infravermelho) que ficam colados na frente dos aparelhos, diminuindo a necessidade de infraestrutura e facilitando a integração.

RECURSOS

O sistema operacional e interface com o usuário é o Android, empurrado pelo processador X1 Extreme. O painel OLED 4k UHD (3840 x 2160 pixels) atinge picos de luminosidade de aproximadamente 750 nits e 10-bit de profundidade de cores. Suporta os formatos HDR, HDR10, HLG e Dolby Vision que, nas mídias HDR, faz mapeamento dinâmico de tonalidade, analisando a imagem quadro a quadro e otimizando a luminosidade das áreas mais claras e mais escuras. Este recurso é muito importante, pois as mídias HDR são masterizadas com diferentes níveis máximos de brilho.

A TV possui um recurso chamado pixel shifting, que move lentamente porções estáticas da imagem para evitar o efeito burn-in que pode acontecer com alguns painéis OLED. A lista de aplicativos é bem extensa e conta com os tradicionais Netflix, Amazon Prime, Globoplay e Youtube, entre tantos outros. Além disso, possui Google Cast integrado.

ÁUDIO

Assim como o modelo A1E anterior, a A8F não possui alto-falantes convencionais. O próprio painel OLED é uma superfície acústica utilizando transdutores que transmitem o som através de vibrações que não são visualmente perceptíveis. Desta forma, o áudio da Sony OLED é sensivelmente superior à maioria das TVs planas que possuem miúsculos falantes. A qualidade do áudio é satisfatória para uso diário, porém recomendamos um soundbar ou sistema de áudio para desfrutar melhor seus filmes e séries.

QUALIDADE DE IMAGEM

Após a instalação, a primeira avaliação com os ajustes de fábrica é quase uma decepção. Brilho excessivo, branco extremamente azulado e tons escuros chapados, perdendo todos os detalhes. Praticamente um padrão na indústria de TVs atualmente. Mas, não fique triste, caro leitor, pois após os ajustes e calibração da imagem, uma nova TV nasceu. Linda e esplendorosa. O preto absoluto do painel OLED gera um contraste tão espetacular que leva a TV a um outro patamar de qualidade. Elementos brilhantes ao lado de fundos negros sem nenhum vazamento de luz - e que profundidade de imagem!

Destaque para o processador X1 Extreme, que apresenta imagens com baixíssimo ruído e uma gama de cores naturais e muito vibrantes,



VÍDEO



além de preservar os detalhes nas áreas mais claras. As transições das cores são muito suaves e não se notam faixas ou posterizações indesejadas.

Uma pequena ressalva ao alto nível de reflexo desta TV, também notado em outras marcas que utilizam painéis OLED: é um produto que apresenta melhores resultados em salas com certo controle de iluminação e não recomendamos a instalação em ambientes com janelas bem na frente da TV, pois o reflexo durante o dia chega a atrapalhar bastante.

Outra vantagem das TVs OLED é o ângulo de visão. As cores e contraste são excelentes, independente da posição do espectador. É algo que incomoda bastante nas TVs LCD, que possuem ângulo de visão bem pequeno que prejudica a imagem quando se assiste fora do centro.

E as mídias 4k Dolby Vision? Que show de cores e brilho! Imagens fantásticas e viciantes - fica difícil desligar a TV. É admirável como a Sony conseguiu a soma de refinamento, alto nível de detalhamento e naturalidade. Fico feliz em ver a constante evolução tecnológica da indústria e sinto-me bastante confortável em recomendar a Sony A8F como a atual referência em qualidade de imagem de TVs.

MÍDIAS UTILIZADAS NO TESTE

- Blu-Ray: Advanced Calibration Disc
- HDR10 Test Pattern Suite
- Blu-Ray: Spears and Munsil - HD Benchmark 2nd Edition
- Blu-Ray: O Quinto Elemento
- Blu-Ray: Missão: Impossível - Protocolo Fantasma

- Blu-Ray: DTS Demo Disc 2013
- Blu-Ray: Tony Bennett - An American Classic
- Mpeg: Ligações Perigosas - 4k HDR
- UHD Blu-Ray: Os Mercenários 3 - 4k HDR
- Netflix HD, 4K e HDR/Dolby Vision: diversos trechos de filmes e séries
- Amazon Prime 4K e Dolby Vision: diversos trechos de filmes e séries

EQUIPAMENTOS

- UHD Blu-Ray Player Samsung
- Blu-Ray Player Sony
- Colorímetro X-Rite
- Luxímetro Digital



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=GajeHPK4XPC](https://www.youtube.com/watch?v=GajeHPK4XPC)

AVMAG #247

Sony
www.sony.com.br
 R\$ 16.749

NOTA: 109,0



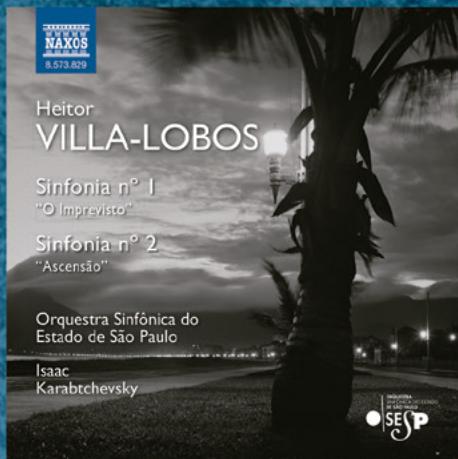
ESTADO DA ARTE

CAIXA ESPECIAL
VILLA-LOBOS



Confira o mais novo lançamento da OSESP, em parceria com a Naxos e Movieplay, em comemoração ao encerramento das gravações da integral *Sinfonias de Villa-Lobos*. Foram sete anos de trabalho, que incluiu resgate e revisão das partituras, ensaios e gravação para o lançamento em CD.

Heitor VILLA-LOBOS - Sinfonia nº 1 e 2



Um método característico de construção sinfônica já está aqui em operação: o ornamentado acorde inicial dá a largada para motivos principais e um ostinato, que provavelmente veio da imaginação do compositor, mas que “registra” em nossos ouvidos como ritmo folclórico, serve de pano de fundo a uma sucessão de novas ideias, reunidas em grupos temáticos bem delineados, que alternam contemplação, lirismo e atividade frenética.

OUÇA TRINTA SEGUNDOS DE CADA FAIXA, DO NOVO CD HEITOR VILLA-LOBOS, SINFONIAS N° 1 E 2:

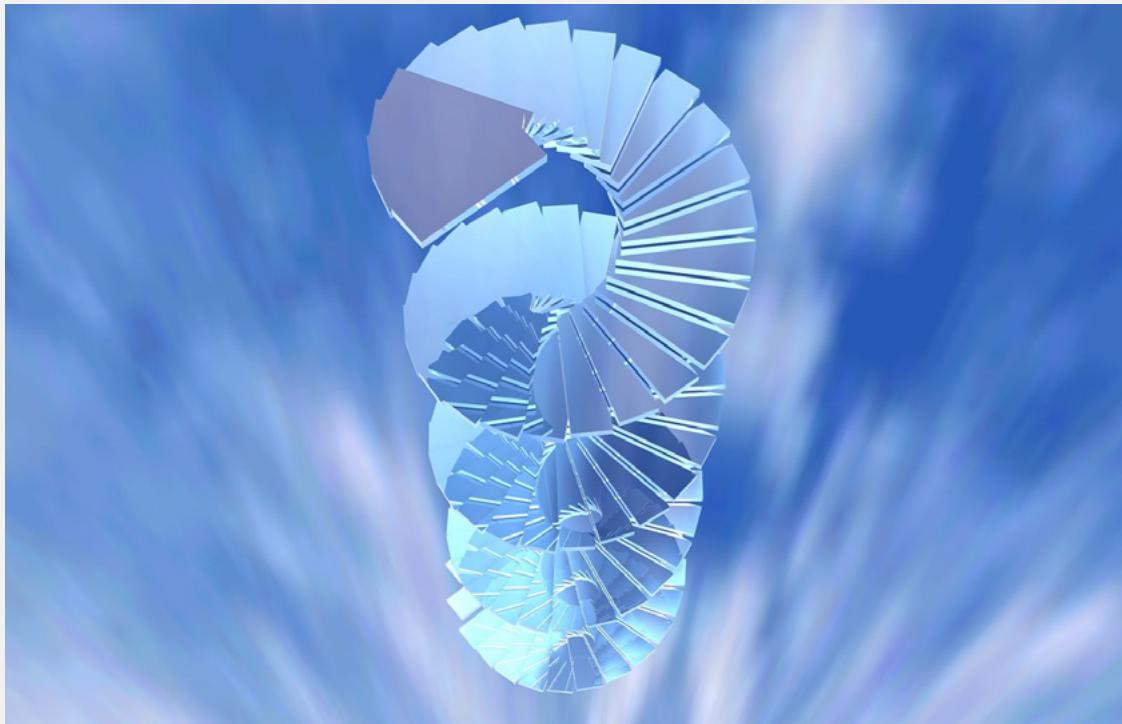
- Faixa 01
- Faixa 02
- Faixa 03
- Faixa 04
- Faixa 05
- Faixa 06
- Faixa 07
- Faixa 08

Já disponível nas melhores lojas do Brasil.

movie play
DIGITAL MUSIC

www.movieplay.com.br
movieplay@movieplay.com.br

/movieplaydigital
 @movieplaybrasil
 “movieplaydigital”
(11) 3115-6833



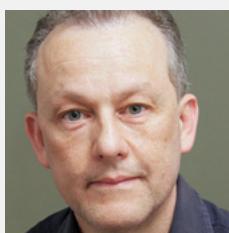
A EVOLUÇÃO DE UM SISTEMA AO LONGO DOS ANOS

Desde muito pequeno sempre tive o hábito de anotar tudo que achava importante. Acho que isso começou assim que fui alfabetizado e descobri que a memória podia nos trair e nos deixar na mão! Os cadernos de brochura, que não eram usados até a última página no fim do ano, automaticamente viravam diários. Assim, eu vivia para cima e para baixo carregando os cadernos em qualquer atividade que estivesse fazendo. Por muitos anos escrevi tudo que me vinha à mente com lápis, e só na adolescência troquei-o por uma caneta esferográfica. Mas deixemos minhas reminiscências de lado e tratemos do que interessa. Já escrevi algumas vezes a respeito do sistema do meu querido amigo, o Sr. Barbosa, meu vizinho e o responsável por fazer-me morar em um local tão lúdico! Ainda que eu agradeça a ele todo santo dia, de ter-me indicado um local tão harmonioso, é quando venho a São Paulo enfrentar a loucura do trânsito, com seus engarrafamentos contínuos, poluição, violência e a desumanização latente que assola as grandes metrópoles, é que me dou conta do quanto é importante poder envelhecer longe de toda essa insanidade. Como disse outro amigo meu: 'a vida urbana é para os jovens', e é perfeitamente natural que assim seja! E a única

forma de agradecer ao Sr. Barbosa, é de tempos em tempos escutar o seu sistema e ver (dentro de suas limitações) o que podemos aprimorar. O seu sistema é composto de um CD player Sphinx (com mais de 12 anos de uso, e que já foi todo revisado pelo Ulisses, com troca de componentes e upgrades), o pré-amplificador Audiopax Model 5 (que era meu), o amplificador Parasound A23, as caixas Dynaudio Focus 260 e o toca-discos Rega Planar P3, com cápsula Rega Elys e pré de phono da Cambridge Audio. Os cabos, não me lembro de cabeça, mas são simples, sendo o mais sofisticado o Inspiration de caixa.

Há mais ou menos seis anos, o Sr. Barbosa refez a elétrica toda, colocando uma chave seccionadora Siemens, cabos de cobre OFC de 4 mm da caixa de entrada da casa até o sistema bifásico, e também fizemos o tratamento acústico, colocando difusores tipo colmeia atrás das caixas. Com esses cuidados o sistema deu um salto, principalmente em termos de foco, recorte e planos. O Sr. Barbosa possui um gosto muito eclético para os seus 83 anos de vida! Quando resolvemos realizar esse novo upgrade, ouvimos o sistema para definir no que trabalharíamos, e o guitarrista B.B. King tinha

falecido naquela semana. Em sua homenagem, iniciamos as audições escutando o CD dele com o Eric Clapton! Sua discoteca é maravilhosa, nela o amante da boa música encontrará de tudo, em gravações escolhidas a dedo, pela qualidade artística e técnica. Sua ideia inicial é que chegará a hora de investir na troca dos equipamentos, como a entrada de um novo CD player ou a troca do power. Porém, como o 'mar não está para peixe', e vender seus equipamentos não seria tarefa fácil (ainda que estejam conservados como se tivessem saído da embalagem), o convenci que uma nova rodada de upgrade na acústica e na elétrica (com a entrada de novos fusíveis nos equipamentos) seria interessante. E lá fomos nós colocar em prática nossas ideias. Como tinha disponível para venda seis difusores de palheta, começamos por substituir as colmeias por esses difusores mais sofisticados. O resultado foi espantoso! Eu mesmo não imaginei que a troca seria tão impactante. O palco recuou pelo menos uns dois metros! O foco e recorte que já eram excelentes, tornaram-se ainda mais palpáveis e reais. Mas foi no equilíbrio tonal que ocorreu o melhor resultado. Ele reclamava que apesar de sua perda de audição, nas altas, em alguns instrumentos como flautim, violino e trompete, a última oitava da mão direita no piano e vozes femininas (principalmente soprano), às vezes o incomodava. Pegamos esses exemplos e os repassamos com os novos difusores, e o conforto auditivo foi pleno! O segundo passo foi a substituição do fusível do Model 5 por um Furutech azul. Como mágica, a melhora na macro-dinâmica foi imediata. Estamos preparando para as próximas semanas a troca dos fusíveis no amplificador, no CD player e no pré de phono (um de cada vez, para entendermos o que ocorrerá com a assinatura sônica, pois às vezes nos empolgamos trocando todos simultaneamente, e esse ato impulsivo pode desequilibrar o sistema, e não ajudar; por isso essas experimentações devem ser feitas de forma pontual e sem pressa, pois estamos falando de fusíveis, que também necessitam de queima). E posteriormente, avaliaremos a necessidade da troca dos cabos de força e de interconexão. Tudo sem atropelos e no ritmo do anfitrião. Afinal, como o Sr. Barbosa sempre me diz, seu sistema está cada vez melhor. E um novo upgrade necessita ser 'saboreado' sem nenhuma ansiedade, como tudo de relevância em nossas vidas deve ser! ■



Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Fundador e atual editor / diretor das revistas Áudio Vídeo Magazine e Musician Magazine. É organizador do Hi-End Show (anteriormente Hi-Fi Show) e idealizador da metodologia de testes da revista. Ministra cursos de Percepção Auditiva, produz gravações audiôflias e presta consultoria para o mercado.

DIRETOR / EDITOR

Fernando Andrette

COLABORADORES

Antônio Condurú

Clement Zular

Guilherme Petrochi

Henrique Bozzo Neto

Jean Rothman

Juan Lourenço

Julio Takara

Marcel Rabinovich

Omar Castellan

RCEA * REVISOR CRÍTICO

DE EQUIPAMENTO DE ÁUDIO

Christian Prucks

Fernando Andrette

Rodrigo Moraes

Victor Mirol

CONSULTOR TÉCNICO

Victor Mirol

TRADUÇÃO

Eronildes Ferreira

AGÊNCIA E PROJETO GRÁFICO

WCJr Design

www.wcjrdesign.com

Áudio Vídeo Magazine é uma publicação mensal, produzida pela EDITORA AVMAG ME. Redação, Administração e Publicidade, EDITORA AVMAG ME. Cx. Postal: 76.301 - CEP: 02330-970 - (11) 5041.1415 www.clubedoaudioevideo.com.br

Todos os direitos reservados. Os artigos assinados são de responsabilidade de seus autores e não refletem necessariamente a opinião da revista.

EDITOR
AVMAG

VENDO

Braço de toca-discos Reed 3P Gold 12", armtube cocobolo, finewire C37+Cryo de cobre 125cm, KLEI plugs, estado de novo (usado menos de 10 h de uso), na caixa original, com manual e acessórios originais.

R\$ 19.500.

Sérgio

sergiokwitko@gmail.com

**VENDO**

- Cabo Chord Company Sarum Super Array digital RCA - 1 m (com caixa).

R\$ 3.900.

- Cabo Chord Company Sarum Super Array digital USB - 1 m (com caixa).

R\$ 4.300,00

- Cabo Chord Company Sarum Super Array digital DIN 3 pinos - 1 m (sem caixa). R\$ 3.900

- Cabo de caixa Chord Company Sarum banana x banana - 3 m (com embalagem original). R\$ 17.200

Allan

allanhien73@gmail.com

1.



2.

**VENDO**

1- Amplificador integrado McIntosh MA7900 - novíssimo com poucas horas de uso, 200 Watts por canal, balanced input, phono input MM, 2 channels e Solid State. R\$ 33.800.

2- Par de caixas Verity Audio - modelo Fidelio, Black e 250 W music.

R\$ 18.600.

Marcos

mrascachi@hotmail.com

1.



2.



3.



4.

VENDO

1. Cápsula Transfiguracion Proteus, sem uso. Impecável. R\$ 18.000.

2. Cabo Sax Soul Ágata RCA - 1m. R\$ 8.000.

3. Amplificador Parasound A 21, semi-novo, em excelente estado. R\$ 8.500.

4. Braço Jelco. R\$ 5.800.

5. Set de válvulas casados e calibradas pela Air Tight, para os monoblocos ATM-3. Lacradas e sem nenhum uso. U\$ 2.400 (o pacote completo para os monoblocos).

Fernando Andrette

fernando@clubedoaudio.com.br

OS MELHORES PARA O SEU SISTEMA DE ÁUDIO E VÍDEO

Melhore a performance de sistemas de áudio, vídeo e vídeo games, com a Linha de Condicionadores UPSAI.

Além de seu design moderno, esbanja charme, tecnologia e uma enorme evolução nos circuitos de proteção e controle através de processadores de ultima geração garantindo energia na medida certa para o perfeito funcionamento dos aparelhos a ele conectados.



Condicionador



Condicionador
Estabilizado



Módulo
Isolador



A EVOLUÇÃO MAIS QUE ESPERADA DE UM BEST BUY



A Sunrise Lab tem o prazer de apresentar o V8 MK4, nossa maior obra prima!! Deixemos a palavra com os nossos clientes:

Minha história com o V8 é antiga. Conheci o V8 MKI na casa de um amigo, gostei bastante e acompanhei o crescimento de seu sistema com diversos upgrades em volta. Tempos depois, numa troca recebi um MK II no qual acabei atualizando para MKIII, onde o ganho foi grande em muitos aspectos e valeu cada centavo.

Comprei um toca-discos e levei para o Ulisses regular. Ao buscar e ouvi-lo no seu sistema com caixas do mesmo fabricante que as minhas, casou perfeitamente. Era um caminho sem volta.

Encomendei um! Que sensação falar diretamente com o fabricante, com possibilidade de personalizar, futuros upgrades e principalmente a garantia de reparo, sem qualquer dor de cabeça.

Estou plenamente satisfeito, o resultado foi acima da minha expectativa e elevou muito meu sistema. O MKIV está num outro patamar, se equiparando a importados de valor muito acima.

Agora é curtir e juntar uma graninha para meus futuros cabos, que estão sensacionais! Mais um acerto do Ulisses.

Dario, São Paulo.

Setup & Upgrade de Toca-Discos de Vinil • Upgrades & MODs • Acessórios • Consultoria • Assistência Técnica